

 Obras completas de Bocage
*Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas,
Idílios, Apólogos, Cantatas
e Elegias*



Obras completas de Bocage

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

 Obras completas de Bocage
*Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas,
Idílios, Apólogos, Cantatas
e Elegias*

Tomó I

Organização, fixação do texto e notas
Daniel Pires

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© Daniel Pires

© 2018, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção, composição e revisão
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Fontes tipográficas

Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: dezembro de 2018
ISBN: 978-972-27-2489-0
Depósito legal: 411 224/16
Edição n.º 1021208

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

INTRODUÇÃO

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Os poetas portugueses notórios da segunda metade do século XVIII foram poucos no domínio da publicação: José Anastácio da Cunha e Pedro António Correia Garção só depois do seu falecimento tiveram as obras editadas; a Marquesa de Alorna, excetuando uma ou outra tradução, não revelou apetência por dar à estampa a sua poesia, reunida, postumamente, em 1844, pelas filhas; António Dinis da Cruz e Silva viu somente dois ditirambos e uma ode saírem dos prelos; de Tomás António Gonzaga e de Nicolau Tolentino apenas se conhecem *Marília de Dirceu* (1792) e *Poesias* (1801). Houve, porém, exceções: Filinto Elísio, que, pouco antes de falecer, coligiu na capital francesa, em 11 volumes, os frutos do seu labor poético, José Agostinho de Macedo e Manuel Maria de Barbosa du Bocage.

UMA BIOGRAFIA ACIDENTADA

A vasta obra de Bocage, publicada entre 1790 e 1805, foi condicionada pelo seu percurso existencial acidentado, que, com frequência, lhe retirou a tranquilidade almejada para a composição poética e o forçou, por

vezes, a assumir alguns compromissos indesejados. O autor foi explícito relativamente à precariedade do seu quotidiano:

«Se [...] eu projectasse a defesa dos meus versos, ainda que vãmente, acarretara, encarecera talvez os desgostos, os males, as fadigas de uma vida inquieta e indigente, de que não são vexados os que compõem melhor que eu, ou o presumem.»¹

O escritor evocava as duas deserções das Forças Armadas, a fome e a insegurança (no limite da sobrevivência) sentidas durante o périplo asiático, percorrendo países hostis aos estrangeiros, os vários encarceramentos sofridos, a reclusão no Tribunal do Santo Ofício, a miséria quotidiana e a sua saúde instável, que se deteriorou consideravelmente pouco antes de atingir os 40 anos, idade com que faleceu.

A SOCIEDADE

Acresce, por outro lado, que a sociedade de finais do século XVIII era unívoca e intolerante, delineada em função da nobreza: com efeito, a Intendência-Geral da Polícia vigiava os heterodoxos, a Inquisição identificava aqueles que julgava heréticos e a liberdade de exprimir o pensamento estava muito condicionada. Na verdade, coartando a expressão de opiniões críticas dirigidas à classe dominante, ao catolicismo oficial e à moral vigente, a censura era um pilar fundamental para a manutenção da hierarquia social e do Antigo Regime.

Por decreto de 21 de junho de 1787, a Real Mesa Censória — criada pelo marquês de Pombal, a 15 de abril de 1767, para melhor corporizar a sua hegemonia e anular poderes paralelos — deu lugar à Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros. Esta medida constituiu uma resposta aos «ventos» que sopravam, já fragorosamente, de França,

¹ Prefácio ao primeiro tomo das *Rimas*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1794, p. iv.

premonitórios de uma revolução que teve lugar pouco depois. Mais tarde, em 1793, com a execução de Luís XVI e de Maria Antonieta e a predominância jacobina, o regime decidiu extinguir aquela instituição, julgada ineficaz, e apertar ainda mais as malhas da censura, tendo em consideração:

«[A] extraordinária e temível revolução literária e doutrinal que, nestes últimos anos e actualmente, tem tão funestamente atentado contra as opiniões estabelecidas, propagando novos, inauditos e horrorosos princípios e sentimentos políticos, filosóficos, teológicos e jurídicos, derramados e disseminados para ruína da religião, dos impérios e da sociedade.»

E, tendo em mente a lei da guilhotina que O Terror implantara em França, o decreto acrescentava:

«Toda a prudência religiosa e política exige que se recorra a meios e providências que possam com maior rigor e eficácia acorrer a tantos males e ruínas.»²

BOCAGE E A CENSURA

Bocage era membro da burguesia, classe que, embora detivesse uma parte considerável da economia, estava afastada do poder político. Era um apologista do Iluminismo, doutrina crítica do regime vigente, evidenciando a sua obra a leitura de Voltaire, filósofo que traduziu, Jean-Jacques Rousseau, Diderot, d'Alembert, entre outros dinamizadores de *A Enciclopédia*.

Não sendo possível expressar juízos discordantes dos princípios oficiais, a publicação da sua poesia não poderia ser linear. Na verdade, o relacionamento do escritor com a Censura passou por dois períodos distintos: antes e depois da sua detenção. Acusado, em 1797, de ser o autor de textos

² Decreto de 17 de dezembro de 1793, transcrito por José Timóteo da Silva Bastos in *História da Censura Intelectual em Portugal (ensaio sobre a compressão do pensamento português)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926, p. 274.

apologistas do livre-pensamento, foi encarcerado no Limoeiro; auxiliado, sigilosamente, por algumas das principais personalidades da governação, Bocage apelou então para o Santo Ofício, alegando que a transgressão existente nos seus poemas era de carácter religioso, ou seja, não se prendia com a política. Pina Manique entregou-o, então, ao Tribunal do Santo Ofício, o qual, preconizando a sua reeducação, optou por o enviar para o Mosteiro de São Bento, onde se encontravam sediados os Beneditinos. Mais tarde, teve lugar, por decisão do intendente-geral da polícia, a sua transferência para o Hospício das Necessidades, sede dos Oratorianos, onde deveria prosseguir aquele processo de «regeneração». Em 1798, o escritor conheceu por fim o júbilo de vivenciar a «liberdade, querida e suspirada». Terminou então o estado de graça perante a Censura, que lhe permitira publicar poemas heterodoxos, como, por exemplo, o soneto «Nos campos o vilão sem sustos passa» e a ode de homenagem a Vincenzo Lunardi, na qual se insurge, com a veemência possível, contra a arrogância de Pina Manique perante um feito de natureza épica — a ascensão, pela primeira vez em Portugal, de um balão aerostático. Recorde-se que tal estatuto só foi possível graças à influência de José de Seabra da Silva, Ministro do Reino — cargo, hoje em dia, equivalente ao de Primeiro-Ministro —, que fora colega na Universidade de Coimbra do progenitor do poeta, José Luís Soares Barbosa.

Em 1799, aquele estadista foi demitido do governo e expulso da corte. Sem a sua proteção, fazendo parte da lista negra do regime e tendo uma *praxis* social quotidiana transgressora, Bocage viu o segundo tomo das *Rimas* ser escrutinado com redobrada atenção.

Com efeito, Julião Cataldi, secretário-geral do Tribunal do Santo Ofício entre 1796 e 1800, considerou que o soneto «Voa a Lília gentil meu pensamento» encerrava «um fogo lascivo», «imagens indecentes» e que desafiava as leis da natureza e da religião. Era, por consequência, indigno de ser publicado, juízo de valor reiterado sobre outras composições, que Bocage se viu forçado a corrigir ou, quando as alterações impostas mutilavam o seu espírito e a sua letra, a excluir. Foi o caso de «A Água Estagnada», alegoria inspirada por Parny, que encerra uma crítica ao casamento, na época, um mero contrato celebrado à revelia dos afetos. Segundo aquele censor, constituía uma «injúria gravíssima ao género humano», era libidinosa e desautorizava «impiamente os santos vínculos do matrimónio». Bocage substituiu-a, então, por um outro poema, intitulado «O Zéfiro e a Rosa».

O idílio piscatório «Ulina» foi parcialmente cortado por Julião Cataldi, porque, alegou o censor, «as ideias e sentimentos, que estes versos inspi-ram, são indecentes e desonestos». Referia-se à última quadra do poema:

«Suspirando, o conduz à praia amena,
Onde lhe dá dulcíssimos instantes.
D'almos prazeres inefável cena,
Sempre te gozem corações amantes.»

Bocage teve oportunidade de contra-argumentar e fê-lo da seguinte forma:

«Mudado o epíteto 'almos' no epíteto 'puros', julgo desvanecer aqui toda a ideia lasciva; destruir o mais seria (me parece) apagar sem causa a imagem risonha e honesta dos prazeres morais.»

Ainda no que diz respeito ao segundo tomo das *Rimas*, a «Epístola Improvisada», dirigida do cárcere a Joaquim Rodrigues Chaves, manifestando a sua inocência e solicitando a intervenção daquele seu benfeitor, Julião Cataldi advogou que a expressão «Em duro tribunal» era ofensiva da justiça do País. Bocage suavizou-a, utilizando o adjetivo «grave».

Em 1805, a Censura discordou de alguns dos versos que seriam incluídos nos *Novos Improvisos de Bocage*. Entre eles, o que referia o «Deus Filinto», que teve de ser substituído por «o grão Filinto». Em carta dirigida ao morgado de Assentiz, de 19 de julho de 1805, o autor denunciou ainda outras interferências, nomeadamente em dois sonetos da autoria de Pedro José Constâncio e de Vicente Pedro Nolasco da Cunha.

Naquele ano, Bocage verteu para o português *Ericia, ou A Vestal*, obra de Dubois-Fontanelle, que estava proibida em França. Por motivos que se prendiam com o previsível bloqueio da instituição censória, o nome do seu autor foi deixado na sombra; porém, a medida revelou-se insuficiente.

O falecimento do poeta não abrandou a sanha persecutória, como assinalam Pato Moniz, no segundo tomo das *Verdadeiras Inéditas, Poesias de Bocage*, e Inocêncio Francisco da Silva; de acordo com este bibliógrafo, o último verso do poema «Não presta Córídon, não presta Elpino» e o poema satírico «Dos tórridos sertões peçados de ouro», uma sátira a Tomé Barbosa de Figueiredo de Almeida Cardoso — que, alegadamente,

lhe terá recusado a publicação de artigos e de traduções destinados ao jornal *Mercúrio* — tiveram de ser alterados por imposição das autoridades.

Mais recentemente, a Censura, na sequência do Vinte e Oito de Maio de 1926, proibiu obras de ou atribuídas a Bocage: as *Cartas de Olinda e Alzira*, as *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas* e *Faz-me Rir*. Relevante é notar que outras foram sujeitas a cortes substanciais, como, por exemplo, as peças de teatro sobre o poeta da autoria de Luísa Neto Jorge e de Romeu Correia, bem como uma revista em dois atos, composta em 1945, para ser encenada no Teatro Maria Vitória, intitulada *Travessa da Ópera*, da autoria de Vasco Sequeira e António Cruz.

AUTOCENSURA

A censura conduz inelutavelmente à autocensura. Esta, por sua vez, é ambivalente: embora gere angústia, force à contenção e alimente uma sensação de impotência e de revolta perante a arbitrariedade, apura o engenho do criador. Foi o caso de Bocage, que, para ludibriar os examinadores, redigiu prefácios dúbios e compôs poemas ambíguos, convicto de que alguns vindouros perspicazes compreenderiam as suas cogitações de caráter crítico e alternativo. Porém, no que diz respeito à sua obra, cujo teor punha explicitamente em causa o regime, optou por a fazer circular de forma sub-reptícia.

A POESIA CLANDESTINA DE BOCAGE

Bocage encontrava-se particularmente vigiado, sobretudo depois da sua detenção em agosto de 1797, quer pela censura, como assinalámos, quer pela polícia política, os apelidados «Moscas», assíduos frequentadores dos cafés, das casas de pasto, dos botequins, das feiras e do «Passeio Público», que, em boa hora, fora fundado pelo marquês de Pombal. Deste modo, o autor optou por dar a conhecer uma parte da sua poesia de forma clandestina.

Vem a talhe de foice recordar um excerto de um ofício, então enviado ao juiz do crime do Bairro do Andaluz — bairro onde se situava a casa de André da Ponte Quental, anfitrião do vate e futuro avô de Antero de

Quental — por Diogo Inácio de Pina Manique, ordenando a detenção do escritor:

«Consta nesta Intendência que Manuel Maria Barbosa du Bocage é o autor de alguns papéis ímpios, sediciosos e críticos que nestes últimos tempos se têm espalhado por esta corte e reino.»³

Este documento clarifica a natureza dos escritos de Bocage e assinala a amplitude da sua circulação: eram lidos, de forma sigilosa, na capital e em outras cidades nacionais, inclusivamente em algumas brasileiras, como atestam cerca de 20 processos que constam do acervo do Tribunal do Santo Ofício, depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Estima-se, além disso, que cerca de um quarto da sua obra só conheceu os prelos, de forma ilegal, depois do seu falecimento; recorde-se que as inúmeras edições das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, uma das obras mais proibidas da literatura portuguesa, foram sempre clandestinas.

Desta poesia transgressora constam, sobretudo, dois manifestos emblemáticos, um iluminista e outro feminista, sendo este, assim parece, o primeiro em Portugal — cuja ordem social e política era erigida em função do homens — que reivindicou os direitos inalienáveis das mulheres. Referimo-nos à «Pavorosa ilusão da Eternidade», também conhecida por «Epístola a Marília», e às «Cartas de Olinda e Alzira».

À OBRA BOCAGIANA PUBLICADA EM VIDA

Apesar de ter publicado apenas durante 15 anos, Bocage foi um autor prolífico. Na «Pena de Talião», sátira concebida para fustigar José Agostinho de Macedo, confessou que a poesia lhe latejava nas veias desde tenra idade, ou seja, era um de «aqueles que já na infância consultavam Febo». Tal empatia manifestou-se ao longo do seu percurso existencial, inclusivamente nos seus últimos dias. Com efeito, datam deste período

³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Contas para as Secretarias*, livro v, fl. 166.

agónico — o poeta padecia de um aneurisma numa das carótidas, doença então incurável — *A Virtude Laureada*, cujas provas já não reviu por ter sido surpreendido pela morte, e dois sonetos lapidares: «Já Bocage não sou. À cova escura...» e «Meu ser evaporarei na lida insana».

De 1790 a 1805, o escritor, com as chancelas de Lino da Silva Godinho, de Simão Tadeu Ferreira — o seu editor mais recorrente —, da Impressão Régia (também denominada Régia Oficina Tipográfica) e da Casa Literária do Arco do Cego, publicou 17 obras originais, colaborou em *Quadras Glosadas* de António Bersane Leite, participou em duas coletâneas e numa revista⁴; acresce que verteu para o nosso idioma, tendo como línguas de partida o latim e o francês, múltiplos textos poéticos, dramáticos e ficcionais.

Os marcos miliários da sua produção poética são as várias edições do primeiro tomo das *Rimas* (1791, 1794 e 1800); os *Idílios Marítimos* (1791); o segundo tomo das *Rimas Dedicadas à Amizade* (1799), compostas com o objetivo primordial de agradecer às personalidades que, na sombra dos bastidores e nos circuitos áulicos, congeminaaram a melhor estratégia para o libertar do cárcere, designadamente José de Seabra da Silva, o qual foi coadjuvado pelos marqueses de Abrantes, de Ponte de Lima e de Pombal (o filho primogénito do estadista Sebastião José de Carvalho e Melo), o visconde de Balsemão, Mariana Joaquina Pereira Coutinho, Vicente José Ferreira Cardoso da Costa e o conde de São Lourenço; o vulgarmente denominado terceiro tomo das *Rimas*, na realidade intitulado *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oyenhausen* (1804), ou seja, a marquesa de Alorna, correligionária da arte de lapidar o verso e também vítima do despotismo de Diogo Inácio de Pina Manique, que, em 1802, lhe impôs o prazo de quarenta e oito horas para sair do País; o *Elogio Poético à Admirável Intrepidez, com Que em Domingo 24 de Agosto de 1794 Subiu o Capitão Lunardi no Balão Aerostático*, composto em defesa do aeronauta italiano, que fora posto a

⁴ *Tributo de Gratidão Que a Nossa Pátria Consagra a Sua Alteza Real, o Príncipe Regente Nosso Senhor, por Mãos do Intendente-Geral da Polícia da Corte e Reino*. Lisboa: na Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, 1801; *Ecoss Saudosos Ouvidos na Capital Portuguesa na Passagem a Melhor Vida do Ilustre Conselheiro, o Senhor Anselmo José da Cruz Sobral*. Lisboa: na Régia Oficina Tipográfica, 1802, e *Jardim das Musas e dos Sábios*, Lisboa: Ramilhete I, 1805.

ferros por aquele dirigente; os *Improvisos de Bocage na Sua mui Perigosa Enfermidade*, a *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage na Sua Moléstia, com as Obras Que Lhe Foram Dirigidas por Vários Poetas Nacionais e A Virtude Laureada*, livros publicados em 1805 e que documentam o convívio diário do autor com o espectro da morte.

A OBRA PUBLICADA POSTUMAMENTE

Na sequência do falecimento de Bocage, foram envidados esforços para se publicarem os inéditos que se encontravam no seu espólio. O desiderato era pertinente: por um lado, socorrer-se-ia Maria Francisca Barbosa du Bocage, que era solteira e não tinha meios de sobrevivência; por outro, dar-se-iam a lume composições que estavam no segredo dos deuses. A irmã do poeta, que com ele partilhara um modesto 4.º andar de um prédio situado na Rua de André Valente, às Mercês, e presenciara a agonia que, no ano de 1805, o acometera, entregou-as a José Agostinho de Macedo. Nuno Álvares Pato Moniz e José Feliciano de Castilho, entre outros, afirmaram que, por despeito, aquele religioso queimou alguns poemas; subsistem as dúvidas, mas a correspondência de Maria Francisca dirigida a Manuel Pinto Baptista, administrador da *Gazeta de Lisboa*, é muito pouco abonatória para aquele religioso, que é nela acusado ainda de desfigurar, de forma insidiosa, o teor da peça de teatro *Ericia, ou A Vestal*⁵, obra que Bocage, surpreendido pela morte, já não reviu.

Depois de um impasse, o livreiro Desidério Marques Leão, em 1812 e 1813, publicou as *Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*, oportunisticamente intituladas «tomos IV e V», porquanto inserem muitos textos que constam dos três tomos das *Rimas*. A edição caracteriza-se pela incúria no domínio da transcrição, embora apresente o mérito de desvendar um número não despreciando de inéditos; com o objetivo de a exautorar, Nuno Álvares Pato Moniz decidiu, em 1813 e 1814, dar aos prelos dois volumes

⁵ Cf. Arquivo Distrital de Setúbal, acervo de Almeida Carvalho, pasta n.º 102, carta n.º 1, de 15 de junho de 1807, e carta n.º 2, não datada, eventualmente de fevereiro do ano seguinte.

intitulados *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria Barbosa du Bocage*. Segundo aquele amigo e delfim do escritor, o primeiro tomo incluía composições manuscritas disponibilizadas pela irmã, bem como outras «que estavam em mãos diversas de sujeitos que muito estimadas as recatavam por serem da letra do autor». Advertia ainda que reunira poemas nunca antes publicados. Em posfácio, Pato Moniz retomou as suas considerações:

«Havia mais poesias manuscritas, com as quais se contava fazer maior este volume; porém, viu-se que umas eram fragmentos indigestos, e desprezaram-se por honra do autor; outras não foram julgadas dignas de licença e outras, finalmente, já se achavam impressas em vida do autor.»⁶

Teve então lugar um longo silêncio editorial, entrecortado por raras reedições que não carregaram quaisquer elementos novos; em 1840, três anos antes de falecer, António Maria do Couto, acólito de Bocage na boémia e cooficiante da *res* maçónica, publicou *Poesias Satíricas Inéditas de...*⁷. Embora tenha um prefácio que apresenta elementos de carácter biográfico valiosos, esta obra deve ser lida com circunspeção visto que a transcrição é inexacta e inclui poemas brejeiros que, manifestamente, não pertencem ao vate.

No final da primeira metade do século XIX, a maior parte da poesia de Bocage estava esgotada e aquela que se podia adquirir nem sempre apresentava a fidelidade ao original que seria de esperar. Deste modo, é da mais elementar justiça saudar a edição da obra completa, concretizada, em 1853 e em 1854, por Inocêncio Francisco da Silva⁸. 48 anos depois do falecimento do escritor, foi, por fim, colmatada uma lacuna. Este empreendimento, realizado de forma rigorosa, constitui o corolário de uma ampla investigação, de trabalho de arquivo e de múltiplos contactos

⁶ *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo IV e 1.º das Suas Obras Póstumas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1813, p. 284.

⁷ Lisboa: Tipografia A. J. da Rocha, 1840.

⁸ *Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Coligidas em Nova e Completa Edição, Dispostas e Anotadas por I. F. da Silva, Precedidas de Um Estudo Biográfico e Literário sobre o Poeta por L. A. Rebello da Silva*. Lisboa: Tipografia de António José Fernandes Lopes, 1853, seis volumes.

com pessoas que tinham dados ou manuscritos relevantes e desconhecidos. Encerra, além disso, outros atributos: apresenta notas exaustivas, fulcrais para a compreensão de uma poesia que, com frequência, necessita ser contextualizada; divulga inúmeros inéditos, corrige lições desfiguradas e apresenta um texto valioso de carácter biográfico, assinado por Luís Augusto Rebelo da Silva. Eis, pois, a matriz que acompanhou, posteriormente, quer os editores literários escrupulosos quer os exegetas da poesia de Bocage.

22 anos mais tarde, surgiram, em oito volumes, por iniciativa de Teófilo Braga, as *Obras Poéticas de Bocage*⁹. Os critérios não eram pertinentes e nada foi acrescentado ao labor de Inocêncio Francisco da Silva. Porém, teve o mérito de incluir uma biografia, por sinal a primeira, do vate.

A poesia completa de Bocage voltou a ser impressa sob a égide de Hernâni Cidade, que dirigiu, entre 1969 e 1973, uma equipa constituída por António Salgado Júnior, Helena Cidade Moura, José Gonçalo Herculano de Carvalho, Maria Helena Paiva Joachin e Álvaro dos Santos Saraiva de Carvalho¹⁰.

A PRESENTE EDIÇÃO DA OBRA COMPLETA DE BOCAGE

Critérios de arrumação dos poemas

Com a chancela da Imprensa Nacional, é agora reunida, pela quarta vez, a obra completa de Bocage. O primeiro volume — dividido em dois tomos — é constituído pela maior parte da sua poesia; o segundo, pelas traduções e o terceiro, pelas *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*.

A versatilidade de Bocage é inequívoca: cultivou, com efeito, quase todos os géneros poéticos da época. Constan do primeiro tomo sonetos, odes, cantatas, elegias, poesia anacreônica, uma écloga e canções; do segundo tomo, epigramas, sátiras, epístolas, apólogos ou fábulas morais, elogios, elogios dramáticos, idílios, cantos, epicédios, epitáfios, dramas alegóricos, um madrigal, endechas, poesia sobre mote, prólogos e fragmentos poéticos,

⁹ Porto: Imprensa Portuguesa Editora, 1875-1876, oito volumes.

¹⁰ Bocage, *Opera Omnia*. Lisboa: Bertrand, 1969-1973, seis volumes.

bem como os poucos textos em prosa que acompanharam as sucessivas edições das *Rimas*; são considerações relevantes pois encerram as suas conceções teóricas sobre a poesia, as dificuldades que enfrentou, as opções perfilhadas, o seu frágil estatuto de escritor, a guerra que lhe foi movida pelos seus émulos no seio da Academia de Belas-Letras, as linhas de força que regem as suas traduções e as suas agudas carências no domínio da luta pela sobrevivência. Por fim, em «Marginália», coligimos composições da autoria de Filinto Elísio, da marquesa de Alorna, de Nuno Álvares de Pato Moniz — os quais nos permitem aferir a ampla receção usufruída na época — e duas sátiras de José Agostinho de Macedo, redigidas no âmbito da polémica acerada e personalizada dirimida com Bocage.

Os géneros poéticos estão ordenados de acordo com a sua antiguidade, sendo ainda levada em consideração a sua representatividade no contexto da obra do autor. Dentro de cada género, os poemas estão apresentados cronologicamente.

INÉDITOS

A investigação que empreendemos, em vários arquivos e bibliotecas, sobre a vida e a obra de Bocage teve como corolário a identificação de poemas nunca incorporados nas edições mencionadas da obra completa. Encontram-se em coletâneas manuscritas, em documentos oficiais e nas mãos de bibliófilos ou de familiares de personalidades que socorreram o autor em momentos de apuro; outros tinham sido publicados na imprensa periódica ou estavam disseminados por livros esparsos; outros ainda, como assinalámos, haviam sofrido cortes, integral ou parcialmente, da Censura. Recuperámos duas composições — «Voa a Lília gentil meu pensamento» e a alegoria «A Água Estagnada» —, bem como a versão original de textos que o lápis-azul, arbitrariamente, «corrigira». Integram pela primeira vez a *Obra Completa de Bocage*, além dos poemas que acabámos de indicar, uma ode intitulada «O Adeus»; as glosas «Sagradas leis não pretendo» e «Eis meu rosto macilento» e oito sonetos: «Tirano Céu, que ideias concebeste», «Um governo sem mando, um bispo tal», «Canta, não cales, atilado Almeno», «O lacaio de Ovídio é tal que empreende», «Dias de luto, dias de tormento», «Dos infelizes a danosa herança» e «Luz de reflexos três inextinguível».

FONTES

As nossas fontes primárias foram as obras publicadas em vida pelo poeta e por ele revistas. A consulta do acervo da Real Mesa Censória, onde se encontra a maioria dos manuscritos autógrafos do escritor, dissipou uma parte das dúvidas que se perfilaram. No Arquivo Nacional da Torre do Tombo está igualmente depositado o processo que lhe foi instaurado pelo Tribunal do Santo Ofício, bem como o de um jovem, residente em Braga, acusado de ter na sua posse poemas ímpios, entre eles a «Pavorosa ilusão da eternidade» e os sonetos «Noite amiga de Amor calada escura» e «Tens uns louros cabelos que, ondeados».

Foram ainda consultados manuscritos autógrafos de Bocage existentes na Biblioteca da Ajuda, na Biblioteca Municipal do Porto, na Biblioteca da Academia das Ciências e na Biblioteca Pública de Évora. Recorremos igualmente a livros e a periódicos que reproduziram alguns inéditos, bem como à Biblioteca Nacional de Portugal, em cujo acervo existem antologias poéticas manuscritas de inícios do século XIX.

No que diz respeito à poesia publicada postumamente, seguimos a lição de Pato Moniz e, sobretudo, a de Inocêncio Francisco da Silva. Tivemos ainda em consideração aquela que foi dirigida por Hernâni Cidade, e, pontualmente, pelas razões anteriormente expostas, a de Desidério Marques Leão.

A bibliografia por nós consultada encontra-se no final do primeiro volume desta obra.

TRANSCRIÇÃO DA POESIA DE BOCAGE

Dificuldades

Mencionámos que o autor não publicou uma parte considerável dos seus poemas: uns, por estarem imbuídos do espírito do Iluminismo e serem críticos da ordem social ou de personalidades intocáveis; outros, por constituírem homenagens a pessoas que intervieram decisivamente, agindo nos bastidores, no processo que envolveu, em 1797, a sua libertação; outros ainda, por incensarem os seus correligionários maçónicos, que lhe amenizaram o quotidiano, socorrendo-o em momentos de extrema penúria.

Infelizmente, não existem os manuscritos autógrafos da esmagadora maioria dos poemas publicados depois da morte do escritor. Assim sendo, é forçoso aceitar a transcrição já feita, a qual nem sempre prima pelo rigor e, por vezes, apresenta contradições insanáveis, suscitando o estilo naturais dúvidas. Acresce, por outro lado, que uma parte significativa daqueles que faziam parte do espólio fora desprezada pelo autor, que os considerara sem valor e, portanto, impróprios para conhecerem os prelos. Abra-se aqui um parêntesis para recordar o grau de exigência de Bocage, que, recorrentemente, cinzelava a sua poesia, sempre em busca de uma forma mais consentânea com o seu ouvido apurado e com a estética de primeira água que professava.

Um outro problema se coloca com acuidade: nem todos os poemas que constam das *Obras Completas de Bocage* serão da sua lavra. Inocêncio Francisco da Silva, na sua edição, afirmou-o claramente, mas, dando o benefício da dúvida, acabou por editá-los, justificando a sua decisão com o facto de a tradição lhos atribuir. E, na presente edição, sem alternativa credível, procedemos, por vezes, de forma idêntica, embora tenhamos anotado sempre as nossas dúvidas.

Critérios de transcrição

A consulta da *Arte da Gramática da Língua Portuguesa, Composta e Oferecida ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Sebastião José de Carvalho e Melo*, da autoria do bacharel António José dos Reis Lobato, revestiu-se de particular importância visto ter sido o manual utilizado por Bocage nos bancos da escola. Adotada para o ensino oficial por alvará de 30 de setembro de 1770, em plena vigência pombalina, substituiu a gramática de Manuel Álvares, que vigorou durante quase dois séculos¹¹, acabando por ser proscrita na sequência da expulsão dos jesuítas de Portugal, a 3 de setembro de 1759, exatamente um ano depois da tentativa de regicídio na pessoa de D. José.

Nenhum editor bocagiano explicitou os critérios de transcrição que perfilhou, sendo, portanto, significativas as diferenças que apresentam as edições existentes. Na época em que vieram a lume, tais preocupações não eram consideradas essenciais. Hoje em dia, porém, é impensável publicar-se

¹¹ A primeira edição data de 1572.

uma obra poética clássica e, por maioria de razão, de Bocage, sem que sejam equacionadas as opções adotadas. Assim:

- À exceção do segundo tomo das *Rimas*, cuja fiabilidade o próprio autor põe em causa, privilegiámos sempre a última edição por ele revista;
- A nossa intervenção, no domínio da pontuação, da anotação de palavras menos conhecidas e da contextualização, foi parcimoniosa, prendendo-se exclusivamente com a clarificação do sentido dos textos;
- Anotámos as variantes que constam de edições anteriores;
- Desenvolvemos as abreviaturas nos títulos e nas notas;
- Corrigimos as gralhas tipográficas evidentes.

Ortografia

Em Portugal, no final do século XVIII, ao contrário do que acontecia em França e em Espanha — países que tinham assistido ao aparecimento de um dicionário pela Academia —, as regras ortográficas eram difusas. A este propósito, parecem-nos pertinentes as palavras de Francisco Solano Constâncio, redigidas em 1817, aquando da publicação, em Paris, da obra completa de Filinto Elísio:

«Se ainda resta alguma diferença no modo de escrever e acentuar as palavras, isso se deve imputar em grande parte à falta de um sistema universalmente reconhecido de ortografia portuguesa e de uma prosódia da língua; e, por efeito da lastimosa negligência da nossa Academia e dos nossos escritores neste particular, também se deve atribuir a não ter o autor adoptado uma regra fixa e uniforme de ortografia e de acentos.»¹²

Pelo mesmo diapasão afinou Francisco Nunes Cardoso em *Exame Crítico das Regras de Ortografia Portuguesa*, por exemplo, no capítulo sintomaticamente intitulado «Discurso I — Mostra que não há uniforme

¹² *Apud Obras Completas de Filinto Elísio*, edição literária de Fernando Moreira. Edições APPACDM, 2000, vol. VII, p. XVIII.

na ortografia portuguesa e que a falta dele embaraça o aprender a ler e escrever o mesmo idioma»¹³.

Rita Marquilhas, por sua vez, caracterizou o estádio da ortografia portuguesa de então:

«Apesar de no século XVIII se terem criado excepcionais condições culturais para a convenção de uma única ortografia, essa convenção nunca chegou a ser celebrada, nem sequer tacitamente, podendo apenas falar-se de várias ortotipografias, umas vezes paralelas, outras vezes divergentes.»¹⁴

Procedemos, deste modo, à atualização da ortografia. Eis as normas que adotámos:

— Uniformizámos as oscilações de Bocage, que escreveu, por exemplo, «tesouro» e «tesoiro»;

— Eliminámos o apóstrofo nas contrações das preposições com artigos e pronomes demonstrativos, por exemplo, «d'uma», «d'aquela», «d'esta», «d'outro», bem como em expressões como «dest'arte» e «a Deus»;

— Para não ferir a métrica, seguindo o autor, não distinguimos a 3.^a pessoa do singular da 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos «vir», «ver» e «ter», que apresentavam, na época, apenas uma forma.

Utilização de maiúsculas

— Ao longo do século XVIII, o emprego de maiúsculas era profuso. Segundo Madureira Feijó, gramático do reinado de D. João V, era obrigatória a sua utilização com os nomes próprios, os «nomes próprios adjectivos, que se derivam de nomes próprios, os sobrenomes, os nomes de dignidades, a ciência e os graus de parentesco»¹⁵. Foi necessário proceder à sua normalização, pois,

¹³ Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1790.

¹⁴ *Norma Gráfica Setecentista. Do Autógrafo ao Impresso*. Lisboa: INIC/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1991, p. 8.

¹⁵ Madureira Feijó, *Ortografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa*. Coimbra: na Oficina de Luís Seco Ferreira, 1739, pp. 22-23.

aos olhos do leitor atual, o modo como se grafava neste particular domínio é, de alguma forma, impeditivo da compreensão e da fruição do fluir poético.

Pontuação

No que diz respeito à pontuação, Madureira Feijó adverte-nos de que se colocava sempre uma «vírgula antes dos relativos e antes das conjunções, tanto no latim como no português»¹⁶. Bocage seguiu esta regra, que, hoje em dia, não é praticada. Assim:

— Respeitámos tendencialmente a distinção entre a pontuação gramatical e a pontuação intencional, que marca o ritmo poético; porém, alterámo-la quando a compreensão do poema estava em causa;

— Tivemos em linha de conta que o valor dos dois pontos, do ponto e vírgula, do ponto final e da vírgula não equivalia exatamente ao atual. Procedemos do seguinte modo:

— Os dois pontos eram, por vezes, utilizados como uma pausa intermédia entre a vírgula e o ponto; quando não foram utilizados para anunciar uma citação, uma enumeração, um esclarecimento, uma síntese ou uma consequência, convertemo-los em ponto final, ponto e vírgula ou vírgula. Tal opção foi feita, com particular incidência, na separação das estrofes;

— Retirámos a vírgula que antecede a oração coordenada copulativa introduzida por «e», exceto nos casos em que o sujeito das orações é diferente ou quando é expressa uma reiteração;

— Omitimos a vírgula que antecedia a oração subordinada relativa restritiva;

— Assinalámos a forma inovadora como Bocage utilizou as reticências, grafando, em diversas circunstâncias, dois, quatro ou, inclusivamente, cinco pontos;

— Ao ponto de exclamação, com que o poeta, aqui e ali, finalizava a formulação de uma pergunta, acrescentámos um ponto de interrogação;

¹⁶ Madureira Feijó, *op. cit.*, p. 113.

— As circunstâncias de lugar e de tempo nem sempre apresentavam pontuação no século XVIII; quando se revelou imperiosa, para clarificar o sentido do texto, introduzimos uma ou duas vírgulas;

— A enumeração de ideias ou de factos era pontuada, por vezes, com uma vírgula; quando a enumeração é longa, recorremos a um ponto e vírgula para elucidar o sentido do poema;

— Mantivemos, sempre que a sintaxe e a semântica o aconselharam e o permitiram, o modo como o poeta grafou — ora com maiúsculas, ora com minúsculas — na sequência do uso da interjeição.

Títulos

Adotámos os títulos atribuídos por Bocage; relativamente aos poemas publicados depois do seu falecimento, foram perfilhados os de Inocêncio Francisco da Silva, que teve a preocupação de proceder à respetiva contextualização.

Métrica

Bocage tinha um ouvido apurado. Para não ferir a métrica e a rima, o escritor recorreu a engenhosas soluções, por nós acatadas:

- Grafou, por exemplo, «faze», «dize», «traze» «plumage» e «folhage»;
- Utilizou, por vezes, no mesmo poema, «nume» e, quando a palavra seguinte começava por uma vogal, «númen».

A constatação de que algumas vezes a métrica estava errada permitiu-nos concluir que alguns poemas eram apócrifos.

POEMAS EXCLUÍDOS

A auréola que rodeou Bocage levou vários editores a atribuírem-lhe composições que não são da sua lavra. Trilharam essa senda António Maria do Couto, Desidério Marques Leão e, embora advertindo o leitor, o próprio Inocêncio Francisco da Silva. Acrescem as múltiplas coletâneas manuscritas e alguns periódicos do século XIX que afinaram pelo mesmo diapasão. Neste caso, como afirmámos, a contagem das sílabas métricas foi

um critério seguro para procedermos à exclusão de vários poemas, tendo em consideração que Bocage era um metrificador rigoroso.

Teófilo Braga, na sua tarefa ingente de coligir documentos com frequência inéditos, aceitou como credíveis alguns visivelmente apócrifos. Deste modo, excluímos os seguintes sonetos, transcritos por aquele ensaísta, na sua biografia bocagiana: «No cimo do castelo sobranceiro», «Do dia foge a luz e a noite e o mundo», «Vamos, querido bem, formosa Alcina», «Forte cousa, Marília, não cederes», «Graças ao céu, que encontrei na terra», «No mar dos teus afectos navegado», «Já sobre as vagas ondas despedido», «Ó terrível dragão, cruel harpia», «Uma noite em que Fílis protestado», «Não temas, não te assustes, Capitão», «Reduzir-me a deixar a pátria amada» (duas quadras), «Se eu torno a ver a margem deleitosa», «Deixar da cara pátria a liberdade», «Sonhei que um Mago, do meu mal doído», «Cuidas, querida prenda, que em perder-te» e «Uns graciosos olhos matadores».

Os irmãos Castilho — José Feliciano e António Feliciano — credibilizaram igualmente alguns poemas apócrifos na obra *Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Excertos seguidos de uma notícia sobre a vida e obras, um juízo crítico, apreciação de belezas e defeitos de língua*.

Rejeitámos ainda outros sonetos manuscritos, não autógrafos, que se encontram no departamento de «Reservados» da Biblioteca Nacional de Portugal e em outras bibliotecas do País, por constituírem imitações grosseiras do estilo do poeta, que não resistem a uma análise cuidada.

AGRADECIMENTOS

Devemos a António Mateus Vilhena, cuja competência científica é notável, a sua disponibilidade para dilucidar múltiplos problemas no domínio da interpretação, da transcrição, da pontuação e da anotação, relativas, designadamente, à mitologia e à história greco-latina; a nossa gratidão estende-se igualmente a Almerinda Meireles Graça, Catarina Monteiro Pires, Elsa Pereira e a Ricardo Fraga Pires.







SONETOS

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I — TRAÇOS AUTOBIOGRÁFICOS

1

Magro, de olhos azuis, carão moreno,¹
Bem servido de pés, meão n'altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno;

Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao furor do que à ternura,
Bebendo em níveas mãos por taça escura
De zelos infernais letal veneno;

Devoto incensador de mil deidades
(Digo de moças mil) num só momento,
E somente no altar amando os frades;

Eis Bocage em quem luz algum talento:
Saíram dele mesmo estas verdades
Num dia em que se achou mais pachorrento.

¹ Soneto publicado em vida do poeta, no ano de 1804, na edição do terceiro tomo das *Rimas*, intitulado *Poesias Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*. Para evitar a interferência da Censura, Bocage viu-se obrigado a alterar os versos 11 e 14: «Inimigo de hipócritas e de frades» e «Num dia em que se achou cagando ao vento», de acordo com a versão publicada nas *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, organizadas, clandestinamente, em 1854, por Inocêncio Francisco da Silva.

De cerúleo gabão, não bem coberto,²
 Passeia em Santarém³ chuchado moço,
 Mantido às vezes de sucinto almoço,
 De ceia casual, jantar incerto;

Dos esburgados peitos quase aberto,
 Versos impinge por miúdo e grosso,
 E do que em frase vil chamam *caroço*,
 Se o quer, é *vox clamantis in deserto*.

Pede às moças ternura, e dão-lhe motes!
 Que tendo um coração como estalage,
 Vão nele acomodando a mil pexotes.

Sabes, leitor, quem sofre tanto ultraje,
 Cercado de um tropel de franchinotes⁴?
 É o autor do soneto: é o Bocage!

² Soneto publicado postumamente, na edição organizada por Inocêncio Francisco da Silva, 1853, t. I, p. 337. Segundo este bibliógrafo, foi guardado por Ana Gertrudes Marecos, que afirmou tê-lo ouvido ao poeta em Santarém.

³ Cidade para onde o poeta se dirigia quando estava em apuros, quer devido ao seu caráter irreverente, quer pela sua *praxis* transgressora; nela residia o seu benfeitor José Salinas de Benevides, cuja casa constituía um refúgio seguro.

⁴ Peraltas.

Apenas vi do dia a luz brilhante⁵
 Lá de Túbal no empório celebrado,
 Em sanguíneo caráter foi marcado
 Pelos Destinos meu primeiro instante;

Aos dois lustros a Morte devorante
 Me roubou, terna Mãe⁶, teu doce agrado,
 Segui Marte⁷ depois, e enfim meu Fado
 Dos Irmãos e do Pai me pôs distante.

Vagando a curva Terra, o mar profundo,
 Longe da Pátria, longe da Ventura,
 Minhas faces com lágrimas inundo;

E enquanto insana multidão procura
 Essas quimeras, esses bens do mundo,
 Suspiro pela paz da sepultura.

⁵ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 38. Existe uma tradução italiana deste soneto, feita por Prospero Peragallo, publicada na obra *Flores de Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Ocidente, 1893.

⁶ Mariana Joaquina Xavier Lestoff Xavier du Bocage, filha do coronel-de-mar-e-guerra, correspondente ao atual posto de vice-almirante, Gilles Hedois du Bocage e de Clara Francisca Joaquina Xavier du Bocage. Nasceu, no dia 21 de agosto de 1726, na freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, em Lisboa, na qual foi batizada. Contraiu matrimônio, no dia 6 de junho de 1758, com José Luís Soares de Barbosa, jurista, como consta do Livro de Casamentos da Freguesia de São Sebastião de Setúbal, 1757-1775, a fl. 22; deste casamento nasceram Maria Agostinha (1759), Ana das Mercês (1760), Gil Francisco Xavier (1762), Manuel Maria (1765), Maria Eugénia (1768) e Maria Francisca (1771).

Mariana era sobrinha de Madame du Bocage, conceituadíssima escritora, apelidada por Voltaire «Milton's daughter, Camoens's sister» e elogiada por Fontenelle. Faleceu no dia 5 de agosto de 1774, pouco antes de o poeta fazer 9 anos, tendo sido sepultada no Convento do Carmo, em Setúbal.

⁷ Deus da guerra.

Excedo lustros seis por mais três anos,⁸
 Mas bem que juvenis meus anos sejam,
 Já murcham de agonia, e já me alvejam
 Não raros na cabeça os desenganos.

Os Fados, meus verdugos, meus tiranos,
 Que de Pandora⁹ o cofre em mim despejam,
 Folgam de que os mortais nas câs me vejam
 Tristes amostras de frequentes danos.

Parece que devia a formosura
 Vingar-me dos cruéis comigo irados,
 E da ternura o prémio ser ternura;

Mas Nise (oh, vãos extremos desgraçados!)
 Na trança infausta branquear procura
 O resto escuro que escapou aos Fados.

⁸ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 67.

⁹ De acordo com um mito hesiódico, Pandora foi a primeira mulher. Enviada à Terra por Júpiter, era portadora de uma caixa, cujo conteúdo desconhecia. Movida pela curiosidade, retirou a tampa e, de imediato, dela saíram todos os males que assolam a humanidade.

Incultas produções da mocidade¹⁰
 Exponho a vossos olhos, ó leitores:
 Vede-as com mágoa, vede-as com piedade,
 Que elas buscam piedade, e não louvores.

Ponderai da Fortuna a variedade
 Nos meus suspiros, lágrimas e amores;
 Notai dos males seus a imensidade,
 A curta duração dos seus favores;

E se entre versos mil de sentimento
 Encontrardes alguns, cuja aparêcia
 Indique festival contentamento,

Crede, ó mortais, que foram com violência
 Escritos pela mão do Fingimento,
 Cantados pela voz da Dependência.

¹⁰ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 1.

Chorosos versos meus desentoados,¹¹
Sem arte, sem beleza e sem brandura,
Urdidos pela mão da Desventura,
Pela baça Tristeza envenenados,

Vede a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura;
Se os ditosos vos lerem sem ternura,
Ler-vos-ão com ternura os desgraçados.

Não vos inspire, ó versos, cobardia
Da sátira mordaz o furor louco,
Da maldizente voz a tirania:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco,
Que não pode cantar com melodia
Um peito de gemer cansado e rouco.

¹¹ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 2.

Meu ser evaporei na lida insana¹²
 Do tropel de paixões que me arrastava:
 Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
 Em mim, quase imortal, a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana
 Existência falaz me não doirava!
 Mas eis sucumbe Natureza escrava
 Ao mal que a vida em sua origem dana.

Prazeres, sócios meus, e meus tiranos,
 Esta alma, que sedenta em si não coube,
 No abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus... ó Deus! Quando a morte a luz me roube,
 Ganhe um momento o que perderam anos,
 Saiba morrer o que viver não soube.

¹² Este soneto consta de *A Virtude Laureada*, obra que, embora preparada pelo poeta, já foi publicada depois do seu falecimento. Foi traduzido para o italiano por Prospero Peragallo, in *Flores de Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Ocidente, 1893. Tomás António dos Santos Silva glosa este soneto com um outro, intitulado «Evaporada a tua vida insana», in *Colecção de Poesias à Memória de Manuel Maria Barbosa du Bocage*. Lisboa, Imprensa Régia, 1805, p. 39.

Já Bocage não sou!... À cova escura¹³
 Meu estro vai parar desfeito em vento...
 Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
 Leve me torne sempre a terra dura.

Conheço agora já quão vã figura
 Em prosa e verso fez meu louco intento.
 Musa!... Tivera algum merecimento
 Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria
 Brade em alto pregão à mocidade,
 Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
 Manchei!... Oh! Se me creste, gente impia,
 Rasga meus versos, crê na Eternidade!

¹³ Soneto composto por Bocage pouco antes de falecer, publicado por Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias...*, 1853, p. 218. Foi ditado ao morgado de Assentiz, que acompanhou o poeta nos seus últimos dias. Este escritor enviou o respetivo manuscrito a José Feliciano de Castilho, que o publicou no tomo II, da «Livraria Clássica», p. 155. Inocêncio (t. I, p. 388) corrobora esta versão, afirmando que se encontra na sua posse uma cópia, igualmente cedida por aquela personalidade. O teor desta composição identifica-se com o da anterior. Está traduzido para o italiano por Prospero Peragallo, in *Flores de Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Ocidente, 1893.

II — LIRISMO AMOROSO

9

Voa a Lília gentil meu pensamento¹⁴
Nas asas de Esperanças sequiosas;
Amor, à frente¹⁵ de Ilusões ditosas,
O chama e lhe acelera o movimento.

Ígneo desejo audaz, que em mim sustento,
Mancha o puro candor das mãos mimosas,
Os olhos cor dos céus, a tez de rosas,
E o mais, onde a ventura é um momento.

Eis que pesada voz, terrível grito
Soa em minha alma, o coração me oprime,
E austero me recorda a lei e o rito.

Devo abafar-te, Amor, Paixão sublime?
Ah! Se amar como eu amo é um delito,
Lília formosa aformoseia o crime.

¹⁴ Soneto nunca incluído, pelos diversos editores, nas obras completas de Bocage. Foi censurado por Julião Cataldi, em representação do Santo Ofício. Segundo aquele censor, encerra um «fogo lascivo», «imagens indecentes» e desafia as leis da natureza e a religião. O respetivo manuscrito faz parte do acervo da Biblioteca da Ajuda, com a cota 54-IV-34 // 2. Era uma das composições que originalmente integravam o segundo tomo das *Rimas* e que, de acordo com a vontade expressa do autor, deveria ficar colocada a seguir ao soneto «Voai, brandos meninos».

¹⁵ No manuscrito consultado, originalmente foi escrito «frente», palavra depois corrigida.

De suspirar em vão já fatigado,¹⁶
 Dando trégua a meus males, eu dormia;
 Eis que junto de mim sonhei que via
 Da Morte o gesto lívido e mirrado.

Curva foice no punho descarnado
 Sustentava a cruel, e me dizia:
 «Eu venho terminar tua agonia;
 Morre, não penes mais, ó desgraçado.»

Quis ferir-me, e de Amor foi atalhada,
 Que armado de cruentos passadores
 Aparece, e lhe diz com voz irada:

«Emprega noutro objeto os teus rigores,
 Que esta vida infeliz está guardada
 Para vítima só de meus furores.»

¹⁶ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 3.

Raios não peço ao Criador do mundo,¹⁷
 Tormentas não suplico ao rei dos mares,
 Vulcões à Terra, furacões aos ares,
 Negros monstros ao Báratro¹⁸ profundo;

Não rogo ao deus de Amor que, furibundo,
 Te arremesse do pé de seus altares,
 Ou que a peste mortal voe a teus lares
 E murche o teu semblante rubicundo.

Nada imploro em teu dano, inda que os laços
 Urdidos pela fé, com vil mudança
 Fizeste, ingrata Nise, em mil pedaços.

Não quero outro despique, outra vingança,
 Mais que ver-te em poder de indignos braços,
 E dizer quem te perde, e quem te alcança.

¹⁷ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 4.

¹⁸ Precipício do qual se lançavam os criminosos em Atenas; o Inferno.

Já sobre o coche de ébano estrelado¹⁹
 Deu meio giro a Noite escura e feia:
 Que profundo silêncio me rodeia
 Neste deserto bosque, à luz vedado!

Jaz entre as folhas Zéfiro²⁰ abafado,
 O Tejo adormeceu na lisa areia;
 Nem o mavioso rouxinol gorjeia,
 Nem pia o mocho, às trevas costumado.

Só eu velo, só eu, pedindo à Sorte
 Que o fio com que está minha alma presa
 À vil matéria lânguida me corte.

Consola-me este horror, esta tristeza,
 Porque a meus olhos se afigura a Morte
 No silêncio total da Natureza.

¹⁹ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 5.

²⁰ Vento da primavera, equivalente ao Favónio.

Mavorte²¹, porque em pérfida cilada²²
 O cruel moço alígero²³ o ferira,
 Não faz caso da mãe, que chora e brada,
 Quer punir o traidor, que lhe fugira.

Na sinistra o pavês²⁴, na dextra a espada,
 Nos ígneos olhos fuzilante a ira,
 Pula à negra carroça ensanguentada,
 Que Belona²⁵ infernal co'as Fúrias²⁶ tira.

Assim parte, assim voa, eis que vê posto
 No colo de Marília o deus alado,
 No colo aonde tem mimoso encosto;

Já Marte arroja as armas e, aplacado,
 Diz, inclinando o formidável rosto:
 «Valha-te, Amor, esse lugar sagrado.»

²¹ Marte, deus da guerra, filho de Juno.

²² Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 6.

²³ Cupido, filho de Marte e de Vénus, presidia ao amor. Era representado por um menino, nu, por vezes com uma venda, que transportava um arco e uma aljava com setas ardentes. Corresponde na mitologia grega a Eros.

²⁴ Escudo comprido.

²⁵ Deusa romana da guerra. Tinha como função preparar o coche e os cavalos, sempre que o seu irmão, Marte, partia para a guerra. É representada empunhando um chicote ensanguentado, desgrenhada, com os cabelos tapando-lhe parcialmente os olhos.

²⁶ Divindades infernais romanas, assimiladas às Erinias gregas.

Ao templo do propício Desengano²⁷
A próvida Razão guiou meus passos,
Por ver-me, louco já, mordendo os laços,
Os duros laços de um amor profano.

Ajoelho ante o nume soberano,
Mostro-lhe os roxos, os cativos braços,
Dizendo-lhe: «Grão Deus, faze em pedaços
Os ferros que me pôs Amor tirano.»

A deidade, inimiga da Esperança,
Me responde: «Eu te livro do flagelo
Que oprime os corações; mortal, descansa.»

Eis que, brandindo um lúcido cutelo,
Meus ferros corta, e logo da lembrança
Me escapa de Marfida o rosto belo.

²⁷ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 7.

Não, Marília, teu gesto vergonhoso,²⁸
 A luz dos olhos teus serena e pura,
 Teu riso, que enche as almas de ternura,
 Agora meigo, agora desdenhoso;

Tua cândida mão, teu pé mimoso,
 Tuas mil perfeições crer que a Ventura
 As guarda para mim, fora loucura:
 Nem sou digno de ti, nem sou ditoso.

E que mortal, enfim, que peito humano
 Merece os braços teus, ó ninfa amada?
 Que Narciso²⁹? Que herói? Que soberano?

Mas que lê minha mente iluminada!...
 Céus!... Penetro o futuro!... Ah! não me engano:
 De Jove³⁰ para o toro³¹ estás guardada.

²⁸ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 8.

²⁹ Na mitologia romana, jovem de extrema beleza.

³⁰ Júpiter, o rei dos deuses.

³¹ Leito conjugal.

A loira Fílis na estação das flores³²
 Comigo passeou por este prado
 Mil vezes, por sinal trazia ao lado
 As Graças, os Prazeres e os Amores.

Quantos mimos então, quantos favores,
 Que inocente afeição, que puro agrado
 Me não viram gozar (oh doce estado!)
 Mordendo-se de inveja os mais pastores!

Porém, segundo o feminil costume,
 Já Fílis se esqueceu do amor mais terno,
 E com Jónio se ri de meu queixume.

Ah! se nos corações fosses eterno,
 Tormento abrasador, negro Ciúme,
 Serias tão cruel como os do Inferno.

³² Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 10.

Marília, nos teus olhos buliçosos³³
 Os Amores gentis seu facho acendem,
 A teus lábios voando, os ares fendem
 Terníssimos desejos sequiosos.

Teus cabelos subtis e luminosos
 Mil vistas cegam, mil vontades prendem,
 E em arte aos de Minerva³⁴ se não rendem
 Teus alvos, curtos dedos melindrosos.

Reside em teus costumes a candura,
 Mora a firmeza no teu peito amante,
 A Razão com teus risos se mistura;

És dos Céus o composto mais brilhante:
 Deram-se as mãos Virtude e Formosura
 Para criar tua alma e teu semblante.

³³ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 11.

³⁴ Filha de Júpiter, deusa romana da sabedoria, da guerra e das artes. Equivale, na mitologia grega, a Atena.

Da pérfida Gertrúria o juramento³⁵
 Parece-me que estou inda escutando,
 E que inda ao som da voz suave e brando
 Encolhe as asas, de encantado, o vento.

No vasto, infatigável pensamento
 Os mimos da perjura estou notando...
 Eis Amor, eis as Graças³⁶, festejando
 Dos ternos votos o feliz momento.

Mas ah! Da minha rápida alegria
 Para que acendes mais as vivas cores,
 Lisonjeiro pincel da fantasia?

Basta, cega paixão, loucos Amores;
 Esqueçam-se os prazeres de algum dia,
 Tão belos, tão duráveis como as flores.

³⁵ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 14.

³⁶ Aglaia, Talia e Eufrosine, divindades romanas da beleza, filhas de Júpiter e de Vénus, equivalem, na mitologia helénica, às Cárites.

De Pafos³⁷ o menino ardendo em ira,³⁸
 Porque uma ingrata as suas leis detesta,
 Tão grave insulto despicar³⁹ protesta,
 E a domar-lhe a altivez, teimoso, aspira.

Dormindo encontra a desdenhosa Elmira,
 Sobre a mão reclinada a nívea testa;
 «Teu génio (diz) amansarei com esta
 Farpa sutil», e do carcás a tira;

Mas a bela Acidália, a quem somente
 Rende o travesso infante vassalagem,
 Lhe aparece e lhe grita: «Amor, detém-te.»

«Tu, filho, que não sofres que me ultrajem,
 Elmira vens ferir, irreverente!
 Nela de tua Mãe não vês a imagem?»

³⁷ Cidade da ilha de Chipre onde, no tempo dos romanos, existia um templo em honra de Acidália, ou seja, Afrodite (Vénus na mitologia latina).

³⁸ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 15.

³⁹ Vingar.

Ó tranças de que Amor prisões me tece,⁴⁰
 Ó mãos de neve que regeis meu Fado!
 Ó tesouro! Ó mistério! Ó par sagrado,
 Onde o menino alígero adormece!

Ó ledos olhos, cuja luz parece
 Ténue raio do Sol! Ó gesto amado,
 De rosas e açucenas semeado,
 Por quem morrera esta alma, se pudesse!

Ó lábios, cujo riso a paz me tira,
 E por cujos dulcíssimos favores
 Talvez o próprio Júpiter⁴¹ suspira!

Ó perfeições! Ó dons encantadores!
 De quem sois? Sois de Vénus? É mentira:
 Sois de Marília, sois dos meus Amores.

⁴⁰ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 16.

⁴¹ O rei dos deuses.

Já se afastou de nós o inverno agreste⁴²
 Envolto nos seus húmidos vapores,
 A fértil primavera, a mãe das flores
 O prado ameno de boninas veste.

Varrendo os ares o subtil Nordeste,
 Os torna azuis; as aves de mil cores
 Adejam entre Zéfiro e Amores,
 E toma o fresco Tejo a cor celeste.

Vem, ó Marília, vem lograr comigo
 Destes alegres campos a beleza,
 Destas copadas árvores o abrigo.

Deixa louvar da corte a vã grandeza:
 Quanto me agrada mais estar contigo
 Notando as perfeições da Natureza!

⁴² Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 21.

Grato silêncio, trémulo arvoredo,⁴³
 Sombra propícia aos crimes e aos amores,
 Hoje serei feliz: longe, temores,
 Longe, fantasmas, ilusões do medo.

Sabei, amigos Zéfiro, que cedo
 Entre os braços de Nise, entre estas flores,
 Furtivas glórias, tácitos favores
 Hei de, enfim, possuir; porém, segredo.

Nas asas frouxos ais, brandos queixumes
 Não leveis, não façais isto patente,
 Que nem quero que o saiba o Pai dos nubes:

Cale-se o caso a Jove omnipotente,
 Porque, se ele o souber, terá ciúmes,
 Vibrará contra mim seu raio ardente.

⁴³ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 24.

Perverso estragador da formosura,⁴⁴
 Alma corrupta, desleal, impia,
 Onde interesse, amor e aleivosia
 Jazem com feia e sórdida mistura:

Os frutos, que produz tua ternura,
 São (que assombro!) a vileza, a tirania;
 Sacrificas a tua idolatria
 Com tuas próprias mãos em ara impura.

Que bruto coração, que torpe amante
 Vende o seu gosto? Ah!, mísera beleza,
 Eu te choro, eu te choro, outrem te cante!

Excedeu-se em formar-te a Natureza:
 Divina te julguei pelo semblante,
 Humana vejo que és pela fraqueza.

⁴⁴ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 26.

Temo que a minha ausência e desventura⁴⁵
 Vão na tua alma, docemente acesa,
 Apoucando os excessos da firmeza,
 Rebatendo os assaltos da ternura;

Temo que a tua singular candura
 Leve o Tempo fugaz nas asas presa,
 Que é quase sempre o vício da beleza
 Génio mudável, condição perjura;

Temo; e se o Fado mau, Fado inimigo
 Confirmar impiamente este receio,
 'Spectro perseguidor que anda comigo,

Com rosto, alguma vez de mágoa cheio,
 Recorda-te de mim, dize contigo:
 «Era fiel, amava-me, e deixei-o.»

⁴⁵ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 27.

Se a minha lastimosa desventura⁴⁶
 Irreparável é, se trago escrito
 No rosto cor da morte o meu delito,
 Que louca ideia os passos me segura!

Ah! some-te, infeliz, fuge e procura
 Margens, quais as do lívido Cocito⁴⁷,
 Brenhas, matos, sertões, errante, aflito,
 Até que vás parar na sepultura.

Ó nume enganador, nume falsário!
 Ó lúbrica Fortuna de quem rego
 Em vão com triste pranto o santuário!

Já sem violência em tuas mãos me entrego:
 Sim, vária, aqui me tens, inda mais vário,
 Cega, a ti me abandono, inda mais cego.

⁴⁶ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 28.

⁴⁷ Rio dos Infernos cujo caudal se avoluma com as lágrimas dos condenados.

Enquanto o Sábio arraiga o pensamento ⁴⁸
 Nos fenómenos teus, ó Natureza,
 Ou solta árduo problema, ou sobre a mesa
 Volve o subtil geométrico instrumento;

Enquanto, alçando a mais o entendimento,
 Estuda os vastos céus, e com certeza
 Reconhece dos astros a grandeza,
 A distância, o lugar e o movimento;

Enquanto o Sábio, enfim, mais sabiamente
 Se remonta nas asas do sentido
 À corte do Senhor Omnipotente;

Eu louco, eu cego, eu mísero, eu perdido,
 De ti só trago cheia, ó Jónia, a mente:
 Do mais, e de mim mesmo ando esquecido.

⁴⁸ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 32. A edição original deste soneto, publicada em 1791, difere, sensivelmente, das posteriores, quer no que diz respeito à grafia, quer ao conteúdo. A edição publicada em 1794 é quase igual à de 1800. Apenas a grafia foi modernizada: «arraiga», no primeiro verso, passou a «arreiga».

Usurpando um minuto a meu lamento,⁴⁹
 Amigo sono os olhos me ocupava,
 E enquanto o débil corpo descansava,
 Velava Amor, velava o pensamento.

Eis que em deserto e lúgubre aposento,
 Que semimorta luz mais afeiava,
 Cri, Gertrúria (ai de mim!), que te avistava
 Já sem cor, já sem voz, já sem alento.

Súbito acordo, em lágrimas banhado,
 E, das trevas palpando o véu medonho,
 Em vão busco teu corpo delicado;

Mas inda em ânsias, trémulo, suponho
 Que me vaticinou meu negro Fado
 Dos males o pior no horrível sonho.

⁴⁹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 33.

Aflito coração, que o teu tormento,⁵⁰
 Que os teus desejos, tácito, devoras,
 E ao doce objeto, às perfeições que adoras,
 Só te vás explicar coò pensamento;

Infeliz coração, recobra alento,
 Seca as inúteis lágrimas que choras;
 Tu cevas o teu mal, porque demoras
 Os voos ao ditoso atrevimento.

Inflama surdos ais, que o medo esfria,
 Um bem tão suspirado e tão subido,
 Como se há de ganhar sem ousadia?

Ao vencedor afoite-se o vencido;
 Longe o respeito, longe a cobardia.
 Morres de fraco? Morre de atrevido.

⁵⁰ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 34.

Por esta solidão, que não consente⁵¹
 Nem do Sol, nem da Lua a claridade,
 Ralado o peito já pela saudade,
 Dou mil gemidos a Marília ausente.

De seus crimes a mancha inda recente,
 Lava Amor, e triunfa da verdade;
 A beleza, apesar da falsidade,
 Me ocupa o coração, me ocupa a mente.

Lembram-me aqueles olhos tentadores,
 Aquelas mãos, aquele riso, aquela
 Boca suave, que respira amores...

Ah! Trazei-me, ilusões, a ingrata, a bela,
 Pintai-me vós, ó sonhos, entre flores,
 Suspirando outra vez nos braços dela.

⁵¹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 35.

Marília, se em teus olhos atentara⁵²
 Do estelífero sólio reluzente,
 Ao vil mundo outra vez o onnipotente,
 O fulminante Júpiter baixara;

Se o Deus, que assanha as Fúrias, te avistara
 As mãos de neve, o colo transparente,
 Suspirando por ti, do caos ardente
 Surgira à luz do dia, e te roubara;

Se a ver-te de mais perto o Sol⁵³ descera,
 No áureo Carro veloz dando-te assento,
 Até da esquiva Dafne⁵⁴ se esquecera;

E, se a força igualasse o pensamento,
 Ó Alma da minha alma, eu te of'recera
 Com ela a Terra, o Mar e o Firmamento.

⁵² Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 40.

⁵³ Hélios, génio da geração dos Titãs. Era representado como um jovem de extrema beleza que percorria o céu num carro de fogo, puxado por cavalos muito velozes.

⁵⁴ Ninfa, filha de Peneu e de Gaia, por quem Apolo se apaixonou. Por este perseguida, metamorfoseou-se em loureiro.

O corvo grasnador e o mocho feio,⁵⁵
 O sapo berrador e a rã molesta
 São meus únicos sócios na floresta,
 Onde carpindo estou, de angústia cheio.

Perdi todo o prazer, todo o recreio...⁵⁶
 Ah malfadado Amor! Paixão funesta!
 Urselina perdi, nada me resta:
 Madre Terra! Agasalha-me em teu seio.

Da víbora mordaz permite, ó Sorte,
 Que nos matos aspérrimos que piso,
 As plantas me envenene o ténue corte.

Ah! Que é das Graças, que é do Paraíso?
 A minha alma onde está? Quem logra... ó Morte!
 Quem logra de Urselina o doce riso?

⁵⁵ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 43.

⁵⁶ No original: «recreio...».

Guiou-me ao templo do letal Ciúme⁵⁷
 A Desesperação que em mim fervia;
 O cabelo de horror se me arrepiava,
 Ao recordar o formidável nume:

Fumegava-lhe aos pés tartáreo lume,
 Crespa serpe as entranhas lhe roía;
 Eram ministros seus a Aleivosia,
 O Susto, a Morte, a Cólera, o Queixume.

«Cruel! (grito em frenético transporte)
 Dos sócios teus, no Báratro gerados,
 Dá-me um só, que te invejo, a Morte, a Morte.»

«Cessa (diz) os teus rogos são baldados:
 Querem ter-te no mundo Amor e a Sorte,
 Para consolação dos desgraçados.»

⁵⁷ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 44.

Olha, Marília, as flautas dos pastores⁵⁸
 Que bem que soam, como estão cadentes!
 Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
 Os Zéfiros brincar por entre as flores?

Vê como ali, beijando-se, os Amores
 Incitam nossos ósculos ardentes;
 Ei-las de planta em planta as inocentes,
 As vagas borboletas de mil cores;

Naquele arbusto o rouxinol suspira,
 Ora nas folhas a abelhinha pára,
 Ora nos ares, sussurrando, gira.

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
 Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira
 Mais tristeza que a noite me causara.

⁵⁸ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 47.

Fiei-me nos sorrisos da Ventura,⁵⁹
Em mimos feminis, como fui louco!
Vi raiar o prazer, porém tão pouco
Momentâneo relâmpago não dura.

No meio agora desta selva escura,
Dentro deste penedo húmido e oco,
Pareço, até no tom lúgubre e rouco,
Triste sombra a carpir na sepultura.

Que estância para mim tão própria é esta!
Causais-me um doce e fúnebre transporte,
Áridos matos, lôbrega floresta!

Ah! Não me roubou tudo a negra Sorte:
Inda tenho este abrigo, inda me resta
O pranto, a queixa, a solidão e a morte.

⁵⁹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 50.

Arde em vão por Elisa⁶⁰, em vão porfia⁶¹
 Contra a constância da heroína augusta
 O bárbaro senhor d'África adusta⁶²,
 Que do sangue de Jove se gloria;

Em vão lhe of'rece a vasta monarquia,
 Aonde a espádua atlântica robusta
 Sustenta os céus, o caminhante assusta,
 E hórridos monstros indomáveis cria;

Não cede Elisa, e vendo que, furioso,
 Usa da força o líbico tirano,
 Ela, intrépida, escolhe um fim glorioso.

Mentes, mentes, injusto mantuano⁶³:
 Dido⁶⁴ infeliz foi vítima do esposo,
 Foi vítima da fé, não do Troiano⁶⁵.

⁶⁰ Elissa é o nome tírio de Dido.

⁶¹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 51.

⁶² Iarbas.

⁶³ Virgílio.

⁶⁴ Filha de Belo, rei de Tiro, fundadora de Cartago. Apaixonou-se por Eneias, de acordo com Virgílio, que os imortalizou na *Eneida*.

⁶⁵ Eneias.

Há pouco a Mãe das Graças, dos Amores,⁶⁶
 Gerada pela espuma cristalina⁶⁷,
 Baixou da etérea região divina
 Nas asas dos Favónios⁶⁸ voadores.

«Ó das margens do Tejo habitantes,
 Hoje torna a luzir (disse Ericina)
 O ledó instante em que nasceu Marina,
 Ínclito fruto de ínclitos maiores.

«Do céu, do mar, da terra os soberanos,
 Imprimindo-lhe encantos a milhares,
 Criaram nela a glória dos humanos.

«Eia, cantai-lhe os dotes singulares,
 Louvai seus olhos, aplaudí seus anos,
 Queimai-lhe aromas, erigi-lhe altares.»

⁶⁶ Soneto dedicado «aos anos da Senhora D. Maria Joaquina de Mello». Bocage adverte, na primeira edição das *Rimas*, datada de 1791, que este soneto apresenta «defeitos». Foi igualmente publicado nas edições de 1794 e 1800, p. 53.

⁶⁷ Vénus.

⁶⁸ Equivalem, na mitologia latina, aos Zéfiro.

A teus mimosos pés, meu bem, rendido,⁶⁹
 Confirmo os votos que a traição manchara,
 Fumam de novo incensos sobre a ara,
 Que a vil Ingratidão tinha abatido.

De novo sobre as asas de um gemido
 Te of'reço o coração, que te agravara;
 Saudoso torno a ti, qual torna à cara,
 Perdida Pátria o mísero banido.

Renovemos o nó, por mim desfeito,
 Que eu já maldigo o tempo desgraçado
 Em que a teus olhos não vivi sujeito;

Concede-me outra vez o antigo agrado;
 Que mais queres? Eu choro, e no meu peito
 O punhal do remorso está cravado.

⁶⁹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 54. Na edição de 1791, o primeiro verso difere: «Bela Inália, a teus pés arrependido».

Os suaves eflúvios que respira⁷⁰
 A flor de Vénus, a melhor das flores,
 Exalas de teus lábios tentadores,
 Ó doce, ó bela, ó desejada Emira;

A que nasceu das ondas⁷¹, se te vira,
 A seu pesar cantara os teus louvores;
 Ditoso quem por ti morre de amores,
 Ditoso quem por ti, meu bem, suspira!

E mil vezes ditoso o que merece
 Um teu furtivo olhar, um teu sorriso,
 Por quem da mãe formosa Amor se esquece!

O sacrílego ateu, sem lei, sem siso,
 Contemple-te uma vez, que então conhece
 Que é força haver um Deus e um Paraíso.

⁷⁰ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 55.

⁷¹ Vénus.

Esses tesouros, esses bens, sagrados⁷²
 Para os cegos mortais, bens de que abunda
 Ásia guerreira, América fecunda,
 Filhos da Terra, pelo Sol gerados;

Honras, grandezas, títulos inchados,
 Servil incenso, adulação jucunda
 Não quero, não, que sobre mim difunda
 Amiga dextra de risonhos Fados.

Quero que as Fúrias hórridas me escoltem,
 Quero que contra mim, que em vão deliro,
 Os racionais e irracionais se voltem;

Quero da Morte o formidável tiro,
 Contanto, ó Jónia, que meus lábios soltem
 Nesses teus lábios o final suspiro.

⁷² Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 56.

Alva Gertrúria minha, a quem saudoso⁷³
 Mando trémulos ais enternecidos;
 Gertrúria, que encantaste os meus sentidos
 Co'um meigo riso, co'um olhar piedoso,

Amor, o injusto Amor, nume doloso,
 Insensível penedo a meus gemidos,
 Me exala sobre os tímidos ouvidos
 Estas vozes cruéis em tom raivoso:

«Tu, que já desfrutaste os meus favores,
 Tu, que na face de Gertrúria bela
 Néctar bebeste, mitigaste ardores,

«Não tornarás, não tornarás a vê-la.
 Lamenta, desgraçado, os teus amores,
 Acusa, desgraçado, a tua estrela.»

⁷³ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 58.

Meu frágil coração, para que adoras,⁷⁴
 Para que adoras, se não tens ventura,
 Se uns olhos, de quem ardes na luz pura,
 Folgando estão das lágrimas que choras?

Os dias vês fugir, voar as horas,
 Sem achar neles a menor ternura,
 E inda a louca esperança te figura
 O prémio dos martírios que devoras!

Desfaze as trevas de um funesto engano,
 Que não hás de vencer a inimizade
 De um génio contra ti sempre tirano;

A Justa, a Sacrossanta Divindade
 Não força, não violenta o peito humano,
 E queres constranger-lhe a liberdade?

⁷⁴ Na edição original de 1791, esta composição apresenta um início diferente: «Coração, coração, para que adoras». Foi igualmente publicado nas edições de 1794 e 1800, p. 62.

Sonhei que nos meus braços inclinado⁷⁵
Teu rosto encantador, Gertrúria, via,
Que mil ávidos beijos me sofria
Teu níveo colo, para os mais sagrado;

Sonhei que era feliz por ser ousado,
Que o siso, a força, a voz, a cor perdia
Num êxtase suave, em que bebia
O néctar nem por Jove inda libado;

Mas no mais doce, no melhor momento,
Exalando um suspiro da ternura,
Acordo, acho-te só no pensamento.

Ó Destino cruel! Ó Sorte escura!
Que nem me dure um vão contentamento,
Que nem me dure em sonhos a ventura!

⁷⁵ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 63.

Os garços olhos, em que Amor brincava,⁷⁶
Os rubros lábios, em que Amor se ria,
As longas tranças, de que Amor pendia,
As lindas faces, onde Amor brilhava;

As melindrosas mãos, que Amor beijava,
Os níveos braços, onde Amor dormia,
Foram dados, Armânia, à terra fria
Pelo fatal poder que a tudo agrava;

Seguiu-te Amor ao tácito jazigo,
Entre as irmãs, cobertas de amargura,
E eu que faço (ai de mim!) como os não sigo?

Que há no mundo que ver, se a Formosura,
Se Amor, se as Graças, se o prazer contigo
Jazem no eterno horror da sepultura?

⁷⁶ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 65.

Não disfarces, Marília; por Josino⁷⁷
Já nos teus olhos a paixão flameja;
E em que parte estará, que se não veja
O tenro deus, o alígero menino?

Inda que ostentes de ânimo ferino,
Há quem teu níveo peito abraze e reja;
Porém, Marília, dize-me qual seja
A causa justa de um amor tão fino.

Nesse que as esquivanças te suaviza,
Encontras uma fêrvida ternura,
Um coração brioso, uma alma lisa?

Seus méritos quais são...? Mas, oh loucura!
Quem é feliz, que méritos precisa?
Que dons há de mister quem tem ventura?

⁷⁷ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 66.

Urselina gentil, benigna e pura,⁷⁸
 Eis nas asas subtis de um ai cansado
 A ti meu coração voa, alagado
 Em torrentes de sangue e de ternura.

Põe-lhe os olhos, meu bem, vê com brandura
 Seu miserável, doloroso estado,
 Que, nas garras da morte já cravado,
 A fé que te jurava, inda te jura;

Põe-lhe os olhos, meu bem, suavemente,
 Põe-lhe os mimosos dedos na ferida,
 Palpa de Amor a vítima inocente;

E por milagre deles, ó querida,
 Verás cerrar-se o golpe, e de repente
 Em ondas de prazer tornar-lhe a vida.

⁷⁸ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 67.

Em veneno letífero nadando,⁷⁹
 No roto peito o coração me arqueja,
 E ante meus olhos, hórrido, negreja
 De mortais aflições espesso bando.

Por ti, Marília, ardendo e delirando
 Entre as garras aspérrimas da Inveja,
 Amaldiçoo Amor, que ri e adeja
 Pelos ares, coòs Zéfiro brincando.

Recreia-se o traidor com meus clamores
 E meu cioso pranto... Ó Jove, ó nume,
 Que vibras os coriscos vingadores!

Abafa as ondas do tartáreo lume⁸⁰,
 Que para os que provocam teus furores
 Tens Inferno pior, tens o Ciúme.⁸¹

⁷⁹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 69.

⁸⁰ O Tártaro era um local recôndito dos Infernos, para onde iam as almas mais pecaminosas.

⁸¹ Teófilo Braga reproduz, na página 577 da sua biografia bocagiana, o teor de um manuscrito com este soneto, que glosa o mote «Tens inferno pior, tens o ciúme». O referido documento terá pertencido ao cardeal Saraiva.

Do arbusto, ó Nise, a Vénus consagrado,⁸²
 Envisquei hoje um trémulo raminho;
 Pousou nele este incauto passarinho,
 E pelos tenros pés ficou pegado;

Então, depois de o ter na mão fechado,
 Corri, dizendo alegre: eu adivinho
 Que há de Nise estimar que o meu carinho
 Lhe dedique este músico do prado.

Disse, e no mesmo instante a simples ave
 Desata a linda voz e principia
 Um canto harmonioso, agudo e grave.

Ah! Por ser tua, entendo que dizia
 Que a prisão mais gostosa e mais suave
 Que a própria liberdade encontraria.

⁸² Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 75.

Ó retrato da Morte! Ó Noite amiga,⁸³
Por cuja escuridão suspiro há tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda Amor que a ti somente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto,
Ouve-os, como costumas, ouve, enquanto
Dorme a cruel que a delirar me obriga.

E vós, ó cortesãos da escuridade,
Fantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores:
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores.

⁸³ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 78.

Vinde, Prazeres, que por entre as flores⁸⁴
 Nos jardins de Citera⁸⁵ andais brincando,
 E vós, despidas Graças, que, dançando,
 Triniais alegres sons encantadores.

Deusa dos gostos, deusa dos amores,
 Ah! Dos filhinhos teus ajunta o bando,
 E vem nas asas de Favónio brando
 Dar força, dar beleza a meus louvores.

Da linda Anarda minha voz aspira
 A cantar o natal; tu, por clemência,
 O teu fiel cultor, deidade, inspira.

Do trácio vate⁸⁶ empresta-me a cadência,
 E faze que mereça a minha lira
 Os cândidos sorrisos da Inocência.

⁸⁴ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 80.

⁸⁵ Ilha para onde, depois de ter nascido das ondas, foi levada Vénus.

⁸⁶ Orfeu, mítico poeta e músico, nascido na Trácia.

Canta ao som dos grilhões o prisioneiro,⁸⁷
 Ao som da tempestade o nauta ousado,
 Um, porque espera o fim do cativoiro,
 Outro, antevendo o porto desejado;

Exposta a vida ao tigre mosqueado,
 Gira sertões o sôfrego mineiro,
 Da esperança dos lucros encantado,
 Que anima o peito vil e interesseiro;

Por entre armadas hostes destemido
 Rompe o sequaz do horrífico Mavorte,
 Coò triunfo, co'a glória no sentido;

Só eu (tirano Amor! Tirana Sorte!)
 Só eu, por Nise ingrata aborrecido,
 Para ter fim meu pranto, espero a Morte.

⁸⁷ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 82.

Entre as tartáreas forjas, sempre acesas,⁸⁸
 Jaz aos pés do tremendo, estígio nume
 O carrancudo, o rábido Ciúme,
 Ensanguentadas as corruptas presas;

Traçando o plano de cruéis empresas,
 Fervendo em ondas de sulfúreo lume,
 Vibra das fauces o letal cardume
 De hórridos males, de hórridas tristezas.

Pelas terríveis Fúrias instigado,
 Lá sai do Inferno e para mim se avança
 O negro monstro, d'áspides toucado:

Olhos em brasa de revés me lança...
 Oh dor! Oh raiva! Oh morte! Ei-lo a meu lado,
 Ferrando as garras na vipéria trança.

⁸⁸ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 83. Na edição original, de 1791, o verso inicial é: «Entre fornalhas para sempre acesas».

Sobre os contrários o terror e a morte⁸⁹
 Dardeje, embora, Aquiles⁹⁰ denodado,
 Ou no rápido carro ensanguentado⁹¹
 Leve arrastos sem vida o Teucro⁹² forte;

Embora o bravo Macedónio⁹³ corte
 Co'a fulminante espada o nó fadado,
 Que eu, de mais nobre estímulo tocado,
 Nem lhe amo a Glória, nem lhe invejo a Sorte,

Invejo-te, Camões, o nome honroso,
 Da mente criadora o sacro lume
 Que exprime as fúrias de Lieu⁹⁴ raivoso,

Os ais de Inês, de Vénus o queixume,
 As pragas do Gigante proceloso,
 O Céu de Amor, o Inferno do Ciúme.

⁸⁹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 84.

⁹⁰ Na mitologia grega, Aquiles era filho de Peleu e de Tétis. Herói na Guerra de Troia, a sua lenda é narrada por Homero na *Iliada*.

⁹¹ Aquiles vingou o seu amigo Pátrocolo, matando Heitor, cujos restos mortais foram arrastados por um carro, à volta das muralhas.

⁹² Troiano.

⁹³ Alexandre Magno, rei da Macedónia (356-323 a. C.). Referência ao célebre corte do nó górdio, facto que, segundo a lenda, lhe permitiu dominar a Ásia.

⁹⁴ Dioniso, filho de Zeus e de Sémele, que enlouqueceu por ação de Hera.

Pela porta de ferro, onde ululando⁹⁵
 O Cão trifauce⁹⁶ está perpetuamente,
 Entraste, Orfeu, co'a cítara eloquente
 Os monstros infernais domesticando.

Penedos com teus sons amontoando,
 Lá ergues Tebas, Anfion⁹⁷ cadente;
 Pulsa Aríon⁹⁸ a lira, e de repente
 Vê delfins, vê Tritões no mar dançando.

Tu, linguagem do Céu, tu, melodia,
 A tudo encantas, para tudo és forte,
 Menos para aplacar a ingrata Armia;

Mais fácil te há de ser, domando a Sorte,
 Ir de novo à tartárea monarquia,
 Ver outra vez o cárcere da Morte.

⁹⁵ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 89.

⁹⁶ Cão com três cabeças e três gargantas que guardava a porta dos Infernos. Adormeceu ao som da lira de Orfeu, aquando da descida deste aos Infernos, em busca de Eurídice.

⁹⁷ Filho de Zeus e de Antiope. Músico por excelência, reinou, com seu irmão, Zeto, em Tebas.

⁹⁸ Músico lendário de Lesbos que ganhava o seu pão tocando. No regresso a Corinto, os marinheiros do navio em que viajava quiseram atacá-lo; avisado por Apolo, atirou-se ao mar, sendo salvo por golfinhos, seres da predileção daquele deus, que o levaram ao seu destino.

GLOSANDO O MOTE «OS ROUBOS QUE ME FEZ A MÁ VENTURA»

Eu deliro, Gertrúria, eu desespero⁹⁹
 No inferno de suspeitas e temores,
 Eu da morte as angústias e os horrores
 Por ti mil vezes sem morrer tolero.

Pelo Céu, por teus olhos te assevero
 Que ferve esta alma em cândidos amores;
 Longe o prazer de ilícitos favores,
 Quero o teu coração, mais nada quero.

Ah! Não sejas também qual é comigo
 A cega Divindade, a Sorte dura,
 A vária deusa que me nega abrigo.

Tudo perdi; mas valha-me a ternura,
 Amor me valha, e pague-me contigo
 Os roubos que me fez a má Ventura.

⁹⁹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 92.

GLOSANDO O MOTE «NADA SE PODE COMPARAR CONTIGO»

O ledo passarinho que gorjeia,¹⁰⁰
 D'alma exprimindo a cândida ternura,
 O rio transparente que murmura,
 E por entre pedrinhas serpenteia;

O Sol que o céu diáfano passeia,
 A Lua que lhe deve a formosura,
 O sorriso da Aurora alegre e pura,
 A rosa que entre os Zéfiros ondeia;

A serena, amorosa primavera,
 O doce Autor das glórias que consigo,
 A deusa das paixões e de Citera:

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,
 Tudo em tua presença degenera,
Nada se pode comparar contigo.

¹⁰⁰ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 93.

GLOSANDO O MOTE «MORTE, JUÍZO, INFERNO E PARAÍSO»

Em que estado, meu bem, por ti me vejo,¹⁰¹
 Em que estado infeliz, penoso e duro!
 Delido o coração de um fogo impuro,
 Meus pesados grilhões adoro e bejo¹⁰²;

Quando te logro mais, mais te desejo,
 Quando te encontro mais, mais te procuro,
 Quando mo juras mais, menos seguro
 Julgo esse doce amor, que adorna o pejo.

Assim passo, assim vivo, assim meus Fados
 Me desarreigam d'alma a paz e o riso,
 Sendo só meu sustento os meus cuidados;

E, de todo apagada a luz do siso,
 Esquecem-me (ai de mim) por teus agrados
Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

¹⁰¹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 94.

¹⁰² *Sic.*

GLOSANDO O MOTE «REFINADO VENENO EM TAÇA DE OURO»

Folheando os anais da Antiguidade,¹⁰³
 Lendo neles, ó Píramo¹⁰⁴, o teu Fado,
 Vendo o peito de Elisa atravessado
 Do ferro que empunhou cruel Saudade;

Chamado pela voz da Liberdade,
 Do Desengano pela mão guiado,
 Fui jurar da Razão no altar sagrado
 Rancor eterno à cega Divindade;

Mas o traidor, que aos mesmos Céus se atreve,
 Notando no meu voto o seu desdouro,
 De fazer-me perjuro astúcias teve:

Mostrou-me de mil graças um tesouro
 E obrigou-me a beber por mãos de neve
Refinado veneno em taça de ouro.

¹⁰³ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 95.

¹⁰⁴ Referência a uma lenda perpetuada por Ovídio, Heliodoro e Lope de Vega: o amor trágico de Píramo e de Tisbe. O seu enredo assemelha-se ao da peça de William Shakespeare *Romeu e Julieta*.

Triste quem ama, cego quem se fia¹⁰⁵
 Da feminina voz na vã promessa!
 Aspira a vê-la estável! Mais depressa
 O facho apagará que espalha o dia.

Alada exalação que na sombria,
 Tácita noite os ares atravessa,
 Foi comigo a paixão volúvel dessa
 Que o peito me afagava e me feria.

Do desengano o bálsamo lhe aplico
 E a teus laços, Amor, sem medo exponho
 Dos benéficos Céus o dom mais rico.

Vejo mil Circes¹⁰⁶ plácido, risonho;
 E se fé me prometem, ouço, e fico
 Como quem despertou de aéreo sonho.

¹⁰⁵ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 99.

¹⁰⁶ Circe era filha de Hélio e de Perse (filha de Oceano). Vivia num palácio na ilha de Ea, rodeada de animais selvagens, outrora viajantes imprudentes, por si, num toque de mágica, transformados. Célebre feiticeira que foi seduzida por Ulisses na *Odisseia*.

Busquei num ermo Algânia feiticeira,¹⁰⁷
 Que de abrasado feixe a par jazia;
 Fui ver se atro conjuro me extorquia
 Do laço antigo esta alma prisioneira.

Expus-lhe minha fé, minha cegueira,
 Tracei meus males, e a rugosa estria¹⁰⁸
 Cedendo às ternas mágoas que me ouvia,
 Cuspiu três vezes na voraz fogueira.

Trémulas preces murmurou, e eu mudo;
 Eis que as melenas, em sinal de espanto,
 Eriça com semblante carrancudo.

«Meu rito é vão (me diz) e é vão teu pranto:
 O poderoso Amor zomba de tudo,
 Não vence encanto algum de Amor o encanto.»

¹⁰⁷ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 103.

¹⁰⁸ Nota de Bocage: «Pode entender-se por Feiticeira, conforme Sá de Miranda, égloga 4, verso 26.»

Importuna Razão, não me persigas;¹⁰⁹
 Cesse a ríspida voz que em vão murmura,
 Se a lei de Amor, se a força da Ternura
 Nem domas, nem contrastas, nem mitigas;

Se acusas os Mortais, e os não obrigas,
 Se, conhecendo o mal, não dás a cura,
 Deixa-me apreciar minha loucura,
 Importuna Razão, não me persigas.

É teu fim, teu projeto encher de pejo
 Esta alma, frágil vítima daquela
 Que, injusta e vária, noutros laços vejo.

Queres que fuja de Marília bela,
 Que a maldiga, a desdenhe, e o meu desejo
 É carpir, delirar, morrer por ela.

¹⁰⁹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 104.

Ó trevas que enlatais a Natureza,¹¹⁰
 Longos ciprestes desta selva anosa,
 Mochos de voz sinistra e lamentosa,
 Que dissolveis dos Fados a incerteza;

Manes¹¹¹, surgidos da morada acesa,
 Onde de horror sem fim Plutão¹¹² se goza,
 Não aterrais esta alma dolorosa,
 Que é mais triste que vós minha tristeza.

Perdi o galardão da fé mais pura,
 Esperanças frustei do amor mais terno,
 A posse de celeste formosura.

Volvei, pois, sombras vãs, ao fogo eterno,
 E, lamentando a minha desventura,
 Movereis à piedade o mesmo Inferno.

¹¹⁰ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 105.

¹¹¹ Deuses dos Infernos, os denominados deuses «de baixo», por oposição aos «superiores», divindades celestiais.

¹¹² Deus dos Infernos.

No carro de marfim sentada a Lua,¹¹³
 Da antiga mãe das sombras triunfava,
 Quando a furtivos gostos me guiava
 Amor, a quem me entrega a Sorte crua.

«Hoje (me disse o nume) há de ser tua
 A ninfa mais gentil que o Tejo lava;
 Não deram tanta glória à minha aljava
 Nem Vénus a carpir, nem Tétis¹¹⁴ nua.

«Ali dorme o teu bem, vê que momento!...»
 Olho, corro, anelante, aos pés lhe caio,
 Mas, tentando abraçá-la, abraço o vento.

Meu peito arqueja em súbito desmaio,
 Eis que soa esta voz de hórrido acento:
 «Profano! Expia o crime, e teme o raio.»

¹¹³ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, apenas nas edições de 1794 e 1800, p. 106.

¹¹⁴ O paradigma da mãe grega, aquela que incentiva o seu filho a afirmar-se. Na *Iliada*, aparece ao lado de Aquiles.

Inda em meu frágil coração fumega ¹¹⁵
 A cinza desse fogo em que ele ardia;
 A memória da tua aleivosia
 Meu sossego inda aqui desassossega.

A vil traição, que as almas nos despega,
 Não tem cabal poder na simpatia;
 Gasta o mar importuno a rocha fria
 Melhor que o desengano a paixão cega.

Bem como o flavo Sol, que a Terra abraça,
 Por mais que o veja densamente oposto,
 Atraído vapor fere e repassa,

Tal, para misturar gosto e desgosto,
 Na sombra de teus crimes brilha a graça
 Com que o pródigo Céu criou teu rosto.

¹¹⁵ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 107.

Já o inverno, espremendo as cãs nevosas,¹¹⁶
 Geme, de horrendas nuvens carregado,
 Luz o aéreo fuzil, e o mar inchado
 Investe ao Polo em serras escumosas.

Oh benignas manhãs! Tardes saudosas,
 Em que folga o pastor, medrando o gado,
 Em que brincam no ervoso e fértil prado
 Ninfas e Amores, Zéfiros e Rosas!

Voltaí, retrocedei, formosos dias,
 Ou antes vem, vem tu, doce beleza,
 Que noutros campos mil prazeres crias;

E ao ver-te sentirá minha alma acesa
 Os perfumes, o encanto, as alegrias
 Da estação que remoça a Natureza.

¹¹⁶ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 108.

Mimosa, linda Anarda, atende, atende¹¹⁷
 Às doces mágoas do rendido Elmano;
 Co'um meigo riso, co'um suave engano
 Consola o triste amor, que não te ofende.

De teus cabelos ondeados pende
 Meu coração, fiel para seu dano,
 Co' a luz dos olhos teus Cupido¹¹⁸ ufano
 Sustenta o puro fogo em que me acende.

Causa gentil das lágrimas que choro,
 A tudo te antepõe minha ternura,
 E quanto adoro o Céu, teu rosto adoro.

O golpe que me deste, amima e cura...
 Mas ai! Que em vão suspiro, em vão te imploro:
 Não pertence a piedade à formosura.

¹¹⁷ Na edição de 1794, p. 115, o primeiro verso difere: «Mimosa, linda Isbela, atende, atende». O verso 10 também foi alterado: «antepõe» em vez de «antepõem». Este soneto foi republicado na edição de 1800, p. 109, lição que perfilhámos.

¹¹⁸ Cada um dos génios alados que acompanham Amor e Vénus. Filho desta divindade, é o correspondente latino de Eros.

Meus olhos, atentai no meu jazigo,¹¹⁹
Que o momento da Morte está chegando,
Lá soa o corvo, intérprete do Fado:
Bem o entendo, bem sei, fala comigo.

Triunfa, Amor, gloria-te, inimigo,
E tu, que vês com dor meu duro estado,
Volve à terra o cadáver macerado,
O despojo mortal do triste amigo.

Na campa que o cobrir, piedoso Albano,
Ministra aos corações que Amor flagela
Terror, piedade, aviso e desengano.

Abre em meu nome este epitáfio nela:
«Eu fui, ternos mortais, o terno Elmano;
Morri de ingratidões, matou-me Isbela.»

¹¹⁹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 110.

Já no calado monumento escuro¹²⁰
 Em cinzas se desfaz teu corpo brando;
 E pude eu ver, oh Nise, o doce, o puro
 Lume dos olhos teus ir-se apagando!

Hórridas brenhas, solidões procuro,
 Grutas sem luz frenético demando,
 Onde maldigo o Fado acerbo e duro,
 Teu riso, teus afagos suspirando.

Darei da minha dor contínua prova,
 Em sombras cevarei minha saudade,
 Insaciável sempre, e sempre nova;

Té que torne a gozar da claridade,
 Da luz que me inflamou, que se renova
 No seio da brilhante Eternidade.

¹²⁰ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 111.

Oleno, meia-noite está caindo:¹²¹
 Acende a vela azul, queima as verbenas,
 Torra os ossos de rã, chamosca as penas
 Da esquerda gralha que apanhei dormindo.

Còo pé, còa vara o ar e o chão ferindo
 Enquanto o filtro portentoso ordenas,
 Eu irei, e a meu brado, ouvido apenas,
 Virão do Inferno as Górgonas¹²² surgindo.

Eia, avante o prestígio, não cessemos
 Da irresistível, mágica porfia
 Contra quem vê sem dó nossos extremos;

Que, se hoje o fel tragamos da agonia,
 Amanhã doce néctar libaremos,
 Tu nos braços de Nise, eu nos de Armia.

¹²¹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 112.

¹²² Monstros que habitavam perto do país das Hespérides, junto ao monte Atlas; em número de três, Esteno, Euríale e Medusa, eram descendentes de Fórcis e de Ceto.

Vai-te, fera cruel, vai-te, inimiga,¹²³
 Horror do mundo, escândalo da gente,
 Que um férreo peito, uma alma que não sente,
 Não merece a paixão que me afadiga.

O Céu te falte, a Terra te persiga,
 Negras fúrias o Inferno te apresente,
 E da baça tristeza o voraz dente
 Morda o vil coração que Amor não liga.

Disfarçados, mortíferos venenos,
 Entre licor suave em áurea taça,
 Mão vingativa te prepare ao menos;

E seja, seja tal tua desgraça
 Que ainda, por mais leves, mais pequenos,
 Os meus tormentos invejar te faça.

¹²³ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 114. Apresenta a seguinte nota de Bocage: «Feito de repente.»

GLOSANDO O MOTE «O LIVRO ANOSO DO FATAL DESTINO»

Do velho Ertílio, mágico afamado,¹²⁴
 Meus passos dirigi ao antro escuro;
 Bradei-lhe: «Ó semideus, que em teu conjuro
 Tens dom que força o Báratro inflamado!

«Se hei de ser com Tirsália desgraçado
 Me dize, pois que, lendo no éter puro,
 Alças o véu do túrbido futuro,
 Sopras a névoa que rodeia o Fado.»

Eis nisto o mago vezes três meneia
 A venerável fronte e em tom divino
 Desta arte as esperanças me cerceia:

«Pesquisar o vindouro é desatino;
 Rogas-me em vão: só Júpiter folheia
 O livro anoso do fatal Destino.»

¹²⁴ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 116.

Não temas, ó Ritália, que o choroso,¹²⁵
 O desvelado Elmano a fé quebrante,
 Não desconfies do singelo amante,
 Que tu podes, tu só fazer ditoso.

Serena o coração terno e cioso,
 Que inda minha alma te há de ser constante
 Se, primeiro que a tua, andar errante
 Pelas margens do Letes¹²⁶ preguiçoso.

Naquela, ao Sol inacessível parte,
 Dos Manes taciturnos entre o bando,
 Ao negro esquecimento hei de furta-te;

E o pensamento alígero, voando
 Por abafados ares, visitar-te
 Dali virá, meu bem, de quando em quando.

¹²⁵ Publicado no primeiro tomo das Rimas, nas edições de 1794 e 1800, p. 118.

¹²⁶ Rio fabuloso do esquecimento, situado nos Infernos. As almas penadas eram forçadas a beber as suas águas, olvidando, deste modo, o passado terreno.

Ó deusa¹²⁷ que proteges dos amantes¹²⁸
 O destro furto, o crime deleitoso,
 Abafa com teu manto pavoroso
 Os importunos astros vigilantes.

Quando adoçar meus lábios anelantes
 No seio de Ritália melindroso,
 Estorva que os maus olhos do invejoso
 Turbem de Amor os sófregos instantes.

Tétis¹²⁹ formosa, tal encanto inspire
 Ao namorado Sol teu níveo rosto,
 Que nunca de teus braços se retire;

Tarde ao menos o carro à Noite oposto¹³⁰,
 Até que eu desfaleça, até que expire
 Nas ternas ânsias, no inefável gosto.

¹²⁷ A Noite, deusa das trevas, filha do Céu e da Terra. Desposou Êrebo, filho dos Infernos, sendo representada com vestidos negros, pontuados por estrelas.

¹²⁸ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 120.

¹²⁹ Filha de Nereu e de Dóris, de extrema formosura, foi cobiçada por Júpiter.

¹³⁰ O carro que transporta Aurora, filha de Titã e da Terra.

Aquela que na esfera luminosa,¹³¹
 Precedendo a manhã, qual astro brilha,
 Mãe dos Amores¹³², das espumas filha,
 Que o mar na concha azul passeia airosa,

Apenas viu sorrir Nise formosa,
 A quem dos corações o deus se humilha,
 Do cinto desatando a áurea presilha,
 No regaço lho pôs, leda e mimosa.

«Não te é (lhe diz), bem sei, não te é preciso:
 Para atrair vontades à ternura
 Basta-te um gesto, basta-te um sorriso;

«Mas deves possuí-lo, ó ninfa pura,
 Como troféu que dê ao mundo aviso
 De que Vénus te cede em formosura.»

¹³¹ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 121.

¹³² Vénus.

Sonhei que, a mim correndo, o gnídeo nume^{133 134}
 Vinha co'a Morte, co'o Ciúme ao lado,
 E me bradava: «Escolhe, desgraçado:
 Queres a Morte, ou queres o Ciúme?»

«Não é pior daquela foice o gume
 Que a ponta dos farpões que tens provado;
 Mas o monstro voraz, por mim criado,
 Quanto horror há no Inferno em si resume.»

Disse, e eu dando um suspiro: «Ah! Não me espantes
 Co'a vista dessa Fúria, Amor! Clemência:
 Antes mil mortes, mil infernos antes.»

Nisto acordei com dor, com impaciência,
 E, não vos encontrando, olhos brilhantes,
 Vi que era a minha morte a vossa ausência.

¹³³ Vénus, que tinha um templo famoso em Gnido, no promontório da Cária.

¹³⁴ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 122.

Oh Céus! Que sinto n'alma! Que tormento!¹³⁵
 Que repentino frenesi me anseia!
 Que veneno, a ferver de veia em veia,
 Me gasta a vida, me desfaz o alento!

Tal era, doce amada, o meu lamento,
 Eis que esse deus, que em prantos se recreia,
 Me diz: «A que se expõe quem não receia
 Contemplar Urselina um só momento!

«Insano! Eu bem te vi dentre a luz pura
 De seus olhos travessos, c'um tiro
 Puni tua sacrílega loucura.

«De morte, por piedade, hoje te firo;
 Vai pois, vai merecer na sepultura
 À tua linda ingrata algum suspiro.»

¹³⁵ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 124.

Da minha ingrata Flérída gentil¹³⁶
 Os verdes olhos esmeraldas são,
 É de cândida prata a lisa mão,
 Onde eu de um beijo passaria a mil;

A trança, cor do Sol, rede subtil,
 Em que se foi prender meu coração,
 É d'ouro, o pai da tímida ambição,
 Prole fatal do cáldido Brasil;

Seu peito delicado e tentador
 É porção de alabastro, a quem jamais
 Penetraram farpões do deus traidor;

Mas como há de a tirana ouvir meus ais,
 Como há de esta cruel sentir amor,
 Se é composta de pedras e metais!

¹³⁶ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 125. Apresenta uma nota de Bocage: «Improvisado.»

Tragado o peito de cruéis pesares,¹³⁷
 Em doloroso e rábido transporte,
 Contra Amor, de quem pende a minha Sorte,
 Voavam meus queixumes a milhares.

Eis que desde os azuis, serenos ares
 Me grita o Deus: «Tua alma se conforte,
 Que nem sempre o Furor, o Estrago, a Morte
 Ministros hão de ser dos meus altares.

«Aquele paz, aquele gosto, aquela
 Ventura, que até 'gora te hei negado,
 Guardei nos olhos de Ritália bela.»

Disse, e limpando o rosto amargurado,
 Corro da ninfa aos pés, encontro nela
 Quanto Amor pode dar, e o Céu, e o Fado.

¹³⁷ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 128.

Despreza as asas, tímida Esperança,¹³⁸
 Minha consolação, não desanimes;
 Adeja, voa: os cultos não são crimes,
 Nem Jove a quem o adora os raios lança.

Com ais de um coração que não descansa,
 Terno, benigno dó, vai ver se imprimes
 Na formosa Urselina, ou se reprimes
 Ténue porção de ríspida esquivança.

Chorosas preces, trémulo respeito
 Exercita com ela; e tu, mimoso,
 Cândido Amor, que escravo me tens feito,

Para adoçar-lhe o génio desdenhoso,
 Deixa-lhe os olhos, salta-lhe no peito:
 Não perdes nada, e fazes-me ditoso.

¹³⁸ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 129.

Já com ténue clarão, já quase escura¹³⁹
 A noturna Diana¹⁴⁰ o céu volteia,
 E sobre o Tejo azul, que mal prateia,
 Vai duplicando a trémula figura.

Aura subtil nas árvores murmura,
 No lago adormecido a rã vozeia,
 Mocho importuno agoiros mil semeia
 Dentre as umbrosas moitas da espessura.

Letárgico vapor Morfeu¹⁴¹ derrama,
 Com que insinua um doce desalento
 No livre coração de quem não ama.

Triste de mim! se repousar intento,
 Os olhos me abre Amor, Amor me inflama,
 E Anália me persegue o pensamento.

¹³⁹ Soneto apenas publicado em 1800, na terceira edição do tomo I das *Rimas*, p. 131.

¹⁴⁰ Deusa latina da natureza, dos bosques e das montanhas. Divindade também associada à caça, filha de Júpiter e de Latona. Tem a sua correspondente grega em Ártemis. Neste contexto designa a Lua.

¹⁴¹ Um dos filhos do Sono (Hipno). Apresentava grandes asas, que movia celeremente. Adormecia aqueles que tocava com uma planta.

Nise, das Graças e de Amor tesouro,¹⁴²
Voto implorado me firmava um dia,
Na face meiga a cândida alegria,
Aos ventos derramada a trança de ouro.

Eis que junto de nós ave de agouro
Três vezes esvoaça, pausa e pia,
Os ares prenhe sombra enluta, esfria,
E o raio estragador cai sobre um louro.

No repentino horror que a cena altera,
Queria talvez dizer-me o Fado
Que não tinha o meu bem alma sincera!

Ai! Só quis persuadir um desgraçado
Que de o felicitar capaz não era,
Nem a glória de ser por Nise amado.

¹⁴² Apenas publicado na edição de 1800, do tomo I das *Rimas*, p. 136.

Vós, que de meus extremos sois a história,¹⁴³
 Versos, por negro zoilo¹⁴⁴ em vão roubados,
 Nascidos da Ternura e restaurados
 Coò pronto auxílio de fiel memória,

Da Inveja conseguindo alta vitória,
 Ide, meus Versos, em Amor fiados,
 Que dele só dependem vossos Fados,
 Que nele só demandando a minha glória.

Não vos importe o público juízo,
 Da voz que pelo mundo se derrama
 Os vivos caprichosos não preciso.

Voai aos olhos cuja luz me inflama;
 Tereis de Anarda aprovador sorriso:
 Um sorriso de Anarda é mais que a Fama.

¹⁴³ Soneto de abertura do segundo tomo das *Rimas*, publicado em 1799. No respetivo prólogo, Bocage evoca este episódio: «A maior parte das poesias que publico foi recobrada com a memória em casa do meu officioso Amigo José Salinas de Benevides, uma das pessoas mais beneméritas e qualificadas de Santarém, onde me avisaram de que, afectada a minha letra por algum de muitos malévolos que, à maneira de lobos, matam às vezes o que não hão-de comer, ou, deixando figuras, por algum dos que prejudicam sem utilizar-se, fora em meu nome extraída ao depositário dos meus bens poéticos a caixa em que jaziam, com os trastes proporcionados à minha profissão, e um tanto piores que os versos. Temendo a perda do que, para mim ao menos, era precioso, examinei o livro interior, que me não podem roubar, e, com efeito, copiei dele tudo o que dou à luz não relativo a um desastre tão impensado como penoso, que me sobreveio depois, e ocasionou as produções em que o choro.» Referia-se o escritor ao seu encarceramento, ocorrido no ano anterior.

¹⁴⁴ Inimigo, crítico invejoso.

Das faixas infantis despido apenas,¹⁴⁵
 Sentia o sacro fogo arder na mente:
 Meu tenro coração inda inocente
 Iam ganhando as plácidas Camenas¹⁴⁶.

Faces gentis, angélicas, serenas,
 De olhos suaves o volver fulgente
 Da ideia me extraíam de repente
 Mil simples, maviosas cantilenas.

O Tempo me soprou fervor divino,
 E as Musas me fizeram desgraçado,
 Desgraçado me fez o Deus-Menino.

A Amor quis esquivar-me, e ao dom sagrado,
 Mas vendo no meu génio o meu Destino,
 Que havia de fazer? Cedi ao fado.

¹⁴⁵ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 2.

¹⁴⁶ Ninfas das fontes na mitologia romana, equivaliam às Musas. Previam o futuro e presidiam aos nascimentos. O seu canto era caracterizado pela doçura.

Enquanto muda jaz, e jaz vencida¹⁴⁷
 Do sono que a restaura, a Natureza,
 Aumento de meus males a graveza
 Eu, desgraçado, que aborreço a vida.

Velando está minha alma, escurecida,
 Envolta nos horrores da tristeza,
 Qual tocha que entre túmulos acesa
 Espalha feia luz amortecida;

Velando está minha alma, estão com ela
 Velando Amor, velando a Desventura,
 Algozes com que a Sorte me flagela;

Preside ao ato acerbo a formosura,
 Marília desleal, Marília, aquela
 Que tão branda me foi, que me é tão dura.

¹⁴⁷ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 4.

Incense da Fortuna¹⁴⁸ os vãos altares
 Destra venal de astuto lisonjeiro;
 Raios vibrando intrépido guerreiro,
 De nuvens d'atro fumo assombre os ares;

Domando a fúria de assanhados mares
 Sagaz comerciante interesseiro,
 Pejado o bojo do baixel veleiro,
 Opulento saúde os pátrios Lares¹⁴⁹;

A deusa que por bocas cem respira¹⁵⁰
 Aclame o Sábio que medita e vela,
 Fértil em produções que o mundo admira.

Minha alma só se apraz, só se desvela
 Na glória de cantar ao som da lira
 Os olhos de Felisa, as graças dela.¹⁵¹

¹⁴⁸ Deusa representada com o corno da abundância, por vezes sentada, outras de pé, quase sempre cega.

¹⁴⁹ Deuses protetores da família, entre os romanos.

¹⁵⁰ A Fama, mensageira de Júpiter.

¹⁵¹ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 5.

Minha alma se reparte em pensamentos¹⁵²
 Todos escuros, todos pavorosos;
 Pondero quão terríveis, quão penosos
 São, existência minha, os teus momentos.

Dos males que sofri cruéis, violentos,
 A Amor e aos Fados contra mim teimosos,
 Outros inda mais tristes, mais custosos
 Deduzo com fatais pressentimentos.

Rasgo o véu do futuro, e lá diviso
 Novos danos urdindo Amor e os Fados,
 Para roubar-me a vida após do siso.

Ah! Vem, Marília, vem com teus agrados,
 Com teu sereno olhar, teu brando riso,
 Furtar-me a fantasia a mil cuidados.

¹⁵² Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 6.

Por indústria de uns olhos mais brilhantes¹⁵³
 Que o refulgente Sol dos céus no cume,
 Jaz preso entre os grilhões do idálio¹⁵⁴ nume
 O mais terno e sensível dos amantes.

Uma ingrata, exemplar das inconstantes
 Por génio, por sistema ou por costume,
 Todo o fel da tristeza e do ciúme
 Lhe verte sobre os míseros instantes.

Se com piedoso afago lhe suaviza,
 Lhe engana alguma vez a dor que o mata,
 Mil vezes em desdéns o tiraniza.

O laço aperta, e súbito o desata...
 Ah, doce¹⁵⁵ encanto meu, gentil Felisa,
 O desgraçado eu sou, tu és a ingrata.

¹⁵³ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 7.

¹⁵⁴ Vénus, que tinha um templo no monte Idálio, situado em Chipre.

¹⁵⁵ *Sic.*

Em sonhos na escaldada fantasia¹⁵⁶
 Vi que torvo dragão de olhos fogosos
 Com afiados dentes sanguinosos
 As tépidas entranhas me rompia.

Alva ninfa louçã, que parecia
 A mãe dos Amorinhos melindrosos,
 Raivosa contra mim, coòs pés mimosos
 Mais o drago faminto embravecia.

De mármore a meu pranto, a meu queixume,
 Deste mal, deste horror sem dó, sem pena,
 Via dos olhos meus sumir-se o lume.

Ah! Não foi ilusão tão triste cena:
 O monstro devorante era o Ciúme,
 A cruel que o pungia era Filena.

¹⁵⁶ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 8.

Doce nume de Amor, se à bela Armia¹⁵⁷
 Consagrei por teu mando a liberdade,
 Doce nume de Amor, se tens piedade
 Do coração que Elmano em ais te envia,

Entre o calado horror da noite fria,
 A minha Amada, a minha divindade
 (Com seus olhos doirando a escuridade)
 Pinta-me em ledó sonho à fantasia.

Assome tão risonha e tão brilhante
 Como a rósea manhã no céu jucundo,
 E as lágrimas enxugue ao triste amante.

Contarei ao meu bem meu mal profundo,
 E que vivo sem ela absorto, errante,
 Perdido, amargurado e só no mundo.

¹⁵⁷ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 9.

Distrai, meu coração, tua amargura,¹⁵⁸
 Os males que te assanha a fantasia.
 Provém da formosura essa agonia?
 Seja o seu lenitivo a formosura.

Por mil objetos adoçar procura
 O ardor que lavra em ti de dia em dia...
 Mas oh fatal poder da simpatia!
 Oh moléstia de amor, que não tem cura!

Astúcia exercitar que te resista,
 Minha Anália, meu bem, de balde intento,
 Está segura em mim tua conquista.

Como hei de minorar-te o vencimento,
 Coartar o império teu, se as mais à vista
 Valem menos que tu no pensamento?

¹⁵⁸ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 10.

O Céu não te dotou de formosura,¹⁵⁹
 De atrativo exterior, e a Natureza
 Teu peito inficionou co'a vil torpeza
 De ingrata condição, falaz e impura.

Influiu-me os extremos da ternura,
 A constância, o fervor e a singeleza,
 Esses dons mais gentis que a gentileza,
 Dons que o tempo fugaz não desfigura.

Apesar da traição, do fingimento
 Que te infama e desluz, se enleva e pára
 Em ti, alma infiel, meu pensamento.

Nas paixões a Razão nos desampara:
 Se a Razão presidisse ao sentimento,
 Tu morreras por mim, eu não te amara.

¹⁵⁹ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 11.

Às margens do Regaça¹⁶⁰ cristalino
 Nos olhos de Tirseia ardi contente,
 Brandos olhos gentis, dos quais pendente
 Estava o meu prazer e o meu destino.

O tenro deus, o cândido menino¹⁶¹
 Pagava meu fervor puro, inocente,
 Mas cedo me impeliu Sorte inclemente
 Para vós, tristes margens, que abomino.

Aqui, desde que aponta a luz febeia¹⁶²,
 De lugar em lugar deliro e corro,
 Com suspeitas nutrindo a turva ideia.

Não posso contra Amor achar socorro;
 Perdi todo o meu bem, perdi Tirseia:
 Ela vive sem mim, sem ela eu morro.¹⁶³

¹⁶⁰ Nota de Bocage: «Rio de Óbidos.»

¹⁶¹ Cupido.

¹⁶² Relativo ao Sol.

¹⁶³ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 12.

Sobre estas duras, cavernosas fragas,¹⁶⁴
Que o marinho furor vai carcomendo,
Me estão negras paixões n'alma fervendo
Como fervem no pego as crespas vagas.

Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vás nele (ai de mim!) palpando e vendo
De agudas ânsias venenosas chagas.

Cego a meus males, surdo a teu reclamo,
Mil objetos de horror co'a ideia eu corro,
Solto gemidos, lágrimas derramo.

Razão, de que me serve o teu socorro?
Mandas-me não amar: eu ardo, eu amo;
Dizes-me que sossegue: eu peno, eu morro.

¹⁶⁴ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 12.

Debalde contra Amor seu fel derrama¹⁶⁵
 Génio feroz, à Natureza oposto,
 Crua esfinge infernal, de humano rosto,
 Ou Fúria acesa na tartárea flama.

Esse, a que astuto engano um vício chama,
 Benigno sentimento em nós disposto,
 Brota o desejo, precursor do gosto,
 Cria o preciso ardor que a tudo inflama;

Doira a negra existência ao desgraçado,
 Do peito arranca as serpes da tristeza,
 A que inda o mais feliz não foi vedado.

Ventura, ao doce Amor tu andas presa:
 É de todo o vivente instinto e fado,
 É teu quinto elemento, ó Natureza.¹⁶⁶

¹⁶⁵ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 14.

¹⁶⁶ Nota de Bocage: «Como é no mundo Amor quinto Elemento, que tem dos gostos uma e outra chave. Pereira de Castro, *Ulisseia*.»

Tu, que na foice de sanguíneo gume¹⁶⁷
 Tens fera, estragadora onnipotência,
 Como sofres de Amor a resistência,
 Ó Tempo devorante, ó ímpio nume¹⁶⁸?

E tu, que apagas da ternura o lume,
 Que tornas o desvelo em sonolência,
 Filha do Letes, esquecida Ausência,
 Onde está teu poder e o teu costume?

Nos outros co'o prazer morre a firmeza,
 Arrefece a paixão de dia em dia
 Longe dos olhos por que fora acesa;

Mas em mim terno ardor jamais esfria:
 Por glória da constância ou da beleza
 Triunfam no meu peito Amor e Armia.

¹⁶⁷ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 15.

¹⁶⁸ Saturno, na mitologia latina, Crono, na grega, que mutilou o pai com uma foice; o sangue correu para o mar e misturou-se com a espuma, dando origem ao nascimento de Vénus.

Que ideia horrenda te possui, Elmano?¹⁶⁹
 Que ardente frenesi teu peito inflama?
 A Razão te alumie, apaga a chama,
 Reprime a raiva do Ciúme insano.

Esperanças consome, ou vive ufano,
 Ah! Foge, ou cinge da vitória a rama.
 Ama-te a bela Armia, ou te não ama,
 Seus ais são da ternura, ou são do engano.

Se te ama, não consternem teus queixumes
 Os olhos de que estás enfeitado,
 Do puro céu de Amor benignos lumes;

Se outro n'álma de Armia anda gravado,
 Que fruto hás de colher dos vão ciúmes?
 Ser odioso além de desgraçado.

¹⁶⁹ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 16.

Tenta em vão temerária conjetura¹⁷⁰
 Sondar o abismo do invisível Fado,
 Que, de umbrosos mistérios enlutado,
 Some aos olhos mortais a luz futura.

Presumia (ai de mim!), vendo a ternura
 Daquela que me trouxe enfeitiçado,
 Presumia que Amor tinha guardado
 Nos braços do meu bem minha ventura.

Oh Terra! Oh Céu! Mentiram-me os brilhantes
 Olhos seus, onde achei suave abrigo:
 Quão fáceis de enganar são os Amantes!

Humanos que seguís as leis que sigo,
 Vós, corações, que ao meu sois semelhantes,
 Ah! Comigo aprendei, chorai comigo.

¹⁷⁰ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 17.

Amor, que o pensamento me salteias¹⁷¹
Co'as memórias de Anália a cada instante;
Tirano, que vaidoso e triunfante
Me apertas mais, e mais servis cadeias.

Doces as aflições com que me anseias
Se, ao ver-se de meus olhos tão distante,
Soltasse Anália um ai do peito amante,
E o fogo antigo lhe inflamasse as veias!

Mas é talvez o exemplo das perjuras,
Outro amima talvez, enquanto eu choro,
Morrendo de saudosas amarguras;

E, pelo ardente excesso com que adoro,
Ao clarão de medonhas conjeturas
Vejo o fantasma da traição que ignoro.

¹⁷¹ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 18.

Sobranceiro ao poder e às leis da Sorte,¹⁷²
Amor ouviu meus ais, cumpriu meu gosto.
Já, já sinto nos olhos, peito e rosto
A névoa, as ânsias, o suor da Morte.

À terra mão piedosa me transporte,
E depois que em sepulcro mal composto
Der ao frio cadáver frio encosto,
Estes versos por dó na pedra corte:

«Aqui se esconde Elmano; alegre estado
Algum tempo deveu a amiga estrela,
Foi de Armia amator, de Armia amado.

«Desuniu duro caso o triste e a bela;
Viver sem ela lhe ordenava o Fado:
Quis antes o infeliz morrer por ela.»

¹⁷² Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 19.

Áureo fio subtil, que teve unida¹⁷³
 A corpo imaculado uma alma pura,
 De mimoso estalou, e a sepultura
 Ficou do teu despojo enriquecida.

De mil graças lustrosa a doce vida
 Subiu ao cume da imortal Ventura;
 Dois numes — Inocência e Formosura —
 Vão dando ao mundo eterna despedida.

Lá onde a Morte e a terra te devoram,
 Na estância do silêncio e da tristeza,
 Inda, Marília, corações te adoram.

Longe da tua divinal beleza,
 Aos olhos que te viram, que te choram
 Um túmulo parece a Natureza.

¹⁷³ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 21.

Vem, suspirada, carinhosa Armia,¹⁷⁴
 Remir o escravo, consolar o amante,
 Que aflito, que saudoso, a cada instante
 Te envia um pensamento, um ai te envia.

Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,
 E flores mais gentis em teu semblante
 Que a flor de Citereia¹⁷⁵, a flor brilhante
 Que o manso abril prefere a quantas cria.

Inimiga de Amor é a tardança:
 Não tardes, não, meu bem, que me flagelas
 Em prolongar-me a sôfrega esperança.

Vem olhar neste rio as faces belas,
 Vem, por doce ilusão da semelhança,
 Ver enganar-se os Zéfiros com elas.

¹⁷⁴ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 25.

¹⁷⁵ Um dos nomes de Vénus, que, após o seu nascimento, foi levada para a ilha de Citera.

Do cárcere materno em hora escura,¹⁷⁶
 Em momento infeliz, triste, agoirado,
 Me desferrolhou terrível Fado,
 Meus dias cometendo à Desventura.

Perigosas sementes de ternura
 Havia o deus feroz em mim lançado,
 Que mil azedos frutos têm brotado,
 Regadas pelos prantos da amargura.

Escravo da despótica beleza,
 Remir-me de ímpia lei, que me domina,
 Tento, e desmaio ao começar a empresa.

Oh, poder da paixão que me alucina!
 Oh cego Amor! Oh frágil Natureza!
 N'alma busco a Razão, e encontro Alcina.

¹⁷⁶ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 26.

Igual ingratidão e igual vileza¹⁷⁷
 Poucos hão de encontrar entre as ruínas
 Que Amor prepara: pródiga de Alcinas
 Não é (graças aos Céus!) a Natureza.

Génio de fúria, monstro de torpeza,
 Que o pejo afogas, que a traição refinas,
 São as Júlias¹⁷⁸, as Lais¹⁷⁹, as Messalinas¹⁸⁰,
 A par de ti, modelos da pureza.

Não temas, infiel, que à Terra chame
 O raio que reluz na mão do Eterno,
 Para que em negras cinzas te derrame.

Rasguem-te as garras do remorso interno
 O coração corrupto, o peito infame:
 Lá tenho um vingador, lá tens o Inferno.

¹⁷⁷ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 27.

¹⁷⁸ Mulher romana (18 a. C.-28 d. C.), eventualmente a filha de Júlia e de Agripa. Famosa pela vida desregrada que levou, terá estado na origem do exílio de Ovídio.

¹⁷⁹ Nome de três cortesãs gregas de extrema beleza que viviam em Corinto. Bocage deverá referir-se à mais conhecida, filha de Timandra, amante de Alcibiades, que nasceu no ano de 420 a. C. Plutocrata por excelência, exigia uma ampla quantia aos homens que a requisitavam. A sua auréola junto dos elementos do sexo masculino motivou o seu assassinato por parte das mulheres da cidade.

¹⁸⁰ Quinta mulher de Cláudio, imperador romano que a mandou executar no ano de 48 a. C. Faz parte dos anais pela sua incontinência sexual. Catarina II da Rússia, paradigma da lubricidade, ficou conhecida por «Messalina moderna».

Há um medonho abismo onde baqueia¹⁸¹
 A impulsos das paixões a Humanidade.
 Impera ali terrível Divindade,
 Que de torvos ministros se rodeia:

Rubro facho a Discórdia ali meneia,
 Que a mil cenas de horror dá claridade,
 Com seus sócios — Traição, Mordacidade —
 Range os dentes a Inveja escura e feia;

Vê-se a Morte cruel, no punho alçando
 O ferro de sanguento, ervado gume,
 E a toda a Natureza ameaçando;

Vê-se arder, fumegar sulfúreo lume...
 Que estrondo! Que pavor! Que abismo infando!
 Mortais, não é o Inferno, é o Ciúme!

¹⁸¹ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 28. Foi traduzido para o italiano, num caderno de quatro páginas, que não apresenta indicação de tradutor, de data ou de editor.

Às águas e às areias deste rio,¹⁸²
 Às flores e aos Favónios deste prado
 Meus danos conto, minhas mágoas fio,
 Dou queixas contra Ismene, Amor e o Fado.

A paz do coração posta em desvio,
 O gosto em desenganos sufocado,
 Lágrimas com lembranças desafio,
 E pela tarda Morte às vezes brado.

Tão maviosos são meus ais mesquinhos,
 Tanto pode a paixão que em mim suspira,
 Que se esquecem das mães os cordeirinhos;

O vento não se mexe, nem respira,
 Deixam de namorar-se os passarinhos
 Para me ouvir chorar ao som da lira.

¹⁸² Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 29.

Voai, brandos meninos tentadores,¹⁸³
 Filhos de Vénus, deuses da ternura,
 Adoçai-me a saudade amarga e dura,
 Levai-me este suspiro aos meus amores.

Dizei-lhe que nasceu dos dissabores
 Que influi aos corações a formosura;
 Dizei-lhe que é penhor da fé mais pura,
 Porção do mais leal dos amadores.

Se o Fado, para mim sempre mesquinho,
 A outro of'rece o bem de que me afasta,
 E em ais lhe envia Ulina o seu carinho.

Quando um deles soltar na esfera vasta,
 Trazei-o a mim, torcendo-lhe o caminho:
 Eu sou tão infeliz que isso me basta.

¹⁸³ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 30.

Não dês, encanto meu, não dês, Armia,¹⁸⁴
 Ternas lamentações ao surdo vento;
 Se amorosa impaciência é um tormento,
 Com ledas esperanças se alivia.

A rigorosa mãe que te vigia
 Em vão nos prende o lúcido momento
 Em que solto, adejando, o Pensamento
 Sobe ao cume da glória e da alegria.

As fadigas de Amor não valem tanto
 Como a doce, a furtiva recompensa
 Que outorga, inda que tarde, aos ais e ao pranto.

Amantes estorvar que astúcia pensa?
 Tem asas o Desejo, a Noite um manto:
 Obstáculos não há que Amor não vença.

¹⁸⁴ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 32.

Fatais memórias da traidora Alcina,¹⁸⁵
 Daquela que encantou meu pensamento,
 Se vos quero sumir no esquecimento,
 Não o consente Amor, que me domina.

Que é da Razão que as almas ilumina?
 Porque não põe limite a meu tormento?
 Ah! Que mal que a definem, se exp'rimento
 Que não pode evitar-nos a ruína!

Do que estorvar não sabe ela murmura,
 Deixando-me os efeitos perigosos
 De amorosa, frenética amargura;

E inda são para mim menos penosos
 Os horrores da minha desventura
 Que a vista, que o prazer dos venturosos.

¹⁸⁵ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 33.

O céu, de opacas sombras abafado,¹⁸⁶
 Tornando mais medonha a noite feia,
 Mugindo sobre as rochas que salteia
 O mar, em crespos montes levantado;

Desfeito em furacões o vento irado,
 Pelos ares zunindo a solta areia,
 O pássaro noturno, que vozeia
 No agoireiro cipestre além pousado,

Formam quadro terrível, mas aceito,
 Mas grato aos olhos meus, grato à fereza
 Do ciúme e saudade a que ando afeito.

Quer no horror igualar-me a Natureza,
 Porém cansa-se em vão, que no meu peito
 Há mais escuridade, há mais tristeza.

¹⁸⁶ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 34.

Ó Terra, onde os seus dons, os seus favores¹⁸⁷
 Derrama de áureo cofre a Natureza,
 Que na estação do gelo e da tristeza
 Borda teus prados de verdura e flores;

Ó clima dos heróis e dos amores,
 Esmalte e perfeição da redondeza,
 Tu, que abrigas em ti tanta beleza,
 Tantos olhos gentis e encantadores;

Tu, que do grego errante e cauteloso¹⁸⁸,
 Da mão que ao nada reduziu Dardânia¹⁸⁹,
 Tens em teus campos monumento honroso;

Deles todos, ó Pátria, ó Lusitânia,
 O do Tejo é mais ledado, é mais viçoso,
 Graças ao riso da celeste Armânia.

¹⁸⁷ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 35.

¹⁸⁸ Ulisses.

¹⁸⁹ Troia, fundada por Dárdano.

Sonho ou velo! Que imagem luminosa,¹⁹⁰
 Esclarecendo o manto à noite escura,
 A meus olhos pasmados se afigura,
 Sopeia a tua dor, alma saudosa!

De mais vistoso objeto o Céu não goza,
 A clareza do Sol não é mais pura...
 Que encanto! Que esplendor! Que formosura!...
 Caiu-te um astro, abóbada lustrosa!...

Sorrisos da purpúrea madrugada,
 Vós tão gratos não sois... ah! Como inclina
 A face para mim, branda, apiedada!...

Refulgente visão, tu és de Ulina,
 Tu és cópia fiel da minha amada,
 Ou reflexo talvez da Luz divina.

¹⁹⁰ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 37.

Em verso torneado ao som da lira¹⁹¹
 Eu canto Amor, a Formosura eu canto,
 Por teus olhos gentis, que podem tanto,
 Arde meu coração, treme, suspira.

Audaz competidor, esse que aspira
 De teus carinhos ao celeste encanto,
 Grosseiro e carrancudo, infunde espanto,
 Da bruta estupidez nas sombras gira.

Ao vê-lo assim, e ao ver minha amargura
 Mal que ele a ti dirige a vista acesa,
 Todos ao meu temor chamam loucura.

Ah! Vem d'alta Razão minha tristeza:
 Não receio o rival, temo a Ventura
 Porque o pode vingar da Natureza.

¹⁹¹ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 38.

Se, vítima da ingrata e do tirano¹⁹²
Que fazem lastimosa a tua Sorte,
Ao peso de frenético transporte
Ceder teu coração, mísero Elmano;

Se àquele que o teu mal contempla ufano
Quiser seu Fado que o prazer lhe aborte;
Se nas garras também da torva Morte
Conhecer que a ventura é doce engano;

Se o seu despojo enfim se unir contigo,
Para que nem, ó triste, a paz possuas
Entre as eternas sombras do jazigo;

Zelosas despertando as cinzas tuas,
Revoltas pelo horror, pelo ódio antigo,
Hão de em negro montão fugir das suas.

¹⁹² Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 39.

Voaste, alma inocente, alma querida,¹⁹³
 Foste ver outro Sol de luz mais pura;
 Falsos bens desta vida que não dura
 Trocaste pelos bens da eterna vida.

Por Deus chamada, para Deus nascida,
 Já de vãs ilusões vives segura;
 Feliz a Fé te crê, mas a ternura
 Co'o punhal da saudade está ferida.

Desgraçado o mortal, insano, insano
 Em dar seu pranto aos Fados de quem mora
 No Palácio do Etéreo Soberano!

Perdoa, Anarda, ao triste que te adora;
 Tal é a condição do peito humano:
 Se a Razão se está rindo, Amor te chora.

¹⁹³ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 40.

Já de novo a meus olhos aparecem¹⁹⁴
A graça, o riso, as flores da alegria;
Já na minha teimosa fantasia
Cuidados que velavam adormecem.

Co'a verdade ilusões se desvanecem,
Qual foge o triste mocho à luz do dia;
Providente Razão, porém tardia,
Já sobre esta alma teus auxílios descem.

Como, cega Paixão, nos persuades!
Quando em Márcia não vi senão beleza
Julguei que dava glória às divindades;

Mas, de sacro fulgor co'a mente acesa,
Noto-lhe o coração e as falsidades:
Vejo que faz injúria à Natureza.

¹⁹⁴ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 41.

Nascemos para amar: a Humanidade¹⁹⁵
 Vai, tarde ou cedo, aos laços da Ternura;
 Tu és doce atrativo, ó Formosura,
 Que encanta, que seduz, que persuade.

Enleia-se por gosto a liberdade,
 E depois que a paixão n'álma se apura,
 Alguns então lhe chamam desventura,
 Chamam-lhe alguns então felicidade,

Qual se abisma nas lóbregas tristezas,
 Qual em suaves júbilos discorre,
 Com esperanças mil na ideia acesas.

Amor ou desfalece, ou pára, ou corre,
 E, segundo as diversas naturezas,
 Um porfia, este esquece, aquele morre.

¹⁹⁵ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 42.

A frouxidão no Amor é uma ofensa,¹⁹⁶
 Ofensa que se eleva a grau supremo:
 Paixão requer paixão, fervor e extremo
 Com extremo e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê qual és, vê que dif'rença!
 Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo,
 Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo,
 Em sombras a Razão se me condensa.

Tu só tens gratidão, só tens brandura,
 E antes que um coração pouco amoroso
 Quisera ver-te uma alma ingrata e dura.

Talvez me enfadaria aspeto iroso,
 Mas de teu peito a lânguida ternura
 Tem-me cativo, e não me faz ditoso.

¹⁹⁶ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 43.

Nos torpes laços de beleza impura¹⁹⁷
 Jazem meu coração, meu pensamento,
 E, forçada ao servil abatimento,
 Contra os sentidos a Razão murmura.

Eu, que outrora incensava a formosura
 Das que enfeita o pudor gentil e isento,
 A já corrupta ideia hoje apascento
 Nos falsos mimos de venal ternura.

Se a vejo repartir prazer e agrado
 Àquele, a este, co'a fatal certeza
 Fermenta o vil desejo envenenado.

Céus! Quem me reduziu a tal baixaza?
 Quem tão cego me pôs?... Ah! Foi meu Fado,
 Que tanto não podia a Natureza.

¹⁹⁷ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 46.

Perdi tudo (ai de mim!), perdi Marfida,¹⁹⁸
 Marfida, a glória minha, a minha amada:
 Tenra flor, a esperança malograda
 Do mimoso matiz caiu despida.

Pede meu coração mortal ferida,
 Só aos ditosos a existência agrada;
 Vida entre angústias equivale ao Nada,
 No risonho prazer consiste a vida.

Eia, amante infeliz, teu fim procura,
 Fantástico terror não te reporte:
 Nos túmulos não reina a Formosura.

Diga triste letreiro a minha Sorte;
 Dai-me piedosa sombra à sepultura,
 Teixos, ciprestes, árvores da Morte.

¹⁹⁸ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 47.

Da rama escura de letal cipreste¹⁹⁹
 Em sonhos vi c'roada a bela Armia;
 Alvas, mimosas carnes lhe envolvia
 Da negra Morte a lutuosa veste;

Vagueava o meu bem num ermo agreste,
 Onde o mocho agoireiro se carpia,
 Não tão meiga e gentil como algum dia,
 Mas inda conservava um ar celeste.

«Esta que vês (me disse em tom magoado),
 Que não creste mortal, mas divindade,
 É sombra vã, fantasma inanimado.»

Eis, ferido de amor e de saudade,
 Grito, acordo, e seguiu-se (oh duro Fado!)
 À funesta visão fatal verdade.

¹⁹⁹ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 48.

Lá onde o Fado impenetrável mora²⁰⁰
 Voa o menino Amor entre os Amores:
 Loureja a trança, que matizam flores,
 Cintila o facho, que a Razão devora.

Entra, saúda o nume, ao nume implora
 Que de Marília os olhos tentadores
 Vejam sempre, ante as graças e os louvores,
 De seus anos gentis surgir a aurora.

Fronte rugosa vezes três sacode
 O deus cujo poder tudo atropela,
 E às súplicas de Amor destarte acode:

«Escape às minhas leis Marília bela,
 Seja, seja imortal: durar não pode
 O mundo sem Amor, Amor sem ela.»

²⁰⁰ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 49.

Quantas vezes, Amor, me tens ferido!²⁰¹
Quantas vezes, Razão, me tens curado!
Quão fácil de um estado a outro estado
O mortal, sem querer, é conduzido!

Tal que em grau venerando, alto e luzido
Como que até regia a mão do Fado,
Onde o Sol, bem de todos, lhe é vedado
Depois com ferros vis se vê cingido.

Para que ao nosso orgulho as asas corte,
Que variedade inclui esta medida,
Este intervalo da existência à morte!

Travam-se gosto e dor, sossego e lida:
É lei da Natureza, é lei da Sorte
Que seja o Mal e o Bem matiz da vida.

²⁰¹ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 50.

Elmano, de teus mimos anelante,²⁰²
 Elmano em te admirar, meu bem, não erra:
 Incomparáveis dons tua alma encerra,
 Ornam mil perfeições o teu semblante;

Granjeias, sem vontade, a cada instante
 Claros triunfos na amorosa guerra:
 Tesouro que do Céu vieste à Terra,
 Não precisas dos olhos de um amante.

Oh! Se eu pudesse, Amor, oh! Se eu pudesse
 Cumprir meu gosto! Se em altar sublime
 Os incensos de Jove a Lília desse!

Folgara o coração quanto se oprime,
 E a Razão, que os excessos aborrece,
 Notando a causa, relevara o crime.

²⁰² Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 51.

De noturno, horroroso pesadelo²⁰³
 Fui na mente sombria atormentado:
 Inda palpito, da visão lembrado,
 Esfria o sangue, eriça-se o cabelo.

Vi de um lado a Desgraça impondo o selo
 Às leis que em dano meu criara o Fado,
 Meus males em tropel vi d'outro lado
 Ais dirigindo a corações de gelo.

Co'a Pátria, Mundo e Céu me vi malquisto,
 Ao longe a Glória laureada e bela
 Ouvi dizer-me: «De te honrar desisto»;

Tive a Morte ante mim torva, amarela,
 Fúrias, Manes; o horror não parou nisto:
 Vi Nise e o meu rival nos braços dela.

²⁰³ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 53.

Bem hajas, ó Morfeu: à fantasia²⁰⁴
 Que cena divinal me deste agora!
 Nise, qual sai da noite a grata Aurora,
 Surgiu-me dentre as sombras da agonia.

Mais belo inda a saudade me fingia
 O gesto encantador que os Céus namora,
 Cuido que inda me afaga e que inda chora
 Pranto que morta flor viver faria.

Graças, ó nume, de meus ais magoado,
 Alta mercê meu coração te deve
 Por este acinte que fizeste ao Fado.

Só tua divindade a tal se atreve;
 Mas ah! Que eras prazer de um desgraçado
 Sempre mostraste, ó sonho, em ser tão breve.

²⁰⁴ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 58.

Ó tu, consolador dos malfadados,²⁰⁵
 Ó tu, benigno dom da Mão divina,
 Das mágoas saborosa medicina,
 Tranquilo esquecimento dos cuidados;

Aos olhos meus, de prantear cansados,
 Cansados de velar, teu voo inclina,
 E vós, sonhos de Amor, trazei-me Alcina,
 Dai-me a doce visão de seus agrados.

Filha das trevas, frouxa sonolência,
 Dos gostos entre o fêrvido transporte,
 Quanto me foi suave a tua ausência!

Ah! Findou para mim tão leda sorte:
 Agora é só feliz minha existência
 No mudo estado que arremeda a morte.

²⁰⁵ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 69.

Quando à que me rendeu jurava ufano²⁰⁶
Gostar por ela do funéreo instante,
Dizia a doce amada ao terno amante:
«Inália morrerá, se morre Elmano.»

O Tempo, das paixões, dos bens tirano,
Tornou ferino o divinal semblante,
E nos lábios gentis voz fulminante
Vibrou, vibrou-me um raio: o desengano.

Esperanças, murchai; tu, lisonjeiro
Sonho adorável com que o ser mantive,
Desfaze-te em meu ponto derradeiro;

Mas as cinzas do amante Amor não prive
Dos ais de escravos seus; triste letreiro
Diga: «Elmano morreu, e Inália vive.»

²⁰⁶ Soneto publicado no terceiro tomo das *Rimas, Poesias...*, 1804, p. 11.

Quando Anália, o meu bem, qu'ò Céu namora,²⁰⁷
 Meigo sorriso de outro céu desprende,
 Geme, e o que é vida num gemido aprende
 Peito que amor e que a existência ignora.

Quando Anália, o meu bem, suspira ou chora,
 A doce mágoa doce fogo acende;
 Na estância divinal com Jove entende:
 Quase tenta implorá-la o ser que implora.

Sente um deus como sente a Natureza
 Aquela em cujos dons adorno o canto,
 Aquela que a meus versos dá grandeza;

Mas (se posso antepor encanto a encanto)
 Amo-lhe o riso, adoro-lhe a tristeza:
 De Vénus a chorar tal era o pranto!

²⁰⁷ Soneto publicado no terceiro tomo das *Rimas, Poesias...*, 1804, p. 13.

Se é doce no recente, ameno Estio²⁰⁸
 Ver tocar-se a manhã de etéreas flores,
 E, lambendo as areias e os verdes,
 Mole e queixoso, deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio
 Ouvirem-se os voláteis amadores,
 Seus versos modulando e seus ardores
 Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados
 Pela quadra gentil, de Amor querida,
 Qu'esperta os corações, floreira os prados,

Mais doce é ver-te, de meus ais vencida,
 Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
 Morte, Morte de amor, melhor que a vida.

²⁰⁸ Soneto publicado no terceiro tomo das *Rimas, Poesias...*, 1804, p. 16.

Ó ninfa, que das Graças melindrosas²⁰⁹
 Tens na face a lindeza, o riso, as cores,
 Na face, mimos toda e toda flores,
 Que é metade jasmims, metade é rosas!

Ninfa suave, para quem saudosas
 Dou mágoas mil aos Zéfiros e Amores,
 Tu gozas de meus ais, e dos louvores
 De estremado cantor, meu bem, tu gozas!

Em sons (pincéis febeus), em sons copia
 Teu rosto, um céu: do original o encanto
 Eis, eis n'alma em tumulto a imagem cria.

Eu vate, eu amador, não logro tanto!
 Amor fogo me dá, Febo harmonia:
 E és mais no coração do que és no canto.²¹⁰

²⁰⁹ Soneto publicado em *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage*, 1805, p. 7.

²¹⁰ Soneto dedicado a Ana Perpétua Bersane Leite, a famosa Anália, musa a quem Bocage dirigiu alguns dos poemas de amor compostos no final da sua vida. Era filha de António Bersane Leite, seu amigo.

Planta mimosa, de louções verdores,²¹¹
 De amorosos perfumes! Planta bela,
 Fade-te o nome do meu bem, daquela
 Que é céu nos olhos, néctar nos favores!

Gravado apenas, te dará mil flores,
 Depois mil frutos, que o desejo anela:
 Súbito irás medrando, e vós, com ela,
 E vós, com ela crescereis, Amores...²¹²

Encantava-me assim Morfeu risonho;
 Elísia, recendente²¹³ amenidade,
 Jardim celeste respirar suponho...²¹⁴

Eis desperto na dor, na escuridade:
 Um relâmpago foi tão lindo sonho;
 Tu só tens duração, cruel verdade!

²¹¹ Soneto publicado em *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage*, 1805, p. 25.

²¹² Nota de Bocage: «Crescent illae, crescetis, Amores. Virgílio, égloga x.» Este soneto foi dedicado a Ana Perpétua Bersane Leite, aquela que foi a sua última paixão.

²¹³ Rescendente, que exala um aroma agradável.

²¹⁴ No original: «suponho...».

À MEMÓRIA DE ULMIA

Quando meu coração de Amor vivia,²¹⁵
 Ufana a liberdade em ver-se escrava,
 E quando para mim se variava
 O céu num riso, o céu num ai de Ulmia²¹⁶,

Das escuras Irmãs²¹⁷ a mais sombria,
 E que mais com seu peso o mundo agrava,
 Na vista divinal, que me encantava,
 Roubou luz à minha alma, e luz ao dia.

Não mais, Dor, Fado meu, Dor, meu costume!
 Cedo a paz gozarei, que o peito anela,
 Nos olhos do meu bem, do Céu já lume;

Junto à ninfa imortal, na estância bela,
 Os dias perenais que vive um nume,
 Irei (nume em ser seu) viver com Ela.

²¹⁵ Soneto publicado em *A Virtude Laureada*, 1805, p. 25.

²¹⁶ Hernâni Cidade não consultou a versão original e transcreveu «Armia».

²¹⁷ As três Parcas: Cloto, Láquesis e Átropos. Eram filhas de Érebo e da Noite. A primeira empunhava a roca, a segunda fazia girar o fuso e a última cortava o fio da vida.

Quis, Marília gentil, cantar teu dia,²¹⁸
 Teu dia grato a Amor, grato à ventura,
 Pintar-te a graça, o riso, a formosura,
 Princípios de inefável simpatia.

Ao pai da claridade e da harmonia
 Roguei canções de singular brandura,
 Mas sempre mais e mais a mente escura
 Num tumulto de ideias se perdia.

Eis o deus que da aurora aviva os lumes
 Me diz: «Porque tens nome entre os humanos,
 Objetos divinais cantar presumes?

«Subjuga dentro d'alma os sons profanos,
 Muda em culto o louvor; celebrem numes,
 Mortais adorem de Marília os anos.»

²¹⁸ Soneto publicado em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. iv, 1813, p. 166. Foi dedicado «aos anos de uma senhora».

Tu és meu coração, tu és meu nune,²¹⁹
 Não vive para mim do mundo o resto;
 A morte, a vida, os Céus, meu Fado atesto,
 Meu Fado, que em teus olhos se resume.

Mas com frequente, ríspido queixume
 Os mimosos ouvidos te molesto;
 Dias de ouro e de amor, ah! toldo, empesto
 Co'as trevas mais que horríveis do ciúme.

Olho-te as graças, olho-te a beleza,
 E cuido que enfeitiças por meu dano
 Quantos entes abrange a Natureza.

Socorre, doce Márcia, o triste Elmano:
 Oh que infernal tormento o da incerteza!
 Ao menos é só morte o desengano.

²¹⁹ Soneto publicado em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. iv, 1813, p. 168. Foi dedicado a Márcia.

Pode o tosco pincel, que mal sustento,²²⁰
 Pintar, ousado, divinal beleza?
 Oh! Quanto fora temerária empresa!
 Pagara icária sorte o louco intento.

Não pinta humana pena um tal portento,
 Milagre da sublime natureza;
 Tens mais alto pintor, que não despreza
 Pintar-te... a Mão que fez o firmamento:

Tanto não posso, ó dentre as belas bela;
 E baixará dos Céus fiel socorro
 P'ra traçar-te a paixão que me flagela?

Deliro, amável Jónia; em vão discorro!
 Confunde-me a aflição que me atropela,
 Mal sei balbuciar... que por ti morro.

²²⁰ Improviso «a uma dama que lhe pedia quisesse retratá-la». Publicado postumamente, pela primeira vez, pelos irmãos Castilho na *Livraria Clássica Portuguesa*, t. XXIII, p. 52; republicado por Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias* (...), t. 1, p. 153.

GLOSANDO O MOTE «DA LEMBRANÇA RISCAR-TE AH QUEM PUDERA!»

Em frágil lenho o pélagos cruzando,²²¹
 Nos turbilhões das vagas envolvido,
 A razão se me esvai, perco o sentido,
 Na triste vida minha imaginando.

Cedo a Morfeu... A mente, flutuando,
 Põe ante mim o deus que impera em Gnido;
 Do arco aguda seta, enfurecido,
 Vai ao peito de Anália disparando;

Trémulo, insano, exausto, delirante,
 Brado ao nume feroz: «Espera! Espera!
 Não firas, poupa um coração constante.»

Nisto o deus mostra o coração da fera...
 Vi-te, pérfida!... e disse, agonizante:
Da lembrança riscar-te ah quem pudera!

²²¹ Soneto publicado postumamente, pela primeira vez, pelos irmãos Castilho, na *Livraria Clássica Portuguesa*, t. XXII, p. 127. O manuscrito deste improviso foi-lhes cedido por Teotónio Banha, familiar do poeta. Republicado por Inocêncio Francisco da Silva, *op. cit.*, t. I, p. 154.

Noite, amiga de Amor, calada, escura,²²²
 Eia, engrossa os teus véus, os teus horrores,
 Enquanto vou gozar de mil favores
 Sobre o doce teatro da ternura.

Marília, mais gentil, e até mais pura
 Que as ledas Graças²²³, que as mimosas flores,
 Velando às mudas horas dos Amores,
 Receia o casto pejo, que murmura.

Em deleitoso e tácito retiro,
 Suspensa entre o temor, entre o desejo,
 Flutua a bela a cuja posse aspiro.

Ah! Já nos braços meus a aperto e bejo!
 Já, desprendendo um lânguido suspiro,
 No seio do prazer se absorve o pejo.

²²² Poema que circulava clandestinamente, a par da «Pavorosa ilusão da Eternidade». Faz parte do *Caderno n.º 124 do Promotor da Inquisição de Coimbra*, atual *Livro n.º 416 da Inquisição de Coimbra*.

²²³ Eufrosine, Talia e Aglaia, as Graças ou Cártes, eram filhas de Zeus e de Eurínome. Divindades da beleza, são representadas nuas, com o semblante risonho e de mãos dadas.

GLOSANDO O MOTE «DAS ALMAS GRANDES A NOBREZA É ESTA»

Apertando de Nise a mão nevada,²²⁴
 A furto lhe pergunto: «De mim gosta?»
 Cala-se Nise, e manda-me resposta
 Nas asas d'estrondosa bofetada!

«Que é isso?», grita a mãe. «Senhora, é nada»
 Lhe responde com voz branda e composta;
 Ferve sussurro aqui, e à parte oposta
 Rebenta insultadora pateada;

«Calai-vos (lhes gritei), homens estultos!
 Achei Nise, guardando o lume a Vesta²²⁵,
 Quando julguei que a Amor rendia cultos.

«Sou nobre! Sou herói! Vamos à festa!
 Amar, e por Amor sofrer insultos,
Das almas grandes a nobreza é esta.»

²²⁴ Soneto divulgado, pela primeira vez, pelos irmãos Castilho, na *Livraria Clássica Portuguesa*, t. XXIII, p. 19. Seguimos a lição de Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 334.

²²⁵ Deusa que personifica o fogo sagrado.

Ânsias terríveis, íntimos tormentos,²²⁶
Negras imagens, hórridas lembranças,
Amargosas, mortais desconfianças,
Deixai-me sossegar alguns momentos.

Sofrei que logre os vãos contentamentos,
Que sonham minhas doidas esperanças:
A posse de alvo rosto e loiras tranças,
Onde presos estão meus pensamentos;

Deixai-me confiar na formosura,
Cruéis! Deixai-me crer num doce engano,
Blasonar de fantástica ventura.

Que mais mal me quereis, que maior dano
Do que vagar nas trevas da loucura,
Aborrecendo a luz do desengano?

²²⁶ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 45.

De emaranhadas cãs o rosto cheio,²²⁷
 De açacalada²²⁸ foice armado o braço,
 Gigântea estatura, espectro baço,
 Um velho em sonhos vi, medonho e feio.

«Não tenhas, ó Mortal, de mim receio:
 O Tempo sou (me disse), eu despedaço
 Os colossos, os mármoreos desfaço,
 Prostro a vaidade, a formosura afeito;

«Mas sabendo a razão de teus pesares,
 Pela primeira vez enternecido,
 A falar-te baixei dos ténues ares:

«Sofre, por ora, o jugo de Cupido,
 Que eu farei, quando menos o cuidares,
 Que te escape Natércia do sentido.»

²²⁷ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791 e 1794, p. 66. Foi retirado da edição de 1800.

²²⁸ Polida.

Honroso lauro o capitão valente²²⁹
 Ganhe embora na fêrvida peleja;
 Seu nome a Fama espalhe, e geralmente
 Com pasmo, com respeito ouvido seja;

Embora o torpe avaro, o vil demente,
 Que, para os ferrolhar, mil bens deseja,
 De ricas peças do metal fulgente
 Seus amplos cofres atulhados veja;

Embora, de lisonjas incensado,
 Tenha o Monarca às suas leis sujeito
 O Povo mais feliz, mais afamado;

Que a mim, para que viva satisfeito,
 Me basta possuir teu doce agrado,
 Ter lugar, ó Marília, no teu peito.

²²⁹ Soneto retirado da edição de 1800 do primeiro tomo das *Rimas*. Foi publicado nas edições de 1791 e 1794, pp. 9 e 5, respetivamente.

Deitado sobre a relva Amor estava²³⁰
 Dormindo ao pé de uma árvore sombria,
 E num dos troncos pendurado havia,
 Prenhe de setas, a danosa aljava.

Flora então, que de isenta blasonava,
 E do infeliz Dorindo escarnecia,
 Com soberba, sacrílega ousadia,
 Quis partir os farpões, que detestava;

Mas apenas lhes toca, a mão ferindo
 No bico de um dos ferros penetrantes,
 Grita, lavado em pranto o gesto lindo:

«Ai de mim! Firme exemplo dos amantes,
 Onde estás? Vem, não temas, vem, Dorindo,
 Que eu já não sou cruel, como era dantes.»

²³⁰ Soneto retirado da edição de 1800 do primeiro tomo das *Rimas*. Foi publicado nas edições de 1791 e 1794, pp. 10 e 6.

De cima destas penhas escabrosas,²³¹
 Que pouco a pouco as ondas têm minado,
 Da Lua co'ò reflexo prateado
 Distingo de Marília as mãos formosas.

Ah! Que lindas que são, que melindrosas!
 Sinto-me louco, sinto-me encantado:
 Ah! Quando elas vos colhem lá no prado
 Nem vós, lírios, brilhais, nem vós, ó rosas.

Deuses! Céus! Tudo o mais que tendes feito,
 À vista do belíssimo composto
 De tão mimosas mãos, não é perfeito.

Oh quem pudera uni-las ao meu rosto!
 Quem pudera apertá-las no meu peito!
 Dar-lhe mil beijos, e expirar de gosto!

²³¹ Os versos 10 e 11 da lição de 1794, p. 35, por nós transcrita, diferem, substancialmente, dos que constam daquela que foi publicada por Hernâni Cidade, o qual seguiu a edição de 1791: «Vendo tão belas mãos, me dá desgosto; / Nada, onde elas estão, nada é perfeito.» Este soneto foi retirado pelo poeta da edição de 1800, do primeiro tomo das *Rimas*.

Debalde um véu cioso, ó Nise, encobre²³²
 Intactas perfeições ao meu desejo;
 Tudo o que escondes, tudo o que não vejo,
 A mente audaz e alígera descobre.

Por mais e mais que as sentinelas dobre
 A sisuda Modéstia, o sério Pejo,
 Teus braços logro, teus encantos bejo,
 Por milagre da ideia afoita e nobre.

Inda que prémio teu rigor me negue,
 Do pensamento a indómita porfia
 Ao mais doce prazer me deixa entregue:

Que pode contra Amor a tirania,
 Se as delícias que a vista não consegue,
 Consegue a temerária Fantasia!

²³² Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791 e 1794, p. 73. Retirado da edição de 1800.

Antes eu visse matador cutelo²³³
 Por mão ferina contra mim vibrado,
 Ou percesse, o peito esmigalhado
 Pelos golpes de rívido martelo;

Antes das Fúrias o infernal flagelo
 Sentisse como Orestes²³⁴ malfadado,
 E não das sombras da aflição turbado
 O céu, Marília, de teu rosto belo.

Das faces orvalhada a neve pura,
 Rouca a voz, e na Terra a vista presa,
 Te observo, sem que morra de amargura!

Tu desta sorte, angelical beleza!
 Ai de mim! Quem terá prazer, ventura,
 Se até pode no Céu caber tristeza?

²³³ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edição de 1791, p. 53. Foi retirado pelo poeta das edições de 1794 e 1800.

²³⁴ Filho de Agamémnon e de Clitemnestra. Quando chegou à idade adulta, vingou seu pai, que fora assassinado pela mãe.

Vendo o soberbo Amor que eu resistia²³⁵
 Ao seu poder com ânimo arrogante,
 Mostrou-me um doce, angélico semblante,
 Que a própria Vénus invejar devia.

Minha néscia altivez, minha ousadia
 Em submissão troquei no mesmo instante,
 E o deus tirano, achando-se triunfante,
 Com voz insultadora me dizia:

«Tu, que escapar às minhas setas queres,
 Vil mortal, satisfaze o teu desejo,
 Vê, vê Corina, e foge, se puderes.»

«Amor (lhe respondi), rendido a vejo:
 Adoro os olhos seus, com que me feres,
 Venero as tuas leis, teus ferros bejo.»

²³⁵ Na advertência da primeira edição do primeiro tomo das *Rimas*, publicada em 1791, Bocage afirma que esta composição apresenta «defeitos». Compreende-se, deste modo, que tenha sido por ele retirada da edição de 1800. Encontra-se nas edições de 1791 e 1794, pp. 7 e 3.

Nesta do feio opróbrio estância feia,²³⁶
 Que abafas, mãe das trevas, com teu manto,
 Muda tristeza, carrancudo espanto
 O amotinado espírito me anseia.

Das sombras abrigada, a frágil teia
 Urde Aracne²³⁷ sagaz de canto em canto;
 Minha imaginação faz outro tanto,
 Mil tristes pensamentos forma, enleia.

Minha imaginação de algoz me serve,
 Forçando-me a que os gostos de algum dia
 Submersos deste horror no abismo observe.

De encontradas visões na fantasia
 Baralhado tropel me cai, me ferve,
 E nesta confusão reluz Armia.

²³⁶ Apenas publicado em 1800, na última edição em vida do primeiro tomo das *Rimas*, p. 133.

²³⁷ Jovem e hábil bordadora que ousou afirmar que tecia melhor do que Atena. Como castigo, foi metamorfoseada em aranha.

Tens uns louros cabelos que, ondeados,²³⁸
 Ainda te passam da cintura airosa,
 A testa branca, as faces cor-de-rosa,
 Onde alvos jasmíns estão misturados,

Uns olhos matadores, disfarçados,
 De que a mãe de Cupido anda invejosa;
 Orna-te o rosto a graça carinhosa
 Reluzindo nos beiços encarnados;

Tens da neve, a mais pura e cristalina,
 Formado o gentil seio, que o recato
 Te está cobrindo com subtil cortina;

Tens mais um não sei quê... Eu me arrebato!
 Cai-me a pena da mão, alma divina,
 Sem poder acabar o teu retrato.²³⁹

²³⁸ A palavra «enlaçados» está riscada, dando lugar a «ondeados».

²³⁹ Este poema não assinado faz parte de um processo existente no arquivo do Santo Ofício, instaurado a Constantino José Pimenta da Gama, por leitura da «Pavorosa ilusão da Eternidade» de Bocage (*in* Inquisição de Coimbra, *Caderno do Promotor*, 2.ª série, n.º 124, 1784-1802, livro n.º 416, fl. 211). Segundo Pedro de Azevedo, poderá ser da autoria do escritor, opinião que perfilhamos.

III — OS LABIRINTOS DO EU E DO OUTRO

148

Se o Destino cruel me não consente²⁴⁰
Que o ferro nu brandindo, irado e forte,
Lá nos horrendos campos de Mavorte
De louros imortais guarneça a frente;

Se proíbe que em sólio refulgente
Faça os povos felizes, de tal sorte
Que o meu nome, apesar da negra Morte,
Fique em padrões e estátuas permanente;

Se as suas ímpias leis inexoráveis
Não querem que os mortais em alto verso
Cantem de mim façanhas memoráveis,

Submisso à má Ventura, ao Fado adverso,
Ao menos por desgraças lamentáveis
Terei perpétua fama no Universo.

²⁴⁰ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 31.

Quando na rósea nuvem sobe o dia,²⁴¹
 De risos esmaltando a Natureza,
 Bem que me aclare as sombras da tristeza,
 Um tempo sensabor me principia;

Quando por entre os véus da noite fria
 A máquina celeste observo acesa,
 De angústia, de terror a imagens presa,
 Começa a devorar-me a fantasia.

Por mais ardentes preces que lhe faço,
 Meus ais não ouve o nume sonolento,
 Nem prende a minha dor com ténue laço;

No Inferno se me troca o pensamento.
 Céus! Porque hei de existir, porquê, se passo
 Dias de enjoo e noites de tormento?

²⁴¹ Apenas publicado em 1800, na última edição, em vida do poeta, do primeiro tomo das *Rimas*, p. 134.

Sonho cruel o espírito inquieto²⁴²
 Me arrebatou a incógnita morada:
 Era de bronze a temerosa entrada,
 De bronze o pavimento, o muro, o teto.

Ente disforme, de rugoso aspeto,
 D'alto assento me diz com voz pesada:
 «Té que do meu furor te abrigue o Nada,
 Fulminei contra ti este decreto:

«Os foros perderás da Humanidade,
 Teus flagelos serão teus semelhantes,
 Hão de extorquir-te a glória, a liberdade.»

Nisto acordo coòs membros titubantes²⁴³:
 Assim tremeste, ouvindo, ó férrea Idade,
 A queda horrenda que esmagou gigantes.

²⁴² Apenas publicado em 1800, na última edição, em vida do poeta, do primeiro tomo das *Rimas*, p. 137.

²⁴³ *Sic*, por razões métricas.

Minha alma quer lutar com meu tormento:²⁴⁴
 Contenda inútil! É por ele o Fado;
 Apenas de oprimir-me está cansado,
 Eterna força lhe refaz o alento.

Mais vale que delire o pensamento,
 Té 'gora co'a Razão de balde armado;
 É menos triste, menos duro estado
 A Desesperação que o Sofrimento.

A Desesperação soluça e chora,
 A Desesperação mil ais desata,
 Parte do mal nas queixas se evapora;

O Sofrimento azeda o que recata,
 Prende suspiros, lágrimas devora,
 Tiraniza, consome, e às vezes mata.

²⁴⁴ Apenas publicado em 1800, na última edição em vida do poeta do primeiro tomo das *Rimas*, p. 138.

Tirano Céu, que ideias concebeste²⁴⁵
 Quando formaste os míseros humanos?
 Se os querias sem erros, sem enganos,
 Feras paixões porque razão lhes deste?

Se gastar desde o berço lhes fizeste
 Da ímpia desgraça os sanguinosos danos,
 Como no espaço de milhares de anos
 Mudaria seu ser, se foi sempre este?

Ímpia lei, tirana atrocidade,
 Quanto fora melhor que em sombra escura
 Dormisse eternamente a Humanidade!

Razão funesta, tua luz se obscura;
 Sonhas em vão achar felicidade:
 É de humanos partilha a desventura!

²⁴⁵ O presente soneto nunca foi publicado nas obras completas de Bocage. Fazia parte, originalmente, do caderno que pertenceu a Abílio de Abreu Malheiro, tendo sido transcrito por Teófilo Braga, na obra *Bocage: Sua Vida e Época Literária*. Porto: Livraria Chardron, 1902, p. 582.

Tu, que, em torpes desejos atolado,²⁴⁶
 Vergonhosos prostíbulos frequentas;
 Tu, que os olhos famintos alimentas
 No cofre de tesouros atulhado;

Tu, que do ouro e da púrpura adornado
 Quase de igual a Júpiter ostentas,
 Bebendo as frases vis e peçonhentas
 De bando adulator, que tens ao lado;

Monstros que desonrais a Humanidade,
 Desprezando a pobreza atribulada,
 E transgredindo a lei da caridade,

O Desengano ouvi, que assim vos brada:
 «Tremei da pavorosa Eternidade,
 Tremei, filhos do pó, filhos do nada.»

²⁴⁶ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 48.

Se te adornas de sã filosofia²⁴⁷
E pio coração, porque o desmentes,
Mantendo contra as lindas inocentes,
Perante a séria mãe, tenaz porfia?

Se um caráter ingénuo desafia
Tua voz a dizer tudo o que sentes,
Considera, também, que tens presentes
A virtude, a beleza, a fidalguia.

Despindo a magistral severidade,
Confessa que de uns olhos a brandura
É carta de favor, que persuade.

Sê digno preceptor, mas com doçura:
Mil desculpas merece a tenra idade,
E mil adorações a formosura.

²⁴⁷ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 68.

Tu, de quantos dragões o Inferno encerra,²⁴⁸
 És o pior, Inveja pestilente;
 Morde a virtude, ao mérito faz guerra
 Teu detestável, teu maligno dente:

Atenas, por teu mando, iniquamente
 O defensor Temístocles²⁴⁹ desterra;
 O grão Pacheco²⁵⁰, o raio do Oriente
 Por ti, cruel, sem funerais se enterra.

Lívidas gotas de infernal peçonha
 Cuspiste sobre o néctar, que a Ventura
 Por mãos de neve me of'receu, risonha;

E, depois de tragar-me a Parca dura,
 Há de ir ainda a tua voz medonha
 Minha cinza afrontar na sepultura.

²⁴⁸ Na edição de 1794, o primeiro verso reza da seguinte forma: «De quantos monstros o Báratro encerra». Foi traduzido para o italiano por Prospero Peragallo e publicado in *Flores de Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Ocidente, 1893. Seguimos a lição de 1800, p. 90.

²⁴⁹ Célebre estadista e general ateniense (535-470 a. C.) que combateu em Maratona. Foi condenado ao ostracismo, tendo-se, segundo Plutarco, suicidado.

²⁵⁰ Duarte Pacheco Pereira distinguiu-se, no início do século XVI, em várias campanhas contra os índios que combatiam os Portugueses. Ficou conhecido como o «Aquiles Lusitano», cognome que lhe foi atribuído por Camões e por outros poetas clássicos. Devido ao seu heroísmo, foi nomeado governador do castelo de São Jorge da Mina. Acusado de corrupção, foi posto a ferros e, anos mais tarde, ilibado. Deixou manuscrita a obra *Princípio do Esmeraldo «De Situ Orbis»*, que versa a «cosmografia e marinaria».

Vós, crédulos mortais, alucinados²⁵¹
 De sonhos, de quimeras, de aparências,
 Colheis por uso erradas consequências
 Dos acontecimentos desastrados.

Se à perdição correis, precipitados
 Por cegas, por fogosas impaciências,
 Indo a cair, gritais que são violências
 De inexoráveis Céus, de negros Fados.

Se um celeste Poder, tirano e duro
 Às vezes extorquisse as liberdades,
 Que prestava, ó Razão, teu lume puro?

Não forcem corações as divindades,
 Fado amigo não há, nem Fado escuro:
 Fados são as paixões, são as vontades.

²⁵¹ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 20. Existe uma cópia deste soneto, com variantes, na Biblioteca Pública Municipal de Évora, cota CXIV d./1-34.

Tenho assaz conservado o rosto enxuto²⁵²
Contra as iras do Fado omnipotente,
Assaz, contigo, ó Sócrates, na mente,
À dor neguei das queixas o tributo.

Sinto engelhar-se da constância o fruto,
Cai no meu coração nova semente;
Já me não vale um ânimo inocente:
Gritos da Natureza! Eu vos escuto.

Jazer mudo entre as garras da Amargura,
De alma estoica aspirar à vã grandeza,
Quando orgulho não for, será loucura.

No espírito maior sempre há fraqueza,
E, abafada no horror da Desventura,
Cede a Filosofia à Natureza.

²⁵² Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 22.

NA MORTE DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE E SENHOR D. JOSÉ²⁵³

Louca, cega, iludida Humanidade,²⁵⁴
 Miserável de ti: não consideras
 Que o barro te gerou, como que esperas
 Evadir-te à geral fatalidade!

Pó que levanta o sopro da vaidade,
 Homem caduco e frágil, não ponderas
 Que teus bens, teus braços, tuas quimeras
 Nenhum valor terão na Eternidade?

Ah volta, volta os olhos mais sisudo:
 Ali na majestade aniquilada
 Te faz o Desengano aviso mudo.

Atenta de José na cinza amada.
 Que serás, se ele é já, se há de ser tudo
 Pasto da Morte, vítima do Nada!

²⁵³ D. José Francisco Xavier de Paula Domingos António Agostinho Anastácio, filho primogénito de D. Maria I e do infante D. Pedro, nasceu no dia 21 de agosto de 1761. Faleceu a 11 de setembro de 1788, com apenas 27 anos. Bocage dedicou-lhe, além deste soneto, o poema «José, sangue de heróis, príncipe amado», que apresentava a seguinte dedicatória: «Na pranteada morte do amabilíssimo Príncipe o Senhor D. José» dedicou-lhe ainda aquela que, aparentemente, foi a sua primeira composição poética, a elegia «À Lamentável Morte do Príncipe D. José», composta nos arredores de Macau. Falecido D. José, passou a ser herdeiro do trono o seu irmão, o futuro D. João VI.

²⁵⁴ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 20.

GLOSANDO O MOTE «DAS ALMAS GRANDES A NOBREZA É ESTA»

Ser prole de varões assinalados,²⁵⁵
 Que nas asas da fama e da vitória
 Ao templo foram da imortal Memória
 Pendurar mil troféus ensanguentados;

Ler seus nomes, nas páginas gravados
 De alta epopeia, de elegante história,
 Não, não vos serve de esplendor, de glória,
 Almas soberbas, corações inchados.

Ouvir com dor o miserável grito
 De inocentes, que um bárbaro molesta,
 Prezar o Sábio, consolar o aflito,

Prender teus voos, Ambição funesta,
 Ter amor à virtude, ódio ao delito:
Das almas grandes a nobreza é esta.

²⁵⁵ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 91.

GLOSANDO O MOTE «EXTRAI DA GLÓRIA ALHEIA O SEU DESDOURO»

Eis da Virtude o templo rutilante:²⁵⁶
 Sacerdote ancião, de rubra veste,
 Compassa pelo cântico celeste
 Meneado turíbulo fumante.

Do pio aroma, do vapor fragrante
 O giro salutar consome a peste
 Do vício, que de balde encara, investe
 Turba de heróis, às aras circunstante.

No sólio majestoso a deusa abrindo
 Aos alunos fiéis almo tesouro,
 Dobra o preço a seus dons em dar sorrindo;

E à porta, que volteia em quícios²⁵⁷ de ouro,
 A Inveja, prenhe de áspides, bramindo,
Extrai da glória alheia o seu desdouro.

²⁵⁶ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 130.

²⁵⁷ Dobradiças.

IV — IDEIAS POLÍTICAS

161

Nos campos o vilão sem sustos passa,²⁵⁸
Inquieto na corte o nobre mora:
O que é ser infeliz aquele ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça;

Aquele canta e ri, não se embaraça
Com essas coisas vãs, que o mundo adora;
Este (oh cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça.

Aquele dorme em paz, no chão deitado,
Este no ebúrneo leito precioso,
Nutre, exaspera velador cuidado.

Triste! Sai do palácio majestoso!
Se hás de ser cortesão, mas desgraçado,
Antes ser camponês e venturoso.

²⁵⁸ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 73. É indubitavelmente um dos poemas mais representativos de Bocage. Foi traduzido para o alemão por Maria de Fátima Mesquita-Sternal e Michael Sternal, publicado na obra *Portugiesische Gedichte*, em 1997, com o título *Der Bauer auf dem Land lebt ohne Schrecken*, e para o italiano por Prospero Peragallo in *Flores de Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Ocidente, 1893.

Liberdade, onde estás? Quem te demora?²⁵⁹
 Quem faz que o teu influxo em nós não caia?...
 Porque (triste de mim!) porque não raia
 Já na esfera de Lísia a tua aurora?

Da santa redenção é vinda a hora
 A esta parte do mundo, que desmaia.
 Oh venha! Oh venha, e trémulo descaia
 Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
 Oculta o pátrio amor, torce a vontade,
 E em fingir, por temor, empenha estudo.

Movam nossos grilhões tua piedade;
 Nosso nume tu és, e glória, e tudo,
 Mãe do génio e prazer, ó Liberdade.

²⁵⁹ O teor subversivo, à luz dos parâmetros da época, deste poema impediu o seu acesso aos prelos, em vida do poeta. Foi publicado, pela primeira vez, em 1813, por Desidério Marques de Leão, numa edição refutada por Nuno Álvares Pato Moniz, em *Verdadeiras Inéditas, Poesias de Bocage*, ts. I e II (1813 e 1814), Pedro José de Figueiredo, em *Sentença Proferida na Casinha da Almotaceria pelo Supremo Juízo da Inconfidência Literária na Sessão XI sobre o Quarto Tomo das Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage Dada à Luz para Desengano dos Patetas* (1813), e por José Agostinho de Macedo, em *Considerações Mansas sobre o Tomo IV das Obras Métricas de Manuel Bocage, Acrescentadas com a Vida do Mesmo* (1813). Seguimos a lição de Desidério Marques Leão, *Obras Poéticas (...)*, t. IV, p. 87.

CONTRA O DESPOTISMO PRATICADO EM FRANÇA A TÍTULO DE LIBERDADE²⁶⁰

Sanhudo, inexorável Despotismo,
 Monstro que em pranto, em sangue a fúria cevas,
 Que em mil quadros horríficos te enlevas,
 Obra da Iniquidade e do Ateísmo;

Assanhas o danado Fanatismo,
 Por que te escore o trono onde te enlevas;
 Por que o sol da Verdade envolva em trevas
 E sepulte a Razão num denso abismo.

Da sagrada Virtude o colo pisas,
 E aos satélites vis da prepotência
 De crimes infernais o plano gizas;

Mas, apesar da bárbara insolência,
 Reinas só no ext'rior, não tiranizas
 Do livre coração a independência.

²⁶⁰ Epígrafe da responsabilidade de Nuno Álvares Pato Moniz, o primeiro editor de Bocage que publicou este soneto, em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 221.

POR OCASIÃO DOS FAVORÁVEIS SUCESSOS OBTIDOS NA ITÁLIA PELAS TROPAS
FRANCESAS SOB O COMANDO DE BONAPARTE, EM 1797

A prole de Antenor²⁶¹ degenerada,²⁶²
O débil resto dos heróis troianos,
Em jugo vil de aspérrimos tiranos
Tinha a curva cerviz já calejada.

Era triste sinónimo do nada
A morta liberdade envolta em danos;
Mas eis que irracionais vão sendo humanos,
Graças, ó Corso²⁶³ excelso, à tua espada!

Tu, purpúreo Reitor; vós, membros graves,
Tremei na cúria da sagaz Veneza:
Trocam-se as agras leis em leis suaves,

Restaura-se a Razão, cai a grandeza,
E o feroz Despotismo entrega as chaves
Ao novo redentor da Natureza.

²⁶¹ Príncipe de Troia que tentou evitar o conflito entre gregos e troianos. Com a conquista daquele território, emigrou para Itália, aí fundando a cidade de Pádua. Era considerado pela sua ponderação e sabedoria.

²⁶² Poema póstumo, pela primeira vez publicado por Inocêncio Francisco da Silva in *Poesias de (...)*, t. I, p. 275. A epígrafe é da sua responsabilidade. Segundo aquele bibliógrafo, dificilmente este soneto poderia ser publicado, considerando o seu teor subversivo.

²⁶³ Napoleão Bonaparte, famoso general e imperador francês, nascido em Ajaccio, Córsega, em 1769, e falecido em 1821, no exílio, na ilha de Santa Helena. Aquele militar invadiu a Itália e exigiu a demissão do papa, Pio VI.

À MORTE DO GRANDE NELSON²⁶⁴

Precavendo os vaivéns da instável Sorte²⁶⁵,
 E do britano herói zelando a glória,
 Sem mancha, sem desar dá-lo à memória
 Pelas ondas fatais jurou Mavorte.

Nelson²⁶⁶! Raio do Sul! Raio do Norte!
 Crestas na lide ao Galo²⁶⁷ a ovante história:
 Do horror a par de ti surge a vitória
 E louros imortais te cinge a Morte.

Não com dor, não com ais, o trácio nume
 No toro funeral te vê lançado,
 Em teus olhos extinto o márcio lume;

«Vai (diz) folgar no Olimpo, aluno amado;
 O triunfo atéqui foi teu costume:
 Do que era teu costume eu fiz teu Fado.»

²⁶⁴ Epígrafe da responsabilidade de Pato Moniz, *Verdadeiras Inéditas, Poesias de (...)*, t. IV, p. 167. Este soneto foi publicado postumamente.

²⁶⁵ O francês.

²⁶⁶ Horace Nelson, nascido em 1758, célebre almirante inglês que derrotou as forças navais francesas.

²⁶⁷ O presente soneto e os seguintes, dedicados por Bocage a esta personalidade, foram compostos na sequência da sua morte, na Batalha de Trafalgar, a 21 de outubro de 1805.

Co'um diadema de luz no Elísio entrava²⁶⁸
 Envolto Nelson em sanguíneo manto!
 Lavrou nos Manes desusado espanto,
 E a turba dos heróis o rodeava.

Grita Alexandre²⁶⁹ (e nele os olhos crava)
 «Quem és, que entre imortais fulguras tanto?»
 «Sou (lhes diz) quem remiu de vil quebranto
 Europa curva, opressa, e quase escrava.

«Deixei de sangue o pego rubicundo;
 Troféus em meu sepulcro a Pátria arvora;
 Raio ardi sobre o Galo furibundo...»

Nisto de novo o Macedónio chora:
 O que imensa extensão venceu do mundo,
 Quem vencera um só povo inveja agora.

²⁶⁸ In *A Virtude Laureada*, a última obra publicada por Bocage, p. 24. Inocência escreve: «Por uma nota do punho de Manuel Maria, lançada no autógrafo deste soneto, que temos presente, vê-se que ele o compusera em terceiro lugar, e que se dava por mui pouco satisfeito dos antecedentes, pois diz assim: 'Creio que é melhorzinho que os dois.'»

²⁶⁹ Alexandre, *o Grande*, da Macedónia.

De peito impenetrável sempre ao susto,²⁷⁰
 Ledo entre as armas, a folgar no p'riço,
 Ó França, teu magnânimo inimigo,
 Por timbre teu não triunfou sem custo.

Ardendo em glória o coração robusto,
 Onde teve o troféu, teve o jazigo:
 Nelson venceu, venceu por uso antigo,
 Mas da vitória foi desconto injusto.

Bem que nadante a Gália em rubro lago
 (Domando a Morte quem seus brios doma),
 Crê reparar com isto imenso estrago!

Ah! donde um Nelson cai, logo outro assoma:
 Assim, de heróis privando-te Cartago,
 Heróis ferviam no teu seio, ó Roma.

²⁷⁰ Soneto publicado postumamente em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 212.

AO MESMO ASSUNTO

Sobre as ondas do tímido oceano²⁷¹
Impávido guerreiro, nauta ousado,
De valor e fortuna sempre armado
Venturoso se ostenta o herói britano.

Sem da morte temer a fúria, o dano,
Entre as águas do Nilo celebrado,
Depois d'õ estreito Sunda ter passado,
Foi terror do Francês, do Castelhana;

Quilhas vinte rendendo ousado e forte,
Seus dias acabou, mas combatendo,
No fogo márcio que preside à Morte.

Louros ganhando, a Pátria defendendo,
Cedeu da Parca horrenda ao fero corte,
Triunfando viveu, morreu vencendo.

²⁷¹ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias*, t. I, p. 262.
A epígrafe é deste escritor.

NA SUPOSIÇÃO DE QUE NELSON FOI MORTO POR UM PRISIONEIRO FRANCÊS

O instrumento brutal da ação mais crua,²⁷²
 Que em sangue o loiro a Nelson purpleia,
 «C'roa-me, ó glória! Ó glória!» (audaz vozeia,
 Desfeito a golpes mil, já sombra nua).

Primeiro a deusa atónita recua;
 Assim depois o espectro sentencia:
 «Em caráter sanguíneo o mundo leia
 Da infâmia nos anais a história tua.

«Em ti um monstro mais o Averno²⁷³ alcança,
 De heróis, ó fero algoz!» (diz co'um gemido,
 E o lémure cruento às Fúrias²⁷⁴ lança).

Cai nos Infernos, com feroz bramido:
 Eis sobre ele sacode Alecto²⁷⁵ a trança,
 E de áspides sem conto ei-lo mordido.

²⁷² Soneto publicado postumamente em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. iv, p. 209. Epígrafe da responsabilidade de Pato Moniz.

²⁷³ O Inferno.

²⁷⁴ Divindades infernais romanas, assimiladas às Erínias gregas.

²⁷⁵ Uma das Fúrias, irmã de Megera e de Tisífone, a causadora da discórdia universal.

Mãe de chefes heróis, de heróis soldados²⁷⁶
 A Gália herdou de Roma o génio, a sorte;
 Seus filhos no ígneo jogo de Mavorte
 Viram márcios leões tremer curvados.

Mas alta lei dos penetrais sagrados
 Baixou, que o fatal ímpeto reporte:
 Fervendo em raios no oceano a morte,
 Te obedece, ó Britânia, ao mando, aos Fados.

No Continente o Galo é deus da guerra;
 O Anglo audaz sobre o pélago iracundo
 Da vitória os pendões, troando, aferra...

Ah! nutram sempre assim rancor profundo.
 Um triunfa no mar, outro na terra:
 Se as mãos se derem, que será do mundo!

²⁷⁶ Soneto publicado em *A Virtude Laureada*, 1805, p. 23.

V — A SAGA DO ORIENTE

171

Eu me ausento de ti, meu pátrio Sado,²⁷⁷
Mansa corrente, deleitosa, amena,
Em cuja praia o nome de Filena
Mil vezes tenho escrito e mil beijado.

Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada e branda avena,
A cujo som descias mais serena,
Mais vagarosa para o mar salgado.

Devo, enfim, manejar por lei da Sorte,
Cajados não, mortíferos alfanges
Nos campos do colérico Mavorte;

E talvez entre impávidas falanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges.

²⁷⁷ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 64.

Ah! Que fazes, Elmano! Ah! Não te ausentes²⁷⁸
 Dos braços de Gertrúria carinhosa:
 Trocas do Tejo a margem deleitosa
 Por bárbaro país, bárbaras gentes!

Um tigre te gerou, se dó não sentes,
 Vendo tão consternada e tão saudosa
 A Tágide mais linda e mais mimosa.
 Ah! Que fazes, Elmano! Ah! Não te ausentes.

Teme os duros cachopos, treme, insano,
 Do enorme Adamastor, que sempre vela
 Entre as fúrias e os monstros do Oceano.

Olha nos lábios de Gertrúria bela
 Como suspira Amor; vê, vê, tirano,
 As Graças a chorar nos olhos dela.

²⁷⁸ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 101.

Deixar, amado bem, teu rosto lindo,²⁷⁹
 Teus afagos deixar, tua candura,
 Tanto me oprime que da Morte escura
 Sobre mim negras sombras vem caindo.

Eu parto, e vou teu nome repetindo,
 Porque dê desafogo à mágoa dura;
 Meus tristes ais, suspiros de amargura
 Aquém dos mares ficarás ouvindo.

Mas se me cercam, no cruel transporte,
 Quantas fúrias o Báratro vomita,
 Se meu mal é pior que a mesma morte,

O Fado em me aterrar em vão cogita!
 Com todo o seu poder não pode a Sorte
 Tua imagem riscar desta alma aflita.

²⁷⁹ Soneto publicado, primeiramente, pelos irmãos Castilho na *Livraria Clássica Portuguesa*, t. XXII, p. 23, e recuperado por Inocêncio (p. 152), que confirma a sua autenticidade. De acordo com este editor, foi composto «ao partir da pátria [ou seja, Setúbal] para Lisboa, no intento de ausentar-se para terras longínquas».

Praias de Sacavém que Lemnoria²⁸⁰
 Orna cõos pés nevados e mimosos,
 Gotejantes penedos cavernosos
 Que do Tejo cobris a margem fria:

De vós me desarreiga a tirania
 Dos ásperos Destinos poderosos,
 Que não querem que eu logre os amorosos
 Olhos, aonde jaz minha alegria.

Oh funesto, oh penoso apartamento!
 Objeto encantador de meus sentidos,
 A Sorte o manda assim, de ti me ausento;

Mas inda lá de longe os meus gemidos
 Guiados por Amor, cortando o vento,
 Virão, ninfa querida, a teus ouvidos.

²⁸⁰ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 76.

Olhos suaves que em suaves dias²⁸¹
 Vi nos meus tantas vezes empregados;
 Vista que sobre esta alma despedias
 Deleitosos farpões, no Céu forjados;

Santuários de Amor, luzes sombrias;
 Olhos, olhos da cor de meus cuidados,
 Que podeis inflamar as pedras frias,
 Animar os cadáveres mirrados;

Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,
 Cuja verde arrogância as nuvens toca,
 Cuja horrisona voz perturba os ares;

Troquei-vos pelo mal que me sufoca,
 Troquei-vos pelos ais, pelos pesares:
 Oh câmbio triste! Oh deplorável troca!

²⁸¹ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 13.

Enquanto os bravos, formidáveis Notos²⁸²,²⁸³
 Por entre os cabos trémulos zunindo,
 O fendente²⁸⁴ baixel²⁸⁵ vão sacudindo
 A climas, do meu clima tão remotos;

Enquanto de Nereu²⁸⁶ contínuos motos
 Na vacilante popa estou sentindo,
 Ao meu ídolo amado, ausente e lindo
 Formo nas mãos de Amor sagrados votos.

Mordaz tristeza o coração me corte,
 Sofra tudo, ó Gertrúria, por amar-te,
 Farte-se, embora, a cólera da Sorte:

Mas talvez (ai de mim!) que se não farte,
 Que ou tua variedade ou minha Morte
 Me roube as esp'ranças de lograr-te.

²⁸² Vento do sul, na antiga Roma.

²⁸³ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 25.

²⁸⁴ Que sulca as ondas.

²⁸⁵ Embarcação grande.

²⁸⁶ O apelidado «Velho do Mar», filho de Ponto e de Geia, irmão de Taumas. Casou com Dóris, filha de Oceano, de cujo consórcio nasceram as Nereides. É representado com barbas brancas, cavalgando um Tritão.

Por fofos escarcéus arremessado²⁸⁷
 Ora aos abismos, ora ao firmamento,
 Escutando o furor e o som violento
 Do ríspido Aquilão²⁸⁸, de Noto irado;

Aberto o peito, o coração rasgado
 Pelo agudo punhal do apartamento,
 Qual pombinho que foi de açor cruento
 Pelas garras mortais atravessado;

Assim, d'um cego amor já cego e louco,
 Envio, alma querida, envio aos ares
 De quando em quando um ai trémulo e rouco.

Mas tantas aflições, tantos pesares,
 Tudo é pouco, Gertrúria, tudo é pouco,
 Se inda eu vir os teus olhos singulares.

²⁸⁷ Na edição de 1791, o primeiro verso é «Pelos túmidas ondas arrojado». Difere da versão publicada por Bocage em 1794 e em 1800, p. 22.

²⁸⁸ Vento do nordeste.

Já por bárbaros climas entranhado,²⁸⁹
 Já por mares inóspitos vagante,
 Vítima triste da Fortuna errante,
 Té dos mais desprezíveis desprezado;

Da fagueira Esperança abandonado,
 Lassas as forças, pálido o semblante,
 Sinto rasgar meu peito a cada instante
 A mágoa de morrer expatriado.

Mas ah! Que bem maior, se contra a Sorte,
 Lá do sepulcro no sagrado hospício,
 Refúgio me promete a amiga Morte!

Vem, pois, ó nume aos míseros propício,
 Vem livrar-me da mão pesada e forte
 Que de rastos me leva ao precipício.

²⁸⁹ Soneto que se encontra traduzido para o italiano por Prospero Peragallo in *Flores de Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Ocidente, 1893. Foi publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 17.

Ó Deus, ó Rei do Céu, do Mar, da Terra²⁹⁰
 (Pois só me restam lágrimas, clamores),
 Suspende os Teus horríssonos furores,
 O corisco, o trovão, que a tudo aterra:

Nos subterrâneos cárceres encerra
 Os procelosos monstros berradores,
 Que, enchendo os ares de infernais vapores,
 Parece que entre si travaram guerra.

Para nós, compassivo, os olhos lança,
 Perdoa ao fraco lenho, atende ao pranto
 Dos tristes, que em Ti põem sua esperança:

Às densas trevas despedaça o manto,
 Faze, em sinal de próxima bonança,
 Brilhar no etéreo tope o Lume santo.

²⁹⁰ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 30.

Filho, Espírito e Pai, três e um somente,²⁹¹
 Que extraíste do caos, do pó, do nada
 O Sol dourado, a Lua prateada,
 O racional e irracional vivente;

Eterno, Justo, Imenso, Omnipotente,
 Que ocupas essa abóbada estrelada,
 Grão Ser, de cuja força ilimitada
 A máquina do mundo está pendente;

Tu que, se queres, furacão violento,
 Sumatra²⁹² feia, tempestade escura
 Desatas e subjugas num momento;

Criador, que remiste a criatura,
 Quebra o furor do tímido elemento,
 Que nos abre no Inferno a sepultura.

²⁹¹ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 52.

²⁹² Nota de Bocage: «Assim se chama nos mares da Índia uma espécie de tufão pouco durável.»

Qual o avaro infeliz que não descansa,²⁹³
Volvendo os olhos dum para outro lado,
Por cuidar que ao tesouro idolatrado
Cobiçosa vontade as mãos lhe lança,

Tal eu, meu doce amor, minha esperança,
De suspeitas cruéis atormentado,
Receio que a distância, o tempo, o Fado,
Te arranquem meus carinhos da lembrança;

Receio que, por minha adversidade,
Novo amante, sagaz e lisonjeiro
Macule de teus votos a lealdade.

Ah! crê, bela Gertrúria, que o primeiro
Dia em que eu chore a tua variedade
Será da minha vida o derradeiro.

²⁹³ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 23.

No etéreo prado a Lua apascentava²⁹⁴
 Das estrelas o nítido rebanho,
 Quando o mísero Almeno²⁹⁵ em clima estranho
 De negro bosque as sombras penetrava.

«Silêncio, em cujo horror, que a vista agrava,
 Qual fantasma noctívago me entranho,
 Sofre (dizia) os prantos com que banho
 De um crime a nódoa, que o chorar não lava;

«Sofre os gritos... mas ai! Que sem piedade
 Por entre folha e folha a luz procura
 Furtar-me o triste bem da escuridade!

«Onde te hei de escapar, ó Sorte dura,
 Ó cruel, insofrível claridade?
 Já sei onde, já sei: na sepultura.»

²⁹⁴ Na edição de 1791, este soneto tem início com o verso «Febo no ebúrneo carro o Céu vagava». Foi igualmente publicado nas edições do primeiro volume das *Rimas*, de 1794 e 1800, p. 46.

²⁹⁵ Uma das raras vezes em que Bocage usa este anagrama.

Meia-noite seria; eu, passeando²⁹⁶
 No meu palmar, chorava o meu Destino;
 Eis que ao som de um gemido repentino
 Olho, e vejo uma sombra no ar girando:

«Quem és, Guirá²⁹⁷?» (pergunto-lhe, arquejando)
 «Quem és, quem és, ó Lémure malino?»
 «Sou o espírito (diz) de Saladino²⁹⁸,
 De quem já leste o caso miserando.

«De Grisalda as traições inda lamento
 Da solitária noite entre os horrores,
 E os olhos, Mortal cego, abrir-te intento.

«Não soltes por Natércia mais clamores,
 Sepulta a desleal no esquecimento:
 Olha o trágico fim de meus amores.»

²⁹⁶ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 61.

²⁹⁷ Nota de Bocage: «Guirá, alma, sombra, segundo a crença dos gentios da Índia.»

²⁹⁸ Nota de Bocage: «Para inteligência disto, veja-se história de Saladino na *Lusitânia Transformada* de Fernão Álvares do Oriente.»

Do Mandovi²⁹⁹ na margem reclinado³⁰⁰
 Chorei de balde minha negra Sina,
 Qual o mísero vate de Corina³⁰¹,
 Nas Tomitanas³⁰² praias desterrado.

Mais duro fez ali meu duro Fado
 Da vil Calúnia a língua viperina,
 Até que aos mares da longínqua China
 Fui por bravos tufões arremessado;

Atassalhou-me a Serpe, que devora³⁰³
 Tantos mil, perseguiu-me o grão Gigante
 Que no terrível Promontório mora;

Por bárbaros sertões gemi, vagante;
 Falta-me inda o pior, falta-me agora
 Ver Gertrúria nos braços de outro Amante.

²⁹⁹ Nota de Bocage: «Rio de Goa.»

³⁰⁰ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 74.

³⁰¹ Personagem de *Os Amores*, de Ovídio.

³⁰² Ovídio foi condenado ao ostracismo, tendo, então, vivido em Tomis, atual Constança, cidade romena.

³⁰³ «Alude-se a uma espécie de peregrinação do autor por terras bárbaras, em que suportou os horrores da penúria», nota de Bocage. O escritor refere-se ao seu périplo pela Índia e pela China, na sequência da sua deserção de Damão, no dia 8 de abril de 1789.

Adeja, coração, vai ter aos Lares,³⁰⁴
 Ditosos Lares, que Gertrúria pisa,
 Olha se inda te guarda a fé mais lisa,
 Vê se inda tem pesar dos teus pesares.

No fulgor de seus olhos singulares,
 Crestando as asas, tua dor suaviza,
 Amor de lá te chama, te divisa,
 Interpostos em vão tão longos mares.

Dize-lhe que do tempo o leve giro
 Não faz abalo em ti, não faz mudança,
 Que ainda lhe és fiel neste retiro;

Sim, pinta-lhe imortal minha lembrança,
 Dá-lhe teus ais e pede-lhe um suspiro
 Que alente, Coração, tua esperança.

³⁰⁴ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 100.

Adamastor cruel! De teus furores³⁰⁵
 Quantas vezes me lembro, horrorizado!
 Ó monstro! Quantas vezes tens tragado
 Do soberbo Oriente os domadores!

Parece-me que, entregue a vis traidores,
 Estou vendo Sepúlveda afamado
 Co'á esposa e co'os filhinhos abraçado,
 Qual Mavorte com Vénus e os Amores;

Parece-me que vejo o triste esposo³⁰⁶,
 Perdida a tenra prole e a bela dama,
 Às garras dos leões correr furioso.

Bem te vingaste em nós do afoito Gama,
 Pelos nossos desastres és famoso:
 Maldito Adamastor! Maldita fama!

³⁰⁵ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 77.

³⁰⁶ Manuel de Sousa de Sepúlveda, nascido entre 1500 e 1505, falecido em 1552. A sua heroicidade foi patenteada nos múltiplos combates em que participou contra os inimigos dos portugueses na Índia. De regresso a Portugal, o galeão em que navegava, *S. João*, soçobrou às intempéries, tendo, não obstante, os sobreviventes atingido a costa de África. Porém, a fome, a sede, um clima adverso, as feras e os incolos conduziram-nos à morte. Jerónimo Corte-Real descreveu a tragédia que os assolou.

Camões, grande Camões, quão semelhante³⁰⁷
 Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
 Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
 Arrostar coò sacrílego Gigante³⁰⁸;

Como tu, junto ao Ganges³⁰⁹ sussurrante,
 Da penúria cruel no horror me vejo,
 Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
 Também carpindo estou, saudoso Amante;

Ludíbrico, como tu, da Sorte dura,
 Meu fim demandando ao Céu, pela certeza
 De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu tu és, mas... oh tristeza!
 Se te imito nos transe da Ventura,
 Não te imito nos dons da Natureza.

³⁰⁷ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 79. Foi traduzido para o idioma alemão por Maria de Fátima Mesquita-Sternal e Michael Sternal, e publicado em *Portugiesische Gedichte* (1997).

³⁰⁸ O gigante Adamastor.

³⁰⁹ O principal rio da Índia.

Por terra jaz o Empório do Oriente,³¹⁰
 Que do rígido Afonso o ferro, o raio
 Ao grão filho ganhou do grão Sabaio³¹¹,
 Envergonhando o deus armipotente.

Caiu Goa, terror antigamente
 Do naire³¹² vão, do pérfido malaio,
 De bárbaras nações... Ah! que desmaio
 Apaga o márcio ardor da Lusa Gente.

Oh séculos de heróis! Dias de glória!
 Varões excelso que, apesar da Morte,
 Viveis na tradição, viveis na História!

Albuquerque³¹³ terrível, Castro³¹⁴ forte,
 Meneses³¹⁵, e outros mil, vossa memória
 Vinga as injúrias que nos faz a Sorte.

³¹⁰ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 29.

³¹¹ Governador de Goa, antes do domínio português.

³¹² Guerreiro de uma casta do Malabar, na Índia.

³¹³ Afonso de Albuquerque, nascido entre 1445 e 1462 e falecido em 1515; foi o segundo governador da Índia portuguesa. Conquistou, em 1510, Goa.

³¹⁴ D. João de Castro, 4.º vice-rei da Índia (Lisboa, 1500-Goa, 1548).

³¹⁵ D. Henrique de Meneses, governador da Índia, nascido em 1496 e falecido em Cananor, no ano de 1526.

Em bando espesso, em número infinito³¹⁶
 Defende a ponte o bárbaro Malaio,
 Eis que, entre horrores, émulo do raio,
 Albuquerque imortal voa ao conflito.

Assim que assoma o claro chefe invicto,
 Terror da prole do feroz Sabaio,
 Gela os netos de Agar³¹⁷ frio desmaio,
 Os Lusos soltam da vitória o grito.

Vítimas são do português Mavorte
 Inda aqueles que mal na fuga alcança,
 Leva no ferro, transmigrada, a Morte;

Mas já sobre troféus o herói descansa,
 Havendo por seu braço ilustre e forte
 A Pátria, a Natureza, os Céus vingança.

³¹⁶ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1794 e 1800, p. 102. Foi dedicado «ao grande Afonso de Albuquerque, que tomou Malaca, em vingança da perfidia que o rei do país usara com os Portugueses».

³¹⁷ Os muçulmanos.

Blasfema Rumeção³¹⁸, jura vingança³¹⁹
 Aos Manes infernais, ao pai maldito,
 E contra Diu em pertinaz conflito
 As indústrias esgota, as forças cansa.

Munido de magnânima esperança
 O portentoso chefe, o Luso invicto,
 Dos veneráveis muros infinito
 E bárbaro tropel mil vezes lança.

Feminina caterva as armas mede:
 Encurtando às do Ródope a memória,
 Sobre hostil multidão raios despede;

E quando, finalmente, a lísia glória
 Vê o extremo fatal, e inda não cede,
 Eis Castro³²⁰, eis a virtude, eis a vitória.

³¹⁸ General turco, figura proeminente no 2.º cerco de Diu. Vendo-se perdido, fingiu-se de morto, na tentativa de iludir os Portugueses. Um dos soldados lusos, Jorge Nunes, detetou-o, cortou-lhe a cabeça e entregou-a a D. João de Castro.

³¹⁹ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1794 e 1800, p. 113.

³²⁰ D. João de Castro.

Tu, Goa, *in illo tempore* cidade,³²¹
 Sempre tens habitantes de bom lote!
 Não receiam que a cor se lhes desbote,
 Privilégio da mista qualidade.

Nenhum há que não conte, e sem vaidade,
 Que seu primeiro avô, brutal Quixote,
 Dera no padre Adão com um chicote
 Por lhe haver disputado a antiguidade.

Diz-nos esta república de loucos
 Que o cofre do Marata³²² é ninharia,
 Que do Grão-Turco os réditos são poucos;

Mas, em casando as filhas, quem diria
 Que o dote consistisse em quatro cocos,
 Um cafre, dez bajus e a senhoria!

³²¹ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1794 e 1800, p. 86.

³²² Um dos povos que habita a Índia.

Das terras a pior tu és, ó Goa,³²³
 Tu pareces mais ermo que cidade,
 Mas alojas em ti maior vaidade
 Que Londres, que Paris ou que Lisboa.

A chusma de teus íncolas pregoa
 Que excede o Grão Senhor na qualidade;
 Tudo quer senhoria: o próprio frade
 Alega, para tê-la, o jus da c'roa.

De timbres preenhe estás, mas ouro e prata
 Em cruces, com que dantes te benzias,
 Foge a teus infanções³²⁴ de bolsa chata.

Oh que feliz e esplêndida serias,
 Se algum fusco Merlim, que faz bagata³²⁵,
 Te alborcasse a pardaus³²⁶ as Senhorias!

³²³ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1794 e 1800, p. 126.

³²⁴ Esta nota e as duas seguintes são de Bocage: «Título honorífico da antiga Espanha.»

³²⁵ «Feitiços ou petas, atribuídos aos gentios da Índia.»

³²⁶ «Dinheiro cujo valor é de quase 200 réis.»

Cala a boca, satírico Poeta,³²⁷
 Não te metas no rol dos maldizentes,
 Não tragas os mestiços entre dentes,
 Restitui ao carcás a ervada seta.

Dizes que é má nação, que é casta abjeta,
 Fruto de enxertos vis? Irra! Tu mentes;
 Vai ver-lhe os seus papéis: são descendentes
 Do solar de Hidalcão³²⁸ por linha reta,

Vêm de heróis, quais não viu Cartago, ou Roma;
 De seus Avós, andantes cavaleiros,
 A chusma de brasões não cabe em soma;

E (se não mentem certos noveleiros)
 A muitos deles concedeu Mafoma³²⁹
 O foro de fidalgos escudeiros.

³²⁷ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 85.

³²⁸ Ismaíl Adil Xá, filho do célebre príncipe turco Ádil Can, que dominava Goa, antes de ser conquistada por Afonso de Albuquerque, em 1510.

³²⁹ Maomé.

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças,³³⁰
 Bem como Ovídio³³¹ mísero entre os Getas,
 Terra sem lei, madrasta de Poetas,
 Estuporada mãe de gentes baças.

Tens filhos, antes cães de muitas raças,
 Que não mordem com dentes, mas com tretas,
 E que impingir-nos vêm, como a patetas,
 Gatos por lebres, ostras por vidraças³³².

Tens várias casas, armazéns de ratos,
 Tens febres, mordexins³³³ em demasia,
 De que escapamos a poder de pratos;

Mas a tua pior epidemia,
 O mal que em todos dá, que produz flatos,
 É a vã, negregada Senhoria.

³³⁰ Na edição de 1794, o verso inicial é diferente: «Vim, vim c'roar em ti muitas desgraças». Este soneto foi também publicado na edição do primeiro tomo das *Rimas*, 1800, p. 127.

³³¹ Públio Ovídio Nasão, poeta latino (43 a. C.-16 d. C.), autor de *Metamorfoses*, *Fastos* e *Arte de Amar*, influenciou acentuadamente a obra de Bocage. Foi condenado ao ostracismo, sendo forçado a ir viver com os Getas, antigo povo da Cítia, sediado na margem direita do Danúbio, na atual Bessarábia.

³³² Nota de Bocage: «Na Índia, usa-se de ostras nas janelas, em vez de vidros.»

³³³ Nota de Bocage: «Indigestão que se cura apertando muito o corpo com uma precinta.»

Quer ver uma perdiz chocar um rato,³³⁴
 Quer ensinar a um burro anatomia,
 Exterminar de Goa a senhoria,
 Ouvir miar um cão, ladrar um gato;

Quer ir pescar um tubarão no mato,
 Namorar nos serralhos de Turquia,
 Escaldar uma perna em água fria,
 Ver uma cobra castiçar co'um pato;

Quer ir num dia de Surate a Roma,
 Lograr saúde sem comer dois anos,
 Salvar-se por milagre de Mafoma;

Quer despir a basófia aos Castelhanos,
 Das penas infernais fazer a soma,
 Quem procura amizade em vis gafanos³³⁵.

³³⁴ Na primeira edição do primeiro tomo das *Rimas*, 1791: «Quer ver uma mulher parir um rato». Soneto igualmente publicado nas edições de 1794 e 1800, p. 88.

³³⁵ Nota de Bocage: «Nome que os europeus dão aos chamados mestiços de Goa.»

Lusos heróis, cadáveres cediços,³³⁶
 Erguei-vos dentre o pó; sombras honradas,
 Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
 Nestes vis, nestes cães, nestes mestiços.

Vinde salvar destes pardais castiços
 As searas de arroz, por vós ganhadas,
 Mas ah! Poupai-lhe as filhas delicadas,
 Que elas culpa não têm, têm mil feitiços.

De pavor ante vós no chão se deite
 Tanto fusco rajá³³⁷, tanto nababo³³⁸,
 E as vossas ordens trémulo respeite.

Vão para as várzeas, leve-os o Diabo,
 Andem como os avós, sem mais enfeite
 Que o langotim³³⁹, diâmetro do rabo.

³³⁶ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1794 e 1800, p. 115.

³³⁷ Esta nota e as duas seguintes são de Bocage: «Dignidade sublime no Indostão.»

³³⁸ «Outra dignidade na Índia.»

³³⁹ «Único pano que cobre uma pequena parte dos cafres e canarins.»

Um governo sem mando³⁴⁰, um bispo tal³⁴¹,
 De freiras³⁴² virtuosas um covil,
 Três conventos³⁴³ de frades, cinco mil
 Naires³⁴⁴, chatins³⁴⁵, cristãos, que obram mui mal;

Uma Sé que hoje existe tal e qual,
 Com catorze prebendas³⁴⁶, sem ceitil³⁴⁷,
 Muita pobreza, muita mulher vil,
 Cem portugueses³⁴⁸, tudo em um curral;

Seis Fortes³⁴⁹, cem soldados e um tambor,
 Três freguesias cujo ornato é pau,
 Co'um vigário-geral, sem provedor;

³⁴⁰ Macau não tinha, na altura, um governador nomeado. Na sequência do falecimento do capitão Xavier de Mendonça Corte-Real, a 16 de julho de 1789, aquele território foi governado interinamente por Lázaro da Silva Ferreira e por Manuel da Silva Pereira, cargo desempenhado até 29 de julho de 1790. Nesta data, tomou posse Vasco Luís Carneiro de Sousa e Faro.

³⁴¹ O último bispo que exercera em Macau foi Alexandre Pedrosa Guimarães. Regressou ao reino em 1780.

³⁴² As freiras de Santa Clara.

³⁴³ Os Conventos de São Francisco, Santo Agostinho e São Domingos.

³⁴⁴ Membros das forças armadas originários das costas do Malabar.

³⁴⁵ Traficantes.

³⁴⁶ Rendas eclesiásticas.

³⁴⁷ Moeda sem valor.

³⁴⁸ De acordo com o relatório do bispo anteriormente citado, datado de 1775, os portugueses que residiam em Macau ascendiam a 108; o conde de Pellerouse, que esteve em Macau entre 1785 e 1788, assinala que os habitantes de origem portuguesa eram 100 e estima que a população era constituída por cerca de 20 mil pessoas.

³⁴⁹ Os fortes de São Paulo do Monte, Santiago, Nossa Senhora da Penha de França, Nossa Senhora do Bom Parto, São Francisco e Nossa Senhora da Guia.

Dois colégios, um deles muito mau,
E um Senado que a tudo é superior:
É quanto Portugal tem em Macau.³⁵⁰

³⁵⁰ Soneto nunca incluído nas *Obras Completas* de Bocage; foi publicado, pela primeira vez, no sexto volume da *Revista Universal Lisbonense*, em 1847, por Costa e Silva, em nome de António Lobo de Carvalho, assinado por «C». Forma eficaz de evitar a Censura, que interviria se fosse o nome de Bocage a subscrever o poema? Ou, mais provavelmente, porque na Biblioteca Nacional existe uma cópia deste soneto, registada com o nome de Lobo, no códice 8582, p. 41, sob o título *Poesias Particulares de Diversos Autores. Ano de 1813*. As presentes notas foram elaboradas de acordo com a comunicação de Pedro Barreiros, no congresso internacional *Bocage e as Luzes do Século XVIII*, realizado, no ano de 2016, em Setúbal. Sobre este soneto se debruçaram igualmente o padre Manuel Teixeira e Benjamim Videira Pires.

Musa chorosa, que por terra estranha,³⁵¹
 Tão longe de teu pátrio ninho amado,
 Andas errante, suspirando ao lado
 Da Saudade fiel, que te acompanha:

Do chão, onde a lançaste, a lira apanha,
 E seja em brando som por ti cantado
 Um peito de virtudes adornado,
 A piedosa, a magnânima Saldanha.

Louva os dons daquela alma excelsa e pura,
 Que as tuas gastará mágoas penosas,
 Como a aurora desfaz a noite escura;

Depois às lindas filhas melindrosas,
 Rivais da mãe de Amor na formosura,
 Tece capelas e festões de rosas.³⁵²

³⁵¹ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 71.

³⁵² O poema apresenta a seguinte nota: «Oferecido em Macau à Excelentíssima Senhora D. Maria de Saldanha Noronha e Meneses e suas filhas». Era a mulher de Bernardo de Aleixo Lemos Faria, governador de Macau de 1783 a 1788, que fora pouco antes destituído e se radicara em Goa.

VI — O POETA PERANTE O MUNDO

199

À INTREPIDEZ DO CAPITÃO LUNARDI, FAZENDO EM 24 DE AGOSTO DE 1794,
EM LISBOA, A SUA ASCENSÃO AEROSTÁTICA

«Tous frissonnent pour lui, lui seul est intrépide», in Ode à la Navigation
Aérienne par l'Abbé Monti

Ó lira festival, por mim votada³⁵³
Às aras do Prazer e da Ternura,
Nega-te um dia às graças, à brandura
De Marília gentil, da minha amada.

A suave harmonia afeminada,
Grata ao mimoso Amor e à Formosura,
Os moles sons, de que a Razão murmura,
Converte em sons de que a Razão se agrada.

Ainda que te atroe o negro bando
De torpes gralhas, e a feroz coorte
De inexoráveis zoilos, escumando,

Ressoa, aplaude, exalta o sábio, o forte,
Que, além das altas nuvens assomando,
Colheu no Olimpo o antídoto da Morte.

³⁵³ Poema dedicado ao intrépido capitão Vicente Lunardi, o primeiro homem a realizar uma ascensão aerostática em Inglaterra, Espanha e Portugal. Constituiu uma homenagem a esta personalidade que tão maltratada foi por Pina Manique. Publicado no *Elogio Poético à Admirável Intrepidez com que, em domingo, 24 de Agosto de 1794, Subiu o Capitão Lunardi no Balão Aerostático*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1794.

À FELIZ ACLAMAÇÃO DO SENHOR REI D. JOÃO IV

Cesarões, Viriatos, Apimanos,³⁵⁴
 Vós que, brandindo vingadora espada,
 Tentastes sacudir da Pátria amada
 O vil, o férreo jugo dos Romanos:

Surgi, vede-a no sangue de tiranos
 Inda piores outra vez banhada,
 E a nossa liberdade edificada
 No estrago dos intrusos Castelhanos.

Aos senhores do mundo armipotentes
 Arrancastes em bélica porfia
 Parte do louro que lhe honrava as frentes;

Porém com milagrosa valentia
 Os vossos memoráveis descendentes
 Fizeram mais, livraram-se num dia.

³⁵⁴ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 36.

AO NOVO, ABENÇOADO FRUTO COM QUE O CÉU FELICITOU
OS NOSSOS MUITO AMADOS PRÍNCIPES³⁵⁵

De Improviso

Quando abriste os gentis, serenos lumes,³⁵⁶
Ó de sagrado amor penhor sagrado,
Tais futuros te deu, risonho, o Fado
(Eu o sei, confidente eu sou dos nunes):

«De encantadores, divinais costumes
Serás norma querida, exemplo amado,
E gozará teu ser, divinizado,
Aras, ministros, cânticos, perfumes;

«Co'a dextra, que milhões de mundos move,
Ser-te-ei guia, e na Terra hei de esquivar-te
De tudo o que nos astros não se aprove.

«Luz e glória contigo o Céu reparte,
Régio fruto de heróis, e nunca Jove
Tanto o que era sentiu como em criar-te.»

³⁵⁵ Soneto composto para celebrar o nascimento, a 25 de julho de 1805, da princesa Maria de Assunção, filha do príncipe D. João, futuro D. João VI, e de D. Carlota Joaquina. Epígrafe de Inocência.

³⁵⁶ In *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage na Sua Moléstia com as Obras Que Lhe Foram Dirigidas por Vários Poetas Nacionais*, p. 100.

POR OCASIÃO DE UM NOTÁVEL FOGO

Lambendo a região dos ares puros³⁵⁷
 Língua voraz de labareda ardente,
 Na baixa terra com furor veemente
 De alto edifício precipita os muros;

 Espesso fumo em turbilhões escuros
 O rosto mancha a Febo refulgente,
 Zune das prenhes bombas a corrente,
 Que agitam da mestrança os braços duros.

 Mas quando universal gemido soa,
 E parece que quer a sorte injusta
 A moles cinzas reduzir Lisboa,

 Rápida chama, que os mortais assusta,
 Nobre Carvalho³⁵⁸, a teu solar perdoa,
 Por ser o asilo da virtude augusta.

³⁵⁷ Poema publicado postumamente em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, 1813, p. 169.

³⁵⁸ Nota de Pato Moniz: «O conselheiro José Andrade de Carvalho, em cuja casa vivia Bocage. Este soneto, feito por ocasião de um célebre fogo que na Calçada de Santo André queimou uma propriedade de casas num lugar onde hoje existe o Paço, sugeriu-o a memória de um seu amigo e patricio, em cuja casa assistia [ou seja, morava] há mais de 20 anos; que tal é a data daquela produção.» Terá sido composto por volta de 1793.

AO RÉU QUE FOI CONDUZIDO AO PATÍBULO NO DIA 11 DE JULHO DE 1797³⁵⁹

Ao crebro³⁶⁰ som do lúgubre instrumento,³⁶¹
 Com tardo pé caminha o delinquente;
 Um Deus consolador, um Deus clemente
 Lhe inspira, lhe vigora o sofrimento.

Duro nó pelas mãos do algoz cruento
 Estreitar-se no colo o réu já sente;
 Multiplicada a morte anseia a mente,
 Bate horror sobre horror no pensamento.

Olhos e ais dirigindo à Divindade,
 Sobe, envolto nas sombras da tristeza,
 Ao termo expiador da iniquidade.

Das leis se cumpre a salutar dureza,
 Sai a alma d'entre o véu da Humanidade,
 Folga a Justiça, e geme a Natureza.

³⁵⁹ No Departamento de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal existe cópia desta composição (Manuscritos, cx. 54, n.º 42). Na tentativa de identificar este episódio, foram consultados, infrutiferamente, os periódicos *Gazeta de Lisboa*, *Jornal Enciclopédico* e o *Mercúrio Histórico*, bem como as *Contas para as Secretarias*, redigidas por Pina Manique, depositadas no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

³⁶⁰ Repetido.

³⁶¹ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 44.

Sobre o degrau terrível assomava³⁶²
 O réu, cingido de funéreo manto;
 Avezada ao terror, aos ais, ao pranto,
 Da intrepidez a Morte se assombrava;

No firme coração não palpitava
 O precursor da Parca, o mudo espanto,
 E, ufana de subir no esforço a tanto,
 Um ai a Humanidade apenas dava.

Mortal, que foste herói no extremo dia,
 De ideias carrancudas e opressoras
 Não sofreste o pavor na fantasia.

Cóas vozes divinais, consoladoras,
 Só a religião te embrandecia:
 Foras de ferro se cristão não foras!

³⁶² Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 45. Segundo José Feliciano de Castilho, a execução deste condenado teve lugar no dia 11 de julho de 1797, em Lisboa (v. *Manuel Maria du Bocage, Excertos*. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, Editor, 1867, t. II, p. 187).

AO ATROZ PARRICÍDIO QUE HORRORIZA LISBOA:
 UM FILHO QUE MATOU SEU PAI³⁶³

Lançado pela dextra omnipotente³⁶⁴
 O Sol na cristalina imensidade,
 Refletindo o clarão da Divindade,
 A Terra, como o céu, viu inocente.

Delícias era o mundo... Eis de repente
 Crespa de serpes, hórrida Maldade
 Rebenta da profunda Eternidade,
 E a Natureza em si o Inferno sente.

Lavrando os crimes, tornam-se costumes;
 De horror, Argos e Roma, exemplo destes,
 Que enegrece, ó Memória, os teus volumes!

Tu mesma eterno dó, tu, Lísia³⁶⁵, vestes;
 Que em teu seio (credor de em si ter numes)
 Se uniu a alma de Nero à mão de Orestes.

³⁶³ Crime que ocorreu em Lisboa, no ano de 1805, na Rua dos Retroseiros.

³⁶⁴ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, in *Poesias (...)*, t. I, p. 257. Epígrafe deste escritor.

³⁶⁵ A Pátria.

AO MESMO ASSUNTO

Em deserta masmorra, ao Sol odiosa,³⁶⁶
 O monstro³⁶⁷ jaz, que a Natureza infama,
 N'alma estígios vapores lhe derrama
 A implacável Tisífone³⁶⁸ horrorosa.

Do pai sem vida a imagem sanguinosa
 Lhe geme em torno ao leito, o abala, o chama;
 Do ímpio na mente a consciência brama,
 Tem sobre o coração mão espinhosa.

Ah! despejando ao crime a vil caverna,
 Talvez, talvez não saia, em débil passo,
 A saciar-te as leis, Justiça eterna!

Mas nem assim do algoz evita o braço:
 Remorso aterrador, visão paterna,
 Vós sereis seu cutelo, ou vós seu laço.

³⁶⁶ Soneto publicado postumamente in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, vol. iv, p. 103.

³⁶⁷ Segundo Inocêncio, dizia-se que o jovem autor do parricídio, por ser familiar de uma personalidade muito influente, não sofreria a pena capital.

³⁶⁸ Uma das Fúrias.

AO MESMO ASSUNTO

Havendo sobre a terra derramado ³⁶⁹
 Dos estígios ³⁷⁰ dragões fel e veneno,
 Nume feroz de carrancudo aceno
 Isto em bronze imprimiu, co'a Morte ao lado:

«Novo, cruento, horrífico atentado
 O torpe enlute universal terreno;
 Sê Fúria, ó Morte; o parricídio ordeno.»
 (Ao pôr *ordeno*, a mão tremeu ao Fado.)

Jove escuta o decreto, e diz ao nume:
 «Ímpio filho espargir sangue paterno!
 Ai! Poupa à Natureza esse queixume!»

«Não (lhe torna o tirano Fado eterno),
 Quero excitar no abismo atroz ciúme:
 Tenha horror que invejar ao mundo o Inferno.»

³⁶⁹ Publicado postumamente. A epígrafe encontra-se no primeiro volume da edição de Pato Moniz, p. 222.

³⁷⁰ Infernais.

NUMA EXCURSÃO QUE FEZ A SETÚBAL, ENCONTRANDO AÍ, NUMA CASA,
CERTOS TRASTES QUE TINHAM SIDO DE SEUS PAIS

Trastes cediços, móveis de outra idade,³⁷¹
De meu primeiro avô mimo e ventura,
Eu vos saúdo, já que a desventura
Tanto respeita a vossa dignidade.

Nem tu me esquecerás, ó raridade,
Leito que cerca horrível bordadura!
Tu, que juraste pela Estige³⁷² escura
Mijar na cova à mesma Eternidade!

Ah! não se atreva braço aventureiro
De incansável algoz, que o mundo arrasa,
Quebrar dos tempos o brasão primeiro!

Longe, incêndio voraz, que tudo abrasa!
Tenham meus descendentes sem dinheiro
A *História Natural* sempre de casa.

³⁷¹ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 333.
A epígrafe é sua.

³⁷² Rio do Inferno.

VII — AFINIDADES ELETIVAS

209

Da triste, bela Inês inda os clamores³⁷³
Andas, Eco³⁷⁴ chorosa, repetindo,
Inda aos piedosos Céus andas pedindo
Justiça contra os ímpios matadores;

Ouvem-se inda na Fonte dos Amores
De quando em quando as náíades³⁷⁵ carpindo,
E o Mondego, no caso refletindo,
Rompe, irado, a barreira, alaga as flores;

Inda altos hinos o Universo entoa
A Pedro, que da morta formosura
Convosco, Amores, ao sepulcro voa.

Milagre da beleza e da ternura!
Abre, desce, olha, geme, abraça e c'roa
A malfadada Inês na sepultura.

³⁷³ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 59.

³⁷⁴ Ninfa condenada por Juno — na sequência de uma censura — a repetir a última palavra dos seus interlocutores.

³⁷⁵ Divindades que presidiam às fontes e aos rios.

AO LER ALGUMAS TRADUÇÕES E VERSOS DE MANUEL PEDRO
TOMÁS PINHEIRO DE ARAGÃO

Canta, não cales, atilado Almeno,³⁷⁶
Os sons d'antiga Roma e Grécia antiga:
Na margem de ouro florescente e amiga
Canta, que o Tejo te ouvirá sereno.

Fel de amarguras, de paixões veneno,
Nos génios tristes plácido mitiga,
Que docemente os ânimos obriga
O verso mavioso, o verso ameno.

Também tesouros teus de fantasia,
Própria riqueza, extrai, e um almo encanto
À mente, ao gosto, ao sentimento envia;

Os áureos hinos continua; entanto
Por milagre verás da melodia
Em delícias morais ferver meu pranto.

³⁷⁶ Soneto publicado em *Jardim das Musas e dos Sábios ou Flores Poéticas Estrangeiras e Nacionais*, colhidas por M. P. T. P. e A., ramallete 1, Lisboa na Impressão Régia, 1805, sendo inédito em livro. Almeno Tagídeo, isto é, Manuel Pedro Tomás Pinheiro d'Aragão, retorquiou-lhe com uma «Paródia gratulatória» intitulada «Se alguma vez afoito pôde Almeno».

Este escritor compôs um sentido poema, na sequência do falecimento de Bocage: *Elegia á Deplorável Morte do Insigne Poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage; natural da vila de Setúbal. Á sua saudosa Memória oferecida por [...] apaixonadíssimo elogiador e admirador do seu estro*, o qual foi publicado pela Impressão Régia em dezembro de 1805, 15 páginas. Bocage refere-se-lhe, elogiosamente, no soneto «Melibeu me cantou, cantou-me Oleno». Manuel Pedro Tomás Pinheiro d'Aragão, nascido em Lisboa, no ano de 1773, lecionou Filosofia em Portalegre e Gramática Latina e Portuguesa em Lisboa, tendo ainda desempenhado o cargo de escriturário da Contadoria do Arsenal do Exército. Faleceu em 1838.

AO DR. JOSÉ TOMÁS QUINTANILHA, DESCREVENDO NA EXCELENTE GLOSA
DE UMA QUADRA O DESASTRE DE LEANDRO E HERO

Eurindo³⁷⁷, caro às Musas e aos Amores,³⁷⁸
Das Tágides louçãs cantor mimoso,
Não danes o almo verso deleitoso,
Não soe o lasso Elmano em teus louvores.

Exprime de Hero³⁷⁹ as lágrimas, as dores,
Do audaz de Abido³⁸⁰ o trânsito afanoso,
E em fofos escarcéus Neptuno³⁸¹ iroso
Mugindo, sufocando-lhe os clamores;

Pinta os males de Amor, de Inês os Fados³⁸²,
Canta as glórias de Amor, canta de Alzira
Os olhos, as madeixas e os agrados,

Em vez de aviventar co'a maga lira
Musa infeliz, que em ânsias, em cuidados,
Em soluços, em ais arqueja, expira.

³⁷⁷ Eurindo Nonacriense era o pseudónimo arcádico de José Tomás de Quintanilha.

³⁷⁸ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edição de 1794 e 1800, p. 117.

³⁷⁹ Sacerdotisa de Afrodite, amada de Leandro, o qual, para a visitar, atravessava todas as noites o estreito existente entre Abido e Sesto. Leandro, numa das suas incursões, não resistiu à violência do mar e soçobrou. Hero, perante esta tragédia, suicidou-se. Bocage lapidou, com grande sensibilidade, numa cantata esta tragédia.

³⁸⁰ Local de nascimento de Leandro.

³⁸¹ Deus dos mares, filho de Saturno, equivalente, na mitologia grega, a Posídon.

³⁸² Nota de Bocage: «Alude-se a um bom soneto a D. Inês de Castro» (da autoria de José Tomás Quintanilha).

AO SENHOR HENRIQUE JOSÉ DA SILVA EM AGRADECIMENTO
AO PRIMOROSO DESEMPENHO COM QUE ME RETRATOU ³⁸³

Altas filhas do génio, irmãs formosas,
Ó Poesia! Ó Pintura! Ó par sagrado!
Que nos jardins de Amor colheis mil rosas,
Arcanos mil nos penetrais do Fado!

Em vós absorto, em vós extasiado,
Da Sorte não me acurvo às leis penosas!
Jove! Por ambas ao mortal é dado
Que logre em Homem o que em nune gozas.

Forçando ao pasmo as almas superiores,
Transluz um ar, um estro, um ser divino
Do plectro e do pincel nos sons, nas cores;

Honra Elmano o pincel, e o plectro Henrino:
Compete aos Vates dois, aos dois Pintores
Correr na Eternidade igual destino.

³⁸³ Henrique José da Silva, pintor da Câmara Imperial, nasceu em Lisboa, no ano de 1772. Retratou personalidades de relevo, entre as quais José Agostinho de Macedo, Wellington, Beresford e Bocage, na fase final da sua vida, em 1804, quadro que, dois anos mais tarde, Bartolozzi gravou. No soneto «Do choro arguto de febeus cantores», Bocage volta a referir-se àquele artista: «Em agradecimento ao primoroso desempenho com que me retratou.» Este soneto foi publicado na *Colecção dos Novos Improvisos*, 1805, p. 17.

AO SENHOR ANTÓNIO MENDES BORDALO. RETRIBUIÇÃO
DO SONETO QUE ME MANDOU³⁸⁴

Ânsias inda teu metro e raivas custa³⁸⁵
À lacerante Inveja desgrenhada;
A lira soa em ti não descassada³⁸⁶,
E a voz cadente os números lhe ajusta.

Alta Razão, Filosofia augusta
Troa, num digno tom por ti vibrada,
E do ígneo arremessão cai fulminada
A d'inglórios mortais caterva injusta.

Teu plectro e plectros (de que está sedenta
A mãe dos Tempos, que a Virtude enrama
Com lauro, que o verdor no Olimpo ostenta)

Elmano adora como Délio os ama:
No som que o ser e a glória me aviventa,
Tomo à Vida o sabor, e o gosto à Fama.

³⁸⁴ Colega de Bocage na Maçonaria, nascido no Rio de Janeiro, em 1750, formado em Cânones pela Universidade de Coimbra. Faleceu em Lisboa, no ano de 1806.

³⁸⁵ Este soneto foi publicado na *Colecção dos Novos Improvisos*, 1805, p. 20.

³⁸⁶ Anulada.

AO SENHOR JOSÉ NICOLAU DE MASSUELOS PINTO³⁸⁷

Do coro arguto de febeus cantores³⁸⁸
 Josino é doce parte, é sócio amado:
 Viu, cometeu, vingou, com génio alado,
 Monte, espinhos em baixo, em cima flores.

Néctar lhe ferve (que libais, Amores)
 No metro, pelas Graças torneado;
 E põe na Eternidade, e põe no Fado
 Olhos impunes, do porvir senhores.

Do coração nos dons ou mais, ou tanto,
 A cópia minha olhou, deu-te homenagem³⁸⁹,
 Ó deusa, irmã de Amor, em verso, em pranto.

Não tremo de que os séculos me ultrajem:
 Lá (mercê do pincel, mercê do canto)
 Meu nome viverá, e a minha imagem.

³⁸⁷ Massuelos Pinto foi membro da Maçonaria, tendo feito parte da «Loja Fortaleza», a mesma que o poeta frequentou. Foi o autor de «Não desdenhes, Elmano, a limpa oferta», soneto composto na presença do «retrato do Senhor Bocage, que muito me enterneceu», publicado nos *Improvisos de Bocage (...)*.

³⁸⁸ Este soneto foi publicado na *Colecção dos Novos Improvisos*, 1805, p. 22.

³⁸⁹ Nota de Bocage: «Aludo aos sentimentos maviosos com que viu o meu retrato.»

AO SENHOR PEDRO JOSÉ CONSTÂNCIO³⁹⁰

Cisne gentil, que modulava implume,³⁹¹
 A furto, a medo, pela isménia³⁹² areia³⁹³;
 Cisne gentil, que da cerúlea veia,
 A medo, a furto, só roçava o lume,

Plumoso, os magos sons já não resume,
 Os voos da Harmonia espraia, alteia;
 De órgão canoro inspirações gorjeia
 (Que no gorjeio se lhe sente um nume.)

Gralhas da Inveja! Ó vós que, em vão danosas,
 De intactos nomes extraís veneno,
 Tal como a torpe Aracne³⁹⁴ extrai das rosas,

Deixai níveo cantor brilhar no Ismeno;
 Deixai, filhas da Noite, aves nojosas,
 Sorrir-se a Natureza ao canto ameno.³⁹⁵

³⁹⁰ Um dos grandes amigos do poeta. Bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, poeta, filho de Manuel Constâncio — o cirurgião da rainha D. Maria I —, irmão de Francisco Solano Constâncio, nasceu em 1781 e faleceu, em Elvas, em 1828. Acompanhava Bocage na boémia.

³⁹¹ Soneto publicado na *Colecção dos Novos Improvisos*, 1805, p. 27.

³⁹² Ismeno era filho de Apolo, deus das artes, e de Mélia.

³⁹³ Nota de Bocage: «Aludo à sua excessiva modéstia.»

³⁹⁴ Refere-se ao confronto entre Atena e Aracne, tecelã exímia, que desafiou aquela deusa. Esta puniu-a, transformando-a em aranha.

³⁹⁵ Nota de Bocage: «Aludo ao soneto com que me brindou, e lhe foi censurado iniquamente.»

Na ideia e coração te brilha o Nume³⁹⁶
 De que esta imensa máquina depende;
 Celsa virtude a teu caráter prende,
 A torna instinto em ti, e em ti costume.

Eflúvio do radioso, eterno lume,
 Flama de alta moral teu peito acende,
 E às leis e às aras homenagem rende
 Tua alma, que dos Céus adeja ao cume.

Quem és ignoro, e te darei meus hinos,
 Piedosa imagem de invisíveis seres,
 Que semelhantes até nos sons divinos.

Desdenhas da Jactância os vãos prazeres;
 E crês (doirando em parte os meus destinos)
 Que os benefícios teus são teus deveres³⁹⁷.

³⁹⁶ Soneto publicado na *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage*, p. 42.

³⁹⁷ Nota de Bocage: «Aludo à desusada beneficência, e obséquio não vulgar, com que o autor do soneto antecedente honrou o meu nome, ocultando o seu, e acudiu à minha exigência, sem querer a mínima retribuição.» O poeta referia-se ao soneto anónimo «Há um Deus certamente: eu que o nume», publicado na página 41 da *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage*. Afirma Bocage que compôs este poema «pelos finais do antecedente».

EM RESPOSTA A UM SONETO DE TOMÁS ANTÓNIO DOS SANTOS E SILVA,
PELAS MESMAS RIMAS. ELMANO A TOMINO³⁹⁸

Indígena imortal do Pindo³⁹⁹ ingente,
Alças na dextra o délfico⁴⁰⁰ estandarte;
Une-se Elmano (como ao todo a parte)
A ti, para ostentar c'roada frente.

Ígneos voos lhe dá teu estro ardente,
Quando, opulento em génio, e rico em arte,
Pintas glórias de Amor, fúrias de Marte,
E, qual foi Córídon, és só demente.⁴⁰¹

Nectarizas⁴⁰² no metro o gosto, a queixa,
E ouvindo-te, ora em riso, ora em quebranto,
Absorto o Pensamento, as asas feixa [*sic*].

Quão várias sensações produz teu canto!
N'alma, no coração que efeitos deixa!
Ou júbilo! Ou terror! Ou pasmo! Ou pranto!

³⁹⁸ Bocage responde a um soneto do seu conterrâneo Tomás António dos Santos e Silva — «D'excelso, dignos vates cópia ingente», in *Colecção dos Novos Improvisos*, pp. 48-49. O oitavo verso desta composição prende-se com o mesmo verso do poema de Santos e Silva: «O cego, o estropiado, o já demente.»

³⁹⁹ Monte da Grécia consagrado a Apolo e às Musas.

⁴⁰⁰ Relativo a Delfos, cidade da Fócida, erigida sobre o monte Parnaso, na qual se encontrava um santuário dedicado a Apolo.

⁴⁰¹ Nota de Bocage, tal como a seguinte: «*Ah Córídon, Córídon, quae te dementia cepit!*, Virgílio, *écloga II.*»

⁴⁰² «Ousei inventá-lo; julgo-o preciso: o Público decida.»

AO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SR. D. FR. JOSÉ MARIA DE ARAÚJO,
 BISPO DE PERNAMBUCO, POR OCASIÃO DA SUA ELEIÇÃO
 PARA AQUELE BISPADO ⁴⁰³

Precisa o Globo, exige a Natureza ⁴⁰⁴
 Mais heróis da Razão que heróis da Glória,
 Daquela digo que em feroz vitória
 Enluta, despovoa a redondeza;

Precisa da tua alma, absorta, acesa
 Nos dons credores d'imortal memória,
 Dons que trocam a vida transitória
 Na que anda à Eternidade unida e presa.

Reflexo da radiosa Divindade,
 Com cujo auxílio em estro a mente inundo,
 Da virtude és troféu na férrea idade!

Grande em caráter, em saber profundo,
 Até que vás luzir na Eternidade,
 Levarás nova luz ao Novo Mundo.

⁴⁰³ Soneto publicado postumamente. Nota de Inocêncio: «D. Fr. José Maria d'Araújo, monge da congregação de S. Jerónimo, foi eleito bispo de Pernambuco em Abril de 1804; mas ignoramos se chegou ou não a ser confirmado e a tomar posse do bispado, pois é certo já falecido em 1811.»

⁴⁰⁴ Seguimos a lição de Pato Moniz, *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. v, p. 184.

AO SENHOR FRANCISCO DE PAULA MEDINA E VASCONCELOS EM LOUVOR
DO SEU POEMA HEROICO INTITULADO «A ZARGUEIDA»⁴⁰⁵

De Zargo o heroico ardor, que luz na Fama,⁴⁰⁶
Cantas em metro altíssimo e fervente;
Náutica, lusa glória em seu Oriente
Por ti, qual o zénite, esparge a flama.

Do mísero Machim, da triste dama⁴⁰⁷
Choras o infausto Amor tão docemente,
Que o tronco o sabe, que o rochedo o sente,
Que a terra geme... E que fará quem ama!

A que, de Homero a par, no Elísio⁴⁰⁸ avulta,
Sombra do grão Camões, alta e divina,
Crê que fala em teus sons; atende, exulta.

A face para ti sorrindo inclina,
E ao teu canto vivaz, que o Tempo insulta,
Grau, não longe do seu, já lá destina.

⁴⁰⁵ Nascido no Funchal em 1768 e falecido, cerca de 1824, em Cabo Verde, arquipélago para onde foi degredado devido ao seu ideário liberal, era tabelião e poeta. Compôs o poema heroico *A Zargueida* (1806), que foca a problemática da descoberta da ilha da Madeira.

⁴⁰⁶ Publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 301. A epígrafe é deste editor.

⁴⁰⁷ Referência à lenda do descobrimento da ilha da Madeira.

⁴⁰⁸ Lugar dos bem-aventurados, onde se encontram as pessoas virtuosas, após a morte.

AO SENHOR MANUEL DE FIGUEIREDO, OFICIAL MAIOR DA SECRETARIA
DE ESTADO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS E DA GUERRA⁴⁰⁹

Musa, não cantes bárbara proeza
D'um braço audaz, d'um coração tirano;
Não celebres o undívago Troiano⁴¹⁰,
Pérfido à tíria, mísera princesa⁴¹¹.

Esses de Marte heróis, cuja grandeza
Os incensos do vulgo atraí profano,
São Tântalos⁴¹² cruéis de sangue humano,
E escândalo feroz da Natureza.

Louva somente um ânimo benigno,
Que a nuvem de teus males tem desfeito,
Que já teu fado serenou maligno:

Louva de Figueiredo o nobre peito;
Conduze às plantas de varão tão digno
Amor, verdade, gratidão, respeito.

⁴⁰⁹ Manuel de Figueiredo (Lisboa, 1725-Lisboa, 1801) — Lícidas Cíntio, na *Arcádia Lusitana* — era deputado da Junta do Sereníssimo Estado e Casa de Bragança. Prolífico dramaturgo cuja obra completa foi publicada postumamente, em 13 volumes, pelo seu irmão.

Bocage retirou este soneto das edições do primeiro tomo das *Rimas* de 1794 e de 1800. Foi apenas publicado na edição de 1791, p. 32.

⁴¹⁰ Eneias, que anda sobre as ondas.

⁴¹¹ Dido, filha de Belo, rei de Tiro, fundadora de Cartago. Relacionou-se com Eneias, que a abandonou. Esta lenda constitui o livro IV da *Eneida* de Virgílio.

⁴¹² Filho de Zeus e de Plutão, era muito considerado pelos deuses, com quem convivia frequentemente. Condenado ao suplício eterno por ter divulgado, entre os mortais, os segredos dos deuses, foi lançado aos Infernos, onde sofria de fome e de sede permanentes; ali se encontrava com a água até ao pescoço e, sempre que a tentava beber, via o precioso líquido fugir-lhe.

VIII — A SÁTIRA

1 — À ACADEMIA

221

AOS SÓCIOS DA «NOVA ARCÁDIA»⁴¹³

Vós, ó França⁴¹⁴, Semedos⁴¹⁵, Quintanilhas⁴¹⁶,
Macedos⁴¹⁷ e outras pestes condenadas;
Vós, de cujas buzinas penduradas
Tremem de Jove as melindrosas filhas⁴¹⁸;

Vós, néscios, que mamais das vis quadrilhas
Do baixo vulgo insossas gargalhadas,
Por versos maus, por trovas aleijadas,
De quem engenhais as vossas maravilhas,

Deixai Elmano, que inocente e honrado
Nunca de vós se lembra, meditando
Em coisas sérias, de mais alto estado.

E se quereis, os olhos alongando,
Ei-lo! Vede-o no Pindo⁴¹⁹ recostado,
De perna erguida sobre vós mijando!

⁴¹³ Poema publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 342. A epígrafe é sua.

⁴¹⁴ Luís José Correia Sá de Amaral e França.

⁴¹⁵ Belchior Manuel Curvo Semedo Torres de Siqueira.

⁴¹⁶ José Tomás da Silva Costa Quintanilha.

⁴¹⁷ José Agostinho de Macedo.

⁴¹⁸ As três Graças ou Cárites — Eufrosine, Talia e Aglaia —, divindades filhas de Zeus e de Eurinome.

⁴¹⁹ Monte da Grécia consagrado a Apolo e às Musas.

UMA SESSÃO DA «ACADEMIA DE BELAS-LETRAS DE LISBOA»,
MAIS CONHECIDA PELA DENOMINAÇÃO DE «NOVA ARCÁDIA»⁴²⁰

Preside o neto da rainha Ginga⁴²¹
À corja vil, aduladora, insana,
Traz sujo moço amostras de chanfana⁴²²,
Em copos desiguais se esgota a pinga;

Vem pão, manteiga e chá, tudo à catinga,
Masca farinha a turba americana,
E o orangotango a corda à banza⁴²³ abana,
Com gestos e visagens de mandinga⁴²⁴.

⁴²⁰ Soneto publicado postumamente. António Maria do Couto atribui-lhe a seguinte epígrafe: «Feito à Academia do E. C. P.», ou seja, do Excelentíssimo Conde de Pombeiro. Perante múltiplas cópias existentes, optámos por aquela que Inocêncio transcreveu, p. 341. Francisco Joaquim Bingre afirma que esta composição foi composta, em nome de Bocage, por Belchior Curvo Semedo para incentivar a animosidade do poder e do conde de Pombeiro, anfitrião daquela academia. Porém, José Feliciano de Castilho afirma que D. Gastão da Câmara Coutinho, por diversas vezes, lhe asseverou que ouviu o poeta setubalense dizer esta investida contra os literatos da época. O estilo é, inofismavelmente, seu.

⁴²¹ A rainha Ginga, Ana de Sousa, angolana que se insurgiu contra a soberania portuguesa. Relativamente a este verso, António Maria do Couto pronunciou-se da seguinte forma: «O trovista pardo de feições, ou de feições pardas. Nota do autor e nos *Inéditos* viciado.»

⁴²² Entranhas de boi, com muito mau sabor, como asseveram António Lobo de Carvalho in *Poesias Joviais* (sonetos n.ºs 51-60) e Nicolau Tolentino («Compra de um asqueroso matadouro»).

⁴²³ Instrumento musical de quatro cordas. Palavra originalmente do quimundo.

⁴²⁴ Refere-se à origem de Caldas Barbosa, filho de uma angolana e de um português.

Um bando de comparsas logo acode
Do fofo Conde⁴²⁵ ao novo Talaveiras⁴²⁶,
Improvisa berrando o rouco bode⁴²⁷;

Aplaudem de contínuo as frioleiras
Belmiro⁴²⁸ em ditirambo, o ex-frade⁴²⁹ em ode;
Eis aqui de Lereno as quartas-feiras.⁴³⁰

⁴²⁵ O conde de Pombeiro.

⁴²⁶ Forma pejorativa de se designar os criados do paço, referindo-se Bocage à subserviência de alguns poetas. Talaveira era uma conhecida casa de pasto, igualmente frequentada por prostitutas, v. Lobo de Carvalho, *Poesias Joviais*, p. 54, o poema «Em casa térrea com dois bancos sujos»; o soneto do mesmo autor «Eu também fui d'amor à sacristia / Que é um quarto interior do Talaveiras / Onde estão mil milhões de alcoviteiras / Ofertando a rafada putaria. [...]» in Claude Maffre — «40 Sonnets (Inédits?) de António Lobo de Carvalho», in *Arquivos do Centro Cultural Português* (Paris), vol. x, 1976.

⁴²⁷ Domingos Caldas Barbosa, que tocava, de forma exímia, as modinhas, canções que estavam particularmente em voga na corte.

⁴²⁸ Belmiro Transtagano, pseudónimo arcádico de Belchior Manuel Curvo Semedo.

⁴²⁹ O padre José Agostinho de Macedo.

⁴³⁰ Lereno Selinuntino, nome arcádico de Domingos Caldas Barbosa, responsável pelas sessões da Academia das Belas-Letras.

AOS MEMBROS DA ACADEMIA DE BELAS-LETRAS⁴³¹

Não tendo que fazer, Apolo⁴³² um dia
 Às Musas disse: «Irmãs, é benefício
 Vadios empregar; dêmos ofício
 Aos sócios vãos da magra Academia:

«O Caldas⁴³³ satisfaça à padaria;
 O França⁴³⁴ denjoar tenha exercício
 E o autor do entremez do Rei Egípcio⁴³⁵
 O Pégaso⁴³⁶ veloz conduza à pia;

«Vá na Ulisseia⁴³⁷ tasquinhar o ex-frade⁴³⁸;
 Da sala o Quintanilha⁴³⁹ acenda as velas,
 Em se juntando alguma sociedade;

⁴³¹ Publicado postumamente em *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas de (...)*, 1854, p. 132, lição que perfilhámos.

⁴³² Deus das artes e da medicina, filho de Júpiter e de Latona, irmão de Diana. Era acolitado por nove Musas: Clio, Melpómene, Talia, Euterpe, Terpsícore, Érato, Calíope, Urânia e Polímnia.

⁴³³ Domingos Caldas Barbosa.

⁴³⁴ Luís José Correia de França e Amaral.

⁴³⁵ O padre Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa, autor da tragédia *Sesóstris*, publicada em 1791.

⁴³⁶ Cavallo com asas, nascido do sangue vertido por Medusa, quando Perseu lhe cortou a cabeça. Aquando do seu nascimento, feriu a Terra, dando origem à famosa fonte de Hipocrene.

⁴³⁷ Lisboa, fundada, de acordo com a tradição, por Ulisses. Camões, em *Os Lusíadas* (III, 74), também recorre a esta designação: «O santíssimo corpo venerado / Do sacro promontório conhecido / À cidade ulisseia foi trazido.»

⁴³⁸ José Agostinho de Macedo (Beja, 1761-Pedrouços, 1831).

⁴³⁹ José Tomás da Silva Costa Quintanilha (?-faleceu depois de 1834, eventualmente no Maranhão, onde exerceu o cargo de juiz de fora).

«Bernardo⁴⁴⁰ nébias faça e cague⁴⁴¹ nelas;
E Belmiro⁴⁴², por ter habilidade,
Como dantes trabalhe em bagatelas.»

⁴⁴⁰ Manuel Bernardo, que apenas compunha cantos fúnebres. Bocage fustigou-o também nos poemas «Contra Elmano urrando avança», «Em ermo cemitério, em hora escura» e «É mentira: não foi o vil coveiro».

⁴⁴¹ Inocência grafou «roa» para evitar a intervenção da Censura. A mesma opção foi tomada por Hernâni Cidade.

⁴⁴² Belchior Curvo Semedo (Montemor-o-Novo, 1766-Lisboa, 1838).

AOS MESMOS

Tu, França, que na ode és mar em calma;⁴⁴³
 Tu, mocho da piéria⁴⁴⁴ soledade,
 Bernardo, a quem no horror da escuridade
 Com dois versos à morte o estro acalma;

Quintanilha, pigmeu no corpo e n'alma;
 Da matriz d'Almoester tu, calvo abade⁴⁴⁵;
 Belmiro, anão de Apolo, e tu, ex-frade⁴⁴⁶,
 Que em trovas de bumbum levas a palma;

Vates que mereceis do cardo a rama;
 Turba que as setas da calúnia afias,
 Momentâneo borrão da alheia fama,

Dá cabo das sessões com que enfastias;
 Por mão do secretário entrega à chama
 Papelada servil de ninharias!

⁴⁴³ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 346. António Maria do Couto intitula-o «Aos Arcades».

⁴⁴⁴ Relativo às Musas, ou à poesia.

⁴⁴⁵ O padre Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa, vigário da Igreja de Santa Maria de Almoester.

⁴⁴⁶ José Agostinho de Macedo.

AOS MESMOS⁴⁴⁷

Contra Elmano Sadino⁴⁴⁸ urrando avança
 O estéril Córidon⁴⁴⁹, o vão Belmiro,
 Bernardo, o Nénias, lúgubre vampiro
 Que do extinto Miguel⁴⁵⁰ possui a herança;

O curto Quintanilha⁴⁵¹, o torpe França,
 O tonsurado, retumbante Elmiro⁴⁵²,
 Vibram tiros ao vate, e é cada tiro
 Mais frouxo que pedrada de criança.

Elmano solta um peido, eis foge tudo;
 Eis os sócios ganindo ao som do traque,
 Quais do funil apenso os cães no entrudo.

Mas se inda a corja renovar o ataque,
 Bocage que fará? Pôr-se de escudo,
 Perder doze vinténs num Almanaque⁴⁵³.

⁴⁴⁷ Soneto publicado postumamente. Cf. as notas do soneto n.º 223, p. 253.

⁴⁴⁸ Pseudónimo literário de Bocage. Elmano é o anagrama de Manoel.

⁴⁴⁹ Córidon Neptunino, isto é, o padre Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa, abade de Almoester.

⁴⁵⁰ Nota, aparentemente, de Bocage, recuperada por António Maria do Couto: «Miguel Alvarenga, de cujos versos Manoel Bernardo é usurpador e com os quais campa nas súcias; deste número é a Cantata de Melino com que ele chora, mandando tirar a luz e fazendo mil macaquices, que se omitem por brevidade.»

⁴⁵¹ Nota: «Era mui apequinitado de corpo.»

⁴⁵² Elmiro Tagideo, ou seja, José Agostinho de Macedo.

⁴⁵³ Referência ao *Almanaque das Musas*, publicado em quatro partes, nos anos de 1793 e 1794. Era financiado pelo conde de Pombeiro, pertencendo a sua organização a Domingos Caldas Barbosa. Constituiu uma tribuna da qual os inimigos de Bocage o alvejaram profusa e violentamente. Nota de Bocage: «O das Musas — bem conhecido pelos seus erros de razão e pela ociosidade em que jaz na loja da *Gazeta* [de Lisboa].» O seu preço ascendia a 240 réis.

AOS MESMOS

De insípida sessão no inútil dia,⁴⁵⁴
 Juntou-se do Parnaso a galegagem;
 Em frase hirsuta, em gótica language
 Belmiro um ditirambo⁴⁵⁵ principia;

Taful⁴⁵⁶ que o português não lhe entendia,
 Nem ao resto da cómica salsage,
 Saca o soneto que lhe fez Bocage,
 E conheceu-se nele a Academia;

Dos sócios o pior silvou qual cobra⁴⁵⁷,
 Desatou-se em trovões, desfez-se em raios,
 Dando ao triste Bocage o que lhe sobra:

Fez na calúnia vil cruéis ensaios,
 E jaz com grandes créditos a obra
 Entre mãos de marujos e lacaios.

⁴⁵⁴ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 345.

⁴⁵⁵ Género poético também cultivado por Bocage, embora muito esporadicamente.

⁴⁵⁶ Peralta.

⁴⁵⁷ Belchior Curvo Semedo, arqui-inimigo de Bocage.

À «NOVA ARCÁDIA»

Ó triste, malfadada Academia!⁴⁵⁸
 O vate Elmano em sátiras se espraia;
 Fervem correios ao loquaz Talaia⁴⁵⁹,
 Que a todos teu descrédito anuncia.

Apolo⁴⁶⁰ exulta, o povo te assobia,
 A glória tua em convulsões desmaia;
 Ah! primeiro que a pobre em terra caia,
 Corte-se o voo da fatal porfia;

Ao satírico audaz põe duro freio,
 Pune o declamador, que te flagela;
 Dá-lhe assento outra vez no magro seio,

Bem como a quem profana uma donzela,
 Que em pena do afrontoso estupro feio
 Fazem pródidas leis casar com ela.

⁴⁵⁸ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 347.

⁴⁵⁹ João Dias Talaia Sotomaior, da Academia de Sacavém. Era formado em Cânones pela Universidade de Coimbra. Pertenceu à «Academia dos Obsequiosos». Foi satirizado por António Lobo de Carvalho em *Poesias Joviais e Satíricas*.

⁴⁶⁰ Deus das artes e da medicina, filho de Júpiter e de Latona, irmão de Diana. Era acolitado por nove Musas: Clio, Melpómene, Talia, Euterpe, Terpsicore, Érato, Calíope, Urânia e Polímnia.

VERA EFÍGIE DO DR. LUÍS CORREIA DA FRANÇA AMARAL ⁴⁶¹, QUE PODERÁ
SERVIR DE BUSCA A TODA A PESSOA QUE NESTA CIDADE
O QUEIRA PROCURAR, ETC.

Rapada, amareleta cabeleira, ⁴⁶²
Vesgos olhos, que o chá e o doce engoda,
Boca que à parte esquerda a se acomoda
(Uns afirmam que fede, outros que cheira);

Japona que da Ladra andou na feira;
Ferrugento faim ⁴⁶³ que já foi moda
No tempo em que Albuquerque fez a poda
Ao soberbo Hidalcão ⁴⁶⁴ com mão guerreira;

Ruço calção que esporra no Joelho ⁴⁶⁵,
Meia e sapato com que ao lodo avança,
Vindo a encontrar-se coò esburgado artelho;

⁴⁶¹ Nascido em Lisboa no ano de 1725, membro da «Arcádia Lusitana» e depois da «Nova Arcádia», com o pseudónimo literário de Melizeu Silénio, bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra, era um inimigo visceral de Bocage, que violentamente atacou no *Almanaque das Musas*. Faleceu naquela cidade em 1808.

⁴⁶² Poema póstumo, sendo a epígrafe da autoria de Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 355. António Maria do Couto, que tornou público, pela primeira vez, este soneto, apresenta a seguinte epígrafe: «Vera efígies do Dr. L. C. de França A. e A, a qual poderá servir de busca a toda a pessoa, que nesta cidade o queira procurar (e acrescentava Bocage) cujo título todo é seu e dêem o soneto a qualquer galego, que lá vai ter com ele». Consta das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas de Bocage*, 1854, p. 133, lição que seguimos.

⁴⁶³ Andava sempre com uma curta espada.

⁴⁶⁴ Ismaél Adil Xá, filho do célebre príncipe turco Ádil Can, que dominava Goa, antes de ser conquistada por Afonso de Albuquerque, em 1510.

⁴⁶⁵ Inocêncio Francisco da Silva, t. I, para evitar a ação da Censura, grafou «espipa»: «O primeiro verso do primeiro terceto não vai conforme ao original, porque a decência não tolera o emprego do vocábulo que foi mister substituir.» António Maria do Couto afirma em nota à edição das *Poesias Satíricas Inéditas*: «Não se pode dar uma ideia mais expressiva da curteza de um calção que está sempre a fugir para cima do Joelho.»

Jarra com apetites de criança;
Cara com semelhança de besbelho:
Eis o bedel⁴⁶⁶ do Pindo, o doutor França.

⁴⁶⁶ Responsável pela disciplina nas escolas.

AO MESMO

Melizeu⁴⁶⁷, o menor entre os nascidos,
 De face cadavérica e nojosa,
 Tísico em verso, apoquentado em prosa,
 Hórrido aos olhos, hórrido aos ouvidos;

Soltando dissonantes alaridos
 Da boca transversal, erma e gulosa,
 Insulta a quem de Febo⁴⁶⁸ os mimos goza,
 Estafa-se em preceitos não cumpridos.

Ao vate Elmano plagiário chama,
 Sendo o mais desprezível plagiário,
 Que o que pilha desluz, corrompe, infama:

Profanador do Aónio⁴⁶⁹ santuário,
 Lobisomem do Pindo⁴⁷⁰, orneia ou brama,
 Até findar no Inferno o teu fadário!

⁴⁶⁷ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 356.

⁴⁶⁸ Melizeu Cilénio, pseudónimo literário de Luís José Correia Sá de França e Amaral.

⁴⁶⁹ Nome dado ao monte Parnaso, onde viveu Áon, filho de Neptuno e de Pítane, ou de Júpiter e de uma ninfa.

⁴⁷⁰ Apolo, o deus das artes, vivia com as Musas naqueles montes.

A BELCHIOR MANUEL CURVO SEMEDO ⁴⁷¹

Intruso no apolíneo santuário ⁴⁷²,
 Dar leis a cegos, iludir pedantes,
 Uivar entre as frenéticas bacantes,
 Qual vago lobisomem em seu fadário;

Voar de dicionário em dicionário,
 Pilhando aqui e ali porções brilhantes,
 Aguarentar com mãos surripantes,
 Pigmeu de Sintra, teu verboso erário;

Por fofos versos compassar trejeitos,
 Converter em trovão qualquer suspiro,
 Em tarda prosa chã roçar preceitos;

Com remendadas púrpuras de Tiro ⁴⁷³
 Vestir absurdos, embuçar defeitos,
 Eis os progressos do pavão Belmiro.

⁴⁷¹ Soneto publicado postumamente por Desidério Marques Leão, *Obras Poéticas*, t. v, p. 69.

⁴⁷² O santuário de Apolo, ou seja, a poesia.

⁴⁷³ Cidade rica e mercantil da Fenícia.

Encantador Garção ⁴⁷⁴, tu me arrebatas,
 Audaz vibrando o plectro ⁴⁷⁵ venusino ⁴⁷⁶;
 Suave Albano ⁴⁷⁷, delicado Alcino ⁴⁷⁸,
 Musas do terno Amor, vós me sois gratas.

Adoro altos prodígios que relatas,
 Cantor da Glória, majestoso Elpino ⁴⁷⁹,
 Tu, que, agitado de ímpeto divino,
 Acesos turbilhões na voz desatas.

Ó cisnes imortais do Tejo ameno!
 A carrancuda Inveja em mim não cria
 Víboras prenhes de infernal veneno;

O clarão que esparzis me acende e guia,
 Culto, incenso vos dou quando condeno
 Delírios que Belmiro ao prelo envia. ⁴⁸⁰

⁴⁷⁴ Poeta e dramaturgo (Lisboa, 1724-*idem*, 1771), cuja obra foi publicada postumamente, um dos escritores que deu rosto à «Arcádia Lusitana», na qual ostentava o pseudónimo literário de Córidon Erimanteu.

⁴⁷⁵ Pequena vara com que se tangia a lira.

⁴⁷⁶ Horaciano.

⁴⁷⁷ Nome literário de João Xavier de Matos (1730-1789), poeta popular, dedicou muitas das suas composições a mecenas que asseguravam o seu quotidiano. Aderiu à Arcádia Portuense, sendo Albano Eritreu o seu pseudónimo literário. Frequentou assiduamente outeiros, que lhe propiciavam os meios de subsistência, sendo um boémio compulsivo. A sua *praxis* social e a sua poesia apresentam afinidades com as de Bocage.

⁴⁷⁸ Domingos dos Reis Quita (Lisboa, 1728-*idem*, 1770), cujo nome arcádico era Alcino Micénio.

⁴⁷⁹ Nota de Bocage: «O desembargador António Dinis da Cruz [e Silva], nas suas odes aos heróis da Índia.»

⁴⁸⁰ No segundo tomo das *Rimas*, p. 3, Bocage, para evitar a mutilação da Censura, escreveu: «Delírios que o meu zoilo ao prelo envia.», Inocêncio Francisco da Silva, na posse de um manuscrito original, transcreveu desta forma, p. 241. António Maria do Couto publica este poema com a seguinte epígrafe: «Em obséquio do Snr. B. M. C. S., fidalgo da Casa Real, em crédito das suas obras.». B. M. C. S. são as iniciais de Belchior Manuel Curvo Semedo, arqui-inimigo de Bocage.

ESTANDO EM CENA UMA COMÉDIA, CUJA TRADUÇÃO SE ATRIBUÍA
A BELCHIOR MANUEL CURVO SEMEDO

Cartaz

Quarta-feira, catorze do corrente,⁴⁸¹
Se apresenta outra vez com bom cenário
No Salitre⁴⁸² a comédia do «Antiquário»,
A que tem concorrido imensa gente.

É obra traduzida novamente
Por um poeta, amigo do empresário,
Memorião que engole um dicionário,
E orna de verdes pâmpanos a frente.

Em lugar d'entremez, se há de seguir
Do Franco⁴⁸³ a grande peça, curiosa
Tragédia de «Sesóstris», que faz rir.

Tem versos naturais: parecem prosa!
Que venha o nobre público aplaudir
Espera a Companhia obsequiosa.

⁴⁸¹ Soneto publicado postumamente por Desidério Marques Leão, *Obras Poéticas*, t. v, p. 111, e por Inocêncio Francisco da Silva, t. i, 1853, p. 370. A epígrafe é deste escritor.

⁴⁸² O Teatro do Salitre. Neste espaço, foram recitados os seguintes elogios compostos por Bocage: «Aos Faustíssimos Anos da Sereníssima Senhora D. Maria Benedita, Princesa do Brasil, Viúva»; «Aos Faustíssimos Anos do Sereníssimo Senhor D. João, Príncipe Regente de Portugal», este a 13 de maio de 1799, e «O Actor Agradecido à Beneficência Pública». *A Virtude Laureada*, a sua última publicação, foi ali representada em 1805.

Na Caixa 569 do Arquivo do Ministério do Reino encontram-se vários documentos sobre este espaço teatral, entre eles um requerimento, subscrito por atores e atrizes incompatibilizados com o empresário, devido ao atraso no pagamento de salários.

⁴⁸³ Padre Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa.

Belmiro, que entre os pâmpanos farfalha,⁴⁸⁴
 Afetando entoar canções divinas,
 Fez, cansado d'asneiras pequeninas,
 Uma que até percebe a vil gentalha:

Nesse idílio, em que Fauno irado ralha,
 O divino amador das frases finas
 Pôs o cornudo Pã⁴⁸⁵, deus das campinas,
 De bruços a beber na vénea talha.

Um nume que, apesar do pé caprino,
 Teve altar, teve incenso e reverência,
 Jaz na classe das bestas? Irra! Afino!

Que mesquinhez do vate e que insolência!
 Tudo por cinco réis, quando o mofino
 Co'um púcaro poupava esta indecência!

⁴⁸⁴ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, 1853, p. 352. Na edição de António Maria do Couto, apresenta a seguinte epígrafe: «A Belmiro, Árcade, sem ser o Pastor do Douro: é que pelo nome não perca B. M. C. S.». Trata-se de Belchior Manuel Curvo Semedo e não de Belmiro Duriense, pseudónimo arcádico de Bernardo António de Sousa.

Segundo Couto, é uma «peça que na Arcádia havia recentemente recitado como o seu *non plus ultra*. Veja o *Idílio de Fauno* no terceto que começa 'Não no mundo não vês outra mais bela'. Esta nota é de Bocage, que acompanhava o soneto, a alguns a quem o deu por cópia.»

⁴⁸⁵ Deus dos campos e dos pastores, filho de Júpiter e de Calisto, ou de Hermes e Penélope. Perseguiu Sírinx, que se metamorfoseou em cana. Pã cortou-a e dela fez a primeira flauta.

A BELMIRO EM DIMINUTIVOS ⁴⁸⁶

Junto ao Tejo, entre os tenros Amorinhos ⁴⁸⁷,
 As belmíricas musas pequeninas,
 Para agradar a estúpidas meninas,
 Haviam fabricado uns bonequinhos.

Com eles os travessos rapazinhos,
 Que são mui folgazões e mui traquinas,
 Armaram mil subtis alicantinas
 E os lançaram depois nuns bispotinhos.

Eis tágide louçã de ebúrneo colo,
 A quem não vencerá, por mais que lute,
 O nosso Belmirinho, anão de Apolo,

Surge d'água, e lhe diz: «Filhinho, escute;
 Olhe com que notícia hoje o consolo:
 É poeta do rei de Lilipute ⁴⁸⁸!»

⁴⁸⁶ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, 1853, p. 353.

⁴⁸⁷ Cupidos.

⁴⁸⁸ Referência aos habitantes, cuja estatura se assemelhava à dos pigmeus, retratados por Jonathan Swift, em *Viagens de Gulliver* (1726).

Deixa, insigne Bocage, insulsos vates,⁴⁹⁰
 Que o zelo teu à guerra desafia;
 Brutos são, desconhecem poesia,
 Com as armas de Apolo em vão combates.

Por mais que em corrigi-los te dilates,
 Fruto só tirarás dessa porfia
 Conduzindo-os à alta enfermaria
 Da piedosa casa dos Orates⁴⁹¹.

A Lereno⁴⁹², que é homem de juízo,
 Por muitos versos, cheios de beleza,
 Perdoa, se não gostas de improviso.

O egípcio *entremez* ele despreza;
 Nos outros, sócio Elmano, é que é preciso
 Palhas, dieta e vergalhada tesa.

⁴⁸⁹ Domingos Caldas Barbosa (Rio de Janeiro, 1738-Lisboa, 9 de novembro de 1800) foi um acrisolado inimigo de Bocage. Filho de um português e de uma escrava negra, veio para Portugal aos 25 anos, tendo sido protegido pelo poder. Licenciou-se em Cânones (1767) e em Leis (1769) pela Universidade de Coimbra. Era sob a sua égide que a «Academia de Belas-Letras» se reunia e a ele se deveu a organização do *Almanaque das Musas*. Consta que terá intrigado junto da mãe de uma das amadas de Bocage. Era um compositor de modinhas apreciado e um exímio tocador de viola. Da sua obra, destaca-se *Viola de Lereno*.

⁴⁹⁰ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, 1853, p. 348, sendo sua a epígrafe. A de António Maria do Couto é a seguinte: «Bocage figurado em boca de outrem. Aos Arcades.»

⁴⁹¹ Hospício de doentes mentais.

⁴⁹² Lereno Selinuntino, ou seja, Domingos Caldas Barbosa.

AO MESMO⁴⁹³

Por casa Febo⁴⁹⁴ entrou co'um vil bugio⁴⁹⁵:
 As Musas o animal não conheciam,
 E fugindo assustadas do que viam,
 Foi de ventas a terra a pobre Clio⁴⁹⁶.

«Não fujam! Venham cá! Não é bravo!»
 Gritava o deus; e as Musas, que tremiam,
 Todas por uma voz lhe respondiam:
 «Ai que bicho tão feio! Ai! Não me fio!»

«Qual feio? (acode Apolo) É mui galante,
 E na figura e gestos dá mil provas
 De ser em parte aos homens semelhante.

«Caldas o nomeei; com graças novas
 Faz-me estalar de riso a cada instante,
 Em prémio lhe concedo o dom das trovas.»

⁴⁹³ Publicado postumamente por Nuno Álvares Pato Moniz, na obra *Verdadeiras Inéditas, Obras Inéditas de Bocage*, t. iv, p. 213. Pedro José de Figueiredo, na *Sentença Proferida na Casinha da Almotaceria pelo Supremo Juízo da Inconfidência Literária na Sessão XI sobre o Quarto Tomo das Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage Dada à Luz para Desengano dos Patetas*, afirma que este soneto, considerando o seu teor, foi rejeitado duas vezes pela Censura. Na investigação que realizámos no Arquivo da Real Mesa Censória, depositado na Torre do Tombo, não encontrámos qualquer traço dessa proibição.

⁴⁹⁴ Apolo. O Sol também era assim designado.

⁴⁹⁵ Macaco.

⁴⁹⁶ Uma das Musas, aquela que, na mitologia grega, preside à história.

AO TROVISTA CALDAS, PARDO DE FEIÇÕES E GRENHA
 CRESPA E REVOLTA (METAMORFOSE)⁴⁹⁷

Lembrou-se no Brasil⁴⁹⁸ bruxa insolente
 De armar ao pobre mundo estranha peta:
 Procura um mono, que infernal careta
 Lhe faz de longe, e lhe arreganha o dente.

Pilhando-o por mercê do Averno⁴⁹⁹ ardente,
 Conserva-lhe as feições na face preta,
 Corta-lhe a cauda, veste-o de roupetta,
 E os guinchos lhe converte em voz de gente.

Deixa-lhe os calos, deixa-lhe a catinga;
 Eis entre os Lusos o animal sem rabo
 Prole se aclama da rainha Ginga;

Dos versistas se diz modelo e cabo;
 A sua alta ciência é a mandinga⁵⁰⁰,
 O seu benigno Apolo é o Diabo.

⁴⁹⁷ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, 1853, p. 350, por Desidério Marques Leão, *Obras Poéticas*, t. V, p. 81, e por António Maria do Couto, autor do enquadramento.

⁴⁹⁸ Domingos Caldas Barbosa nasceu no Brasil.

⁴⁹⁹ Lago que era considerado a entrada do Inferno.

⁵⁰⁰ Feitiçaria.

AO PADRE JOAQUIM FRANCO D'ARAÚJO FREIRE BARBOSA ⁵⁰¹,
VIGÁRIO DA IGREJA DE ALMOSTER

Conhecem um vigário de chorina, ⁵⁰²
De insulsa frase, de ralé maruja?
Sapo imundo, que bebe, ou que babuja
No que deita por fora a Cabalina ⁵⁰³?

Este é um tal Franco, um tal sovina,
Que orelhas mil e mil com trovas suja,
Digno rival do mocho e da coruja
Quando a voz desenfreia, a banza afina.

Faz versos em francês, francês antigo,
Em gíria de Veneza e finalmente
Em corrupto espanhol; leve o castigo.

Ele diz que são bons, e os mais que mente;
Põe mãos à obra, faze o que te digo,
Chicoteia esse bruto, e crê na gente.

⁵⁰¹ Presbítero secular, vigário da Igreja de Santa Maria de Almoester, pertencia à Nova Arcádia, tendo adotado o pseudônimo literário de «Córdon Neptunino». Era membro da Academia Real das Ciências e foi o autor da tragédia *Sesóstris*, de pouco valor, publicada em 1791, à qual Beckford faz referência no seu diário, p. 143, e que vem anunciada na *Gazeta de Lisboa* de setembro daquele ano.

⁵⁰² Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, 1853, p. 357. Apresenta semelhanças com o de Voltaire «Connaissez-vous certaine rimeur obscur», in *Poésies Satyriques*. Londres: 1782, vol. 1, p. 4.

⁵⁰³ Fonte de Hipocrene, cujas águas estimulavam a inspiração dos poetas.

AO MESMO

O mundo a porfiar que o Franco é tolo,⁵⁰⁴
 O Franco a porfiar que o mundo mente!
 Irra! O padre vigário é insolente,
 Raspem-lhe as mãos, e fervam-lhe o carolo.

Da brilhante Razão jamais o rolo
 Lhe entrou no casco, lhe raiou na mente;
 Mas como a Natureza é providente,
 Com a bazófia supre-lhe o miolo.

Ora, vão trovador do «Herói do Egipto»⁵⁰⁵,
 Tu não ouves, não vês o que se passa
 Acerca dos papéis que tens escrito?

A cópia de «Gessner»⁵⁰⁶ deu-se de graça;
 «Psique» jaz de capela e de palmito;
 «Sesóstris»⁵⁰⁷ infeliz morreu de traça.

⁵⁰⁴ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, 1853, p. 358.

⁵⁰⁵ Ou seja, Sesóstris.

⁵⁰⁶ Bocage refere-se à sua tradução de *Idílios e Poesias Pastoris*, obra de Gessner publicada, em 1784, por Simão Tadeu Ferreira.

⁵⁰⁷ Obra editada, em 1791, por Simão Tadeu Ferreira.

AO MESMO

Havia mais de um mês que o bom Lizeno⁵⁰⁸
 Fechar sequer um olho não podia,
 Submetido à fatal sabedoria
 Do respeitável médico pequeno.

Hipócrates⁵⁰⁹ daqui, dali Galeno⁵¹⁰
 Revolvia o tacho na livraria;
 Remédios contra a insónia requeria,
 Porém cada receita era um veneno.

Eis do Franco lhe lembra em continente
 Cada verso, mais duro do que um tronco,
 E *receipe* de alguns forma ao doente.

Em curta dose aplica o metro bronco;
 Receitou-lhe um terceto; eis de repente
 Começa a bocejar, e prega um ronco.

⁵⁰⁸ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, in *Poesias de (...)*, t. I, p. 359, o qual afirma em nota ter transcrito uma cópia mais correta do que a utilizada pelos responsáveis de edições anteriores.

⁵⁰⁹ Considerado o fundador da medicina, nascido na Grécia, cerca de 460 antes de Cristo e falecido, sensivelmente, 70 anos mais tarde.

⁵¹⁰ Médico grego (c. 130-c. 200), discípulo de Hipócrates, cujas teorias foram paradigmáticas para a medicina ocidental.

POR OCASIÃO DE UM SONETO COMPOSTO PELO MESMO

Li as catorze regras aos penachos,⁵¹¹
 A trova que as orelhas nos magoa;
 Viva a maruja frase – *Estou na proa...*
 Modelo singular de termos baxos!

A lembrança dos bois, burros e machos
 É lembrança feliz, é coisa boa!
 Pois o *palheiro, que sem peso voa!*...
 Isso dá jus à cilha e berbicachos.

O lugar onde a mão findou seis linhas
 Podia muito bem ficar em branco,
 Sem fazer falta às pobres das vizinhas;

⁵¹¹ Publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, p. 360. Para melhor compreensão da sátira bocagiana, reproduzimos, integralmente, o poema de Franco, intitulado «À nova moda dos chapéus de palha, de que usam as senhoras»:

Fizestes bem, madamas de Lisboa,
 Em adornar de palha as vossas testas;
 Se algum crítico mau vos chamar bestas,
 Logo em vosso favor lhe estou na proa.

Um tal adorno não foi feito à toa.
 Nem sem pensar se fazem cousas destas;
 Brilhai nas procissões, brilhai nas festas
 Coêsse palheiro, que sem peso voa.

O que temo é que os bois, burros e machos
 Contra vós armem desigual batalha,
 Se o comer lhes roubais para os penachos.

Mas enfim, não sintais por isso falha;
 As flores, chapelinhos, fitas, cachos
 Fazei de corno, se faltar a palha.

O quinto indigno verso é quase manco;
A ideia tem mais sal que três marinhas;
E a córnea conclusão laureia o Franco!

AO MESMO

Volve a Peniche, ó zanga de Lisboa,⁵¹²
 Ó testa capataz das ocas testas!
 Vive entre os teus iguais, vive entre as bestas,
 E, entre bestas vivendo, abate a proa.

Quem versos sem-sabor produz à toa
 Só nos pode brindar com obras destas;
 Deixa brilhar nas procissões, nas festas
 Ninfas de quem Cupido em torno voa.

Mais bruto do que os bois, burros e machos,
 Ao lindo sexo amável dás batalha,
 Porque talvez te ornou de alguns penachos!

No amor da esperta Nise achaste falha,
 Ou antes o fervor que vem dos cachos
 Te fez, tosco palheiro, arder a palha.

⁵¹² Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 361. V. nota anterior.

AO DR. JOSÉ TOMÁS QUINTANILHA⁵¹³

Esse cantor de chá, manteiga e queijo,⁵¹⁴
 Rato que rói do Caldas a substância,
 Pigmeu de insuportável arrogância,
 Que morde mais que pulga, ou percevejo,

Aceso no frenético desejo
 D'exceder dos Quixotes a constância,
 À frondosa Funchal mandou com ânsia
 Atado em verde fita um triste beijo.

Pendia em tiracolo ao deus frecheiro⁵¹⁵
 A eterna of'renda; eis Zéfiro ladino
 O beijinho impeliu para o traseiro.

Quintanilha! Que opróbrio! Que destino!
 Mimo que ia ao teu bem, tocou primeiro
 O nédio cu do trêfego menino!

⁵¹³ José Tomás da Silva Costa Quintanilha, membro da «Nova Arcádia», cujo pseudónimo literário era Eurindo Nonacriense. A animosidade de Bocage contra este poeta só teve lugar, em 1802, na sequência da polémica com os membros da «Academia de Belas-Letras». Na fratura havida em 1794, a relação entre ambos era amistosa: Bocage, na ode «Euro, batendo as asas», apelidava Quintanilha de «atilado Eurindo» (*Rimas*, t. I, 1794). Nesta edição, em nota de rodapé, dedicou-lhe o soneto «Eurindo, caro às Musas e aos Amores», «descrevendo na excelente glosa de uma quadra o desastre de Leandro e Hero», e refere um «bom soneto» seu homenageando Inês de Castro. Faleceu depois de 1834.

⁵¹⁴ Inocêncio (t. I, p. 354) explicita o contexto deste poema publicado postumamente: «Conta-se que o doutor Quintanilha (que em uma epístola havia exagerado a bondade dos almoços do padre Caldas) compusera um soneto, em que atado a um listão verde mandava um beijo à sua amada, então moradora na ilha da Madeira. Esta anedota lhe valeu da parte de Bocage a presente sátira.»

⁵¹⁵ Cupido.

CONTRA MIGUEL ANTÓNIO DE BARROS, AUTOR DE «CINEU E SOLINA»⁵¹⁶

O laçao d'Ovídio⁵¹⁷ é tal, que empreende
 Mamar de um sorvo toda a Cabalina⁵¹⁸;
 Fez milagres na história de *Solina*,
 Ninguém lhe ponha a mão, ninguém a emende!

A tal Juno a voar inveja acende;
 O autor nesta invenção não desatina;
Sons divinos lhe deu, *letra divina*,
 Porque a língua dos pássaros entende.

Faz coòs Almeidas e Ricardos vasa;
 Sem saber o que diz, consegue a fama,
 Enregelando às vezes, crê que abraça:

Ganha à noite o laurel com que se enrama,
 E tendo de manhã varrido a casa,
 Ao mestre correeiro *enrola a cama*.

⁵¹⁶ Miguel António de Barros (1772-1827) era correio de profissão. Ostentava na Academia de Belas-Letras o pseudónimo Melibeu. Um verso de uma composição sua — «Bandeiras marciais enrola, acama» —, publicada em *Tributo de Gratidão Que a Pátria Consagra*, sofreu as invetivas de Bocage no presente soneto, nunca incluído nas obras completas. Foi, pela primeira vez, publicado por Inocêncio Francisco da Silva, no tomo VI, p. 219, do *Dicionário Bibliográfico Português*. A respetiva resposta, intitulada «O malhado Bocage ardendo compreende», no qual o vate setubalense é apelidado de «sultão do Parnaso» — um epíteto a que vários inimigos seus recorreram —, encontra-se na página seguinte.

⁵¹⁷ Referência à forma não criativa e mecânica como Barros traduzia.

⁵¹⁸ Fonte de Hipocrene, cujas águas estimulavam a inspiração dos poetas.

«À LIÇÃO AO PÉ DA LETRA». FEITO NA OCASIÃO EM QUE ANDAVA EM CENA
A TRAGÉDIA «ELAIRE», DE MIGUEL ANTÓNIO DE BARROS

Gritava mestre Brás: «Filha traidora!...⁵¹⁹
Hei de arrancar-te os olhos, vil cadela!
Vou pregar férreas trancas na janela,
Por que a não veja o biltre que a namora.»

Nisto a moça infeliz suspira e chora,
Suspiram Graças, chora Amor com ela;
Tão mimosa não é, não é tão bela
Quando pérolas verte a linda Aurora!

«Ser sapateiro, ou grande, o Fado ordena;
Sou um pai que da honra os lares trilha,
Tragédias nunca viu quem me condena;

«O pregar-lhe as janelas não me humilha,
Que há pouco o grão Miguel mostrou na cena
Que fez o rei da Trácia o mesmo à filha.»

⁵¹⁹ Epígrafe de Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 372. Na sua opinião, ao contrário do que os irmãos Castilho afirmam (t. XXIII, p. 67), este soneto, publicado postumamente, é da autoria de Bocage e não de António Bersane Leite. Desidério Marques de Leão, na sua edição de 1814, e António Maria do Couto atribuem igualmente a Bocage a autoria desta composição.

«Não presta Córídon⁵²⁰, não presta Elpino^{521, 522}
 Filinto⁵²³ é ninharia, é lixo Alfeno⁵²⁴,
 Albano⁵²⁵ fala só do Tejo ameno,
 Só tardes e manhãs descreve Alcino⁵²⁶;

«Trescala aos Seiscentistas o Paulino⁵²⁷;
 Pois Bocage! Isso é peste, isso é veneno»,
 Roncava charlatão rolho e pequeno,
 Pequeno em corpo, em alma pequenino⁵²⁸.

«Quem acha Vossa Mercê (lhe sai d'um lado
 Tافل do sério rancho das lunetas),
 Quem acha para versos estremado?»

«Quem! (diz o tal) não façam lá caretas:
 Um que dos seus papéis anda pejado,
 Poeta de pregões, cantor de petas.»

⁵²⁰ Córídon Erimanteu, ou seja, Correia Garção.

⁵²¹ Elpino Nonacriense, pseudónimo arcádico de António Dinis da Cruz e Silva.

⁵²² Soneto publicado em 1804, no terceiro tomo das *Rimas*, p. 17. Na edição de António Maria do Couto, encontra-se a epígrafe «A J. D. R. C., esbirro terrível pela pena e cordel». Segundo este editor, Bocage afirmava que José Daniel Rodrigues da Costa «era oficial das portas da cidade para impedir a entrada do vinho sem guia». O último verso foi transcrito diferentemente por Inocêncio Francisco da Silva, na página 338 do primeiro tomo das obras completas que organizou em 1853: «O aguazil Daniel, cantor de petas.» Terá tido acesso a uma cópia que o poeta não enviou à Censura, temendo a sua ação limitadora. Hernâni Cidade seguiu também esta lição.

⁵²³ Filinto Elísio.

⁵²⁴ Alfeno Cíntio, pseudónimo literário de Domingos Maximino Torres.

⁵²⁵ João Xavier de Matos.

⁵²⁶ Alcino Micénio, isto é, Domingos dos Reis Quita, que pertenceu à Arcádia Lusitana.

⁵²⁷ Paulino António Cabral de Vasconcelos, que assinava «Abade de Jazente», nascido e falecido em Amarante, respetivamente em 1719 e 1789.

⁵²⁸ José Tomás da Silva Costa Quintanilha.

AO MESMO, PUBLICANDO O «ALMOCREVE DAS PETAS»⁵²⁹

«Das Petas o Almocreve»⁵³⁰ é obra tua,
 Bem se vê, Daniel, na frase e gosto;
*Adiça três de abril, ou seis de agosto*⁵³¹,
 É de quem vende as rimas pela rua.

Cheira a teu nome o roubo da perua,
 E entre o tostado arroz o gato posto;
 Eis a obra melhor que tens composto⁵³²,
 Inda que de artifício e graça nua.

A gente por Lisboa anda pasmada,
 Vendo-te farto e cheio como um ovo
 Dos alvos pintos, que te deu por nada;

E frio de terror murmura o povo
 Que a tua estupidez anda pejada,
 E que cedo se espera um parto novo.

⁵²⁹ Poema publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, p. 339.

⁵³⁰ O *Almocreve das Petas*, de acordo com Balbi, «était lu avec avidité, mais qui ne contenait que des anecdotes, des bons mots, de petites pièces, de vers et autres bagatelles.» A primeira e a segunda parte daquela publicação foram anunciadas na *Gazeta de Lisboa*, de 13 de maio de 1797, ascendendo o preço de cada uma a 30 réis. A sua ampla recetividade é atestada pela reedição desta obra em 1817.

⁵³¹ José Daniel Rodrigues da Costa tinha o hábito de pedir insistentemente às pessoas que comprassem as suas obras.

⁵³² Nota de António Maria do Couto: «Alude a uma peta que trazia no seu *Almocreve*, do logro que pregaram a quem mandou guisar um coelho, que o pasteleiro trocou por gato.»

AO MESMO, DANDO À LUZ O SEGUNDO VOLUME DAS SUAS «RIMAS»⁵³³

Tomo segundo à luz saiu das «Rimas
De José Daniel Rodrigues Costa»⁵³⁴,
Obra mui devagar, muito bem composta,
E sujeita depois a doutas limas.

Fala em ópios, em manas, fala em primas⁵³⁵,
Diz coisas de que a plebe não desgosta,
Morde em peraltas, na ralé disposta
A saltos, macaquices, pantominas.

Por estas e por outras que tem feito
Verá qualquer leitor nas obras suas
Que ele para versar nasceu com jeito.

Acham-se em tendas, acham-se em comuas⁵³⁶,
E para lhe aumentar honra e proveito,
As vende o próprio autor por essas ruas.

⁵³³ Poema publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 340.

⁵³⁴ *Rimas de José Daniel Rodrigues da Costa*, publicadas em três tomos, entre os anos de 1795 e 1797.

Nota de António Maria do Couto: «Quando Bocage ouvia os cegos apregoar as obras de J. D. R. C. sempre lhe dizia: 'Ou tira-lhe Daniel, ou põe Rodrigues', para desquivocar este do tradutor das *Geórgicas*.»

⁵³⁵ *Petas da Vida ou a Terceira Parte dos Ópios*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1788.

⁵³⁶ Latrinas.

A UM CÉLEBRE MULATO JOAQUIM MANUEL, GRANDE TOCADOR
DE VIOLA E IMPROVISADOR DE MODINHAS⁵³⁷

Esse cabra, ou cabrão, que anda na berra,⁵³⁸
Que mamou no Brasil surra e mais surra,
O vil estafador da vil bandurra,
O perro que nas cordas nunca emperra;

O monstro vil que produziste, ó Terra,
Onde narizes Natureza esmurra,
Que os seus nadas harmónicos empurra,
Com parda voz, das paciências guerra;

O que sai no focinho à mãe cachorra,
O que néscias aplaudem mais que a «Mirra»,
O que nem veio de prosápia forra;

O que afina inda mais quando se espirra,
Merece à filosófica pachorra
Um corno, um passa-fora, um arre, um irra.

⁵³⁷ Joaquim Manuel da Câmara, amigo de Domingos Caldas Barbosa, tal como este oriundo do Brasil.

⁵³⁸ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, p. 364. Alguém lhe contou o respetivo enquadramento: «Achava-se Bocage em uma assembleia e recitava aos concorrentes a sua tradução da 'Metamorfose' de 'Mirra'; porém, como ali estivesse também o tal Joaquim Manuel, as senhoras preferiram ouvir o mulato a escutar Bocage. Este, não podendo suportar o que julgava mais que injurioso desar para o seu amor-próprio, sentiu exacerbar-se a bilis e rompeu com o soneto a que nos referimos.» A admiração de Bocage por Ovídio é expressa no prefácio ao segundo tomo das *Rimas*. Nele afirmou que preferia não publicar a sua tradução de «Mirra», das *Metamorfoses*, «em atenção à modéstia e delicadeza, não poupadas naquela admirável produção, e antes quis omiti-la que desfigurá-la».

As modinhas estavam em grande voga na corte portuguesa, em finais do século XVIII. Joaquim Manuel da Câmara e Domingos Caldas Barbosa eram, eventualmente, os cantores mais populares.

AO MESMO ⁵³⁹

Vivem por i alguns de várias tretas,
 Com um eu esbravejo, em outros mango;
 Que ópio dás ao machete orangotango,
 Tu, glória das carrancas semipretas!

Quando acompanhas de infernais caretas
 Insípido lundum, ou vil fandango,
 Não posso tal sofrer: eu ardo, eu zango,
 Que no auge do assombro te intrometas.

Cresco Aríon ⁵⁴⁰, Orfeu ⁵⁴¹ de carapinha,
 Já de sobejo tens fartado a gana
 No seio da formosa pátria minha.

Com faro de chulice americana,
 Para o cálido Sul cortando a linha
 Vai cevar-te no coco e na banana.

⁵³⁹ Soneto inicialmente dado à estampa por António Maria do Couto, p. 4. Inocêncio republicou-o, t. I, p. 365.

⁵⁴⁰ V. nota ao soneto n.º 53, p. 81.

⁵⁴¹ Lendário poeta trácio, nascido no monte Ródope, que desceu aos Infernos para resgatar Eurídice, sua esposa. A forma como tangia a lira impressionou vivamente as divindades infernais, que o autorizaram a recuperar a sua amada; como única condição impunham-lhe a impossibilidade de olhar para trás até sair completamente daquela malquista região. Possuído de enorme paciência para a contemplar, virou-se e acabou por perdê-la.

POR OCASIÃO DE ACHAR-SE EM CENA NO TEATRO UMA TRAGÉDIA,
DE QUE ERA AUTOR FELISBERTO INÁCIO JANUÁRIO CORDEIRO⁵⁴²

Em vermelho cartaz propôs-se à cena
Lusa tragédia, que a Nação gloria:
«Do Grão Nuno Gonçalves de Faria»,
Produção singular de uma hábil pena.

No ato primeiro Elvira, em não pequena
Fala, maldiz da guerra a sanha impia;
Amante, irmão e pai vêm à porfia
Tudo zangar co'a mesma cantilena;

Heroicidade em versos cento e cento;
Engana o herói o hispano, morre à espada,
Lúgubre, afinal, lê-se um testamento.

De núpcias houve certa misturada;
Findou-se o drama, pôs-se em movimento
Na boca o riso, o pé com pateada.

⁵⁴² Autor de um soneto de homenagem a Bocage, incluído em *A Virtude Laureada*, p. 64: «Nesta horrível morada da saudade». Esta composição foi publicada por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 369.

TENDO APARECIDO UM SONETO SATÍRICO CONTRA UM DRAMA
DE TOMÁS ANTÓNIO DOS SANTOS E SILVA⁵⁴³

Contra o drama «O Recife Restaurado»
Do Milton⁵⁴⁴ português, seletto drama,
Rolho verzejador seu fel derrama
Com Ignorância, Inveja e Ódio ao lado.

Presidindo a Ignorância ao parto ousado,
Lhe imprime a Inveja a raiva em que se inflama;
O Ódio em tosca parede a *massa acama*⁵⁴⁵
Com que fica o soneto ali colado.

Novo cartaz, que gente não apinha!
Correm todos a ler o vil critério
Exposto em frase insulsa, audaz, mesquinha.

Eis Génio velador d'extenso império
O arranca, para ser em vil casinha
De fétida limpeza ministério.

⁵⁴³ Publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 373, em defesa de Santos e Silva, conterrâneo e amigo de Bocage.

⁵⁴⁴ John Milton, o grande épico inglês, cuja obra mais relevante é o *Paraíso Perdido*.

⁵⁴⁵ Nota de Bocage: «Espero que este verso não seja criticado, porque um autor de tragédias [Miguel António de Barros] o usou em igual composição.»

A ANTÓNIO JOSÉ DE PAULA, CÓMICO E DIRETOR DO TEATRO DO SALITRE ⁵⁴⁶

Ressurge vesgo e torto o grão Fred'rico,⁵⁴⁷
 Mestiço nas feições, crespo em melena;
 Tem gesto fanfarrão, alma pequena,
 Mas o peito é flamante, o traje é rico;

Faz caretas ao povo em ar de nico,
 Coò retrato de um burro avilta a Cena;
 Pede chá e café, tinteiro e pena,
 Temo que alguma vez peça o penico!

Estúpido tropel co'as mãos o aprova,
 Pé merecendo o vândalo guerreiro,
 Que avesso do que foi saiu da cova!

Cómico sem-sabor, porém matreiro,
 Pedra filosofal de espécie nova,
 Que torna parvoíces em dinheiro!

⁵⁴⁶ Nascido em Cabo Verde ou na Madeira, iniciou a sua carreira teatral no Teatro do Bairro Alto, tendo, mais tarde, representado no Brasil. De novo em Lisboa, no ano de 1794, ingressou no Teatro da Rua do Salitre, na qualidade de ator principal e de diretor, sendo bastante conceituado na época. Encenou, com assinalável sucesso, no Teatro do Salitre, a comédia *Frederico II, Rei da Prússia*, da autoria de Comela. Era apelidado na notícia «primeiro actor da Companhia Portuguesa». Mais tarde, foi empresário do Teatro Nacional da Rua dos Condes, como assinala, a de 22 de abril de 1803, a *Gazeta de Lisboa*. Foi autor e tradutor de peças destinadas a ser representadas pela sua companhia, nomeadamente o drama *A Gratidão*, a tragédia de Voltaire *O Cid* e, ainda do mesmo escritor, *Maforma* (Lisboa: Academia Real das Ciências, 1785). Faleceu em Lisboa, a 19 de maio de 1803.

⁵⁴⁷ Soneto composto em 1793 ou 1794 e publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 323.

DESAGRAVO JOCOSO DA INJÚRIA FEITA AO ENFERMO BOCAGE PELO EDITOR
DA NOVELA INTITULADA «A ESPANHOLA INGLESA»,
ATRIBUINDO-LHE AQUELA MÁ TRADUÇÃO⁵⁴⁸

Mercenário pregão de cego andante
(Quixote de fantástica donzela)
Audaz impinge sem-sabor novela,
Munida de um Bocage altissonante.

Nos flóreos tempos em que fui chibante,
Ai do inglês e da moça, inda que bela⁵⁴⁹,
Ai de quem ousa, com venal balela,
Pôr-me em pardo papel, e em vil barbante⁵⁵⁰.

Deploráveis mortais! Não somos nada!
Meu nome, que esparziste, honraste, ó Fama,
Meu nome em berraria, em assuada!

A glória me insta, a cólera m'inflama;
Eu, eu brigo: ó Perpétua⁵⁵¹, dê-me a espada...
Mas ai! Hércules só brigou na cama⁵⁵².

⁵⁴⁸ Pouco antes de falecer, corria o ano de 1805, Bocage desconhecia a existência de um autor chamado Reinerio Bocache. Perante a publicação da obra *História Nova, Famosa e Exemplar da Espanhola Inglesa*, por aquele assinada, acusou a Tipografia Lacerdina, a editora, de ter abusivamente utilizado o seu nome, para colher maiores proventos económicos. O poeta publicou, então, esta folha volante, editada «por Ordem Superior», ou seja, não passou pela Censura.

⁵⁴⁹ Nota de Bocage: «A Espanhola e o seu amante, heróis da novela.»

⁵⁵⁰ Cordel.

⁵⁵¹ Nota de Bocage: «Criada minha, de semblante exótico e antiguidade imemorial.»

⁵⁵² Nota de Bocage: «Alusão à primeira aventura de Hércules, sufocando no berço os dragões.»

AO SR. TOMÉ BARBOSA DE FIGUEIREDO DE ALMEIDA CARDOSO,
OFICIAL DE LÍNGUAS NA SECRETARIA DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Dos tórridos sertões, pejados d'ouro.⁵⁵³
Saiu um sabichão d'escassa fama,
Que os livros preza, os cartapácios ama,
Que das línguas repartem o tesouro.

Arranha o persiano, arranha o mouro,
Sabe que Deus em turco *Alá* se chama,
Que no grego alfabeto o G é *Gama*,
Que *tauros* em latim quer dizer touro.

Para papaguear saiu do mato,
Abocanha talentos, que não goza,
É mono e prega unhas como gato.

É nada em verso, quase nada em prosa:
Não conheces, leitor, neste retrato
O guapo charlatão Tomé Barbosa?

⁵⁵³ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 368. Eis a sua contextualização: «Tendo Manuel Maria escrito, ou traduzido, alguns artigos, com destino a serem insertos no *Mercúrio*, periódico que então se publicava em Lisboa, os ditos lhe foram, no todo ou em parte, rejeitados por Tomé Barbosa, que era um dos redactores ou revisor do referido periódico. Tal foi o motivo desta composição, que, havendo de ser impressa, foi mister alterar-lhe o último verso, para evitar a susceptibilidade dos censores; e por isso saiu 'Do guapo charlatão, novo Spinoza.'»

Balbi, na sua valiosa obra *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres États de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les portugais des deux Hemisphères* (Paris: chez Rey et Gravier, 1822), afirma que Tomé Barbosa falava fluentemente grego, latim, francês, italiano, espanhol, inglês, dinamarquês, sueco, alemão, holandês, turco, árabe e russo e que era conhecedor da maior parte das respetivas literaturas. Aquele tradutor faleceu em Lisboa, na freguesia de Santa Catarina, a 7 de agosto de 1820.

A MANUEL BERNARDES, QUE SÓ COMPUNHA CANTOS FÚNEBRES⁵⁵⁴

Em ermo cemitério, em hora escura
 Bernardo sepulcral no chão jazia,
 Onde epicéδιο fúnebre tecia
 Ao bem que lhe arrancaste, ó Parca⁵⁵⁵ dura!

Era *Igénia de tal* a formosura
 Que temporã descera à terra fria,
 E o carrancudo vate assim carpia
 Junto da triste, amada sepultura:

«Mochos, sócios de um mísero que chora,
 Africanos leões, tigres de Arménia,
 Dai lágrimas ao mal, que me devora;

«Acode ao lasso amante, acode, Igénia!...»
 Eis a campa rebenta, e surgem fora
 Dois vampiros bailando ao som da nénia.

⁵⁵⁴ Poema dirigido, segundo Inocêncio Francisco da Silva, ao «Dr. Manuel Bernardo de Sousa e Melo». Foi por ele publicado no tomo 1 de *Poesias (...)*, p. 362.

⁵⁵⁵ Divindade que desencadeia a morte dos humanos.

AO MESMO, CORRENDO FAMA DE QUE O COVEIRO DO CEMITÉRIO
 DA ESPERANÇA VENDIA ISCAS DE DEFUNTO
 A UM PASTELEIRO VIZINHO DO MESMO SÍTIO

É mentira, não foi o vil coveiro⁵⁵⁶
 Quem com manha, maldade, ou tudo junto,
 Impingiu várias iscas de defunto
 A mascarrado e gírio pasteleiro.

Foi Bernardes (o Nénias) que em mau cheiro
 Enfrascando o nariz, e as mãos em unto,
 Impingia também o seu presunto,
 D'algum com que esbarrava ainda inteiro.

Hoje atreve-se a mais, quer ver se apanha
 Este, que é dos cadáveres Herodes,
 Ao descarnado França⁵⁵⁷ um seco chispe.

Se lhe cais, Melizeu, na mão grifanha,
 Lá vão filhos, mulher, sonetos, odes;
 Ah pobre! Queira deus que te não bispe!

⁵⁵⁶ Soneto cuja primeira publicação, póstuma, é da responsabilidade de António Maria do Couto. Segundo este editor, foi dedicado a M. Bernardo, por Bocage apelidado «O Nénias», pois apenas compunha cantos fúnebres. Seguimos a lição de Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 363.

⁵⁵⁷ Luís José de França e Amaral, o fustigado «França».

A tropa regular, a fradaria⁵⁵⁸
 Investe a sacra, estúpida ordenança⁵⁵⁹.
 A Paz, filha do Céu, calada e mansa,
 Dos coices, das patadas se desvia.

Preside alto Furor à lide impia,
 De serpes infernais toucada a trança;
 Pançudo frade borra⁵⁶⁰ a tudo avança,
 O furor marcial nos sócios cria.

De um círio desenvolve heroicos feitos;
 Deste rompe o nariz, daquele a capa,
 Adeus, ombros; adeus, olhos e peitos!

Do sacro frenesi ninguém lhe escapa:
 Oh que bem do Alcorão cumpre os preceitos
 O revoltoso exército do Papa!

⁵⁵⁸ Soneto publicado, postumamente, no *Velho Liberal do Douro*, n.º 37, 1834. Eis a epígrafe de Inocência Francisco da Silva, p. 332: «Ao heroísmo de um frade, dispersando com uma tocha os Irmãos Terceiros, que em uma procissão disputavam preferências.»

⁵⁵⁹ Corpo de tropas.

⁵⁶⁰ Frade leigo menor.

RETRATO DO GUARDA-MOR DA ALFÂNDEGA DO TABACO,
JOÃO DA CRUZ SANCHES VARONA

O guarda-mor da calva para baxo⁵⁶¹
É mais desagradável que um capucho,
Não tem bofe, nem fígado, nem bucho,
Mais chato me parece que um capacho⁵⁶².

As costas são cavernas de um patacho,
Os queixos são as guelras d'um cachucho,
Tem figura de mágico, ou de bruxo,
Na cabeça miolos lhe não acho.

Afeta no ext'rior santo de nicho,
Por dentro é mais sinistro do que um mocho
E aloja mais peçonha do que um bicho.

O que os outros têm cheio, ele tem chocho,
O que é nos mais vassoura, nele é lixo;
E anda isto entre nós? Ah, bom arrocho!

⁵⁶¹ Soneto publicado postumamente. António Maria do Couto, p. 5, contextualiza-o deste modo: «Ao antigo guarda-mor do Tabaco J. da C. Verona em consoantes fechadas acho, echo, cho, etc.»

⁵⁶² O personagem retratado era extremamente magro.

AO MESMO

Com hábito de fora e de capote,⁵⁶³
 O Varona, tratante sem limite,
 Deixando as frescas margens de Anfitrite,
 Em prática foi pôr subtil calote.

À Rua Augusta caminhou de trote
 (Passo que a velha idade não permite),
 E vendo um mercador, teve apetite
 De encontrar nele crédulo pexote.

Entra, curvando o trémulo gasnate,
 Requer de baetão⁵⁶⁴ côvados⁵⁶⁵ sete,
 Que o mercador lhe fia, anoso orate.

Pega do fardo, amigos acomete,
 Em rifa o põe, aumenta-lhe o quilate,
 Pilha o dinheiro, e falta ao que promete.

⁵⁶³ Soneto publicado postumamente por Desidério Marques Leão, in *Obras Poéticas*, t. v, p. 139.

⁵⁶⁴ Pano muito grosso.

⁵⁶⁵ Medida que corresponde a 66 cm.

AO MESMO⁵⁶⁶

Com rosto o guarda-mor mesto⁵⁶⁷ e medonho,
 Vendo à porta um credor que é seu vizinho,
 «Neguem-me sempre (disse ao *Cupidinho*)
 Senão, sem lhe pagar, na rua o ponho.

«Nunca fui de ilusões, não me envergonho,
 Nem se me faz vermelho este focinho,
 Chamem-me cafre, chamem-me mesquinho,
 Que eu fico muito lépido e risonho;

«Com as minhas astúcias cá me avenho;
 E se é preciso um falso testemunho,
 Da calúnia o caráter desempenho;

«Não me pilham vintém dezembro e junho,
 E a favor destas cãs e cruz que tenho,
 Todo, todo em calotes me desunho.»

⁵⁶⁶ Publicado postumamente por Desidério Marques Leão, in *Obras Poéticas*, p. 140.

⁵⁶⁷ Lúgubre.

AO MESMO⁵⁶⁸

Mais que os esbirros o Varona esbirro,
 Disse a dois aguazis, pregando um berro:
 «Alerta, amigos meus, cordão ao perro,
 Com ele quero ser pior que Pirro⁵⁶⁹.

«Em levá-lo à prisão inda hoje embirro;
 Ele lá vem surgindo, àquele ferro...
 Agora, sim, contra ele mais me emperro;
 Mirrem-se vocês lá, que eu cá me mirro.

«Amigos, sócios meus, querem esturro?
 Aqui têm do melhor, que não é barro;
 Se acaso resistir, murro, e mais murro!

«Ah, poeta infiel! Hoje te agarro!
 Lançou-se à minha Rita como um burro;
 Apesar desta cruz, também o amarro.»

⁵⁶⁸ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 327. Antônio Maria do Couto apresenta a seguinte introdução: «Ao dito Guarda-Mor em consoantes arro, erro, etc. No 5.º tomo dos inéditos está viciado.»

⁵⁶⁹ Filho de Aquiles e de Deidamia, celebrizou-se na Guerra de Troia pela mortandade infligida ao inimigo.

À SENHORA D. RITA, FILHA DO SOBREDITO GUARDA-MOR,
A QUAL (DIZEM) BATERA NO PAI

Cantemos todos lúgubres endechas,⁵⁷⁰
Que a Rita, capataz das fêmeas chochas,
Ao descarnado pai de gâmbias frouxas
As sacrílegas mãos pôs nas bochechas.

Redobre o eco lutuosas queixas,
Piem té rebentar mochos e mochas,
E ao ver do amo afrontado as faces roxas,
Cupidinho leal corte as madeixas.

De raiva o Guarda-Mor moa bolachas;
As três criadas metam-se capuchas,
E as paredes de horror abram mil rachas!

E tu, que pelas cãs paternas puxas,
Vai no centro voraz de acesas achas
Ter o trágico fim que têm as bruxas!

⁵⁷⁰ Publicado postumamente. Inocêncio, p. 328, em nota, corrigiu a lição original, a partir de um manuscrito que lhe foi cedido por Francisco Freire de Carvalho. Nele, estava grafado «moa» em vez de «roa». A primeira palavra é mais adequada pois o guarda-mor não tinha dentes. Na Biblioteca Nacional, Códice 13224, p. 124, que pertenceu a Camilo Castelo Branco, encontra-se uma lição diferente: verso 1 — «Toldem o ar terníssimas endechas»; verso 5 — «Soem no ar as sentidas queixas». Na página seguinte, encontra-se uma resposta a este soneto, da autoria de Raimundo: «Triste Elmano noutro tempo endechas». Epígrafe de Inocêncio.

INVENTÁRIO DA CASA DO GUARDA-MOR
(Diálogo entre Bersane e Bocage)⁵⁷¹

Já que grita a barriga e a ceia tarda,
Aqui em verso brando, humilde e humano,
Vamos ambos fazer, amigo Elmano,
Leilão dos trastes que possui o guarda.

Casaca velha, rota, suja, parda,
Feia, ruim, de amarelado pano;
Sapatos, que solou há mais de um ano,
De que inda o remendão o importe aguarda;

Rouxinol, codorniz e dois cochichos;
Seis panelas, três trempes e dois tachos,
Dez perucas, viúvas de rabichos;

Quatro cadelas fêmeas, dois cães machos,
Uma filha, mais feia que três bichos:
Eis aqui seus serviços e despachos!

⁵⁷¹ Publicado postumamente por Inocêncio, p. 329. Eis a nota por ele exarada: «Este soneto começado por António Bersane, de quem é o primeiro quarteto, foi continuado e concluído por Bocage, em certa noite em que ambos tinham voltado da casa do guarda-mor. O retrato físico e outras qualidades deste já ficam suficientemente esboçados nos sonetos antecedentes; quanto à sua inteligência, bastará saber que ele dizia ter uma égua fêmea; tinha também uma filha por nome D. Rita e um criado com a alcunha o Cupidinho; e não obstante ser cavaleiro da Ordem de Cristo, lastimava-se incansavelmente da pouca consideração em que eram havidos os seus serviços!» Epígrafe de Inocêncio.

AO PADRE-MESTRE D. BERNARDO DA SENHORA DA PORTA,
 GERAL DOS CÓNEGOS REGRANTES, QUE NÃO PERMITIA AO AUTOR
 A ENTRADA NO MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA ⁵⁷²

Corre furioso o episcopal repolho,
 No hábito branco e nas feições vermelho;
 Porém mais corre o português francelho,
 Com a presa carnal, que trouxe d'olho.

Deita agora essas barbas de remolho,
 Hipócrita falsário, hediondo velho;
 Quando queiras tomar o meu conselho,
 Não sejas para as aves vil trambolho.

Olha que se elas enchem o bandulho,
 Vai-me cheirando a haver muito retalho,
 E dás co'a prelazia de mergulho;

Evita com prudência algum trabalho,
 Quando não, meu Bernardo, o teu orgulho
 Sobre ti descarrega um bom vergalho.

⁵⁷² Soneto publicado postumamente por Inocêncio, p. 331, de cuja responsabilidade é a epígrafe. A introdução de António Maria do Couto é mais explícita: «A um prior Crúzio mui gordo, que tratava mal os súbditos e não queria que Bocage fosse poetar à cela do sábio D. António da Visitação Freire.» Sobre esta personalidade, v. soneto n.º 384 e as respetivas notas.

A G... P... S... M..., APONTADOR NO ARSENAL DA MARINHA⁵⁷³

Aquele que ali vês, rosto maldito,
 No sexto camarote vinculado,
 É novo apontador, novo morgado,
 Sacerdote fiel do hebraico rito.

A bazófia entre a crença o põe aflito,
 Pela insígnia que traz ao peito inchado;
 Por fora quer mostrar-se homem honrado,
 Em casa pisa a cruz e o sambenito.

Agora ele aspirava a nova graça
 D'um tal príncipe herdar de preto couro⁵⁷⁴,
 Por ter parte a mulher na fusca raça;

Mas indo ao Alentejo alçar o louro,
 Sem valer-lhe da usura o foro e a traça,
 Foi expulso do paço com desdouro.

⁵⁷³ Soneto publicado por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 382. Segundo o alfarrabista Carlos Bobone, trata-se de Gaspar Pessoa Tavares, que, além da mencionada profissão, era negociante e instituidor de um morgado.

⁵⁷⁴ Nota de António Maria do Couto, p. 21: «Tinha vindo então a Portugal um príncipe negro africano.»

AO MESMO

Com pena de latão atrás da orelha,⁵⁷⁵
 No sovaco chapéu, na mão tinteiro,
 Passeia ufano em torno do estaleiro
 Um novo apontador de origem velha.

Ora altivo, arqueando a sobrançelha,
 Marca a falta do pobre carpinteiro;
 Ora submisso às ordens do porteiro,
 Dá revista à mestrança, que aparelha.

Acaba o exercício baixo e sujo,
 E sai do arsenal o Dom Quixote
 Com mais pingos de breu do que um marujo.

Eis que é tempo de vir o paquebote;
 Aparecem Dona Aires co'ò sabujo,
 Vinculados em certo camarote.

⁵⁷⁵ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 383.

IMPROVISADO A CERTO HERÓI DE MEIO CARÁTER QUE, NÃO SABENDO
NEM ESCREVER O SEU NOME, DIZIA QUE OS VERSOS
DO AUTOR ERAM ERRADOS

Cara de réu com fumos de juiz,⁵⁷⁶
Figura de presepe, ou de entremez,
Mal haja quem te sofre e quem te fez,
Já que mordeste as décimas que fiz.

Hei de pôr-te na testa um T com giz,
Por mais e mais pinotes que tu dês,
E depois, com dois murros ou com três,
Acabrunhar-te os queixos e o nariz.

Quem da cachola vã te inflama o gás,
E a abocanhares sílabas te induz,
Ó dos brutos e alarves capataz?

Nem sabes o A B C, pobre lapuz,
E pasmo de que, sendo um Satanás,
Com tinta faças o sinal da cruz.

⁵⁷⁶ Trata-se, muito provavelmente, de Luís Correia de Amaral e França, que, numa carta dirigida a Belchior Curvo Semedo, acusou Bocage de desconhecer as regras básicas de verificação. Este soneto foi publicado nas *Rimas*, edições de 1794 e 1800, p. 123. A epígrafe é de Bocage.

A UM FALADOR INSOFRÍVEL

Famosa geração de faladores⁵⁷⁷
 Soa que foi, Riseu, a origem tua,
 Que nem todos os cães, ladrando à Lua,
 Tiveram que fazer com teus maiores.

Um a língua ensinou dos palradores,
 Outro o moto-contino achou na sua,
 Outro, além de encovar toda uma rua,
 Açaimou numa junta a cem doutores.

Teu avô, santanário venerando,
 Soube mais orações que mil beatas,
 Com reza impertinente os Céus zangando!

Teu pai foi um trovão de pataratas,
 Teu tio, o bacharel, morreu falando;
 Tu, falando, Riseu, não morres, matas.

⁵⁷⁷ Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oeynhausen*, vulgarmente conhecido por terceiro tomo das *Rimas*, p. 9.

À CERTO SUJEITO QUE, MAL SABENDO LER, DIZIA TER FEITO
TRINTA TRAGÉDIAS, QUE NINGUÉM VIU

Tragédia de Tancreu, rei de Disúria,⁵⁷⁸
Original em plano, atroz no enredo,
Tem atos dez, o herói morre de medo
Depois de onze minutos de lamúria.

Tragédia de Rum-rum, sultão da incúria,
Que honrar a pátria há de ir um dia cedo:
Pregão, baração, açoites e degredo
Pilha o protagonista, e lambe a injúria.

Peça de Gorgorão, rei de Bioco,
Terra ao norte da Líbia, ao sul do mapa:
A ação vem nos anais de Manel Coco⁵⁷⁹.

Eis com que ao Letes o aranhicho⁵⁸⁰ escapa;
Tem mais sete em borrão, que dentro em pouco
Aos zângãos do caféirão dar papa.

⁵⁷⁸ Soneto publicado postumamente por Nuno Álvares Pato Moniz, em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 223.

⁵⁷⁹ Negro muito idoso e cego que pedia esmola pelas ruas de Lisboa, desfiando as contas muito grandes de um rosário. Era alvo de escárnio e, por vezes, das pedras de alguns populares.

⁵⁸⁰ Num manuscrito da Biblioteca Nacional, em vez de «aranhicho», «Costinha», ou seja, José Maria da Costa e Silva.

A UM RICAÇO, TIDO NA CONTA DE CRISTÃO-NOVO⁵⁸¹

A certo genealógico de tretas
 Suplicou um luculo⁵⁸² entusiasmado
 Para pôr num teliz aveludado
 Armas com prosa, timbre com caretas.

«Sim senhor! (diz-lhe o mestre de altas petas,
 Folheando volume remendado)
 Neste livro aqui só tenho encerrado
 Judias raças e famílias pretas.»

Disse; toma nas mãos a horrível broxa,
 Pinta um rabo de fogo em mãos sombrias,
 E por timbre de escudo uma carocha;

Põe-lhe em roda com letras rebranquias:
 «Honor d'Abraão, à tribo acende a tocha,
 Celebra a Páscoa, espera inda o Messias.»

⁵⁸¹ Epígrafe da responsabilidade de Inocêncio Francisco da Silva. Este soneto foi publicado postumamente por Pato Moniz, t. IV, p. 208. Seguimos a lição de Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 381. De acordo com o alfarrabista Carlos Bobone, o visado neste soneto é Gaspar Pessoa Tavares.

⁵⁸² Nota da edição de Pato Moniz, que poderá ter sido redigida por Bocage: «Luculo foi um cidadão romano bem conhecido na História pela sua muita riqueza e vida faustosa.»

A F. GALINA
(Diálogo)⁵⁸³

Perg. Quem é este boneco empertigado
De laçarrão ao peito e farda ruça?

Resp. É um que em solo inglês escaramuça,
E arranha na bandurra⁵⁸⁴ o seu bocado.

Perg. É nobre? *Resp.* O seu solar e o seu morgado
Tem no gasto capote em que se embuça.

Perg. De que vive? Que faz? *Resp.* Geme e soluça,
E de amantes paixões anda mirrado.

Perg. E há moça que o afete? *Resp.* Olé, quarenta;
E uma (de aspeto mau) tanto o cobiça,
Que cedo a mão na igreja lhe apresenta.

E para a brincadeira, em que é noviça,
Dão-lhe lições a tia bolorenta,
A carunchosa avó e a mãe cediça.

⁵⁸³ Soneto atribuído a Bocage por Desidério Marques Leão, *Obras Poéticas*, t. v, p. 68, 1813. Temos dúvidas de que pertença à lavra de Bocage. Seguimos a lição de Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 379.

⁵⁸⁴ Instrumento musical de cordas, com pouco valor.

AO PADRE JOSÉ MANUEL PREGANDO DO CORPO DE DEUS,
NA IGREJA DE SÃO NICOLAU, NO PORTO

Empavona-se, dança, ronca, espuma,⁵⁸⁵
Cruza as mãos, fecha os olhos, tomba o rosto,
Do Céu junta o estelífero composto
Do Inferno ao turbilhão que o ar afuma.

Quantas flores dá abril todas arruma,
Arruma quantos pomos tem agosto,
Tudo parece respirar bom gosto,
Eloquência imortal, destreza suma!

Mas, pobre fanfarrão! Só move a riso,
É estéril a abundância, o melhor falta,
Falta o decoro, a seleção, o siso;

Em vão achusmados plebeus exalta,
Que entre os homens de gosto e de juízo,
Será sempre do púlpito um peralta.

⁵⁸⁵ Soneto atribuído a Bocage que se encontra num *Cancioneiro Antigo de Poesias Inéditas*; foi publicado por Cardoso Marta in *O Azeitonense* (Azeitão), n.º 30, 22 de fevereiro de 1920, p. 3.

IX — A VIVÊNCIA DO CÁRCERE

274

Liberdade querida, e suspirada,⁵⁸⁶
Que o Despotismo acérrimo condena,
Liberdade, a meus olhos mais serena
Que o sereno clarão da madrugada,

Atende à minha voz, que geme e brada
Por ver-te e por gozar-te a face amena;
Liberdade gentil, desterra a pena
Em que esta alma infeliz jaz sepultada.

Vem, ó Deusa imortal, vem, maravilha,
Vem, ó consolação da Humanidade,
Cujo semblante mais que os astros brilha.

Vem, solta-me o grilhão da Adversidade,
Dos Céus descende, pois dos Céus és filha,
Mãe dos prazeres, doce Liberdade!

⁵⁸⁶ Soneto publicado postumamente. António e José Feliciano de Castilho afirmam que, para evitar a intervenção da Censura, Desidério Marques de Leão (*Obras Poéticas*, t. v, p. 77) antepôs a este poema a frase «Feito na prisão». Só desta forma terá sido possível a sua publicação. Seguimos a edição de Desidério Marques Leão, o primeiro editor do poema. Os irmãos Castilho e, na esteira destes, Inocêncio Francisco da Silva e Hernâni Cidade eivaram o poema de pontos de exclamação, inexistentes no original.

Em sórdida masmorra aferrolhado,⁵⁸⁷
 De cadeias aspérrimas cingido,
 Por ferozes contrários perseguido,
 Por línguas impostoras criminado;

Os membros quase nus, o aspeto honrado
 Por vil boca e vil mão roto e cuspidado,
 Sem ver um só mortal compadecido
 De seu funesto, rigoroso estado;

O penetrante, o bárbaro instrumento
 De atroz, violenta, inevitável morte
 Olhando já na mão do algoz cruento;

Inda assim não maldiz a iníqua Sorte,
 Inda assim tem prazer, sossego, alento
 O Sábio verdadeiro, o Justo, o Forte.

⁵⁸⁷ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 9.

Aqui onde, arquejando, estou curvado⁵⁸⁸
 À lei, pesada lei que me agrilhoa,
 De lúgubres ideias se povoa
 Meu triste pensamento horrorizado;

Aqui não brama o Noto anuviado,
 O Zéfiro⁵⁸⁹ macio aqui não voa,
 Nem zune inseto alígero, nem soa
 Ave de canto alegre, ou agoirado.

Expeliu-me de si a Humanidade,
 Tu, astro benfeitor da redondeza,
 Não despendes comigo a claridade:

Só me cercam fantasmas da Tristeza.
 Que silêncio! Que horror! Que escuridade!
 Parece muda, ou morta, a Natureza.

⁵⁸⁸ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 52, 1799.

⁵⁸⁹ Vento do sul na antiga Roma.

Neste horrível sepulcro da existência⁵⁹⁰
 O triste coração de dor se parte,
 A mesquinha Razão se vê sem arte,
 Com que dome a frenética Impaciência;

Aqui pela opressão, pela violência
 Que em todos os sentidos se reparte,
 Transitório poder quer imitar-te,
 Eterna, vingadora Omnipotência;

Aqui onde o que o peito abrange e sente
 Na mais ampla expressão acha estreiteza,
 Negra ideia do abismo assombra a mente.

Difere acaso da infernal tristeza
 Não ver terra, nem céu, nem mar, nem gente,
 Ser vivo, e não gozar da Natureza?

⁵⁹⁰ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, 1800, p. 135.

Não sou vil delator, vil assassino,⁵⁹¹
 Impio, cruel, sacrílego, blasfemo,
 Um Deus adoro, a Eternidade temo,
 Conheço que há vontade, e não destino;

Ao saber e à virtude a fronte inclino;
 Se chora e geme o triste, eu choro, eu gemo;
 Chamo à beneficência um dom supremo,
 Julgo a doce Amizade um bem divino;

Amo a Pátria, amo as leis, precisos laços
 Que mantêm dos mortais a convivência,
 E de infames grilhões oiço ameaços;

Vejo-me exposto a rígida violência,
 Mas folgo, e canto, e durmo nos teus braços,
 Amiga da Razão, pura Inocência.

⁵⁹¹ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 23. Existe uma cópia deste soneto, com variantes, na Biblioteca Pública Municipal de Évora, cota CXIV d./1-34, como assinala Maria Helena da Rocha Pereira, no artigo «Notas sobre Três Sonetos de Bocage», in *Boletim de Filologia* (Lisboa), t. xxviii, 1983.

Vítima do rigor e da tristeza,⁵⁹²
 Em negra estância, em cárcere profundo,
 O mundo habito sem saber do mundo,
 Como que não pertença à Natureza.

Enquanto pela vasta redondeza
 Vai solto o crime infesto, o vício imundo,
 Eu (não perverso) em pranto a face inundo,
 Do grilhão suportando a vil dureza.

Mas no bojo voraz da Desventura,
 Monstro por cujas fauces fui tragado,
 Em parte um pensamento a dor me cura:

O infeliz (não por culpa, só por fado)
 Naqueles corações em que há ternura
 É mais interessante, é mais amado.

⁵⁹² Publicado no segundo tomo das *Rimas*, p. 63, 1799.

Não sinto me arrojasse o duro Fado⁵⁹³
 Nesta abóbada feia, horrenda, escura,
 Nesta dos vivos negra sepultura,
 Onde a luz nunca entrou do Sol dourado;

Não me consterna o ver-me traspassado
 Com mil golpes cruéis da Desventura,
 Porque bem sei que a frágil criatura
 Raramente é feliz no mundo errado;

Não choro a Liberdade, que enleada
 Tenho em férreas prisões, e a paz ditosa,
 Que voou da minha alma atribulada;

Só sinto que Marília rigorosa,
 Entre os braços de Aónio reclinada,
 Zombe da minha Sorte lastimosa.

⁵⁹³ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edição de 1800, p. 60.

Miseranda Inocência, és nome abstrato,⁵⁹⁴
 És um título vão da Humanidade
 Quando se envolve em sombras a verdade,
 Quando sofres do crime o duro trato.

Que importa que eu conserve o peito intacto
 Das peçonhentas fezes da maldade,
 Que em cumprir tuas leis, ó probidade,
 Fosse meu coração fiel e exato?

Que importa, se a calúnia mo desmente,
 Se o ser do parecer é tão diverso,
 E em vão se opõe o interno ao aparente?

Opinião, rainha do Universo,
 Ante o teu tribunal omnipotente
 Sócrates ímpio foi, e eu sou perverso.

⁵⁹⁴ Soneto apenas publicado, em 1800, na última edição do primeiro tomo das *Rimas*, p. 132. Foi traduzido para o italiano por Prospero Peragallo in *Flores de Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Ocidente, 1893.

Aceso no almo ardor que a mente inflama,⁵⁹⁵
 Vivo de amor, de amor suspiro e canto;
 Na face agora o riso, agora o pranto,
 D'árvore tua, ó Febo, eu cinjo a rama.

Prezo a doce Moral, na voz da Fama
 Meu nome pouco a pouco aos Céus levanto,
 Mas turba vil, que abato, anseio, espanto,
 Urde em meu dano abominável trama.

Réu me delata de hórrida maldade,
 Projeta aniquilar-me o bando rude,
 Envolto na leteia escuridade.

Que falsa ideia, ó zoilos, vos ilude!
 Furtais-me a paz? Furtais-me a liberdade?
 Fica-me a glória, fica-me a virtude.

⁵⁹⁵ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 24. Existe uma cópia com variantes, na Biblioteca Pública Municipal de Évora, cota CXIV d./1-34.

Tão negro como a turba que vagueia⁵⁹⁶
 Na margem do Cocito⁵⁹⁷, à luz odioso,
 O bando de meus males espantoso
 No sepulcro dos vivos me rodeia.

Qual me abala os fuzis da vil cadeia,
 Qual me afigura um rótulo afrontoso,
 Qual me diz (ai de mim!) que fui ditoso:
 Eis deles todos o que mais me anseia.

Tomara reforçar pela amargura
 Meu ser que anda coòs Fados tão malquisto,
 Tomara costumar-me à Desventura;

Esquecer-me do bem gozado e visto,
 Pensar que a Natureza é sempre escura,
 Que é geral este horror, que o mundo é isto.

⁵⁹⁶ Soneto publicado em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 54.

⁵⁹⁷ Rio do Inferno, cujo caudal, segundo a mitologia, engrossa com as lágrimas dos condenados.

Para as sombras da Morte aqui me ensaio⁵⁹⁸
 Na habitação da culpa e do desdouro;
 Lendo no mal presente o mal vindouro,
 Aqui choro, aqui tremo, aqui desmaio.

Por imagens fatais a ideia espraio,
 Negreja numa e noutra infausto agouro:
 Febo⁵⁹⁹! Ó Febo! Ai de mim! Teu sacro louro
 A frente não me escuda contra o Raio.

Sou vítima de aspérrima violência,
 Sem ter quem dos meus males se lastime
 Neste horrível sepulcro da existência;

Mas peso dos remorsos não me oprime:
 A sussurrante, a vil Maledicência
 De erros dispersos me organiza o crime.

⁵⁹⁸ Soneto publicado em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 65.

⁵⁹⁹ Apolo.

A frente que de louro ergui cingida,⁶⁰⁰
 Ufana do louvor e da inocência,
 Jaz (por efeito de hórrida aparência)
 Curvada pelo opróbrio e denegrada.

De mil gratos objetos guarnecida,
 Rutilava a meus olhos a existência;
 Hoje, amável Prazer, na tua ausência
 Parece aos olhos meus um ermo a vida.

De quantas cores se matiza o Fado!
 Nem sempre o Homem ri, nem sempre chora,
 Mal com bem, bem com mal é temperado;

Os estados variam de hora em hora:
 Sábio o mortal que em um, que em outro estado
 (Disposto a tudo) a Providência adora!

⁶⁰⁰ Publicado, em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 66.

Do Tempo sobre as asas volve o dia,⁶⁰¹
 O ponto de meu triste nascimento:
 Vedado à luz do Sol este momento,
 Fúrias, com vossos fachos se alumia.

Nascido apenas, pavorosa harpia⁶⁰²
 Ao berço me voou, de imundo alento
 Empestando o misérrimo aposento,
 Eis me roga esta praga horrenda, impia;

«Esteja sempre o bem de ti remoto,
 Vivas sempre choroso, amargurado,
 Dane teus dias o Destino imoto.»

Caiu-me a imprecação do monstro alado,
 Curto mil males, e entre sombras noto
 Outros com que me espera ao longe o Fado.

⁶⁰¹ Soneto composto na prisão, no dia do seu 32.º aniversário, a 15 de setembro de 1797. Foi publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 70.

⁶⁰² De acordo com a mitologia, monstro alado que apresentava corpo de abutre e rosto de mulher.

Néscia, vil ignorância, injuriada⁶⁰³
 Dos vivas que meu estro me granjeia,
 Desce aos infernos, e a calúnia feia,
 Bramindo, extrai da lóbrega morada.

Do monstro de cem cores⁶⁰⁴ escoltada,
 Por aqui, por ali corre, vagueia;
 Em meu nome de lar em lar semeia
 Agro ditério⁶⁰⁵, sátira danada.

Em cínico furor me finge aceso,
 Venenoso, mordaz, ímpio me chama,
 Diz que o jugo de um Rei, de um Deus desprezo.

Mas sempre, sobranceiro à baixa trama,
 Das pátrias justas leis me é doce o peso,
 Amo a religião, e aspiro à fama.

⁶⁰³ Publicado postumamente por Desidério Marques Leão, *Obras Poéticas*, t. IV, p. 45, e, em seguida, por Nuno Álvares Pato Moniz, *Verdadeiras Inéditas (...)*, t. IV, p. 211.

⁶⁰⁴ Na lição de Inocêncio, t. I, p. 207, o 5.º verso é: «Do monstro de cem bocas escoltada», que remete para a «Fama», divindade mensageira de Júpiter, caracterizada pela sua imoderada loquacidade. Era representada, pelos poetas, na figura de um monstro com asas, de enorme estatura, apresentando múltiplos olhos, orelhas e bocas, tantos quantos as penas do seu corpo.

⁶⁰⁵ Zombaria.

Nise mimosa, como as Graças pura,⁶⁰⁶
 Amável Nise, como as Graças bela,
 Se inda em teus olhos me pertence aquela
 Maviosa afeição, que fere e cura,

Um ai, penhor de cândida ternura,
 Envia ao triste que esmorece, anela,
 Que, em ti cuidando, solitário vela
 No seio antigo de masmorra escura.

Manda-lhe um ai, meu bem; com ele afaga
 Do ansioso amante o coração ferido,
 A quem mordaz saudade assanha a chaga.

Das minhas aflições compadecido,
 Nas asas cor de neve Amor o traga:
 Pago será com mil um só gemido.

⁶⁰⁶ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 55.

Na acesa fantasia estou medindo⁶⁰⁷
 Os passos e as ações da minha amada;
 Noto-lhe o puro colo, a mão nevada,
 Os olhos divinais, o gesto lindo;

Vejo-a com doces lágrimas sentindo
 Minha acerba opressão, de horror cercada,
 E em torno da beleza amargurada
 As Graças soluçando, Amor carpindo.

A tudo quanto a vê, quanto a rodeia,
 Té mesmo irracional e inanimado,
 Obriga a suspirar, comove, anseia;

E de a ter com meus males consternado
 Talvez lá na profunda estância feia
 Dê também algum ai meu duro Fado.

⁶⁰⁷ Soneto publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 59.

Qual o itálico herói, o audaz Tancredo,⁶⁰⁸
 Pondo o apóstata infame em vil fugida,
 Caiu no laço da falaz⁶⁰⁹ Armida,
 Na confusa prisão, de mago enredo,

Tal eu, depois que enchi de opróbrio e medo
 Os zoilos, a caterva embravecida,
 Fui abismado por calúnia infida
 Nas ermas sombras de hórrido segredo.

Nem só nisto ao herói sou semelhante:
 Nise e o voado Tempo na memória
 São a minha Clorinda, o meu Argante.

Ah! Tu que inda hás de honrar a lusa história,
 O meu Reinaldo sê, varão prestante:
 Torna-me a liberdade, o mundo, a glória.⁶¹⁰

⁶⁰⁸ Nota de Bocage: «Tasso, *Jerusalém [Libertada]*, cantos VII e X.» São várias as personagens desta obra mencionadas no presente poema.

⁶⁰⁹ Ardilosa.

⁶¹⁰ Soneto publicado em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 61.

Meus dias, que já foram tão luzentes,⁶¹¹
 Hoje da noite opaca irmãos parecem,
 Meus dias miseráveis emurhecem
 Longe do gosto, e longe dos viventes.

Horror das trevas, peso das correntes,
 Olhos, forças me abatem, me entorpecem,
 E apenas por momentos me aparecem
 Rostos sombrios de intratáveis entes.

Pagam-se da rugosa austeridade,
 Antolha-se-lhe um crime, um atentado
 Sofrer nos corações a Humanidade.

Voai, voai do Céu para meu lado,
 Ah! Vinde, doce Amor, doce Amizade:
 Sou tão digno de vós quão desgraçado.

⁶¹¹ Soneto publicado em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 62.

AO SENHOR INÁCIO JOSÉ DE MORAIS E BRITO⁶¹²

De férreo julgador não vem contigo⁶¹³
 Rugosa catadura, ações austeras;
 Antes de ser juiz já homem eras,
 E achas mais glorioso o nome antigo.

O amargor, a tristeza do castigo,
 Que impõem ao curvo crime as leis severas,
 Co'a benigna clemência tu temperas,
 Dos réus, que gemem, Benfeitor e Amigo.

Se, árdua rocha imitando, ou rijo muro,
 Reprovar, detrair tua piedade
 Tirano coração, caráter duro,

Dele te vingue a doce Humanidade,
 Que de agravos do Tempo estás seguro:
 Meus versos te darão a Eternidade.

⁶¹² Inácio José de Moraes e Brito desempenhou um papel fundamental na libertação de Bocage, em conjugação de esforços com José de Seabra da Silva, ministro do Reino. Era juiz do crime do Bairro do Andaluz, no qual o poeta partilhava uma casa com o seu amigo, André da Ponte Quental e Câmara. Aquele magistrado é citado, elogiosamente, em «Trabalhos da Vida Humana», uma composição de Bocage em quadras, elucidativa da sua saga no cárcere do Limoeiro. *Vd.* p. 425.

⁶¹³ Soneto publicado apenas na edição de 1800 do primeiro tomo das *Rimas*, p. 139.

AO SENHOR ANDRÉ DA PONTE DE QUENTAL E CÂMARA⁶¹⁴

O pesado rigor de dia em dia⁶¹⁵
 Se apure contra nós, opresso Amigo;
 Tolere, arraste vis grilhões contigo
 Quem contigo altos bens gozar devia.

Da nossa amarga sorte, escura, impia
 Colha triunfos tácito inimigo,
 Sombra como a do lúgubre jazigo
 Nos cubra de mortal melancolia.

Custam fadigas a virtude, a glória;
 Por entre abrolhos se caminha ao monte,
 Ao Templo da honorífica Memória.

Posto que hoje a Calúnia nos afronte,
 Inda serão talvez na longa história
 Dois nomes imortais — Bocage e Ponte.

⁶¹⁴ Cadete da Armada que partilhava a sua habitação com Bocage. Uma denúncia feita na Intendência-Geral da Polícia contra o poeta, acusado de disseminar pela corte e reino «papéis» de caráter subversivo, levou os dois correligionários maçônicos à prisão do Limoeiro. Nascido em Ponta Delgada, a 15 de abril de 1768, foi o avô de Antero de Quental.

Numa composição autobiográfica, que narra a sua vivência no Limoeiro, intitulada «Trabalhos de uma Vida», Bocage refere a acareação entre ambos, feita pelo juiz do crime do Bairro do Andaluz, Inácio Morais de Brito, e menciona este seu amigo na ode «O tirano de Roma...».

André da Ponte Quental fez parte, em 1807, do Conselho Conservador, organização que tinha como alvo a expulsão dos franceses (Raul Brandão, *El-Rei Junot*, p. 197); aderiu à revolta liberal de Ponta Delgada em 1821, foi deputado por São Miguel às Cortes Constituintes (1821-1822) e governador daquela ilha, em 1832, por um dia, ao que parece. Faleceu, em Ponta Delgada, a 14 de abril de 1845.

⁶¹⁵ Soneto publicado em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 68.

AO SR. ANTÓNIO JOSÉ ÁLVARES ⁶¹⁶

Neste horrendo lugar, onde comigo ⁶¹⁷
 Geme a Consternação desanimada
 E parece que volta o Ser ao Nada,
 Equivocados cárcere e jazigo;

Aqui, onde o fantasma do castigo
 Assusta a Liberdade agrilhoada,
 Tornam minha opressão menos pesada
 Mãos providentes de piedoso Amigo.

No Tempo infando, na corrupta Idade
 Em que após o egoísmo as almas correm,
 E em que se crê fenómeno a amizade,

Ouro, fervor, desvelos me socorrem
 De um génio raro... oh doce Humanidade!
 Tuas virtudes, tuas leis não morrem.

⁶¹⁶ Benfeitor que apoiou Bocage incondicionalmente durante o seu cativeiro, entre agosto de 1797 e, talvez, abril do ano seguinte. O poeta manifestou-lhe a sua gratidão, dedicando-lhe o segundo tomo das *Rimas*, publicado em 1799.

⁶¹⁷ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 71.

AO PADRE JOSÉ MANUEL DE ÁBREU E LIMA, QUE, APROVEITANDO-SE
DA PRISÃO DO AUTOR, LHE TOMARA O PRIMEIRO ATO DO DRAMA
«A RESTAURAÇÃO DE LISBOA» E, COMPLETANDO-O, O PÔS EM CENA COMO SEU

Em vão, padre José, padre ou sacrista,⁶¹⁸
De magra cachimónia, estéril pena,
Encaixas do Salitre sobre a cena
D'alta Lisboa a célebre conquista.

Bocage dentre as grades pede vista
Contra um roubo, mais certo que o de Helena⁶¹⁹;
E a cómica Talia⁶²⁰ te condena
Dos plagiários vis a andar na lista.

De «Afonso»⁶²¹ houveste às mãos ato primeiro,
Fruto do pobre autor encarcerado,
E deste a consciência por dinheiro.

⁶¹⁸ Pregador régio, dramaturgo, mais tarde, convicto miguelista, bibliotecário da Ajuda, perdeu este cargo na sequência da vitória liberal de 24 de julho de 1833. Autor de um elogio histórico que veio a ser publicado pela Academia das Humanidades, de que era membro. A *Gazeta de Lisboa*, de 18 de abril de 1795, informa que foi o principal orador de uma ação de graças, organizada por Pina Manique, aquando do nascimento do príncipe da Beira.

O livro iv das *Contas para as Secretarias* da Intendência-Geral da Polícia, depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, a 19 de agosto de 1794, regista a proibição de «uma peça cómica», representada no Teatro da Rua dos Condes, feita pelo «Padre José Manoel, que foi regular», «por conter [...] actos tais que se não deviam pôr em cena» (fl. 171 v.º).

⁶¹⁹ Filha de Tíndaro e de Leda, mulher de Menelau, foi raptada, primeiramente, por Teseu e, mais tarde, por Páris, que a conduziu para Troia. Este acontecimento esteve na origem de uma longa e conhecida guerra, que acabou com a destruição total daquela cidade, como Homero cantou na *Ilíada*.

⁶²⁰ Uma das nove Musas, aquela que presidia à comédia e à poesia pastoral.

⁶²¹ Trata-se do drama heroico «Afonso Henriques ou a Conquista de Lisboa», publicado sob a égide de Pato Moniz, nas *Verdadeiras Inéditas, Poesias de Bocage*, t. v, p. 204.

Roubaste-o pelo encafuado?
Cuidas talvez que é cova o Limoeiro?
Ora treme de o ver ressuscitado!⁶²²

⁶²² Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 366.

AO ILUSTRÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SR. FR. MANUEL CAETANO DE S. RITA
E VASCONCELOS, D. ABADE DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE LISBOA⁶²³

Dos Infelizes a danosa herança,⁶²⁴
Fruto dos males, o terror funesto,
Horrenda imagem de um destino infesto
Me arreigava na túrbida lembrança.

Eis que a risonha, a nítida Esperança,
Com voz piedosa, com benigno gesto,
Me diz: «não deves da existência o resto,
Põe o agitado espírito em bonança.

Virá ditoso fim aos teus pesares,
Contra o Fado acharás favor e escudo
No seio da virtude, ante os altares.

Com teu bom Vasconcelos não te iludo:
Ele entre os morais dotes singulares
Crê que a beneficência é mais q. tudo.»

⁶²³ Bocage permaneceu cerca de um mês, em fevereiro de 1797, no Mosteiro de São Bento da Saúde, para ser reeducado, por ordem do Tribunal do Santo Ofício.

⁶²⁴ Poema que não consta de qualquer edição da obra completa de Bocage. Foi publicado no *Diário de Notícias*, eventualmente em 1955. Consta de um recorte, por nós encontrado na Feira da Ladra, o qual não está datado.

Mete-se a chave, corre-se o ferrolho,⁶²⁵
 Faz a primeira grade estrondo horrendo,
 Vai o mesmo nas outras sucedendo,
 Levando o guarda sobre o ombro o olho.

Um, deitado sem cama sobre o solho⁶²⁶,
 Outro posto a jogar, outro gemendo,
 Aquele a passear, e este escrevendo,
 Aqui se mata a fome, ali o piolho.

Um pedindo papel, outro tinteiro,
 Aquele divertido na assembleia,
 Este chorando a falta de dinheiro...

Lutam os crimes seus na vaga ideia:
 Esta a tragédia é do Limoeiro,
 Representada em cena de cadeia.

⁶²⁵ Transcrito em *Bocage — Sua Vida e Época Literária* de Teófilo Braga. Porto: Chardron, 1902, p. 316. Era o lote n.º 650 b do catálogo do leilão da Biblioteca de Pereira Merelo, realizado em 1898.

⁶²⁶ O mesmo que soalho.

X — A AMIZADE

298

NOS FAUSTOS ANOS DO SR. ANTÓNIO JOSÉ BERNARDO
DA GAMA FARIA E BARROS

Da fria habitação, da vítrea gruta⁶²⁷
Alça o Calipo⁶²⁸ a fronte salitrosa,
E, risonho, penteia a nunca enxuta,
Alva melena, ríspida e limosa.

Em torno dele a modular se escuta
Chusma de ninfas cândida e formosa;
Dos ventos o tropel, bramindo, luta
Lá na eólia masmorra cavernosa;

Dando lascivos ósculos nas flores,
Gratos eflúvios Zéfiro derrama,
Desfaz do inverno os mádidos vapores;

Almo prazer os corações inflama,
Tudo respira Amor, tudo louvores
Ao festivo natal do ilustre Gama.

⁶²⁷ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 42.

⁶²⁸ Nota de Bocage: «O rio Sado.»

AO EX.^{MO} SR. JOSÉ DE SEABRA DA SILVA, NO DIA NATALÍCIO DE SUA ESPOSA

*Oh mihi tam longae maneat pars ultima vitae.
Spiritus, et quantum sat erit tua dicere facta!*

Virgílio, écloa iv

Egrégio benfeitor de um desgraçado⁶²⁹,
Remido enfim por ti, por ti ditoso;
Ó tu, d'êsposa⁶³⁰ excelsa excelso esposo,
Dos mortais esplendor, dos céus cuidado!

Na lira em que chorei meu duro Fado,
Mudando em som festivo o som piedoso,
Dispus cantar um dia almo e lustroso,
Às graças e às virtudes consagrado.

⁶²⁹ O principal obreiro da libertação de Bocage. A sua ponderação e a estratégia cirúrgica que delineou foram determinantes para tirar o poeta das férreas mãos de Pina Manique, que o queria punir de forma exemplar. Nasceu em Vilela, a 31 de outubro de 1732, tendo-se formado em Leis, pela Universidade de Coimbra, em 1751. A sua clarividência cedo chamou a atenção do marquês de Pombal, que o convidou para integrar o governo. Era o homem de confiança do todo-poderoso ministro de D. José, designadamente nos seus esforços para controlar os jesuítas.

A 17 de janeiro de 1774, por razões desconhecidas, às quais as intrigas tecidas pelo cardeal Cunha poderão não ter sido alheias, foi demitido de todos os cargos que exercia. Pouco depois, conheceu as agruras da fortaleza da Foz, no Porto, e, em seguida, o degredo na fortaleza da ilha das Cobras, no Rio de Janeiro. Aqui se manteve até 1775, data em que foi levado para as Pedras Negras (Angola), onde esteve até 1778. A queda do marquês de Pombal foi determinante para o seu regresso a Lisboa, no âmbito da reabilitação de vários perseguidos políticos. Por decreto de 15 de dezembro de 1788, foi o intermediário entre o Desembargo do Paço e a rainha D. Maria I; a partir de 1790, desempenhou o cargo de Secretário de Estado dos Negócios do Reino. Em 1799, teve lugar nova demissão compulsiva, sendo obrigado a homiziar-se na quinta do Canal, nos arredores da Figueira da Foz.

⁶³⁰ Era casado com Ana Felícia Coutinho Pereira de Sousa Tavares da Horta Amado e Cerveira, filha de Nicolau Pereira Coutinho.

Versos que a Musa genial te of'rece,
Acolhe, anima com risonho aspeto,
Com teus altos influxos enobrece:

A voz de um grato, de um submisso afeto,
Minha pura oblação de ti carece,
Para ousar sublimar-se ao grande objeto.⁶³¹

⁶³¹ Soneto que veio à luz postumamente, por iniciativa de Inocêncio Francisco da Silva, in *Poesias*, t. 1, p. 271. O manuscrito original foi-lhe cedido por M. B. Lopes Fernandes.

AO SR. DR. AGOSTINHO GOMES DA SILVEIRA, ADVOGADO EM ÓBIDOS

Mil poetas enfáticos e ufanos,⁶³²
 Pintando em verso natalício dia,
 Fazem voar nas asas da harmonia
 Áurea chusma de hipérboles e enganos.

Dizem que, sobrepondo-se aos humanos
 O objeto que o furor lhes desafia,
 Há de ver entre os risos da alegria
 Sua glória sem fim, sem fim seus anos.

Desça a Mentira ao último terceto
 Nos outros, que eu desejo-te saúde,
 Mas seres imortal não te prometo.

Só rogo a Deus que, em prémio da virtude,
 Cada verso que vai neste soneto
 A teu favor num século se mude.

⁶³² Soneto publicado em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 31.

AO SR. JOSÉ BARRETO GOMES, DIRETOR DO CORREIO GERAL
E POSTAS DO REINO⁶³³

Embora torpes gralhas esvoacem^{634 635}
Em torno à glória minha em bando impuro,
De eterna sombra e tácito futuro
Meu nome, os versos meus embora ameacem,

Contra os anos que morrem, que renacem,
Deu-me Febo em seu dom penhor seguro,
Com que do Esquecimento o pego escuro
Meus versos e meu nome afoitos passem.

Pleno tesouro de moral riqueza,
Barreto benfeitor, Barreto amigo,
Não temas ser do Nada infausta presa.

Além dos tempos viverás comigo:
Sou vate e, sobranceiro à Natureza,
Nos arcanos do Céu leio o que digo.

⁶³³ Benfeitor de Bocage, foi nomeado diretor dos correios, em 1799, como assinala a *Gazeta de Lisboa*, de 13 de abril daquele ano.

⁶³⁴ Os zoilos, isto é, os seus múltiplos inimigos.

⁶³⁵ Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, vulgo terceiro tomo das *Rimas*, 1804, p. 7. Existe uma cópia manuscrita deste soneto no «Departamento de Reservados» da Biblioteca Nacional de Portugal, na obra «Sonetos», Cód. 8603.

AO SENHOR JOAQUIM MANUEL DE MOURA LEITÃO, ESCRIVÃO DO CRIME,
DA CORTE E CASA E AMIGO DO AUTOR

Os princípios morais por que governo⁶³⁶
Meu dócil coração, meu livre estado,
Prendem-me a ti com vínculo sagrado
De amor, que passa o grau do amor fraterno.

És doce, és puro, és generoso, és terno,
Brilhas, campeias, de virtude ornado,
Num mundo de paixões contaminado,
Tão mau, tão feio, que parece Inferno.

De teus, de meus costumes a pureza
Sem poder profanar com vil maldade,
Escume do invejoso a língua presa.

Sãos existimos na corrupta Idade:
Ele nem segue a voz da Natureza,
Nós cumprimos as leis da Humanidade.

⁶³⁶ Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oeynhausen*, vulgo terceiro tomo das *Rimas*, 1804, p. 8.

AOS ANOS DA ILUSTRÍSSIMA SENHORA D. ANA EUFRÁSIA
 LOBO PINHEIRO AMADO

Brandamente extraiu co'a mão sagrada⁶³⁷
 De Tempo, que não morre, hora divina,
 E em nuvem de áurea cor baixou Lucina⁶³⁸
 Da estância que é por Jove abrilhantada⁶³⁹.

«Of'rece (disse a deusa), hora doirada,
 Of'rece ao globo divinal menina,
 A quem destina o Fado, o Céu destina
 Glória sem par, no mérito apurada.»

Nasceste, Anália: riu-se a Natureza;
 Cresceste, Anália: riram-se os Amores;
 Eis alongado o império da Beleza;

C'roam-se os anos teus d'elísias flores,
 E d'honrá-los tentando a suma empresa,
 Honram-se as liras de imortais cantores.

⁶³⁷ Publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, vulgo terceiro tomo das *Rimas*, 1804, p. 14.

⁶³⁸ Divindade que presidia aos partos.

⁶³⁹ O Olimpo.

AO SR. JOÃO PEDRO MANESCHI, POR OCASIÃO DO INCÊNDIO
EM QUE PERDEU TODOS OS SEUS BENS⁶⁴⁰

Nos puros lares teus assoma, irado,
Vulcano⁶⁴¹ em ondas de indomável chama;
Impetuoso cresce, horrível brama:
Parece aceso pela mão do Fado!

Em ferventes voragens desmandado,
Tudo afeia, enegrece, abrasa, inflama,
E em cinza inútil, súbito, derrama
Teus merecidos bens, Maneschi honrado.

Mas tu dessa fatal, visível peste,
Dessa do Inferno imagem devorante,
O dano, estrago, horror baldar pudeste.

Rico de uma alma singular, constante,
Tens, tens tudo: Amizade que te preste,
Dó que te chore, e Musa que te cante.⁶⁴²

⁶⁴⁰ Despachante da Casa da Índia, vivia na Rua Áurea, tendo a sua casa sofrido um incêndio, em finais de 1804 ou no início do ano seguinte. Nela guardara muito dinheiro para os seus negócios pendentes, que foi igualmente destruído pelo fogo. Maneschi ficou na miséria. Este desastre foi noticiado na *Gazeta de Lisboa*, de 11 de janeiro de 1805. Bocage menciona-o ainda no soneto «Terno Paz, bom Maneschi, Aurélio caro».

⁶⁴¹ Deus do fogo, filho de Júpiter e de Juno. Fabricava os raios para o pai e tinha as suas forjas nas ilhas de Líparo. Vénus era a sua consorte.

⁶⁴² Em pé de página, Bocage escreveu: «A composição deste soneto é anterior à minha moléstia, mas a Gratidão me ordena pô-lo aqui.» Foi publicado em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade Dedicados a Seus Bons Amigos*, 1805, p. 18.

AO SENHOR NUNO ÁLVARES PEREIRA PATO MONIZ⁶⁴³

Co'a mente juvenil, sublime, alada⁶⁴⁴
 Sais da térrea mansão, mansão profana;
 Introduzes, Moniz, a ideia ufana
 Lá na de sóis sem conto Estância ornada.

Já, de Lísia⁶⁴⁵ cantando a História honrada,
 Soas qual grega musa, ou qual romana;
 Já, medrando nos céus a força humana,
 Teu metro criador faz Ente o Nada.

Nove deusas⁶⁴⁶ louçãs, três deusas⁶⁴⁷ nuas
 Te abrem tesouros: cada qual te admira
 No verso graças mil, que foram suas.

⁶⁴³ O delfim de Bocage, com quem fruiu uma amizade intensa. Nascido em Lisboa, em 1781, era filho de um juiz de fora. Poeta — ostentando Oleno Ulisiponense como pseudónimo literário —, dramaturgo, político, jornalista, fidalgo da Casa Real, foi deputado, por Setúbal, às cortes ordinárias em 1822-1823. Neste último cargo, desempenhou um papel relevante em defesa da extinção da Intendência-Geral da Polícia. Aderiu à causa maçónica, desconhecendo-se a data da sua iniciação, e exerceu o cargo de secretário do Grande Oriente Lusitano.

Ao longo da sua juventude, entrou em polémica virulenta com José Agostinho de Macedo, intelectual que professava uma ideologia política nos antípodas da sua. Ficaram célebres, pela sua agressividade, as dissensões entre ambos, designadamente em matérias como o estatuto poético de Camões ou o sebastianismo. Moniz defendeu estreitamente Bocage das múltiplas investidas de Macedo, perpetradas depois do falecimento do poeta. Deve-se-lhe a organização das *Verdadeiras Inéditas*, *Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*, dois volumes publicados em 1813 e 1814, que impugnaram uma edição descuidada de Desidério Marques de Leão, intitulada *Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*. Faleceu a 24 (27 segundo Inocêncio) de dezembro de 1826, na ilha do Fogo, Cabo Verde, para onde foi desterrado, na sequência da Vilafrancada, em 1823, depois de uma passagem pela prisão do Limoeiro.

⁶⁴⁴ Soneto publicado em 1805, na obra *Improvisos de Bocage*, p. 13.

⁶⁴⁵ A Pátria.

⁶⁴⁶ As Musas. V. nota ao soneto n.º 223.

⁶⁴⁷ As Graças. V. nota ao poema n.º 221.

Assaz luziu teu Estro: a mais aspira;
E estranho não será que substituas
A tuba de Marão⁶⁴⁸ de Flaco⁶⁴⁹ à lira.⁶⁵⁰

⁶⁴⁸ O poeta Virgílio, Públio Virgílio Marão de seu nome completo.

⁶⁴⁹ Quinto Horácio Flaco (65-8 a. C.), o celebrado poeta latino, autor da lapidar *Arte Poética*, também conhecida por *Epístola aos Pisões*. Bocage recorreu à sua obra, em múltiplas epígrafes.

⁶⁵⁰ Em pé de página, Bocage deixou exarado: «Quero (se meus dias findarem) deixar uma prova do muito em que tive, do muito que merecem os talentos de um dos meus mais caros Amigos.»

ESTANDO O AUTOR NA CELA DO SEU AMIGO FR. JOÃO DE POUZAFOLAS,
E ACONTECENDO APAGAR-SE-LHE UM CIGARRO,
PEDIU LUME, QUE O DITO AMIGO LHE RECUSOU⁶⁵¹

Amigo Frei João, cuidas que é barro
O fumoso tabaco por que berro?
Um nigromante me transforme em perro,
Se há coisa para mim como o cigarro!

Ele me arranca pegajoso escarro,
Que nas fornalhas deste peito encerro;
O frio, as aflições de mim desterro,
Quando lhe lanço a mão, quando lhe agarro.

De vício tal, se é vício, não me corro;
E só tomo rapé, simonte ou esturro,
Quando quero zangar algum cachorro.

Amigo Frei João, não sejas burro;
Dize bem do cigarro, senão morro;
Traze-me lume já, ou dou-te um murro!

⁶⁵¹ Publicado por Francisco Inocêncio da Silva, t. 1, p. 367.

AO SENHOR DOUTOR FRANCISCO JOSÉ DE ALMEIDA⁶⁵²

Da glória, que não morde, à roda zune⁶⁵³
 De insetos nuvem torpe, escuro enxame;
 Peçonha embora dos farpões derrame,
 Embora, caro Almeida, te importune,

Filosofal pavês, que o Sábio mune,
 Rechaça os golpes da calúnia infame:
 Quem possui altos dons, com que se afame,
 Canina, rouca voz desmente e pune.

Intérprete subtil da Natureza,
 Entra seus penetrais, vê seus arcanos,
 De apolíneo fulgor tua alma acesa:

Os zoilos que te ladram, vis e insanos,
 Sorve-os o lodo, sorve-os a baixaza,
 Tu brilhas, necessário, entre os humanos.

⁶⁵² Médico, correligionário de Bocage na Maçonaria.

⁶⁵³ Soneto publicado postumamente por Nuno Álvares Pato Moniz, em *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas*, t. IV, p. 164.

AO SENHOR GREGÓRIO FREIRE CARNEIRO ⁶⁵⁴

Com ampla mão, benéfica largueza ⁶⁵⁵
 Mil vezes me hás dourado a vida escura;
 Aos fados meus de horrível catadura,
 Mil vezes tens despido a atroz dureza.

Blasone embora a tímida nobreza
 Dos timbres, que lhe engole a sepultura,
 Esse esplendor dos grandes é ventura,
 Teu esplendor, ó Freire, é natureza.

Ante a luz, que do Céu mil raios lança,
 Dignidade sem mérito é desdouro,
 Mérito estreme a Eternidade alcança.

Teu génio benfeitor supre um tesouro,
 E eu, que obtive das Musas farta herança,
 Pago-te em verso o que te devo em ouro.

⁶⁵⁴ Correligionário maçónico de Bocage. A 12 de agosto de 1804, o poeta escreve uma carta a este seu benfeitor, publicada por Teófilo Braga, solicitando-lhe auxílio monetário: «Um calo que feriu-me detém-me em casa, razão por que não posso buscar-te e por que lá não fui no princípio do mês. Peço-te que me acudas com o que puderes, como tantas vezes; e crede que sou — Teu grato amigo — Bocage.» O manuscrito original desta missiva e o poema que a acompanhava encontravam-se na posse de Inocêncio. É citado no soneto «Terno Paz, bom Maneschi, Aurélio caro».

⁶⁵⁵ Poema publicado postumamente por Pato Moniz nas *Verdadeiras Inéditas, Poesias de (...)*, t. IV, p. 165.

AO SR. D. GASTÃO FAUSTO DA CÂMARA COUTINHO⁶⁵⁶, PELOS MESMOS
CONSOANTES DE OUTRO SONETO EM QUE ELOGIARA O AUTOR⁶⁵⁷

Ah, meu Gastão! o Pindo senhoreia,
Riscos não temas, não periga o nada;
Franqueia a mente à Musa, que avisada
Turbas rasteiras a grasnar recreia.

Narra os altos portentos de que é cheia,
No vulgo e em botequins dá-lhe morada;
Se é pois d'heróis a crítica esfaimada,
Contra asnos, charlatães, golpes sopeia.

Alhos-porros, em vez de louro, amigo,
Nos mornos versos que imprimiste, plantas,
Que eternos cobrirão o teu jazigo:

Ficarás imortal por formas tantas,
Que o porvir ninará no tempo antigo,
Com medo do tal cão das três gargantas⁶⁵⁸.

⁶⁵⁶ Nascido em Lisboa, a 19 de dezembro de 1772, era um dos grandes amigos de Bocage. Ostentava como pseudónimo poético Anfriso Tagitano. Depois de ingressar no Colégio dos Nobres, alistou-se na Marinha, na qual serviu de 1792 a 1844, tendo atingido o posto de capitão-de-mar-e-guerra. Dedicou ao poeta o soneto «Génio mordaz que o Mérito golpeia», que teve como resposta um outro intitulado «Agora que o lóbreco retiro», ambos publicados em *Improvisos de Bocage, na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*. Naquela composição, Bocage invoca «Gastão cadente» e considera: «Se a locução, a fantasia e o ritmo caracterizam a mente poética, aponto D. Gastão Coutinho como dotado com estes tesouros do Espírito.» Esta mútua admiração ficou também consignada na *Colecção dos Novos Improvisos*, na qual se encontram mais dois sonetos de Coutinho, homenageando Bocage: «Vendo o Grande, o que os Fados senhoreia» e «Formosa ninfa e mais formosa e pura»; o vate setubalense, por sua vez, replicou com o presente e com «Dor que afiada o coração golpeia». É citado no soneto «Agora que o seu lóbreco retiro». Faleceu em Lisboa, no dia 22 de junho de 1852.

⁶⁵⁷ Publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, a partir de um autógrafo de Bocage (t. I, p. 378).

⁶⁵⁸ Cérbero, o cão trifuace, com três cabeças, que se encontrava à porta dos Infernos.

AO SR. JOSÉ VENTURA MONTANO, ROGANDO-LHE SOCORRO PARA PAGAR
A RENDA DA CASA EM QUE O AUTOR HABITAVA

Demanda-me usurário senhorio⁶⁵⁹
Do já findo semestre a soma escassa,
E enjoado d'esperas, sei que traça
Pôr-me em janeiro a passear ao frio.

Ele em tais casos para mais tem brio,
Que é homem pé-de-boi, vilão de raça;
Já creio que o mandado extrai e o passa
À mão ganchosa de aguazil bravo.

Tu, que detestas esta corja horrenda,
Que deveu a ganância inútil sua
Primeiro ao chafariz, depois à tenda,

O avaro alegre, que um semestre amua;
Acode ao caro amigo, antes que aprenda
De cães vadios a dormir na rua.

⁶⁵⁹ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 330. É elucidativo relativamente às dificuldades sentidas por Bocage, designadamente nos últimos três anos da sua vida, único período em que teve casa própria. O respetivo aluguer ascendia a 21 600 réis. Neste domicílio — situado na Rua de André Valente, n.º 10, 3.º andar, na freguesia das Mercês — faleceu Bocage, no dia 21 de dezembro de 1805. Era uma habitação com quatro pequenos compartimentos — uma sala de entrada, um quarto, cozinha e um vão de escada — que pertencia aos herdeiros de Maximiliano Freguesia de Oliveira.

Montano é apelidado de «valedor» por Bocage no soneto «Terno Paz, bom Maneschi, Aurélio caro». A publicação deste soneto iria revelar a rede maçónica de Bocage. Eis a razão por que só conheceu os prelos depois do seu falecimento.

AO SENHOR DESEMBARGADOR SEBASTIÃO JOSÉ FERREIRA BARROCO⁶⁶⁰,
 ACOMPANHANDO À ÍNDIA O ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO
 SENHOR FRANCISCO DA CUNHA E MENESES⁶⁶¹

Geme Barroco: a fraca Humanidade⁶⁶²
 Nem nos peitos heroicos se desmente,
 Mirra-lhe as faces aflição veemente,
 Furta-lhe o riso a baça enfermidade.

Eis deixa os Céus, envolto em claridade,
 Alto núncio de Júpiter clemente,
 Eis vem calar-lhe os ais, corar-lhe a frente
 A Saúde, benéfica deidade:

«Acates⁶⁶³ do varão que em paz e em guerra
 Vai do Ganges emular na margem nua
 Mil semideuses, cujo sangue encerra,

«Em vão (diz) te acomete a Morte crua:
 És necessário cá, precisa a Terra
 Almas sublimes, almas como a tua.»

⁶⁶⁰ Secretário de Estado de Goa, desembargador da Casa da Suplicação e juiz dos Feitos da Coroa e Fazenda. Albano era o seu pseudónimo arcádico. Interveio na «Guerra dos Poetas», que dilacerou a *Arcádia Lusitana*.

⁶⁶¹ Governador de Goa, de 1786 a 1794.

⁶⁶² Apenas publicado na edição de 1791, do primeiro tomo das *Rimas*, p. 49. Foi excluído pelo poeta das edições de 1794 e 1800.

⁶⁶³ Acates, amigo de Eneias, acompanhou-o até Itália, tal como o desembargador ao seu amigo, que ia servir Portugal na Índia.

AO CONSÓRCIO DE UNS PARENTES

Filhas do Tejo, as águas transparentes⁶⁶⁴
 Cortai da funda e límpida morada,
 Trazendo cada qual na mão nevada
 Roxos corais, aljófares luzentes;

Vinde, vinde trinar mil sons cadentes
 Nesta areia subtil, de ouro bordada;
 União tão feliz, tão suspirada
 Cantai, gostosas, celebrai, contentes.

Márcia, vossa rival na gentileza,
 Hoje com puro voto abençoado⁶⁶⁵,
 Paga de Almeno as ânsias e a firmeza:

A virtude os ajunta, o sangue, o Fado;
 E os laços, que lhe urdira a Natureza,
 Tu lhe reforças, Himeneu sagrado.

⁶⁶⁴ Soneto apenas publicado na edição de 1791 do primeiro tomo das *Rimas*, p. 92. Foi excluído pelo poeta das edições de 1794 e 1800. No prefácio, Bocage considera que este soneto apresenta defeitos.

⁶⁶⁵ A errata do primeiro tomo das *Rimas*, publicado em 1791, assinala «abençoado» e não «suspirado», como grafaram, até ao momento, todos os editores de Bocage.

XI — A RELIGIÃO

313

Qual novo Orestes⁶⁶⁶, entre as Fúrias⁶⁶⁷ brada,⁶⁶⁸
Infeliz, que não crês no Omnipotente,
Com sistema sacrílego desmente
A razão luminosa, a fé sagrada;

Tua bárbara voz iguale ao Nada
O que em todas as coisas tens presente:
Basta que o sábio, o justo, o pio, o crente
Louve a Mão contra os maus do raio armada.

Mas vê, blasfemo ateu, vê, monstro horrendo,
Que a bruta opinião que, cego, expressas,
A si mesma se está contradizendo,

Pois, quando de negar um Deus não cessas,
De tudo o inerte Acaso autor fazendo,
No Acaso, a teu pesar, um Deus confessas.

⁶⁶⁶ V. nota ao soneto n.º 144, p. 172.

⁶⁶⁷ As Fúrias ou Erínias, filhas do Inferno ou do Aqueronte e da Noite, eram três: Alecto, Megera e Tisífone. Puniam as almas penitentes com serpentes e achas incandescentes.

⁶⁶⁸ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 19.

Os milhões de áureos lustres coruscantes⁶⁶⁹
 Que estão da azul abóbada pendendo;
 O Sol e a que ilumina o trono horrendo
 Dessa que amima os ávidos amantes;

As vastíssimas ondas arrogantes,
 Serras de espuma contra os céus erguendo,
 A leda fonte humilde o chão lambendo,
 Lourejando as searas flutuantes;

O vil mosquito, a próvida formiga,
 A rama chocalheira, o tronco mudo,
 Tudo que há Deus a confessar me obriga:

E para crer num braço, autor de tudo,
 Que recompensa os bons, que os maus castiga,
 Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

⁶⁶⁹ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 49.

Ó Rei dos reis, ó Árbitro do mundo,⁶⁷⁰
 Cuja Mão sacrossanta os maus fulmina,
 E a cuja voz terrífica e divina
 Lúcifer⁶⁷¹ treme no seu caos profundo,

Lava-me as nódoas do pecado imundo,
 Que as almas cega, as almas contamina;
 O rosto para mim, piedoso, inclina
 Do Eterno Império teu, do Céu rotundo;

Estende o braço, a lágrimas propício,
 Solta-me os ferros em que choro e gemo,
 Na extremidade já do precipício;

De mim próprio me livra, ó Deus Supremo,
 Porque o meu coração, propenso ao vício,
 É, Senhor, o contrário que mais temo.

⁶⁷⁰ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 57. Encontra-se traduzido para o italiano por Prospero Peragallo, in *Flores de Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Ocidente, 1893.

⁶⁷¹ O Diabo.

O Filho do Grão-Rei, que a monarquia⁶⁷²
 Tem lá nos Céus, e que de si procede,
 Hoje, mudo e submisso, à fúria cede
 Do povo, que foi seu, que à morte o guia.

De trevas, de pavor se veste o dia;
 Inchado o mar, o seu limite excede;
 Convulsa a Terra, por mil bocas pede
 Vingança de tão nova tirania.

Sacrílego mortal, que espanto ordenas,
 Que ignoto horror, que lúgubre aparato!
 Tu julgas teu Juiz! Teu Deus condenas!

Ah! Castigai, Senhor, o mundo ingrato,
 Caiam-lhe as maldições, chovam-lhe as penas:
 Também eu morra, que também vos mato.

⁶⁷² Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 70.

Se considero o triste abatimento⁶⁷³
 Em que me faz jazer minha desgraça,
 A desesperação me despedaça
 No mesmo instante o frágil sofrimento;

Mas súbito me diz o pensamento,
 Para aplacar-me a dor que me traspassa,
 Que Esse que trouxe ao mundo a Lei da Graça,
 Teve num vil presepe o nascimento:

Vejo na palha o Redentor chorando,
 Ao lado a Mãe, prostrados os pastores,
 A milagrosa estrela os Reis guiando;

Vejo-o morrer depois, ó pecadores,
 Por nós, e fecho os olhos, adorando
 Os castigos do Céu como favores.

⁶⁷³ Soneto que Bocage considerou ter «defeitos», na advertência da primeira edição. Encontra-se traduzido para o italiano por Prospero Peragallo, in *Flores de Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Ocidente, 1893. Foi publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 72.

Queimando o véu dos séculos futuros⁶⁷⁴
 O vate aceso em divinais luzeiros,
 Assim cantou (e aos ecos pregoeiros
 Exultaram, Sião, teus sacros muros):

«O Justo descerá dos astros puros
 Em deleitosos, cândidos chuveiros,
 As feras dormirão com os cordeiros,
 Suarão doce mel carvalhos duros;

«A Virgem será mãe, vós dareis flores,
 Brenhas⁶⁷⁵ intonsas, em remotos dias;
 Porás fim, torva Guerra, a teus horrores.»

Não, não sonhou o altíssimo Isaiás.
 Ó reis, ajoelhai, correi, pastores:
 Eis a prole do Eterno, eis o Messias.

⁶⁷⁴ Soneto publicado em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 36. A seguinte contextualização é da autoria de Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 197: «Aludindo à profecia de Isaiás nos cap. VII, XI, etc.»

⁶⁷⁵ Matagais.

Ó Tu, que tens no seio a Eternidade⁶⁷⁶
 E em cujo resplendor o Sol se acende,
 Grande, imutável Ser, de quem depende
 A harmonia da etérea imensidade!

Amigo e benfeitor da Humanidade,
 Do mesmo que Te nega e que Te ofende,
 Manda ao meu coração, que à dor se rende,
 Manda o reforço de eficaz piedade.

Opressa, consternada a Natureza,
 Em mim com vozes lânguidas Te implora,
 Órgãos do sentimento e da tristeza.

A Tua inteligência nada ignora;
 Sabes que, de alta Fé minha alma acesa,
 Té nas angústias o Teu braço adora.

⁶⁷⁶ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 56.

Aquele que domina os céus brilhantes,⁶⁷⁷
 Artífice da máquina estrelada,
 Ante cuja grandeza os reis são nada,
 Átomo a Terra, os séculos instantes;

O Deus que, contra os vícios negrejantes,
 Pela voz dos trovões ao Homem brada,
 Da mísera virtude atropelada
 Vingam os tristes suspiros penetrantes.

Sem que o mortal com lágrimas o peça,
 Juiz imparcial, Juiz superno⁶⁷⁸,
 Na causa do inocente se interessa;

Manda-te ressurgir do horror eterno,
 Devorante Remorso: em ti começa
 O suplício dos maus, dos maus o Inferno.

⁶⁷⁷ Soneto publicado em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 64.

⁶⁷⁸ Supremo.

Pela voz do trovão corisco intenso⁶⁷⁹
 Clama que à Natureza impera um Ente,
 Que cinge do áureo dia o véu ridente,
 Que veste d'atra noite o manto denso.

Pasmar na imensidade é crer o imenso:
 Tudo em nós o requer, o adora, o sente.
 Provam-te olhos, ouvidos, peito e mente?
 Númen! Eu oiço, eu olho, eu sinto, eu penso.

Tua ideia, ó Grão Ser, ó Ser Divino,
 Me é vida, se me dão mortal desmaio
 Males que sofro, e males que imagino.

Nunca impiedade em mim fez bruto ensaio:
 Sempre (até das paixões no desatino)
 Tua clemência amei, temi Teu raio.

⁶⁷⁹ Soneto publicado em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*, 1805, p. 6.

Lá quando a Tua voz deu ser ao nada,⁶⁸⁰
Frágil criaste, ó Deus, a Natureza,
Quiseste que aos encantos da beleza
Amorosa paixão fosse ligada.

Às vezes em seus gostos desmandada,
Nos excessos desliza-se a fraqueza;
Fingem-Te então, com ímpeto e braveza,
Erguendo contra nós a dextra armada.

Ó almas sem acordo e sem brandura,
Falsos órgãos do Eterno! Ah!... Profanai-o,
Dando-lhe condição tirana e dura!

Trovejai, que eu não tremo, e não desmaio;
Se um Deus fulmina os erros da ternura,
Uma lágrima só lhe apaga o raio.

⁶⁸⁰ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 210. Título por ele atribuído: «Confiança na misericórdia divina.»

Um Ente, dos mais entes soberano,⁶⁸¹
 Que abrange a Terra, os Céus, a Eternidade;
 Que difunde anual fertilidade,
 E aplanas as altas serras do oceano;

Um nume só terrível ao tirano,
 Não à triste mortal fragilidade;
 Eis o Deus que consola a Humanidade,
 Eis o Deus da Razão, o Deus d'Elmano.

Um déspota de enorme fortaleza,
 Pronto sempre o rigor para a ternura,
 Raio sempre na mão para a fraqueza,

Um criador funesto à criatura:
 Eis o Deus que horroriza a Natureza,
 O Deus do fanatismo, ou da impostura.

⁶⁸¹ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 211.

GLOSANDO O MOTE «MORTE, JUÍZO, INFERNOS E PARAÍSO»

Senhor, que estás no Céu, que vês na Terra⁶⁸²
 Meu frágil coração desfeito em pranto
 Pelas ânsias mortais, o ardor, o encanto,
 Com que lhe move Amor terrível guerra;

Já que poder imenso em Ti se encerra,
 Já que aos ingénuos ais atendes tanto,
 Socorre-me, entre os santos Sacrossanto,
 Criminosas paixões de mim desterra.

Fugir aos laços de um gentil semblante
 Não posso eu só: da Tua mão preciso,
 Com que prostrou David o atroz Gigante⁶⁸³.

Fira-me a contrição, torne-me o siso,
 Acode-me, Senhor, põe-me diante
Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

⁶⁸² Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 96.

⁶⁸³ Alusão à luta travada entre David e Golias.

Tu, por Deus entre todas escolhida,⁶⁸⁴
 Virgem das virgens, Tu, que do assanhado,
 Tartáreo monstro com Teu pé sagrado
 Esmagaste a cabeça entumecida;

Doce abrigo, santíssima guarida
 De quem Te busca, em lágrimas banhado,
 Corrente com que as nódoas do pecado
 Lava uma alma, que geme, arrependida;

Virgem, de estrelas nítidas c'roada,
 Do Espírito, do Pai, do Filho eterno
 Mãe, Filha, Esposa, e mais que tudo amada,

Valha-me o Teu poder e amor materno;
 Guia este cego, arranca-me da estrada
 Que vai parar ao tenebroso Inferno.

⁶⁸⁴ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 81.

AO ADORÁVEL MISTÉRIO DA INCARNAÇÃO⁶⁸⁵

Luz de reflexos três inextinguível,
 Luz que nutre o fulgor na Eternidade,
 Para remir e honrar a Humanidade,
 Fez aos olhos mortais um Deus sensível.

Cumpriu-se alto mistério incompreensível:
 Desceu à Natureza a Divindade,
 Resumiu-se no espaço a imensidade,
 Em seio de pureza incorruptível.

O monstro que no estígio horror se encerra,
 Pintando ímpios troféus na atroz memória,
 Eis tenta contra os Homens nova guerra;

Mas cinge os loiros de imortal vitória
 A Virgem Mãe, que mereceu na Terra
 Circunscrever em si do Empíreo a glória.

⁶⁸⁵ O manuscrito deste soneto encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Real Mesa Censória, cx. 342, documento n.º 3498.

XII — DOENÇA E MORTE

327

Pouco a pouco a letífera doença⁶⁸⁶
Dirige para mim trémulos passos,
Eis seus caídos, macilentos braços,
Eis a sua terrífica presença.

Virá pronunciar final sentença,
Em meu rosto cravando os olhos baços,
Virá romper-me à vida os ténues laços
A foice, contra a qual não há defesa.

Oh! Vem, deidade horrenda, irmã da Morte,
Vem, que esta alma, avezada a mil conflitos,
Não se assombra do teu, bem que mais forte.

Mas ah! Mandando ao Céu meus ais contritos,
Espero que, primeiro que o teu corte,
Me acabe viva dor dos meus delitos.

⁶⁸⁶ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 37.

AOS AMIGOS EM AGRADECIMENTO ⁶⁸⁷

Terno Paz (1), bom Maneschi (2), Aurélio (3) caro,
 Álvares (4) extremoso, Almeida humano (5),
 Ferrão (6) prestante, valedor Montano (7),
 Moniz (8), que extrais teu nome ao Tempo avaro;

Freire (9), Viana (10), Blancheville (11), ó raro,
 Moral tesouro que possui Elmano;
 Sócio de Flora (12); e tu, de som tebano
 Ó Cisne (13)! E tu, Cardoso, em letras claro (14):

Monumento honrador da Humanidade
 (Se o Fado me sumir da Morte no ermo),
 Grata vos deixa cordial Saudade.

Ireis nos versos meus do Globo ao termo,
 Por serdes, com benéfica piedade,
 Núncios, núncios de um deus ao vate enfermo.

⁶⁸⁷ Soneto publicado cerca de seis meses antes do falecimento do poeta em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*. Lisboa: na Imprensa Régia, 1805, p. 3. Aquela obra apresenta em epígrafe dois versos de *Tristes* de Ovídio: «*Parve (nec invideo) sine me, Liber, íbis in Urbem: / (Hei Mihi!) quò Domino non licet ire tuo.*»

Nota de Bocage: «(1) Francisco José da Paz. (2) João Pedro Maneschi. (3) Marcos Aurélio Rodrigues. (4) António José Álvares. (5) Joaquim Pereira de Almeida. (6) José Ferrão de Mendonça e Sousa, prior dos Anjos. (7) José Ventura Montano. (8) Nuno Álvares Pereira Pato Moniz. (9) Gregório Freire Carneiro. (10) Gonçalo José Rodrigues Viana. (11) Diogo José Blancheville. (12) O padre mestre Fr. José Mariano da Conceição Veloso. (13) João Vicente Pimentel Maldonado. (14) O desembargador do Porto, Vicente José Ferreira Cardoso. Devo também mencionar honrosamente o doutor Manuel Joaquim de Oliveira, médico em Lisboa; o meu amigo Policarpo, da Rua Nova da Rainha; o director do Correio Geral [José Barreto Gomes] e José Maria de Oliveira, filho do administrador dos seguros do mesmo Correio, todos para comigo instrumentos da Providência.»

Caro a Febo, a Filinto, a Lísia, à Fama,⁶⁸⁸
 Na lácia⁶⁸⁹ fonte e argiva⁶⁹⁰ imerso Alfeno⁶⁹¹;
 Pelas deusas irmãs fadado Ismeno⁶⁹²,
 Em que é nume Razão, Verdade é flama;

Canoro Melibeu⁶⁹³, por quem derrama
 Inveja e Glória o néctar e o veneno;
 Filósofo cantor, meu doce Oleno⁶⁹⁴,
 Doce ao sócio infeliz, que em ais te chama!

Elmiro⁶⁹⁵, que de Sofia⁶⁹⁶ o grão tesouro
 Revolve, possessor, com mão suprema,
 E outros que o Tejo honrais, o Vouga, o Douro⁶⁹⁷;

Dai-me que o Letes sorvedor não tema:
 Por vós comprado ao Tempo em versos de ouro,
 Cisne talvez que soe à hora extrema.

⁶⁸⁸ Soneto publicado em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*, p. 7, 1805.

⁶⁸⁹ Latina.

⁶⁹⁰ Grega.

⁶⁹¹ Alfeno Cíntio, pseudónimo arcádico do bacharel Domingos Maximiano Torres.

⁶⁹² João Vicente Pimentel Maldonado.

⁶⁹³ Miguel António de Barros.

⁶⁹⁴ Oleno Olisiponense, ou seja, Nuno Álvares Pereira Pato Moniz.

⁶⁹⁵ José Agostinho de Macedo.

⁶⁹⁶ Ciência.

⁶⁹⁷ Nota de Bocage: «Um dos que honram o Douro é Bento Henriques Soares, amigo do chorado João Baptista [Gomes] Junior (autor da *Nova Castro*), amigo, como eu, daquele cuja memória deve saudosamente viver enquanto o engenho e a moral forem dotes de preço. O glorioso do Vouga é Francisco Joaquim Bingre, que, pelo sabor da Antiguidade que há nas suas poesias e pelo estro que as levanta, merece esta nota.»

Se o Grande, o que nos orbes diamantinos⁶⁹⁸
 Tem curvos a seus pés dos reis os Fados,
 Novamente me der ver amimados
 De modesta ventura os meus destinos;

Se acordarem na lira os sons divinos,
 Que dormem (já da glória não lembrados),
 Ao coro etéreo, cândidos e alados,
 Honrar com ele um Deus ireis, meus hinos.

Mas, da humana carreira inda no meio,
 Se a débil flor vital sentir murchada
 Por lei que envolta na existência veio,

Co'a mente pelos Céus toda espraçada,
 Direi, de Eternidade ufano e cheio:
 «Adeus, ó Mundo! ó Natureza! ó Nada!»

⁶⁹⁸ Soneto publicado em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*, p. 5, 1805.

Desejo iluso e vão! Para que traças⁶⁹⁹
 Quadro que imagens divinais of'rece?
 A terna, ausente Amada me aparece,
 Em céu de Amores eclipsando as Graças.

Ante a doce visão com que me enlaças
 (Já murcho, estéril já), meu ser floresce;
 Mas súbito fantasma eis desvanece
 Chusma de encantos, que em teu sonho abraças.

C'roado de cipreste o Desengano,
 O meu nada me agoira... ó dor! mais forte
 Do que em seu grau supremo o esforço humano!

Chorai, Piedade e Amor, tão triste sorte,
 Chorai: longe de Anália⁷⁰⁰ expira Elmano;
 Os que a Ternura uniu desune a Morte.

⁶⁹⁹ Soneto publicado em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*, p. 8, 1805.

⁷⁰⁰ Anália, de acordo com o morgado de Assentiz, era Ana Perpétua Bersane Leite (Inocência, t. I, p. 387), filha do seu amigo António Bersane Leite. Segundo Assentiz, foi a última paixão de Bocage.

Dura Filosofia audaz forceja⁷⁰¹
 Por dar-me essência nova ao pensamento;
 De bronze diz que forre o sofrimento,
 E em brasas, como em flores, manso esteja;

Diz que, ó leis de Zenão⁷⁰², por vós me reja;
 Que sai do alto sistema alto portento:
 «Os órgãos vivem, morre o sentimento,
 E mudo e frio, o coração caleja.»

Mas ah! Mais sábio que Zenão o Eterno,
 Fonte às lágrimas deu, deu fonte ao riso:
 Co'a lei das sensações meu ser governo.

Se eu folgasse entre o mal que em mim diviso,
 Na mente ousara unir o horror do Inferno
 Aos sóis de que se esmalta o Paraíso.

⁷⁰¹ Soneto publicado em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*, p. 9, 1805.

⁷⁰² Nota de Bocage: «Discípulo de Crates e fundador do Estoicismo, ou seita dos Estoicos. Quando o Homem crê vizinhar com o seu Nada (o Nada Universal), as sombras em que o envolvem, o abafam as suas paixões, se rarefazem e esvaecem aos lumes da Justiça e do Desengano: ou já lhe brote sobrenaturalmente n'alma este fenómeno, ou já porque, evaporado o amor-próprio, atente mais nos outros que em si. Eu, talvez nesse estado, ou não longe dele, confesso ingenuamente que, pela suavidade e apuro do metro (nas composições lavradas com mais desvelo e mais gosto), pelas flores, pelos esmaltes poéticos de que as ameniza e formoseia (em especial as Báquicas), Belmiro está mui sobranceiro aos engenhos vulgares. A Razão me pede que lhe honre o mérito; e o coração que lhe releve a, talvez, injustiça, com que trabalhou remover-me de um grau, havido da voz pública.»

Agora que a seu lóbrego retiro⁷⁰³
 Como que a baça Morte me encaminha,
 E o coração, que as ânsias lhe adivinha,
 Débil se ensaia no final suspiro,

Musa de Elmano e Musa de Belmiro⁷⁰⁴,
 Una-se a glória sua à glória minha:
 Meu nome aguarentou com voz mesquinha,
 Eu justo ao seu não fui, e a sê-lo aspiro.

Nem tu me esquecerás, Gastão cadente⁷⁰⁵,
 Lustroso a par de mim, quando de chofre
 Ígneas canções brotei, co'um Deus na mente.

Abri, Verdade, abri teu áureo cofre:
 Isto Elmano extraiu co'a mão tremente
 No sério ponto que ilusões não sofre.

⁷⁰³ Soneto publicado em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*, p. 10, 1805.

⁷⁰⁴ Belmiro Transtagano, ou seja, Belchior Manuel Curvo Semedo, arqui-inimigo de Bocage, com o qual acabara de se reconciliar.

⁷⁰⁵ Nota de Bocage: «Se a locução, a fantasia e o ritmo caracterizam a mente poética, aponto D. Gastão Coutinho como dotado com estes tesouros do Espírito. Não soa, como devera (e altamente), o louvor de Tomás António dos Santos e Silva nos meus, talvez, últimos versos, porque em outros, de monção mais febeia e já divulgados, lhe teci elogios em que a fraterna amizade, que de muito nos liga, nada proferiu avesso à justiça e ao tom circunspecto do discernimento.»

Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando,⁷⁰⁶
 À margem, fértil de gentis verdesores,
 Terás d'alta Ulisseia⁷⁰⁷ um dos cantores,
 Suspiros no áureo metro modulando.⁷⁰⁸

Rindo não mais verá, não mais brincando,
 Por entre as ninfas e por entre as flores,
 O coro divinal dos nus Amores,
 Dos Zéfiros azuis o afável bando.

Co'a fronte já sem mirto e já sem louro,
 O arrebatada de roxo a mão da Sorte
 Ao clima salutar e à margem de ouro.

Ei-lo em fragas de horror, sem luz, sem norte;
 Soa daqui, dali piado agouro:
 Sois vós, desterro eterno, ermos da Morte!

⁷⁰⁶ Soneto publicado em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*, p. 11, 1805.

⁷⁰⁷ Lisboa.

⁷⁰⁸ Nota de Bocage: «*Carmina pastoris Siculi modulabor avena*. Virgílio, 'écloga 10'.»

Nestóreos⁷⁰⁹ dias que sonhava Elmano,⁷¹⁰
 Brilhantes de almos gostos, de áurea sorte,
 Pomposa fantasia, audaz transporte,
 As asas cerceai do Orgulho insano.

Plano de um nune contradiz meu plano,
 E quer que se esvaeça, e quer que aborte:
 Eis, eis palpita, precursor da Morte,
 No tímido aneurisma⁷¹¹ o Desengano.

Adeus, ó génios que Ulisseia admira
 (Cantor, que honrastes, honrareis, cantores);
 Versos, prantos lhe dai, que Elmano expira.

Deixai-lhe a cinza em paz, fatais Amores;
 E vós, do extinto vate a campa e lira,
 Virtudes que exaltou, cobri de flores.⁷¹²

⁷⁰⁹ Uma grande longevidade, como Nestor. V. nota ao soneto n.º 369, p. 406.

⁷¹⁰ Soneto publicado em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*, p. 12, 1805.

⁷¹¹ A doença de que sofria, declarada em fevereiro de 1805, 11 meses antes de falecer.

⁷¹² Nota de Bocage: «Beneficência e piedade, celebradas no Epicédio ao Marquês de Anjeja.» O título exato da obra é *Epicédio na Sentida Morte do Ilustríssimo e Excelentíssimo Sr. D. Pedro José de Noronha, Marquês de Anjeja, Camarista de Sua Alteza Real, etc., etc., Oferecido ao Ilustríssimo Conde de Vila Verde, do Conselho de Estado e Ministro Assistente ao Despacho do Gabinete do Príncipe Regente Nosso Senhor, etc., etc.* Foi publicado, em 1804, pela Imprensa Régia.

AO SÚBITO DESASTRE DE UM POETA AMADO DA NAÇÃO

Cantor que a fronte erguia engrinaldada⁷¹³
 Convosco, idálias⁷¹⁴ c'roas, mirto e rosas,
 Que viu por mão das Tágides formosas
 De aljôfares a lira e de ouro ornada;

Mente de etéreos dons abrilhantada,
 Que, solta em produções louçãs, pomposas,
 Surgiu, voou com asas luminosas,
 Ante o bando que vai de rojo ao Nada;

Estro opulento do febeu⁷¹⁵ tesouro
 (Já dos épicos sons talvez no ensaio),
 Ouviu sair das trevas triste agouro.

Seu Fado o fulminou, bateu-lhe o raio
 À sombra tua... ai dor! Lá mesmo, oh louro:
 Chorai-o, Amores, Tágides, chorai-o.⁷¹⁶

⁷¹³ Soneto publicado em *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade, Dedicados a Seus Bons Amigos*, p. 14, 1805.

⁷¹⁴ Referente a Idálio, bosque frequentado por Vênus.

⁷¹⁵ Relativo a Febo, isto é, Apolo.

⁷¹⁶ Em nota de pé de página, Bocage escreveu: «De autor anônimo; porém, que é fácil de conhecer pelo estilo.» Trata-se, julgamos, de uma composição sua. Não são desta opinião os irmãos Castilho, que afirmam prender-se este poema com a cegueira de Tomás Antônio dos Santos e Silva.

EM RESPOSTA A UM SONETO DE TOMÁS ANTÓNIO DOS SANTOS
E SILVA⁷¹⁷. ELMANO A TOMINO

Vapor dourado que me afuma os Lares
(Porque a Morte os bafeja de contino),
Solto de ti relâmpago divino,⁷¹⁸
Milton de Lísia, alumiou meus ares.

O bem d'ouvir-te, o bem de me chorares,
Quase que irmana desigual Destino:
«Tu de assombros Cantor (Febo, ou Tomino),
Eu ave, eu órgão de pavor, de azares.»

Níveo matiz d'auríferas areias⁷¹⁹,
Cisne qual Jove outrora⁷²⁰, e que no alado
Êxtase aos Céus a melodia alteias!

Voz, de que adoro o cântico sagrado,
Voz, que a dor minha, o Fado meu pranteias!
Dá-me teus sons, e cantarei meu Fado.⁷²¹

⁷¹⁷ Tomino Sadino, seu pseudónimo literário, nasceu em Setúbal no ano de 1751. Poeta prolífero, dedicou várias composições a Bocage, designadamente na sequência do seu falecimento, as quais apresentam alguns elementos relevantes para a compreensão da personalidade do escritor. Foi particularmente atacado por José Agostinho de Macedo. Era conhecido por «O Milton Português». Faleceu no Hospital de São José, em 1816. Soneto em resposta a um outro de homenagem — «Elmano! Elmano! Os que te ouviram rindo» — que Santos e Silva lhe enviara, ambos publicados em *Improvisos de Bocage*, pp. 20-21.

⁷¹⁸ Esta nota e as seguintes são de Bocage: «Pelo estro e pela cegueira.»

⁷¹⁹ «As do Tejo.»

⁷²⁰ «Quando se tornou cisne por Leda.»

⁷²¹ «Porque então a glória compensa-me a fortuna.» Em nota final, escreve Bocage: «Apesar do que digo a pág. 10, sempre tive ocasião de honrar o meu insigne compatriota.»

Se na que, morna e lúgubre, murmura⁷²²
 Corrente averna⁷²³, como as sombras densa,
 Der queda enorme a sôfrega Doença
 Que à vida quer sorver-me a fonte impura,

De eleitos vegetais sagaz mistura
 Não foi rívido estorvo à Morte infensa⁷²⁴:
 Só pode aos olhos meus virtude imensa
 A do horror ferrolhar morada escura.

Arde, ó Estro! Fulmina o monstro humano,
 Que origem vil ao mundo, a si presume,
 E à causa divinal repugna, insano.

Salve, Princípio d'alma, etéreo Lume!...
 Se um deus não fora, que seria Elmano!
 Existe o vate porque existe o nume.⁷²⁵

⁷²² Soneto que encerra os *Improvisos de Bocage (...)*.

⁷²³ O Averno, lago que era considerado a entrada do Inferno.

⁷²⁴ Encarniçada, inimiga.

⁷²⁵ Soneto que encerra os *Improvisos de Bocage na Sua Moléstia*.

Voltaire, *Méropé*, *Tragédie*

Em vão, para tecer-me um ledo engano,⁷²⁶
 Filósofo ostentoso indústrias cansa;
 Diz-me em vão que, exalando-se a esperança,
 Repousa na apatia o peito humano.

O nauta a soçobrar no pego insano
 Vê rir ao longe a cérula bonança;
 A mente esperançosa enfreia, amansa
 Os roncoss e as bravezas do oceano.

Se nos míseros cai da mão dos Fados
 O negro desengano, ei-los ansiosos,
 E à desesperação, e à fúria dados.

Doirai-nos o porvir, ó Céus piedosos!
 Justos Céus! deem sequer jardins sonhados
 As flores da ventura aos desditosos.

⁷²⁶ Soneto publicado em 1805, na obra *A Virtude Laureada*, p. 26.

AO SR. MARCOS AURÉLIO RODRIGUES⁷²⁷

Carminibus vives tempus in omne meis
Ovídio

Piedoso Aurélio meu, caráter puro,
Caro às virtudes, na moral perfeito,
Que do vate, arreigado em triste leito,
Doiras co'um sol benigno o tempo escuro:

Por ti de novo à Pátria dar procuro
Versos, que a Dor e a Gratidão têm feito,
E versos d'alto dom, d'alto conceito:
No quadro sombra e luz assim misturo.

Teu ouro (e seu mor preço), o teu desvelo
Brilhe a favor de Elmano, a bem do Amigo,
E alongue à Musa os sons na voz do prelo,

Que eu, da memória já credor antigo,
Juro pagar (e a seu tesouro apelo)
A dívida em que há tanto estou contigo.⁷²⁸

⁷²⁷ Cavaleiro da Ordem de Cristo, deputado e tesoureiro da Junta Económica Administrativa e Literária da Imprensa Régia, teve um papel importante, na companhia de José Pedro da Silva, na venda dos *Improvisos de Bocage*. Anteriormente tinha desempenhado o cargo de tesoureiro da Casa Literária do Arco do Cego. O poeta dedicou-lhe a *Colecção dos Novos Improvisos*, na qual se encontra o presente soneto, p. 3.

⁷²⁸ Nota de Bocage: «Foi sempre com os tesouros da memória e da fama que os poetas pagaram a seus benfeitores; mas esta paga será sempre mui valiosa para as almas sensíveis e elevadas.»

AO SR. JOSÉ PEDRO DA SILVA⁷²⁹

Josino amável, que zeloso engrossas⁷³⁰
 Bens que mesquinho Apolo aos seus permite,
 Que os, não longe talvez de ermo limite,
 Agros meus dias, compassivo, adoças,

Do honroso plectro meu com jus te apossas;
 Folga: os Fados me dão que a sombra evite,
 Em que altas famas some o negro Dite⁷³¹,
 E a que às torres fatal é como às choças⁷³².

Febeia prepotência os Tempos doma;
 Com teu nome por mim, que cinjo o louro,
 Alvo padrão na Eternidade assoma;

Destarte, abrindo o génio o seu tesouro,
 Outrora, n'alta Grécia, e n'alta Roma,
 Pagava em metro o que devia em ouro.

⁷²⁹ Nascido em Paço de Arcos, no dia 11 de abril de 1772, era mais conhecido por José Pedro das Luminárias, uma alusão que se prende com as exuberantes iluminações com que ornamentava a sua casa, evocando efemérides de vulto, designadamente o aniversário do seu ídolo e amigo Bocage. Travou conhecimento com o poeta no Café Nicola, onde estava empregado. Mais tarde, foi o proprietário do Botequim das Parras, que possuía uma sala reservada aos escritores e a outras personalidades da época: o «Agulheiro dos Sábios».

A publicação dos *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade* foi da sua iniciativa. Vendeu-os, de porta em porta, profusamente, para angariar os proventos necessários à sobrevivência do amigo.

⁷³⁰ Soneto publicado em 1805, na obra *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 4.

⁷³¹ Deus dos Infernos, uma outra forma de designar Plutão.

⁷³² Nota de Bocage: «Imitação de Horácio.»

À PÁTRIA

De Elmano a Musa, que entre imagens vela,⁷³³
 Enquanto, ó Natureza, estás calada,
 Carpia, do áureo Pluto⁷³⁴ abandonada,
 E Pluto era de bronze aos prantos dela;

De Elmano a Musa, que a Memória anela,
 Conformo o plectro em dor co'a voz magoada,
 E dos piedosos sons Tu apiedada,
 Gemes, ó Lísia, ó mãe suave e bela.

Qual arde avara sede ante um tesouro,
 Pátrio amor ante o metro me flameja,
 E o que em verso me extrai, me volve em ouro.

D'alma em torno, a sorrir-se, a Glória adeja,
 E (mercê d'alta Lísia) imune o louro,
 Entre as sombras letais inda verdeja.

⁷³³ Soneto publicado em 1805, na obra *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 5.

⁷³⁴ Na *Teogonia* hesiódica, filho de Deméter e de Iásion. De acordo com a mitologia, era cego, condição que lhe permitia agir com isenção, favorecendo de forma igual os bons e os maus.

AO SENHOR FRANCISCO DE PAULA CARDOSO DE ALMEIDA, MORGADO
DE ASSENTIZ⁷³⁵, POR OCASIÃO DE VERSOS ADMIRÁVEIS QUE ME ENVIOU

Mimo das Graças, te floresce o Canto,
De ternas sensações inda orvalhoso;
D'alma, que em néctar inundei saudoso,
Foge a Dor, foge o Mal, foge o Quebranto.

São melodia os ais, delícia o pranto
Que excita o verso teu gentil, mimoso:
Por ele jura Amor ser mais piedoso,
E sente a Natureza um novo encanto.

Estro do coração! Teus sons, teus lumes
Dos montes de perene amenidade
Tentem no longo adejo os flóreos cumes:

Versos, não vos merece a férrea idade;
Gozai no Olimpo, ó música dos numes,
Vosso ouvinte imortal: a Eternidade.

⁷³⁵ Nascido em Lisboa, a 2 de março de 1769, companheiro e vizinho do poeta, na Travessa de Cima da Conceição, frequentou assiduamente o Café Nicola e o Botequim das Parras, fazendo parte da tertúlia que nele convivia. Ficaram célebres os saraus poéticos realizados no teatro que fundou, os quais tinham a presença de Bocage e de outros escritores da época. Olivo era o seu pseudónimo literário.

O presente soneto replica à epístola «Tu, que à Lusa Nação, que à Pátria nossa», publicada na *Colecção dos Novos Improvisos*, pp. 6 e 63.

Contigo, alma suave, alma formosa,⁷³⁶
 Celeste imagem de que o Céu me priva,
 Que eu vivesse não quis, não quer que eu viva,
 Lei (sendo etérea!) ao coração penosa.

Vendo sumir-me por morada umbrosa,
 Ah! Não desmaies, a constância aviva,
 E por artes de amor, de amor, ó diva,
 Do não gozado amante os Manes⁷³⁷ goza.

Mais doce orvalho de teus olhos desça
 À (linda como tu) melhor das flores
 Que em torno à campa se abotoe e cresça.

Passeia entre os meninos voadores,
 Une a mãe aos filhinhos, e pareça
 Da morte a solidão jardim de Amores.

⁷³⁶ Soneto publicado em 1805, na obra *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 8. Foi dedicado a Ana Perpétua Bersane Leite.

⁷³⁷ Os Manes eram, em Roma, as almas dos mortos.

Ave da morte que, piando agouros,⁷³⁸
 Tinges meus ares de funéreo luto!
 Ave da morte (que em teus ais a escuto),
 Meus dias murcharás, mas não meus louros.

Doou-me Febo aos séculos vindouros;
 Deponho a flor da vida, e guardo o fruto;
 Pagando em vil matéria um vão tributo,
 Retenho a posse de imortais tesouros.

Nome no Tempo, e ser na Eternidade!
 Que Fado! Ó ponto escuro, assoma embora;
 Dê-me o piedoso adeus comum Saudade;

E, rindo-me na campa os dons de Flora⁷³⁹,
 Mais do que eles a adorne esta verdade:
 «Lísia cantava Elmano, e Lísia o chora.»

⁷³⁸ Soneto publicado em 1805, na obra *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 9.

⁷³⁹ Deusa das flores e da primavera.

De um nune aos ais d'Elmano ó dom mimoso!⁷⁴⁰
 Tesouros meus! Aljôfares de Amores!
 Ao ver-vos deslizar, cair nas flores
 De um gesto, como os deuses milagroso,

Orvalho pareceis de Céu piedoso,
 Que meigo alívio influi em agras dores,
 Que humedece estes áridos vapores,
 Este hálito da morte infesto, ansioso.

Sentindo o coração por ti regado,
 Contigo, ó néctar, a existência encanto,
 E brando para mim se ri meu Fado!

Amada! Jove e tu só podem tanto!
 Meu Mal dorme, repousa, embriagado
 Das mil delícias que me dá teu pranto.

⁷⁴⁰ Soneto publicado em 1805, na obra *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 10. Teve Ana Perpétua Bersane Leite como musa inspiradora.

No abismo tragador da Humanidade⁷⁴¹
 (Dela, dela não só, de quanto existe)
 Co'a mesma rapidez, Elmano, ah! Viste
 Sumir-se a florescente, e a murcha idade^{742!}

Olha em muros, que veste a escuridade,
 Olha a cor de teu Fado, a cor mais triste!
 Talvez (e agora, agora!) Ele te aliste
 No volume em que lê a Eternidade!

Ó tochas funerais! Clarão medonho!
 Da morte ó mudas, solitárias cenas!
 Em vós arrepiado os olhos ponho!...⁷⁴³

Ah! Porque tremes, louco? Ah! Porque penas?
 Sonhas num ermo, e surgirás do sonho
 Em climas de ouro, em regiões amenas.

⁷⁴¹ Soneto publicado em 1805, na obra *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 11.

⁷⁴² Nota de Bocage: «Na propriedade de que habito um dos andares, têm morrido, há quatro meses, um homem de mais de 60 anos, uma das minhas sobrinhas, de idade de 5 e, ultimamente, uma moça de 18.»

⁷⁴³ No original: «ponho!...».

A rígidas lições do férreo Zeno⁷⁴⁴
 Se torce o coração, se enruga o rosto:
 Falaz sistema, e de aridez composto,
 Que às fecundas paixões seca o terreno!

Por timbre em metro de ouro o doura Oleno⁷⁴⁵,
 E à doce Natureza o nunca oposto
 (Rindo entre flores, vicejando em gosto)
 Génio desliza⁷⁴⁶ de Epicuro ameno⁷⁴⁷.

Ele (bem que o difame o vulgo rude),
 D'almos prazeres pela mão nevada,
 De espinhos despe o trilho à sã virtude;

Veste de rosas a macia estrada,
 A moral formoseia, e não me ilude
 Querendo que de um Deus ostente um Nada.⁷⁴⁸

⁷⁴⁴ Nota de Bocage: «Chefe da seita dos Estoicos.»

⁷⁴⁵ Nota de Bocage: «Moniz», ou seja, Pato Moniz.

⁷⁴⁶ Nota de Bocage: «Em nossos bons autores 'deslizar' é não tocar, omitir.»

⁷⁴⁷ Filósofo grego (c. 341-c. 279 a. C.) que advogava a doutrina do prazer comedido e espiritual, dita epicurista, conducente à harmonia do corpo e do espírito.

⁷⁴⁸ Soneto publicado em 1805, na obra *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 12.

AO SENHOR JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO⁷⁴⁹

Nomen erit indelebile nostrum.
Ovídio, *Metamorfoses*, livro xv

Versos de Elmiro os tempos avassalam
(Versos que imprime em si a Eternidade),
São novos estes sons na Humanidade!
Cantas, ó génio, como os deuses falam.

Parece que as pirâmides se abalam
A agoiros de terrível majestade,
Que a marmórea, estupenda imensidade
Das moles do alto Nilo à terra igualam!⁷⁵⁰

⁷⁴⁹ Nascido na cidade de Beja, em 1761, foi um arqui-inimigo de Bocage. Polígrafo, cultivou a poesia, o teatro e o ensaio, tendo-se distinguido nesta modalidade, revelando-se um temível polemista. As invetivas de Bocage contra este religioso e pregador régio são visíveis em vários sonetos contra a «Academia de Belas-Letras», no prefácio de *As Plantas* de Richard Castel e, designadamente, na *Pena de Talião*. Macedo retorquiu, com não menos virulência, em duas sátiras, datadas, ao que tudo indica, de 1801. À hora da morte de Bocage, houve uma reconciliação entre ambos. Porém, Macedo não estava de boa-fé, como se pode inferir dos ataques viscerais que continuou a perpetrar, não poupando a memória do vate sadino. Contra esta atitude se insurgiu Nuno Álvares Pato Moniz, que, em artigos de jornais e em poemas satíricos, o fustigou acintosamente. Elmiro Tagideu era o seu pseudónimo arcádico.

⁷⁵⁰ Nota de Bocage: «Alusão aos seguintes versos de uma ode que Elmiro me enviou: 'De teu ferro cortadas, / Um dia hão-de ser pó, ser nada um dia.». Este poema foi publicado na *Mnemósine Lusitana*, 1816, t. 1, p. 196.

Meus dias (de ouro já como os primevos)
Salvas do cru Saturno⁷⁵¹, e Morte crua,
D'uma e d'outra existência algozes sevos⁷⁵²:

Rivais a duração do Sol, e a sua,⁷⁵³
Calcando a Parca, atropelando os Evos⁷⁵⁴,
Elmano viverá da glória tua!⁷⁵⁵

⁷⁵¹ Divindade itálica que correspondia à grega Crono (Tempo). Era filho do Céu e da Terra. Caracterizava-se pela sua cobiça e crueldade.

⁷⁵² Sanguinários.

⁷⁵³ Nota de Bocage: «Alusão ao verso da mesma [ode]: 'Co'a duração do Sol teus versos vivem, etc.»

⁷⁵⁴ Séculos.

⁷⁵⁵ Soneto publicado em 1805, na obra *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 13.

AO SENHOR BENTO HENRIQUES SOARES⁷⁵⁶

Jónio meu, inda meu⁷⁵⁷ (porque o jazigo,
Títulos imortais, não vos devora),
Que encantador, e que encantado outrora,
Luz eras dele, e tua luz o Amigo!

D'Elmano é grato à Dor vagar contigo
Plagas fatais, onde o silêncio mora;
É doce à minha Dor, que em vão te chora,
Das sombras tuas suspirar no abrigo.

Vate de Inês! Perderam-te os Amores,
Que em ti gozavam duplicado encanto:
Flores no metro, e no carácter flores.

Sopro da morte se gelar meu pranto,
Ais canoros o claro entre os Cantores⁷⁵⁸
Sagre aos dois génios, que se amaram tanto⁷⁵⁹.

⁷⁵⁶ Soneto publicado em 1805, na obra *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 14.

⁷⁵⁷ Esta nota e as duas seguintes são de Bocage: «João Baptista Gomes Júnior, autor da *Nova Castro*.»

⁷⁵⁸ «Bermuino Duriense.»

⁷⁵⁹ «À semelhança dos talentos, que entre muitos é fonte de malquerença e detracção, era em Júnior e em mim o reforço da simpatia recíproca.»

AO SENHOR HENRIQUE PEDRO DA COSTA⁷⁶⁰

Toldado o foco à luz da Fantasia,⁷⁶¹
 Turva do metro a límpida nascente,
 Inércia o corpo, soledade a mente,
 Em ócio, ou em letargo a simpatia,

O Elmano outrora, o vate de algum dia,
 O que sentiu, pensou, viveu, não sente,
 Nem pensa, ou vive: autómato, não Ente,
 É mão que versos maquinais te envia.

Tu lhe enverdece co'um bafejo a palma,
 Faze um prodígio mais, tu, mais que humano,
 A quem nunca de Cirra⁷⁶² o vento acalma;

E Lísia julgará, com doce engano,
 Que em momento Febeu criando-os n'álma,
 Eu pensava, eu sentia, eu era Elmano.

⁷⁶⁰ V. nota ao soneto n.º 359, p. 396.

⁷⁶¹ Publicado na *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade*, 1805, p. 18.

⁷⁶² Nota de Bocage: «Cidade consagrada a Apolo.»

AO SR. PEDRO INÁCIO RIBEIRO SOARES, PELA BRILHANTE ODE
COM QUE ME HONROU A DESGRAÇA⁷⁶³

Eu, esse⁷⁶⁴ cujos dons medraram tanto⁷⁶⁵
De cultura gentil no brando esteio;
Eu, que da meiga Pátria unido ao seio,
No afago maternal nutri meu canto,

Vergava ao peso de mortal quebranto,
Quando teu hino, teu milagre veio
(De harmonia, de luz, de glória cheio)
Minha alma repassar d'um lume santo.

Bem que das Musas docemente amado,
Se temi d'uma idade a outra idade
Não poder alongar-me em nome alado,

Cresço em teu estro, sinto-me deidade;
Já, já piso os salões a Jove, ao Fado,
No pavimento azul da Eternidade.

⁷⁶³ Soneto em resposta à composição «Cedendo à fúria da raivosa Idade». Inocêncio escreveu a seguinte nota: «No autógrafo que temos à vista, no quarto verso deste soneto lê-se: 'Do materno sorriso ornei meu canto.' E os versos 13 e 14 são como segue: 'Por ele (ou cumpra, ou torça as leis do Fado) / Vagueio os mil salões da eternidade.'»

Aí mesmo se acha a seguinte nota, do punho de Manuel Maria: «É o mais a que sobe o triste Bocage. Se tentar alongar o vôo, logo uma acelerada palpitação lhe adverte o perigo desta imprudência. Ele desce; recorda o que foi; suspira; e curva-se ao Fado, ou à providência que o rege!»

⁷⁶⁴ Nota de Bocage: «Os amadores da latinidade acharão talvez sabor neste arremedo do *Ille ego, qui quondam*, etc.» Verso da *Eneida*, de Virgílio.

⁷⁶⁵ Soneto publicado na *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade*, 1805, p. 19.

AO SENHOR VICENTE PEDRO NOLASCO DA CUNHA EM AGRADECIMENTO
AO SONETO QUE LHE ENVIOU⁷⁶⁶

Tu, que do grão Cantor da Natureza,⁷⁶⁷
De ouro em flores, ó vate, e em frutos de ouro,
À Pátria deste hespérico⁷⁶⁸ tesouro,
De altos quilates, de imortal riqueza;

Tu, que sobes co'a mente, em Febo acesa,
Lá onde a Glória cinge eterno louro,
A teu nome, em teu verso vivedouro,
Contra a Morte moral já tens defesa.

Inove às artes, que embelezam tanto,
Desarreigue às ciências não mimosas
Flores e espinhos teu plausível canto.

Não sagres a meu Mal dom que amplo gozas:
Basta ao vate que geme, o som do pranto,
À Dor são néctar lágrimas piedosas.

⁷⁶⁶ Nascido nas Caldas da Rainha, em 1773, frequentou a Universidade de Coimbra, onde se formou em Filosofia e Medicina. Era correligionário maçónico de Bocage. Fundou, com o médico Bernardo José de Abrantes e Castro, o *Investigador Português em Inglaterra ou Jornal Literário Político, &c.*, publicado em Londres, de 1811 a 1819. Faleceu em Lisboa, a 18 de junho de 1844. Homenageou Bocage com a composição «Fados d'Elmano que em severas cores», publicada na *Colecção dos Novos Improvisos (...)*, tal como a presente, pp. 36 e 21.

⁷⁶⁷ Nota de Bocage: «[Erasmus] Darwin, poeta inglês, autor do *Jardim Botânico, poema*», traduzido em 1804 por Vicente Pedro Nolasco da Cunha.

⁷⁶⁸ Relativo à Hespéria, «a região do poente, a Itália, em relação à Grécia», segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado.

AO SENHOR BELCHIOR MANUEL CURVO SEMEDO

Maga lira de Amor, que ao trácio vate⁷⁶⁹
 (Lá na estância fatal dos ais, do luto)
 Deste ameigar o enorme, horrível bruto,
 Que no férreo portão braveja e late⁷⁷⁰;

Lira piedosa que, apiedando Hécate⁷⁷¹,
 Colheste em chão da Morte um doce fruto,
 Revives no áureo plectro, ameno, arguto
 (Do letal cativo alto resgate);

Sim, divino Cantor, na sonolenta
 Mansão das Parcas, se a gentil consorte
 Visses em flor cair, por lei cruenta,

Portas do Orco⁷⁷² (arrancando a chave à Sorte)
 Desfecharas co'a mão, de susto isenta,
 E outro milagre sofreria a Morte.

⁷⁶⁹ Soneto em resposta a um outro, intitulado «Ao som da lira o Trácio, egrégio vate». Nota de Bocage, relativamente ao presente poema: «Pelas rimas do antecedente». Foram ambos publicados na *Colecção dos Novos Improvisos*, 1805, pp. 23-24.

⁷⁷⁰ Cérbero, cão que guardava as portas do Inferno.

⁷⁷¹ Deusa que, segundo Pierre Grimal, «espalha por todos os homens a sua benevolência, concedendo as graças que lhe pedem. [...] Foi considerada como a deusa que preside à magia e aos feiticeiros».

⁷⁷² Inferno.

AO SENHOR D. GASTÃO FAUSTO DA CÂMARA COUTINHO,
PELOS FINAIS DO [SONETO] QUE ME ENVIOU⁷⁷³

Dor que afiada o coração golpeia,
Se não toldasse o brilho à délia⁷⁷⁴ flama,
E o tom do vate que endeusa o Gama⁷⁷⁵,
Inda a voz me alongasse, ativa e cheia,

Com alma solta, e do vil globo alheia
(Onde Inveja o desar ao Génio trama),
Nos trilhos esmaltados de áurea Fama,
Tentara os orbes, que imortal vagueia.

Aos ombros de Aquilão⁷⁷⁶, por mim curvado,
Subira céus e céus: já nume Elmano,
Bebera sóis, e sóis, extasiado;

E, revocando à mente o grão Romano,
Pelos climas da luz, contigo ao lado,
Hinos te dera em metro mantuano⁷⁷⁷.

⁷⁷³ V. nota ao soneto n.º 309, p. 345. Publicado em 1805, na obra *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage* (...), p. 26.

⁷⁷⁴ Referente a Delos, ilha do mar Egeu, onde Latona deu à luz Apolo e Diana.

⁷⁷⁵ Camões.

⁷⁷⁶ Vento do nordeste.

⁷⁷⁷ Nota de Bocage: «Camões possui o tom de Virgílio, assim na epopeia como na bucólica: os dois génios eram mui parecidos.»

AO SENHOR ANTÓNIO XAVIER FERREIRA, POR OCASIÃO
DE UM SONETO QUE ME MANDOU ⁷⁷⁸

Se Elmano, a quem no plectro, Ente sagrado, ⁷⁷⁹
Esmaltas o porvir e a dor temperas,
Transcender inda ousasse em metro alado
Rodantes turbilhões de azuis esferas;

Se, entrando o brônzeo albergue, onde abre o Fado
Grão código imortal de leis severas,
Atentar, como tu, lhe fosse dado
Em promíscuo tropel fervendo as eras,

O teu, do etéreo Ser não mui distante,
De olímpia abrilhantando amenidade,
Vira sorrir-se em flor sazão fragrante,

E lá, contigo, pela extrema idade,
Firmado em muitos mil, degrau brilhante
Ir desaparecer na Eternidade.

⁷⁷⁸ Refere-se Bocage a «Qual volátil implume à terra junto», publicado na *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage*, p. 39.

⁷⁷⁹ Publicada na obra citada, p. 28.

À TERNURA CORDIAL DE SOYÉ A CORDIAL GRATIDÃO DE BOCAGE⁷⁸⁰

Bem que do eterno luto ameaçada,⁷⁸¹
 Folga escura Existência vacilante,
 Por azares fatais a cada instante
 Do mundo nas procelas soçobrada!

Vê do Pindo a caterva desolada
 (Quase nele despótica imperante)
 Com dor fiel, com lástima incessante
 De teu mal, de teus ais sobressaltada.

Olha, Jónio, o também desfalecido
 (De quem foge, confuso e trabalhado,
 Da filúcia⁷⁸² o fantasma espavorido!),

Piedoso, implora meu Destino irado:
 O Sábio do infeliz compadecido
 É mais interessante, é mais amado.⁷⁸³

⁷⁸⁰ Soneto composto «pelas rimas do anterior», ou seja, aquele que João Soyé Waffer e O'Connor lhe enviara, intitulado «De Elmano aura vital ameaçada». Foram publicados nas páginas 44 e 45 da *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage*, no ano de 1805. O'Connor era secretário da «Brigada Real da Marinha», tendo-se reformado no posto de capitão-de-mar-e-guerra, de acordo com a *Gazeta de Lisboa*, de 23 de dezembro de 1806.

⁷⁸¹ Soneto publicado em 1805, na obra *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 45.

⁷⁸² Bazófia.

⁷⁸³ Nota de Bocage: «Glosei este verso, que é o último de um dos sonetos do II tomo das minhas poesias.» Refere-se à composição «Vítima do rigor e da tristeza», inserida na página 63 da edição de 1799.

A FREI JOAQUIM BOTELHO — RETRIBUIÇÃO DE ELMANO,
PELOS FINAIS DO [SONETO] ANTECEDENTE⁷⁸⁴

De Elmano antes da morte é morto o canto,
Do Pindo inspirações já lhe não decem;
Mas inda aos que em seu males se enternecem
O que somente é dor parece encanto.

Ah! Ditoso o que deve à Pátria tanto,
Ditoso o que altas Musas enobrecem!
Bem que afinçadas opressões não cessem
De abrir-lhe, mais e mais, a fonte ao pranto.

Da mente em que fervia o gás sagrado,
Um Deus que respirei, já não respiro,
Um Deus por quem do Nada estou salvo.

Nos versos que te dou, talvez deliro:
Da Sorte aos meus pousar foi já mandado,
E aos teus impõe seguir da Fama o giro.

⁷⁸⁴ Pregador régio, da Congregação de São Paulo, foi autor do soneto «Se a Morte afoga de Bocage o canto» (v. *Colecção dos Novos Improvisos*, pp. 46-47). Existe cópia desta composição na Biblioteca Nacional de Portugal, secção de reservados, códice 8603, p. 69.

AO SENHOR HENRIQUE PEDRO DA COSTA⁷⁸⁵

Febo no etéreo plaustro omnifulgente⁷⁸⁶
 (Áureas as rodas, o eixo adamantino)
 Clamou do campo imenso e cristalino:
 «Honrou-me, ó Natureza, ornar um Ente.

«No Olimpo⁷⁸⁷ (é tal meu jus) me foi patente
 O d'alta criação cofre divino:
 Vi, não perfeito ainda, o ser de Henrino;
 Obtive enriquecê-lo, e dei-lhe a mente.»

«Eu dei-lhe o coração, melhor tesouro
 (Responde Natureza ao nume ufano);
 E ao teu prefere da virtude o louro:

«Transcende na ternura os graus de humano;
 E seu canto não só, também seu ouro,
 Mitiga os males do jacente Elmano.»⁷⁸⁸

⁷⁸⁵ Autor do poema «Esta, sim, é de Elmano a voz que soa!», composto «por ocasião de se lerem alguns sonetos do Senhor Bocage, tendo-se antes lido outro cujo autor o atribuiu falsamente ao mesmo poeta; mas que ninguém acreditou». Bocage respondeu com o presente soneto e dedicou-lhe ainda a composição «Toldado o foco à luz da fantasia». Foram todos publicados na *Colecção dos Novos Improvisos*, p. 51.

⁷⁸⁶ Carro descoberto de duas rodas.

⁷⁸⁷ Monte situado entre a Tessália e a Macedónia, onde residiam Júpiter e a sua corte.

⁷⁸⁸ Soneto assinado por «Bocage agradecido».

AO SENHOR DESEMBARGADOR VICENTE JOSÉ FERREIRA CARDOSO
DA COSTA⁷⁸⁹, MEU BENÉFICO AMIGO, EM RESPOSTA A UM SONETO

Eu cantava de amor: eis negro agouro
Sai d'ave negra, em doloroso acento;
Tremi, calei-me, e no fatal momento
Baqueou-me, estalando, a lira de ouro.

O Tejo (a que era então qual és ao Douro)
Co'as filhas murmurou de sentimento;
Foi-me a folha imortal vão ornamento,
Feriu-me o Raio, irreverente ao louro.

Da mente, que lustrava, enriquecida,
Ó Grécia, de teus dons, dos teus, ó Roma,
Vai-se escoando a luz co'a luz da vida;

Mas inda às vezes n'alma um Deus me assoma,
E o pensamento audaz forceja, e lida
Por dar-me o nome, o jus que os Tempos doma.⁷⁹⁰

⁷⁸⁹ Nascido na Baía, em abril de 1765, frequentou as aulas da conceituada Congregação do Oratório, matriculando-se, em seguida, na Universidade de Coimbra, instituição em que, no ano de 1785, se formou em Direito. Foi correligionário maçónico de Bocage e legou-nos uma extensa obra. Faleceu na ilha de São Miguel, em 1834.

⁷⁹⁰ Soneto composto «pelos finais do antecedente», em retribuição de um outro intitulado «A fama derrubou lúgubre agoiro», ambos publicados na *Colecção dos Novos Improvisos*, pp. 54-55.

AO SR. JOSÉ RODRIGUES PIMENTEL E MAIA EM RETRIBUIÇÃO
DE OUTRO QUE LHE ENVIOU⁷⁹¹

Tu, que tão cedo aventurando as penas,
Ave gentil de Amor, transpões o cume
Dos montes do Universo, e no de um nume
És doce ao coro das irmãs Camenas⁷⁹²;

Tu, que dos cisnes as canções amenas
Desatas em dulcíssimo queixume,
Sem que o letal, irresistível gume
Talhe o fio subtil aos sons que ordenas,

Do vate, opresso de íntimo quebranto,
Colhe, ameniza o tom, que em vão forceja
Por ser, qual era, deleitável canto.

Já débil, túbio já, meu Estro adeja,
E entenebrece a mente, e põe-lhe espanto
A Morte, que no peito me rouqueja.

⁷⁹¹ Autor do soneto de homenagem «Além da Natureza, além do Fado», ao qual Bocage retribuiu com a presente composição, publicados na *Colecção dos Novos Improvisos (...)*, pp. 56-57. Menalca era o seu pseudónimo literário. Deu à estampa a sua poesia antes dos 20 anos, assinando apenas com as iniciais. É citado na segunda sátira a Bocage, da autoria de José Agostinho de Macedo.

⁷⁹² Divindades romanas assimiladas às Musas e cujo canto se caracterizava pela doçura.

AO SR. JOÃO SABINO DOS SANTOS RAMOS,
EM RETRIBUIÇÃO DE OUTRO SONETO ⁷⁹³

Do Fado vencedor, que o prostra fero,
Não, não fora troféu d'Elmano a lira,
Se, infeliz entre os dons que o Globo admira,
Homero fosse em vida, em morte Homero ⁷⁹⁴;

Mas se às vezes furtar-me ao nada espero,
E a mente a novo ser na glória aspira,
Outras sonha o terror me não confira
(Ai!) moral existência o sábio austero;

De fama o frenesi me torna insano;
Porém do coração cai moribundo
Em breve o cego amor de um nome ufano.

Oh d'almos bens manancial fecundo!
Ternura! Este almo bem te deva Elmano:
Se o mundo o não cantar, que o chore o mundo!

⁷⁹³ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 281. Foi dirigido a João Sabino dos Santos Ramos. De acordo com Inocêncio, nasceu em Turcifal, Torres Vedras, no ano de 1789, e faleceu cego, por volta de 1855. Lavrador de profissão, publicou, em 1818, *Rimas Dedicadas à Gratidão*, assinando apenas com as suas iniciais.

⁷⁹⁴ O celebrado poeta grego a quem é, tradicionalmente, atribuída a autoria da *Iliada* e da *Odisseia*.

FEITO EM UM INTERVALO DA SUA FINAL MOLÉSTIA⁷⁹⁵

Se eu pudera ir de tralha⁷⁹⁶, ir à surdina
 Por aí! Forte sede e forte gana
 De zurrapa, de atum, de ti, chanfana,
 De ti, que dos pingões és gulosina!

Que tempo em que eu com súa, ou grossa ou fina,
 Para a tia Anastácia (a tal cigana)⁷⁹⁷
 Ia, e vinha depois co'a trabuzana
 A remos, no mar roxo, ou à bolina!

Quando hás de consentir, cruel Fortuna,
 Ao magro, de olho azul, de tez morena,
 O bem d'andar a flaino, e d'ir à tuna?...

Mas ai! Maldito som, que me condena!
 Dize, ó Fado, ao besouro que não zuna...
 Aí me chama algum — *Alma pequena!*

⁷⁹⁵ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva. Foi, pela primeira vez, dado à estampa por Desidério Marques Leão, em 1812, p. 63, sendo o respetivo título «De furta-cores». Sem fundamento, José Agostinho de Macedo afirma, na obra *Considerações Mansas*, que esta composição não é de matriz bocagiana. Inocêncio, por sua vez, transcreveu o manuscrito original, do punho de Bocage (v. pp. 376 e 401 do tomo I das *Poesias*).

⁷⁹⁶ Esta nota e a seguinte são de Desidério Marques Leão: «Capote em dialecto marujal.»

⁷⁹⁷ «Semi-taberneira, na Rua dos Algibebes, afável por negócio, a quem invejo as postas de pescada mais que o carácter e a graduação.»

ANÁLOGO AO ANTECEDENTE⁷⁹⁸

Chalaça minha, que chibavas tanto
 Na súcia dos tafuis! És uma feia;
 Deixas-me andar talvez por língua alheia,
 Ou lá não sei por onde, e eu cá num canto!

Vem para casa, vem, que me ataranto
 Sem te ver ao jantar, sem ver-te à ceia.
 Da enferma história minha urdindo a teia,
 Dê-se a folguedo o que se deve ao pranto:

Contem-se o *Vai melhor* e o *Não é nada*⁷⁹⁹;
 Secos *Bons-dias* da hiperbórea⁸⁰⁰ mana,
 E a roda-viva da vivaz criada⁸⁰¹;

Amoleça-se o fel da vida humana,
 Até que a Morte, de broquel e espada,
 Nos leve à cortesia até Pantana⁸⁰².

⁷⁹⁸ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. 1, p. 377.

⁷⁹⁹ Segundo Desidério Marques Leão, esta nota e as duas últimas são, alegadamente, de Bocage: «Linguagem do indiferentista, até ventando moribundo... Ah! Boa pena de Talião.»

⁸⁰⁰ Extremamente fria.

⁸⁰¹ «Tenho-a feito andar em papos de aranha, se uma só aranha tem papos.»

⁸⁰² «Não se sabe onde é, mas supõe-se má terra, porque dar com tudo lá, é o mesmo que dar cabo de tudo.»

LAMENTANDO A FALTA DE CORRESPONDÊNCIA
EM DOIS POETAS, SEUS AMIGOS⁸⁰³

Melibeu me cantou, cantou-me Oleno,
Nomes que vai dourando à Fama o giro;
Glória Anfriso me deu, me deu Belmiro,
Olivo me encantou com metro ameno;

Solto do vil, misérrimo terreno
Aos astros fui nos êxtases d'Elmiro;
Por mim de Tempe o florido retiro
Teus sons ouviu, Piério, os teus, Almeno;

Junto a Febo, ou a si, me pôs Tomino,
E outros... Mas entre o número inspirado,
Não tive Ismeno (oh dor!), não tive Alcino!

Jaz mudo aquele (e não me ignora, oh Fado!),
Este, absorto em seu próspero destino,
Se esquece de que Elmano é desgraçado!

⁸⁰³ Soneto publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. I, p. 310, sendo a epígrafe da sua responsabilidade. Eis uma nota de Bocage, que identifica as personalidades citadas:

«Melibeu — Miguel António de Barros. Oleno — N. A. P. Pato Moniz. Anfriso — D. Gastão. Belmiro — B. M. Curvo Semedo. Olivo — F. de P. Cardoso, morgado de Assentiz. Elmiro — José Agostinho. Piério — P. J. Constâncio. Almeno — J. M. da Costa e Silva. Tomino — T. A. dos Santos e Silva. Ismeno — João Vicente Pimentel Maldonado, já louvado por mim (no prólogo *As Plantas*). Alcino — Joaquim Severino Ferraz de Campos, também por mim louvado e cujo silêncio fere uma constante amizade, contraída na desgraça e esquecida na fortuna.»

Dias de luto, dias de tormento,⁸⁰⁴
 Infaustos dias meus que a feia Sorte
 E Amor, e o duro Amor quer que eu suporte,
 Nem que fosse de ferro o sofrimento.

Se entre horrores me vaga o pensamento,
 Se esperança não há que me conforte,
 Apague-vos de todo a mão da morte,
 Cerre meus olhos meu final momento.

Mas ah! Se o Criador da natureza
 Quiser, ou por justiça, ou por piedade,
 Erguer-me do vil mundo à etérea alteza,

Invencível terror me persuade
 De que, afrontando os Céus minha tristeza,
 Pelo seio entrará da Eternidade.

⁸⁰⁴ Poema inédito em livro, inserido originalmente na *Colecção de Várias Obras Poéticas de Diversos Autores por F. A. de S. J. A.* [Frei António de S. Jacinto de Almeida], 4.º t. manuscrito, p. 78, datado de 1795. Foi publicado, apenas uma vez, por Victor de Oliveira, na revista *Quadrant* (Montpellier), 1985, p. 34.

GLOSANDO O MOTE «A MORTE PARA OS TRISTES É VENTURA»

Quem se vê maltratado e combatido⁸⁰⁵
 Pelas cruéis angústias da Indigência,
 Quem sofre de Inimigos a violência,
 Quem geme de Tiranos oprimido;

Quem não pode, ultrajado e perseguido,
 Achar nos Céus ou nos mortais clemência,
 Quem chora, finalmente, a dura ausência
 De um Bem que para sempre está perdido,

Folgará de viver, quando não passa
 Nem um momento em paz, quando a Amargura
 O coração lhe arranca e despedaça?

Ah! Só deve agradar-lhe a sepultura,
 Que a Vida para os Tristes é desgraça,
A Morte para os Tristes é ventura.

⁸⁰⁵ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 98.

Negra fera que a tudo as garras lança,⁸⁰⁶
 Já murchaste, insensível a clamores,
 Nas faces de Tirsália as rubras flores,
 Em meu peito as viçosas esperanças.

Monstro, que nunca em teus estragos cansas,
 Vê as três Graças, vê os nus Amores
 Como praguejam teus cruéis furores,
 Ferindo os rostos, arrancando as tranças.

Domicílio da Noite, horror sagrado,
 Onde jaz destruída a formosura,
 Abre-te, dá lugar a um desgraçado.

Eis desço, eis cinzas palpo... ah Morte dura!
 Ah Tirsália! Ah meu Bem, resto adorado!
 Torna, torna a fechar-te, ó sepultura.

⁸⁰⁶ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 12.

Aquele a quem mil bens outorga o Fado,⁸⁰⁷
 Deseje, com razão da vida amigo,
 Nos anos igualar Nestor⁸⁰⁸, o antigo,
 De trezentos Invernos carregado.

Porém eu, sempre triste, eu desgraçado,
 Que só nesta caverna encontro abrigo,
 Porque não busco as sombras do jazigo,
 Refúgio perdurável e sagrado?

Ah! Bebe o sangue meu, tosca morada;
 Alma, quebra as prisões da Humanidade,
 Despe o vil manto que pertence ao Nada;

Mas eu tremo... Que escuto!... É a Verdade,
 É ela, é ela, que do Céu me brada!
 Oh terrível pregão da Eternidade!

⁸⁰⁷ Na primeira edição do tomo I das *Rimas*, p. 21, o primeiro verso apresenta o seguinte teor: «Aquele a quem mil cofres abre o Fado». A edição de 1794 e a de 1800, p. 18, apresentam a lição por nós transcrita.

⁸⁰⁸ Filho mais novo de Neleu e de Clóris. O único sobrevivente do ataque que Hércules protagonizou contra a prole daquelas divindades. Apolo protegeu-o, facultando-lhe a possibilidade de viver o número de anos que as suas tias viveriam se aquele deus as não tivesse eliminado, ou seja, 300 anos. Desempenhou um papel fulcral na Guerra de Troia.

Tu, maligno dragão, cruel harpia⁸⁰⁹,
 Monstro dos monstros, fúria dos Infernos,
 Que em vil murmuração, ralhos eternos
 Estragas sem descanso a noite e o dia;

Tu, que nas horas em que o mocho pia,
 Caluniaste meus suspiros ternos,
 Sacode a carga de noventa invernos
 Nas descarnadas mãos da Morte fria;

Cai de chofre no Báratro profundo,
 Cai nas entranhas da voraz fornalha,
 Deixa em sossego o miserável mundo;

E entre a maldita, réproba canalha,
 Lá bem longe de nós, lá bem no fundo,
 Arde, murmura, amaldiçoa e ralha.⁸¹⁰

⁸⁰⁹ As harpias eram monstros, filhas de Neptuno e da Terra. Tinham rosto de mulher, corpo de abutre, asas, sendo os pés e as mãos providos de garras e as orelhas de urso. As mais conhecidas eram Aelo, Ocípete e Celeno.

⁸¹⁰ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 87.

Tudo acaba. Esse Monstro carrancudo,⁸¹¹
 Prole do Averno⁸¹², efeito do pecado,
 Tudo a cinza reduz, brandindo, irado,
 Com sanguinosas mãos o ferro agudo.

Oh fatal desengano, horrendo e mudo,
 Em pavorosos mármore gravado!
 Oh letreiros da Morte! Oh lei do Fado!
 É verdade, é verdade: acaba tudo.

Eis o nosso misérrimo Destino:
 Assim o ordena quem nos Céus impera;
 Basta, adoremos o Poder Divino.

Reprime os passos, caminhante, espera,
 E no epitáfio do infeliz Josino
 Lê o teu nada, o que tu és pondera.

⁸¹¹ Soneto publicado na primeira obra que Bocage deu ao prelo: *Elegia Que o Mais Ingénuo, e Verdadeiro Sentimento Consagra à Deplorável Morte do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. José Tomás de Menezes*. Lisboa: na oficina de Lino da Silva Godinho, 1790, p. 7.

⁸¹² Lago que, segundo a mitologia, se encontrava à entrada do Inferno.

GLOSANDO O MOTE «O DESMENTIDO ORÁCULO TERRÍVEL»

Idosa fada, que nos astros lia,⁸¹³
 Mil males me agoirou com turvo aspeto;
 Mil males me agoirou, mas, indiscreto,
 Tratei de falsa a negra profecia.

Depois daquele brusco, infausto dia,
 Sempre velando as noites inquieto,
 Grasnar sinistro corvo sobre o teto,
 Piar aflito mocho à porta ouvia;

Vi de um loureiro o tronco fulminado,
 Vi de um cometa o resplendor temível,
 Vi feias sombras voltejar-me ao lado;

E vejo-te nas mãos da Morte horrível,
 Ó minha Filis: eis verificado
 O *desmentido oráculo terrível*.

⁸¹³ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 97.

Nas horas de Morfeu⁸¹⁴ vi a meu lado⁸¹⁵
 Pavoroso gigante, enorme vulto:
 Tinha na mão sinistra, e quase oculto,
 Volume em férrea pasta encadernado.

«Ah! Quem és? (lhe pergunto arrepiado)
 Mereces o meu ódio, ou o meu culto?
 «Sou (me diz) o que em sombras te sepulto,
 Sou teu perseguidor, teu Mal, teu Fado.

«Corres, triste mortal, por minha conta,
 Mas há de, a meu despeito, haver quem corte
 A série de tormentos que te afronta;

«Poder vem perto que te mude a Sorte;
 Lá tens o teu regresso.» (E nisto aponta)
 Olho rapidamente, e vejo a Morte.

⁸¹⁴ V. nota ao soneto n.º 79, p. 107.

⁸¹⁵ Soneto publicado em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 57.

Ó vós que lamentais de Elmano a sorte,⁸¹⁶
 Crendo na escura terra o corpo frio
 E os Manes⁸¹⁷ já sulcando o mudo rio⁸¹⁸
 Na barca imensa de geral transporte,

Sabei que o doce, inevitável corte
 Lhe foge da existência ao ténue fio,
 E que seria em vós dever mais pio
 Chorar-lhe a vida que chorar-lhe a morte.

Existindo agoniza um Desgraçado:
 Quem lágrimas nas cinzas lhe derrama
 Parece que o queria atormentado;

Vive, mas pela Morte Elmano chama,
 Com suspiros Elmano implora ao Fado
 Que seja voz de agoiro a voz da Fama.

⁸¹⁶ Soneto publicado em 1799, no segundo tomo das *Rimas*, p. 60.

⁸¹⁷ As almas dos mortos, segundo a mitologia latina.

⁸¹⁸ As almas deviam atravessar o rio Aqueronte para chegar ao império dos mortos.

À UMA IRMÃ DO AUTOR, FALECIDA NA FLOR DA IDADE⁸¹⁹

De riosas virtudes escoltada,⁸²⁰
 Deste imaturo adeus ao mundo triste,
 Co'a mente no almo Polo, aonde existe
 Bem que sempre se goza e nunca enfada.

À foice, a segar vidas destinada,
 Mansíssima cordeira, o colo uniste:
 O que é do Céu ao Céu restituíste,
 Restituíste ao Nada o que é do Nada.

E inda gemo, inda choro, alma querida,
 Teu fado amigo, tua dita imensa,
 Que em vez do pranto o júbilo convida!

Ah! Pio acordo minha mágoa vença;
 É cativo para o justo a vida:
 A morte para o justo é recompensa.

⁸¹⁹ Soneto dedicado a sua irmã, Maria Eugénia Barbosa du Bocage. Nasceu em Beja, no dia 8 de setembro de 1768 e foi batizada na freguesia de Santa Maria, em Setúbal, a 13 de outubro. Faleceu, solteira, a 27 de maio de 1792, na referida freguesia, conforme consta do respetivo livro de óbitos, fl. 45 v.º

⁸²⁰ Soneto publicado na edição de 1794 e na de 1800, p. 119, do primeiro tomo das *Rimas*.

AO GUARDA-MARINHA PRUDÊNCIO REBELO PALHARES⁸²¹, AMIGO
DO AUTOR E MORTO NO COMBATE DE ÁRGEL

Rompe os ares pelouro sibilante,⁸²²
Da Guerra iníqua pelas mãos forjado,
E para te prostrar, Pireno amado,
Voa com ele a Parca devorante.

Cerras teus olhos, despe o teu semblante
Aquela viva cor de que era ornado,
E sobes, da matéria desatado,
Espírito feliz, ao Céu brilhante.

Na dura, marcial, honrosa lida,
Entre os braços da Glória, heroico e forte,
Recebeste a cruel, mortal ferida.

Ah! Que inveja me faz a tua Sorte!
É viver, como eu vivo, infausta vida,
É morrer, como tu, ditosa morte.

⁸²¹ Camarada de armas de Bocage, na «Academia de Guardas-Marinhas». Por despacho de 5 de setembro de 1783, o escritor foi promovido àquele posto, no momento em que deu entrada naquela instituição. Porém, a sua índole irrequieta e antimilitarista cedo se fez sentir. Com efeito, consta do *Livro Mestre da Corporação de Oficiais da Marinha*, n.º 385, p. 188: «Baixa de desertor por ordem real do Sr. Capitão General da Armada Real de 6 de Junho de 1784.»

No *Registro Diário da Academia da Companhia dos Guardas-Marinhas*, referente ao dia 20 de setembro de 1784, é mencionado este trágico acontecimento.

⁸²² Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 41.

À ILUSTRÍSSIMA SENHORA D. TERESA DE JESUS PEREIRA E AZEVEDO,
NA MORTE DE SUA IRMÃ

Dos negros mausoléus a deusa escura,⁸²³
Que o véu desdobra do funéreo dia,
Já Marília sumiu na estância fria,
Deu mais um triste exemplo à Formosura.

Soltou-se alma gentil, vida imatura
De corpo que em mil graças florescia;
Saudade perenal geme e avalia
Tesouro de que é cofre a sepultura.

Chora, doce Tirseia, encanto amado:
Feliz essa corrente maviosa,
Se lágrimas pudessem mais que o Fado!

Se aos choros te surgisse a irmã formosa,
Qual, em ermo jardim desamparado,
Aos prantos da manhã revive a rosa!

⁸²³ Soneto publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, vulgarmente conhecido por terceiro tomo das *Rimas*, p. 12.

AO SENHOR ANTÓNIO BERSANE LEITE, NA MORTE DE SUA ESPOSA⁸²⁴

Tributo em ais, no coração gerados,⁸²⁵
 Não dês à cara Cinza, aflito esposo:
 Roçam da vida o círculo afanoso
 Caminhos florescentes e estrelados.

Espíritos gentis, por Jove amados,
 Volvendo a seu princípio luminoso,
 Olham sol não crestante, e mais formoso,
 Vagueiam sem temor por entre os Fados.

Com alta fantasia e rosto enxuto,
 Vê nos Elísios a imortal consorte,
 Vê da virtude a flor tornar-se em fruto.

Doce, augusta Verdade Amor conforto:
 Em vós, ó ímpios, a existência é luto,
 É nos eleitos um sorriso a Morte.

⁸²⁴ António Bersane Leite de Paula, nascido em 1748 e falecido em Minas Gerais, no Brasil, para onde viajou com a corte de D. João VI. O *Almanaque para o Ano de 1797* dava-o como contador do Arsenal do Exército. Do seu matrimónio com Teresa Doroteia da Silva nasceram João Leite de Oliveira Bersane, Maria Vicência Bersane Leite e Ana Perpétua Bersane Leite. O seu pseudónimo literário era «Anélio». Reza a tradição que o poeta se terá apaixonado pela filha, Maria Vicência Bersane Leite, eventualmente a sua última paixão. Porém, os afetos de Bocage foram canalizados para a sua irmã, Ana Perpétua Bersane Leite, de acordo com os testemunhos do morgado de Assentiz e de D. Gastão, referidos por Inocêncio (t. I, p. 387).

Além deste soneto, Bocage dirigiu-lhe a epístola «Os Amores de há muito, há muito as Graças», que foi publicada no livro *Quadras Glosadas*, em 1804, por Simão Tadeu Ferreira. O censor que subscreveu a autorização para que esta obra «fosse editada», em maio de 1804, exara a sua surpresa por ver uma pessoa de propecta idade, um sexagenário, compor poesia hedonista, em vez de rezar pelas «suas camândulas», de acordo com José Timóteo da Silva Bastos, na página 161 da sua prestimosa obra intitulada *História da Censura Intelectual em Portugal — Ensaio sobre a Compressão do Pensamento Português*. Lisboa: Moraes, 1983.

Bocage dedicou a José Bersane Leite a ode «Euro, batendo as asas procelosas».

⁸²⁵ Soneto publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, vulgarmente conhecido por terceiro tomo das *Rimas*, p. 15.

À MORTE DE ANTÓNIO TERTULIANO DA SILVA E SOUSA,
AMIGO DO AUTOR

Morreste, caro Aónio, puro Amigo,⁸²⁶
Génio tão doce na ferrenha idade⁸²⁷
Em que sermos porção da Humanidade
Talvez mais que esplendor nos é castigo.

Triste, amável despojo, em teu jazigo
Pousou meu coração, minha saudade,
E, escuro como a tua escuridade,
Sempre meu pensamento está contigo.

À fatal solidão levou-te a Sorte,
E eu, retido por ela entre os viventes,
Como que já sofri o extremo corte.

Teu exterior e o meu não são dif'rentes:
Meus lábios, olhos, faces, tudo é morte...
Mas ah! Qu'èu sinto, Aónio, e tu não sentes.

⁸²⁶ Soneto publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, vulgarmente conhecido por terceiro tomo das *Rimas*, p. 18.

⁸²⁷ Na juventude.

À UMA DONZELA DE EXTREMADA BELEZA, DE RARA
VIRTUDE, E MORTA NA FLOR DOS ANOS ⁸²⁸

De homens e numes suspirado encanto, ⁸²⁹
Lília, inocente como virgem rosa,
Lília, mais branda, Lília mais formosa
Que a ninfa etérea, de puníceo ⁸³⁰ manto:

Eu e os Amores (que perderam tanto)
Damos-te às cinzas oblação mimosa;
Curva goteje minha dor saudosa
Na mole of'renda que requer meu pranto.

Em teu sagrado, perenal retiro
Disponho, ao som de lânguidas querelas,
A rosa, o cravo, a tília, o suspiro.

Medrai no chão de Amor, florinhas belas...
Ah Lília! Eu gozo o Céu!... Lília! Eu respiro
Tua alma pura na fragrância delas!

⁸²⁸ Nota de Bocage: «Pediui-mo pessoa que virtuosamente a amava; e a mágoa do assunto, apurada na tristeza da minha situação, deu um soneto, que talvez penhore os corações ternos.»

⁸²⁹ Soneto publicado em 1805, nos *Improvisos de (...)*, p. 19.

⁸³⁰ Da cor da romã.

AO SENHOR PEDRO JOSÉ CONSTÂNCIO, POR OCASIÃO
DE OUTRO SONETO QUE ME REMETEU ⁸³¹

Nos Elísios de Amor endeusada, ⁸³²
Quadros tua alma esparze encantadores:
Deu-lhe as graças num riso, e deu-lhe as cores
De Adónis ⁸³³ doce Amante, e doce Amada.

Sonhando, atraí a ideia embelezada
Néctar de gostos, hálito de flores:
Perde-se, esvai-se em êxtases de Amores,
E um céu parece à fantasia o Nada.

Por glória, almo pintor, ou por piedade,
Novos encantos do pincel risonho
Envia à Dor, que geme em soledade... ⁸³⁴

Doure-se, ó Morte, assim teu véu medonho;
Ah! Quero amaciar tua verdade,
Tua férrea verdade em áureo sonho!

⁸³¹ Na *Colecção de Novos Improvisos* encontram-se dois sonetos de Pedro José Constâncio, intitulados «Mal foram nados os virentes louros» e «Assim como a Sereia sonora»; em *A Virtude Laureada*, Elmano incluiu três sonetos seus: «A Musa, que bebeu contigo alento», «Entre as flores, que as Graças bafejaram» e «Pungido pela dor, banhado em pranto» e uma «epístola», cujo primeiro verso é «Um triste, um infeliz, da Sorte avessa», que tem em epígrafe dois versos do segundo tomo das *Rimas*. Por sua vez, Constâncio publicou na *Colecção de Poesias à Memória de (...)* «Ao Senhor Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Canção Fúnebre».

O poeta setubalense dedicou-lhe, além da presente, a composição «Cisne gentil, que modulava implume». Nesta, alude a um soneto que o seu amigo lhe dedicara e que fora «censurado iniquamente».

⁸³² Soneto publicado em 1805, na *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 15.

⁸³³ Mancebo que se caracterizava pela sua extrema gentileza, filho de Cíniras, rei de Chipre, e de Mirra, sua filha.

⁸³⁴ Nota de Bocage: «A doçura do verso de Bingre em uma elegia — ‘Ó rolas que gemeis em soledade!’ — fez com que mui de propósito o arremedasse aqui.»

AO SENHOR FRANCISCO JOSÉ DA PAZ, NA MORTE DE SUA ESPOSA

Deploro, caro Amigo, o que deploras⁸³⁵
 Com porfiosa dor, com dor interna:
 Perdeste a doce esposa, a sócia terna,
 Que presente adoraste, e longe adoras.

Mas pensa, quando gemes, quando choras,
 Que por alto Poder, que nos governa,
 Ela habita do Bem na estância eterna,
 E na estância do Mal tu inda moras.

Revê no coração, na fantasia
 A índole gentil, suave e pura,
 Com que menos que o Céu não merecia;

Olha cultos gozando a cinza escura:
 Do corpo, em que brilhava uma alma pia,
 É quase, é quase altar a sepultura.

⁸³⁵ Soneto publicado em 1805, na *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage (...)*, p. 16.

NA PRANTEADA MORTE DO AMABILÍSSIMO PRÍNCIPE E SENHOR D. JOSÉ⁸³⁶

José, sangue de heróis, Príncipe amado,⁸³⁷
 Nosso bem, nosso pai, nossa alegria,
 Tu pela negra mão da Morte fria,
 Da truculenta Morte em flor cortado!

Tu de nós para sempre desterrado!
 Nós sem ti para sempre! Horrível dia!
 Mísero povo! Infausta Monarquia!
 Rígida lei do inexorável Fado!

Áureas, vãs esperanças concebemos...⁸³⁸
 Ei-las, ei-las em cinzas no jazigo
 Com teu rosto adorável, que perdemos.

Ah! Que é do nosso generoso abrigo?!
 Que fazemos no mundo! Ah! Que fazemos,
 Que nos não vamos sepultar contigo!

⁸³⁶ D. José Francisco Xavier de Paula Domingos António Agostinho Anastácio, Príncipe do Brasil, filho primogénito de D. Maria I e do infante D. Pedro, nasceu no dia 21 de agosto de 1761.

Era casado com D. Maria Francisca Benedita, sua tia materna, tendo celebrado matrimónio a 21 de fevereiro de 1777. Faleceu no dia 11 de setembro de 1788, com 27 anos. Bocage homenageou-o no soneto «Louca, cega, iludida Humanidade»; dedicou-lhe ainda, aparentemente, a sua primeira composição poética, a elegia «À Lamentável Morte do Príncipe D. José», escrita em Macau.

Falecido D. José, passou a ser herdeiro do trono o seu irmão, D. João. Na sua morte, foram publicadas inúmeras elegias.

⁸³⁷ Soneto publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 39.

⁸³⁸ No original: «concebemos...»

AO SR. FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO⁸³⁹, PELOS EXCELENTES
VERSOS QUE ME ENVIOU

De Ontânio choras e de Ontânio⁸⁴⁰ cantas,
Teu doce e claro irmão, meu doce Amigo,
Aquele de quem pousam no jazigo
Tantos ais, tanta dor, saudades tantas!

Cantando enlevas e chorando encantas,
E acorda e vive n'álma o tempo antigo,
Quando a Quintílio⁸⁴¹, no calado abrigo,
Carpia o vate, cujo som levantas.

⁸³⁹ Cónego da Sé Patriarcal em Lisboa, exerceu o cargo de reitor do Liceu Normal de Lisboa. Era o irmão mais novo de António da Visitação, ou seja, António Freire de Carvalho, e de José Liberato Freire de Carvalho. Na sequência do falecimento do primeiro, registado a 4 de março de 1804, seu irmão Francisco Freire enviou a Bocage uma sentida elegia. O poeta setubalense, por sua vez, respondeu-lhe com o presente soneto, publicado, no ano seguinte, na *Colecção dos Novos Improvisos*. Note-se que o convívio entre aquelas três personagens era frequente no Convento de São Vicente de Fora. Carvalho dedicou a Bocage vários poemas: a epístola «Sem voz entre os clarins, que o Pindo atroam», in *Colecção de Novos Improvisos de Bocage*; uma composição que tem em epígrafe um verso da *Eneida*, «É nos revezes que aparece o Sábio», publicada, no ano de 1805, in *A Virtude Laureada*, e «Pranto na Sentida Morte do Insigne Poeta e Príncipe dos Improvisadores [...]», in *Colecção de Poesias à Memória de Manuel Maria Barbosa du Bocage*, datada de 1806. O seu trabalho sobre a trágica epopeia de Bartolomeu Lourenço de Gusmão é lapidar e pioneiro. Intitula-se «Memória que Tem por Objecto Reivindicar para a Nação Portuguesa a Glória da Invenção das Máquinas Aerostáticas» e foi publicado in *Memórias da Academia Real das Ciências*, 1843; anos depois, foi dada à estampa um «Aditamento à memória» nas *Actas da Academia Real das Ciências*, 1849. Faleceu no dia 20 de abril de 1854.

O presente soneto foi publicado em 1805, in *Colecção dos Novos Improvisos (...)*, p. 43.

⁸⁴⁰ Nota de Bocage: «O cónego regular de Santo Agostinho, D. António da Visitação, abalizado em talentos e em literatura.» Nascido a 30 de julho de 1769, nos arredores de Coimbra, era lente de História e Geografia no Colégio do Convento de São Vicente de Fora, em Lisboa. Convivia, em tertúlia, no Convento de São Vicente de Fora com Bocage e com o irmão. Era o diretor da biblioteca daquele convento e subscreveu o segundo tomo das *Rimas*. Por carta de 31 de março de 1798, foi convidado a integrar a Real Academia das Ciências, na qualidade de sócio correspondente.

⁸⁴¹ Nota de Bocage: «*Tu frustra pius (heu!) non ita creditum / Poscis Quintilium deos.* Horácio, Lib. 1, Ode 24.»

As Artes, as Ciências, enlutadas
(As delícias de Ontânio, os seus amores),
Depois que o viram mudo, estão caladas...!

Ah! Com ele eternizem-se os cantores:
Altos génios vos deem, cinzas sagradas,
Versos, gemidos, lágrimas e flores.

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



APÓLOGOS OU FÁBULAS MORAIS

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I — O PASSARINHO PRESO¹

Na gaiola empoleirado,
Um mimoso passarinho
Trinava brandos queixumes
Com saudades do seu ninho.

«Nasci para ser escravo
(Carpia o cantor plumoso),
Ninguém há, ninguém no mundo²
Que seja tão desditoso.

«Que é do tempo que eu passava,
Ora descartando amores,
Ora brincando nos ares,
Ora pousado entre flores?

«Mal haja a minha imprudência,
Mal haja o visco traidor;
Um raio, um raio te abrase,
Fraudulento caçador.

«Em que pequei? Porventura
Fiz-te à seara algum mal?
Encetei, mordi teus frutos,
Como o daninho pardal?

¹ Perfilhámos a versão publicada em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, p. 186. Este apólogo consta igualmente do primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1794, p. 320, e de 1800, p. 325. A lição de 1804 apresenta, em paralelo, uma tradução francesa desta fábula, da autoria do major Auffdiener, engenheiro, membro da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica, que foi nomeado por José de Seabra da Silva, ministro do Reino, para superintender a construção da estrada do Alto Douro.

² Na edição de 1800: «Não há ninguém neste mundo.»

«Agrestes, incultas plantas
Produziam meu sustento,
Inútil aos que se prezam
Do alto dom do entendimento...

«Do entendimento! Ah, malignos!
Vós, possuindo a razão,
Tendes de vícios sem conto
Recheado o coração.

«Ah! Se a vossa liberdade
Zelosamente guardais,
Como sois usurpadores
Da liberdade dos mais?

«O que em vós é um tesouro
Nos outros perde o valor?
Destrói-se o jus do oprimido
Pela força do opressor?

«Não tem por base a justiça,
Funda-se em nossa fraqueza
A lei, que a vós nos submete,
Tiranos da Natureza.

«Em ofensa das deidades,
Em nosso dano abusais
Da primazia que tendes
Entre os outros animais.

«Mas ah, triste! Ah, malfadado!
Para que me queixo em vão?
Que espero, se contra a força
De nada serve a razão?»

Aqui parou de cansado
O volátil carpidor;
Eis que vê chegar da caça
O seu bárbaro senhor.

Trazia encostado ao ombro
O arcabuz fatal e horrendo,
E alguns pássaros no cinto,
Uns mortos, outros morrendo.

Das penetrantes feridas
Ainda o sangue pingava,
E do cruento verdugo
As curtas vestes manchava.

O preso, vendo a tragédia,
Coitadinho, estremeceu,
E de susto e de piedade
Quase os sentidos perdeu.

Mas, apenas do soçobro
Repentino a si tornou,
Coòs olhos nos seus finados,
Estas palavras soltou:

«Entendi que dos viventes,
Eu era o mais infeliz;
Que outros têm pior destino
Aquele exemplo me diz.

«Da minha sorte jágora
Queixas não torno a fazer:
Antes gaiola que um tiro,
Antes penar que morrer.»³

II — O LOBO E A OVELHA⁴

Uma ovelha em tempo antigo
Estreita união travou
Co'um lobo: não sei que santo
Este milagre operou.

Esqueceu-se do rebanho,
Do guardador se esqueceu,
E em companhia do amigo
Pelos matos se meteu.

Ali a que dantes era
Qual mansa pomba sem fel,
Pelo exemplo estimulada,
Aprendeu a ser cruel.

Apenas lhe parecia
Ter feito já digestão,
Eis pronta a comadre ovelha
Para a sanguínea função.

³ Em nota final, Bocage remete para a fábula n.º 16 do livro 1, de La Fontaine, intitulada «La Mort et le Bûcheron». Na Biblioteca de Nantes, encontra-se uma cópia manuscrita desta tradução.

⁴ Apólogo publicado nas edições de 1794 e de 1800, p. 329, do primeiro tomo das *Rimas*. Apresenta a menção, tal como as três seguintes, de que é «original».

Se, vendo as preias, não tinha
O valor de arremeter,
Ao menos, depois de mortas,
Nelas entrava a roer.

Contemplando o fero mestre
No pervertido animal
Os progressos que fazia
A sua escola brutal,

De prazer e de vaidade
Lhe pulava o coração,
E tinha à sua educanda
Cada vez mais afeição.

Mas um dia em que esfaimado
Saiu com ela a caçar,
Nem rasto do que buscava
Pôde ao menos encontrar.

Montes, vales, bosques, tudo
Farejou, subiu, correu;
Enfim, só farto de vento,
Na cova se recolheu.

Coseu-se à terra esfalfado,
E, depois que repousou,
Para a débil companheira
Os cruéis olhos lançou.

«Quê! (disse o mau lá consigo)
Não há sofrimento igual!
Hei de curtir esta angústia,
E morrer por ser leal!?

«A Natureza me instiga,
E devo dar-lhe atenção:
Está primeiro que tudo
A própria conservação.

«Tu, Virtude, és atributo
Dos homens, dos racionais;
Não me pertences: eu sigo
Meu instinto, e nada mais.»

Nisto, veloz como um raio,
Co'a pobre ovelha investi,
E logo dentes e garras
Nas entranhas lhe sumiu.

Com trémula voz pergunta
Ao desleal a infeliz:
«Porque me tiras a vida,
Ingrato, que mal te fiz?

Que lei o rigor te ordena
A que eu motivo não dei?»
E ele sôfrego responde:
«Tenho fome, a fome é lei.»

Destarte cevando a fúria,
Não cessou de lacerar,
E, antevendo alguma urgência,
Os ossos nus foi guardar.

Vede, mortais, neste exemplo,
Exemplo cheio de horror,
O que produz a aliança
De um perverso, de um traidor.

Se os maus tiverdes por sócios,
Eu fico que os imiteis,
E que lobos desta casta
Ou cedo ou tarde encontreis.

III — O AMANTE E A BORBOLETA⁵

Na solidão da alta noite
Que Céus e Terra enlutava,
Lauro em seu curto aposento
Ao sono os olhos negava.

Em mesa, donde esparzia
Cândida vela o clarão,
Apoiava os frouxos braços,
E a turva face na mão.

Tinha absorto o pensamento
Nos motivos do seu mal,
Nos desprezos de uma ingrata,
Nas venturas de um rival.

De quando em quando arrancava
Das entranhas vão queixumes,
Já pedindo a Amor vingança,
Já pedindo a morte aos nunes.

Leve borboleta, entanto,
Por entre os crebros suspiros,
Junto do lume ondeante
Vagueia em rápidos giros.

⁵ Apólogo publicado no primeiro tomo das *Rimas*, em 1794, e, no ano de 1800, p. 332. Na Biblioteca de Nantes, encontra-se uma cópia manuscrita desta composição.

Ei-la de espaço em espaço
Roçando a flama luzente:
Dói-se, mas que evite o dano
Cego instinto não consente.

Cevando o fatal desejo,
Que à crua morte a conduz,
Vai e vem, voa e revoa,
Embelezada na luz.

Sussurro que faz co'as asas,
Quando nela a simples cai,
Os olhos amortecidos
Do terno mancebo atraindo.

Olha o triste, e vê o efeito
Da luminosa negação,
Contempla o crestado inseto,
Que já lânguido esvoaça.

Dor de o ver naquele estado
Lhe penetra o coração:
Quem ama, franqueia o peito
Facilmente à compaixão.

«Onde vás, louca, teimosa?
(Grita-lhe ele) Encolhe as asas,
Torna em ti; não vês, não sentes
Que te destróis, que te abrasas?»

«E tu com que jus (diz ela)
Me increpas porque me mato?
Ah! Se em teu siso estivesse,
Viras em mim teu retrato.

«Se te expões qual eu me exponho,
Se no mesmo caso estás,
Insano, porque não tomas
O conselho que me dás?

«Eu e tu vítimas somos
Da mais funesta loucura,
E esquecemos o perigo,
Pasmados na formosura.

«Ardes nuns olhos que adoras;
Eu nesta luz que contemplo;
Argúi-te, ou não me arguas,
Emudece, ou dá-me exemplo.»

Profícua moralidade
Deve extrair-se daqui:
Ninguém reprove nos outros
O que não reprova em si.

IV — O CORVO E O ROUXINOL ⁶

Vinha apontando a serena
Precursora do áureo Sol,
E entoava em selva amena
Um saudoso rouxinol
Maviosa cantilena.

⁶ Apólogo publicado no primeiro tomo das *Rimas*, em 1794 e em 1800, p. 335. Na Biblioteca de Nantes, encontra-se uma cópia manuscrita desta composição.

A voz, que aos ares soltava,
Atraía o coro alado,
Que em torno dele pousava;
Assim não fosse escutado
De um corvo que ali morava.

Cego de inveja e furor,
Detestando a melodia
Do namorado cantor,
Consigo mesmo dizia
O sinistro, o grasnador:

«Que este animalzinho encante
Tudo, apenas abre a boca,
E que eu afugente, espante
Com voz desabrida e rouca
Quanto se me põe diante!

«Aos homens no meu pregão
Infaustos anúncios mando
(Diz a vã superstição),
E tenho certa, em grasnando,
Ou pedrada, ou maldição.

«A raiva em meu peito acesa
Com o que escuto se atiza:
Sofrer vantagem é vileza;
Vou-me vingar da injustiça,
Que me faz a Natureza.»

Eis nisto o bruto agoureiro
Para o rouxinol caminha,
Mostrando-se prazenteiro,
E à delicada avezinha
Diz com modo lisonjeiro:

«Respira tanta doçura
O teu canto, que por certo
Abranda a penha mais dura,
E assim de te ouvir de perto
Quero ter hoje a ventura.

«Não fujas, cantor mimoso,
Não te assustes, continua.
Como o Céu te fez ditoso!
Que linda prenda é a tua!
Que voz! Que dom milagroso!»

Não tendo astúcia que sonde
O projeto que o malvado
Nas vis entranhas esconde,
Já da lisonja tentado,
O passarinho responde:

«Sejas bem-vindo, que assaz
Afortunado me aclamo
Em ver que atenção me dás;
Pousa aqui sobre este ramo,
E a teu cómodo ouvirás.

«Vamos, de novo começa,
Que a teus sons o ouvido aplico»,
Torna o corvo, e se arremessa,
E no torto, negro bico
O pobrezinho atravessa.

Ele em tamanha aflição
Entra a carpir-se da Sorte,
E ao invejoso glutão
Diz, sentindo já da morte
As ânsias, a convulsão:

«Que fiz que te obrigue a tanto?
Meigos amores suaves
Em doces versos eu canto,
Eu sou a glória das aves,
Eu sou dos bosques o encanto.»

Destarte pediu favor
O melhor dos passarinhos,
Porém foi vão seu clamor,
Que, moendo-lhe os ossinhos,
Assim gagueja o traidor:

«Simples, vaidoso, insensato,
Devias ser mais remisso
Em produzir teu retrato:
Não te defendes com isso,
Que por isso é que eu te mato.»

V — AS DAMAS E A BORBOLETA⁷

Batendo as asinhas leves,
Matizadas de mil cores,
Ia veloz borboleta
Libar o suco das flores.

⁷ Apólogo publicado no primeiro tomo das *Rimas*, em 1794 e em 1800, p. 338. Na Biblioteca de Nantes, encontra-se uma cópia manuscrita desta composição.

Anelante, cobiçosa,
Voou a ameno jardim,
E a flor, que tocou primeiro,
Foi o cândido jasmim.

Da bonina, cor de neve,
Esquivou-se, desdenhosa,
Praticando igual desprezo
Co'a fragrante, idália rosa.

Sobre insípido, amarelo
Malmequer enfim pousou,
E nele o vivo apetite
A mitigar começou.

Não longe dali jaziam
Duas mimosas donzelas,
Tais que, a serem três, seriam
De Vénus as filhas belas.

Tendo seguido co'a vista
Os voos do lindo inseto,
Uma delas para a outra
Disse com iroso aspeto:

«Olha a brutinha, bem mostra
De razão não ser dotada:
Deixa o jasmim, deixa a rosa,
E do malmequer se agrada.»

Ouviu isto a borboleta,
Fitou-lhe os olhos, e assim
Co'a voz que teve algum dia,
Perguntou: «Falais de mim?»

«Supondes extravagante
A escolha que tenho feito?
Ah, vaidosas! Que não vedes
Vosso principal defeito!

«Despi, loucas, o amor-próprio,
E depois conhecereis
Que falais contra vós mesmas
No que contra mim dizeis.

«Quem faz mais errada escolha
Que a mulher? Sendo a melhor
De todas as criaturas,
Sempre se inclina ao pior;

«E só nutre, só conserva
Amor firme, ardente e liso,
Se encontra no objeto dele
O nome da flor que piso.»

VI — O CÃO E A CADELA ⁸

EM VERSO ALEXANDRINO

Tinha de uma cadela um cão fome canina,
Ele bom perdigueiro, ela de casta fina.
Mil foscas lhe fazia o terno maganão,
Mas gastava o seu tempo, o seu carinho em vão.
Dando no chichisbéu dentada e mais dentada,
A fêmea parecia uma cadela honrada
E incapaz de ceder às pretensões de amor;

⁸ Esta fábula e todas as seguintes, à exceção da última, foram dadas à estampa no segundo tomo das *Rimas*, edição de 1799, pp. 263-286.

Mas o amante infeliz enfim foi sabedor
De que a mesma em que via acções tão desabridas
Era co'um torpe cão fagueira às escondidas.
Se és sagaz, meu leitor, talvez que tenhas visto
Cadelas de dois pés que também fazem isto.

VII — O CORVO E O PAVÃO

Passeando o pavão com ufanía,
É fama que dissera ao corvo um dia:
«Repara quanto devo à natureza,
Olha que lindas cores, que viveza,
Que adorno, que matiz! Olha este rabo!
Em mim não há senão; e tu, diabo,
Negro como um carvão, como um besouro,
Inda és, de mais a mais, ave de agouro.»
O corvo, que na língua não tem papas,
Lhe responde: «Essas penas são mui guapas,
Mas, para refrear teu desvario,
Observa dessas pernas o feitio.»
Ainda (quem dará crédito a isto!)
As pernas o pavão não tinha visto;
Mas que muito, se há gente, e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave?

VIII — O CÃO DE FRALDA E A RAPOSA

Num dos pés arranhado, um cão fraldeiro
Temeu chegar ao transe derradeiro;
O médico chamou, pôs-se de cama,
E a dor encareceu como uma dama
(Porque neste melindre, ou nesta balda
Uma dama equivale a um cão de fralda).
Era então a raposa arteira e fina
Entre os brutos doutora em Medicina.

Entrou num passo grave, um ar sisudo,
E, em tom de quem dizia «Eu saro tudo»,
Tendo-lhe visto o pé que lhe doía,
Perguntou ao doente o que sentia.
Depois de se esfalgar com fofa prosa,
Concluiu: «A doença é perigosa,
Mas hei de conseguir a grande empresa
De ajudar, ou vencer a Natureza.»
É certo que logrou tão alta sorte,
É certo que a venceu, mas foi co'a morte.
Tendo emplastos e purgas decretado,
E com mil beberagens misturado
Mil gordos aforismos de Avicena⁹,
Ou de Averróis, seguiu-se-lhe gangrena,
Que, tornando mortal a arranhadura,
O cãozinho encaixou na sepultura.
Assim que o duro médico feroz
O mandou visitar a seus avós,
Sem pejo, sem temor, sem pranto ou ais
A paga foi pedir aos tristes pais.
Clamaram: «Índa a terra te não traga!
O filho nos mataste, e queres paga!»
«Quê! (responde a raposa) Ora essa é bela!
E o trabalho que eu tive é bagatela?
Dar vida não está na nossa mão:
Tanto nos rende o morto como o são.»

IX — O MACACO DECLAMANDO

Um mono, vendo-se um dia
Entre brutal multidão,
Dizem lhe deu na cabeça
Fazer uma pregação.

⁹ Nota do autor: «Dois médicos célebres.»

Creio que seria o tema
Indigno de se tratar,
Mas isso pouco importava,
Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,
Proferindo à boca cheia
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de légua e meia.

Isto acontece ao poeta,
Orador e outros que tais:
Néscios o que entendem menos
É o que celebram mais.

X — OS DOIS BURROS E O MONO

Um burro lançado à margem
Ostentava de talentos,
Moía um seu camarada,
Exemplar dos pachorrentos.

Zurrando conceitos graves,
Como quem fala e não pensa,
Cumpria o rifão do vulgo:
«Tal cabeça, tal sentença.»

O trombudo companheiro,
A longa orelha abaixando,
Sem lhe responder palavra,
Ia ouvindo, ia pastando.

«És bruto! Não me respondes!
(Diz o orelhudo doutor)
Envergonho-me de sermos
Iguais na forma e na cor.»

Estranhando-lhe a bazófia
Um mono dos mais astutos,
Que, numa árvore trepado,
A aliviava dos frutos,

Co'uma gargalhada, exclama:
«Não verão quem alardeia!
Burro com fumos de mestre!
Isto é coisa que se creia!

«Não zombes desse coitado,
Bem faz em não responder.
Um tolo só em silêncio
É que se pode sofrer.»

XI — OS CÃES DOMÉSTICOS E O CÃO MONTANHÊS

Afirma escritor antigo
Que lá num grande sertão
Três cães perdidos na caça
Viram sozinho outro cão.

Que este era cor de azeviche,
Aqueloutros cor de neve
(Porque isto faz muito ao caso)
Primeiro notar-se deve.

Nascera de lãs forrado
O tal cão, e era montês;
Tinham pelo muito fino,
E eram da cidade os três.

Um deles, o mais disposto
A fazer qualquer agravo,
Disse para o bom campónio:
«Ó amigo, és nosso escravo.»

Ao som do termo afrontoso
Que os ouvidos lhe ofendeu,
O rústico alçou a orelha,
Rosnou, e se enfureceu.

Queria lançar-se a eles,
Mas tinha ouvido uma vez:
«Nem Hércules contra dois,
E inda menos contra três.»

Enfim co'um ar espantado
Lhes disse o pobre lapuz:
«Eu, cativo! Por que crime?
Vós, senhores! Com que jus?»

O valentão já citado
Dá um pulo, e de repente
Ao miserável responde,
Arreganhando-lhe o dente:

«O nosso jus é a força,
O teu delito é a cor.»
De homens pretos e homens brancos
Cuido que fala este autor.

XII — O LOBO, A RAPOSA E A OVELHA¹⁰

Estando o lobo doente,
Sem se poder arrastar,
E em necessidade urgente
De exercer, de ensanguentar
O rijo, faminto dente,

¹⁰ Publicado em *Rimas Dedicadas à Amizade*, t. II, p. 270.

Ao ver entrar pela gruta
A raposa a visitá-lo,
Lhe disse: «Ai comadre astuta!
À míngua esmoreço, estalo,
A fome comigo luta.

«Tu conheces a amizade
Com que há dois anos te trato.
Vale-me por caridade,
Vai buscar por esse mato
Alívio à minha ansiedade.»

«Eu vou cuidar no teu bem»
(Responde o falso animal.)
E parte: menos, porém,
Para livrá-lo do mal
Que para o fazer a alguém.

De serra em serra caminha,
Até que vê desgarrada
Uma inocente ovelhinha.
«Topar-te (diz a malvada)
Foi bem teu, e é glória minha.

«Crê que a raposa não manga,
Sou de ingénua condição,
Nenhum vivente me zanga,
Todos amo, à exceção
De galo, galinha ou franga.

«Tanto, amiga, pôde em mim
O dó de exposta vos ver
Aos cruéis lobos, que vim
Felizmente hoje a obter
De vossos males o fim.

«Dos lobos o rei voraz,
Quase em artigos de morte,
Carpiu suas acções más,
E com piedoso transporte
Jurou às ovelhas paz.

«Fez este prometimento
Por si e seus aderentes.
Não receies fingimento;
Personagens eminentes
Não fazem vão juramento.

«Agora pede a razão,
Quer da cortesia o termo
Que venhas sem dilação
Visitar o ilustre enfermo
Em sinal de gratidão.

«A sua cova não dista
Muito aqui deste lugar,
Daquele outeiro se avista.
Toca, pois, a caminhar,
Vem tu seguindo-me a pista.»

Aquilo que se deseja
Quão fácil se conjectura!
A ovelha de gosto arqueja,
E, graças dando à Ventura,
Vai seguindo a malfazeja.

Entram por aquele horror,
E a condutora ladina,
Vendo da ovelha o terror,
Lhe disse: «Chegai, menina,
Beijai a pata ao senhor.»

A repugnância vencendo
Com bem custo a coitadinha,
E calada estremecendo,
Pouco a pouco se avizinha
Ao bruto feroz e horrendo.

Vibrando os olhos centelhas,
O tirano lhe aferrou
Dente e garra entre as orelhas:
Destarte se confirmou
A paz dos lobos e ovelhas.

Ingénuo, tem conta em ti.
No mundo há muitos enganos
(Eu o sei porque os sofri),
Os bons padecem mil danos
Julgando os outros por si.

XIII — O TIGRE E A DONINHA

Pesou sempre o beneficio
Porque a vaidade ofendeu,
Principalmente se um grande
De um pequeno o recebeu.

Lembra-me agora uma história
Sucedida entre animais,
Uma história que se aplica
Belamente aos racionais.

Ia um tigre muito ufano,
Fiado na garra e presa,
Crendo que a tudo excedia
No Reino da Natureza.

Desta ideia alucinado,
Incauta planta foi pôr
Em pérfida rede, armada
Por experto¹¹ caçador.

Preso, luta sem proveito,
Tenta em vão desenlear-se;
Lida, revolve-se o bruto,
E o que faz é apertar-se.

Estancando-se-lhe as forças,
Perdida enfim a esperança,
Cessa, e do peito raivoso
Horrendos bramidos lança.

Ao tempo que ele arquejava,
Por aquele sítio vinha
Demandando agrestes frutos
A leve, esperta doninha.

Estremece, ouvindo o monstro
Envolto na rede urrar;
Foge, porém curiosa
Põe-se de longe a olhar.

O tigre, que a vê, que sabe
Quanto é versada em roer,
Despe a soberba, e lhe roga
Que o venha ali socorrer.

¹¹ Experiente.

Tanto adoça o tom pesado
Da rude, estrondosa voz,
Que segura a desprendê-lo
Parte a doninha veloz.

Afinca o subtil dentinho
No tenaz, urdido laço,
Rói aqui, róí acolá,
E o desfaz em breve espaço.

Livre das prisões apenas
A fera ingrata e medonha,
Do que deve ao pequenino
Fraco animal se envergonha;

E acesa em feroz orgulho,
Carregando-se na frente
(Com receio de que a triste
O caso nas selvas conte),

Deita-lhe a garra danosa,
A débil vida lhe extrai.
Ninguém acuda ao malvado
Se no precipício cai.

XIV — OS DOIS CÃES

Tinha dois cães perdigueiros
Certo moço caçador,
Um excelente no faro,
Outro no feitio e cor.

Aquele pela esperteza
Do pronto, do agudo olfato,
A rola, a perdiz sumida
Desencantava no mato,

E apenas, soando o tiro,
Caía a caça no chão,
Com pasmosa ligeireza
Do dono a trazia à mão.

O segundo, inerte e mole,
Que o primeiro acompanhava,
Por costume ou arremedo,
Não por génio, farejava;

Té as aves muitas vezes
Ao venatório ruído
Dentre os pés lhe rebentavam,
E não as tinha sentido.

Mas, sendo incapaz, ao sócio
Excedia na ventura,
E o néscio dono prezava
Mais que o préstimo a figura.

Assim sucede, leitores,
A um sem-sabor Narciso
Numa assembleia com outro
De má cara e bom juízo.

Diz um dali: «Este amigo
É de graça e prendas cheio.»
Respondem a isto as damas:
«Apre lá! Que homem tão feio!»

Diz outro: «Aquele peralta
Põe mil asneiras num dito.»
Acodem logo as meninas:
«Que importa, se é tão bonito?»

XV — O ELEFANTE E O BURRO

No tempo em que inda falavam
Os animais como a gente,
É tradição que tiveram
Conferência em caso urgente.

O burro, que, não sei como,
Se introduziu no conselho,
Quis, fingindo-se estadista,
Também meter seu bedelho.

Eis num tom que diferia
Bem pouco do que hoje é zurro,
Foi revolvendo a questão,
Discreteou como um burro.

Depois de lhe ter ouvido
Alguns conceitos de arromba,
O carrancudo elefante
Lhe disse, torcendo a tromba:

«Esse tempo que tens gasto
Inutilmente em clamar,
Insensato, não podias
Aproveitá-lo em pastar?

«Vens afetar eloquência,
Animal servil e abjeto!
Um tolo nunca é mais tolo
Que quando quer ser discreto.»

XVI — A MONA E O FILHO

EM VERSO ALEXANDRINO

Mona tão horrorosa, ou mais do que o Diabo,
Com calos o traseiro, e sem cabelo o rabo,
Num moninho brincão, que tinha dado ao prelo,
Cegamente empregava o maternal desvelo,
E era a sua ternura, o seu amor tão fino,
Que nunca dentre as mãos largava o pequenino.
Se alguma sua amiga ia fazer-lhe festa,
Dizia-lhe: «Não, não, deixe-mo, que o molesta.»
Se lhe pegava ao colo até o próprio pai,
A mãe gritava logo: «Ai! Não mo esmagues, ai!»
E com mimo importuno a rústica entretanto
Ao tenrinho animal desafiava o pranto,
Pois em beijo e mais beijo, abraço e mais abraço
Ansiava, oprimia o filho a cada passo;
E um dia o abraçou com tal contentamento,
Que no apertão fagueiro ele exalou o alento.
Tal (me diz a exp'riência) é o zeloso amante:
Por amor importuna, enfada a cada instante,
O que quer para si do mesmo Sol recata,
Por amor atormenta, e até às vezes mata.

XVII — O PAPAGAIO E A GALINHA

Loquaz papagaio
Secava a goela,
Soltando mil gritos
A uma janela.

Olhou para a rua
Por onde vagava
Galinha de poupa
Que depenicava.

Na língua das aves
Co'um ar superior
Lhe deu estes chascos
O vão palrador:

«Deveras, vizinha,
Que podes campar
Co'a prenda galante
De cacarejar!

«Deixando ironias,
Sempre és coisa pouca,
Não tens outro chiste
Senão essa touca.

«Depois de defunta
Só causas prazer,
Para te comerem
Te dão de comer.

«Eu em alma e corpo
Sou ave excelente.
Não pasmas de ouvir-me
Falar como a gente?»

«Não pasmo (responde
Dos galos a amiga)
Vilão, carioca,
Mordaz de uma figa.

«Da língua que alegas
Bazófia concebes?
Que importa que a fales
Se não a percebes?

«Com isso te abates
No meu parecer.
Os tolos só dizem
O que ouvem dizer.»

XVIII — A MACACA

EM VERSO ALEXANDRINO

Nos cerros do Brasil diz certo autor que havia
Uma namoradeira, uma sagaz bugia.
Milhões de chichibéus pela taful¹² guinchavam,
E por não terem asa o rabo lhe arrastavam.
Qual, caindo-lhe aos pés, de amores cego e louco,
Nas cabeludas mãos lhe apresentava um coco,
Qual do açúcar brilhante a sumarenta cana,
E qual um ananás, e qual uma banana.
Ela com riso astuto, ela com mil caretas,
Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as petas;
Os olhos requebrava ao som de um suspirinho,
A todos prometia o mais fiel carinho,
E se algum lhe rogava especial favor,
À terna petição dizia: «Sim, senhor.»
Mas com muita esperança o fruto era nenhum,
E os pobres animais ficavam em jejum.
Leitores, há mulher tão destra e tão velhaca,
Que nisto lhe não ganha inda a melhor macaca.

¹² Sabedora do seu ofício.

XIX — O LEÃO E O PORCO

EM VERSO ALEXANDRINO

O rei dos animais, o rugidor leão
Com o porco engraçou, não sei por que razão.
Quis empregá-lo bem para tirar-lhe a sorna
(A quem torpe nasceu nenhum enfeite adorna):
Deu-lhe alta dignidade e rendas competentes,
Poder de despachar os brutos pretendentes,
De reprimir os maus, fazer aos bons justiça,
E assim cuidou vencer-lhe a natural preguiça;
Mas em vão, porque o porco é bom só para assar,
E a sua ocupação dormir, comer, fossar.
Notando-lhe a ignorância, o desmazelo, a incúria,
Soltavam contra ele injúria sobre injúria
Os outros animais, dizendo-lhe com ira:
«Ora o que o berço dá somente a cova o tira;»
E ele, apenas grunhindo a vilipêndios tais,
Ficava muito enxuto. Atenção nisto, ó pais,
Dos filhos para o génio olhai com madureza;
Não há poder algum que mude a natureza:
Um porco há de ser porco inda quò rei dos bichos
O faça cortesão pelos seus vãos caprichos.

XX — OS DOIS GATOS

Dois bichanos se encontraram
Sobre uma trapeira um dia
(Creio que não foi no tempo
Da amorosa gritaria).

De um deles todo o conchego
Era dormir no borralho,
O outro em leito de Senhora
Tinha mimoso agasalho.

Ao primeiro o dono humilde
Espinhas apenas dava;
Com esquisitos manjares
O segundo se engordava.

Miou, e lambeu-o aquele
Pelo ver da sua casta;
Eis que o brutinho orgulhoso
De si com desdém o afasta.

Aguda unhada vibrando,
Lhe diz: «Gato vil e pobre,
Tens semelhante ousadia
Comigo opulento e nobre!

«Cuidas que sou como tu?
Asneirão, quanto te enganas!
Entendes que me sustento
De espinhas ou barbatanas?

«Logro tudo o que desejo,
Dão-me de comer na mão,
Tu lazeiras; e dormimos
Eu em cama, e tu no chão.

«Poderás dizer-me a isto
Que nunca te conheci,
Mas para ver que não minto
Basta-me olhar para ti.»

«Ui! (responde-lhe o gatorro,
Mostrando um ar de estranheza)
És mais que eu! Que distinção
Pôs em nós a Natureza?

«Tens mais valor? Eis aqui
A ocasião de o provar.»
«Nada (acode o cavalheiro),
Eu não costumo brigar.»

«Então (torna-lhe enfadado
O nosso vilão ruim)
Se tu não és mais valente,
Em que és superior a mim?

«Tu não mias?» — «Mio.» — «E sentes
Gosto em pilhar algum rato?»
«Sim.» — «E o comes?» — «Oh se o como!»
«Logo não passas de um gato.

«Abate, pois, esse orgulho,
Intratável criatura.
Não tens mais nobreza que eu,
O que tens é mais ventura.»

XXI — O ROUXINOL, O CUÇO E O BURRO¹³

A UMA SENTENÇA INJUSTA

Um cuço e um rouxinol
Tiveram grave disputa
Sobre quem melhor cantava,
Qual tinha voz mais arguta.

Junto das aves o bando,
Todas elas mui picadas,
Fizeram que se calasse
O bazófito com risadas.

Ele, pois, injuriado
«Apostem (diz) ou se calem;
E para se convencerem
Ambos ouçam, logo falem.»

O partido era prudente,
E conforme à sã razão,
Nenhum outro poderia
Melhor solver a questão.

Um juiz foi necessário
A pró de todos eleito,
Entre os burros vão buscá-lo,
Dos burros o mais perfeito.

¹³ Apólogo publicado postumamente por Inocêncio Francisco da Silva, t. III, p. 211. Conheceu os prelos, pela primeira vez, por iniciativa de António Maria do Couto, em *Poesias Satíricas Inéditas de Manuel Maria Barbosa du Bocage*. Lisboa: Tipografia A. J. da Rocha, 1840, p. 47. Inocêncio não tem a certeza da sua autenticidade.

Obteve o cantor dos bosques
No cantar a primazia,
E soltando a voz do peito
Mil requebros repetia.

Depois que atroou os ares
Aluno digno de Orfeu,
Parou, e logo o lugar
Ao seu contrário cedeu.

Começa o cuco a cantar
Seu «cucu», que mais não diz,
Esp'rando por fim a palma
Alcançar do seu juiz.

Feita a prova, o burro então
Esta sentença profere:
«É melhor cantor o cuco,
A filomela prefere.»

Da fábula o documento
Mostra bem que as decisões
Quase sempre assim são dadas
Por juristas asneirões.

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



SÁTIRAS

I — PENA DE TALIÃO¹

AO PADRE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Tu nihil invita dices, faciesve Minerva.

Horácio, *Arte Poética*, v, 385

Invidia rumpantur ut ilia Codro.

Virgílio, *écloga VII*

Sátiras prestam, sátiras se estimam
Quando nelas Calúnia o fel não verte,
Quando voz de censor, não voz de Zoilo,
O vício nota, o mérito gradua;
Quando forçado epíteto afrontoso²

¹ A tradução de *As Plantas* de Richard Castel, feita em 1801 por Bocage, é antecedida de um poema seu em verso. Nele o escritor apostrofava os seus émulo, designadamente os seus ex-correligionários da Academia de Belas-Letras. Em simultâneo, nomeava alguns poetas que particularmente tocavam a sua sensibilidade. José Agostinho de Macedo retorquiu-lhe em *Contemplação da Natureza* (1801) e em duas sátiras clandestinas. O presente texto constituiu a réplica de Bocage à primeira, intitulada, «Sempre, ó Bocage, as sátiras serviram». Foi ditado ao morgado de Assentiz, que o cedeu a Desidério Marques Leão e, posteriormente, aos irmãos Castilho, para publicação, respetivamente, em *Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage* (1842) e em *Livraria Clássica*, t. xx (1847); José Feliciano de Castilho republicou-o, em 1867, no tomo terceiro de *Livraria Clássica — Excertos dos Principais Autores de Boa Nota*, p. 93.

Esta sátira foi igualmente publicada por Inocêncio Francisco da Silva in *Poesias de (...)*. Lisboa: na Tipografia de A. J. F. Lopes, t. III, p. 141, lição que perfilhámos. Consta ainda, tal como as sátiras de Macedo, da obra póstuma daquele bibliógrafo *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1899, p. 333. Fora dada à estampa, embora sem grande rigor, em 1812, por *O Investigador Português em Inglaterra*; in *Parnaso Lusitano*, t. III (Paris, 1826), e por António Maria do Couto in *Poesias Satíricas Inéditas de (...)* (1840).

Bocage manifestou a sua preocupação relativamente à forma como o presente poema iria chegar aos leitores: «Recomendo aos copistas a atenção, cuja falta faz, às vezes, ou maus, ou ininteligíveis os versos bons.» A talhe de foice, recorde-se que, segundo José Feliciano de Castilho (tomo III da sua biografia do poeta), Macedo afirmava sarcasticamente que o «Prólogo» de *As Plantas* «precisava de muitas erratas, por descuido dos compositores; por exemplo, o verso «Eu servo da moral, das leis amigo» dizia ele ser erro de imprensa, pois no original se lia «Eu, servo do imoral, das Lais amigo.»

² Nota do autor: «O epíteto de tolo, que na sátira me dá Elmiro.»

(Tal, que nem cabe a ti) não cabe àqueles
Que já na infância consultavam Febo³.
Elmiros de Paris, Cotins⁴, são vivos
No metro de Boileau⁵, mordaz, mas pulcro;
Codros⁶, Crispinos⁷, Cluvienos⁸ soam
No latido feroz do cão de Aquino⁹,
Desse cuja moral, mordendo, imitas,
E cuja fantasia em vão rastejas.
Nos ígneos versos que Venússia¹⁰ ilustram,
Nos que de fama eterna honraram Mântua¹¹,
Envoltos no ludíbrio existem Bávios,
Mévios¹² existem; e a existência deles,
Se pudesses durar, seria a tua.

Refalsado animal, das trevas sócio,
Depõe, não vistas de cordeiro a pele!¹³
Da razão, da moral o tom, que arrogas,
Jamais purificou teus lábios torpes,

³ Apolo, deus da poesia e da música.

⁴ O abade Charles Cotin (Paris, 1604-*ibidem*, 1682), nomeado por Boileau, por exemplo, nas sátiras «Le Repas Ridicule» e «De l'Homme» (Cf. *Oeuvres Poétiques de Boileau*. Notices et annotations de Louis Coquelin. Paris: Larousse, s. d., pp. 42 e 66.)

⁵ Boileau (Paris ou, menos provavelmente, Crosne, 1 de novembro de 1636-Paris, 13 de março de 1711), autor de *L'Art Poétique* (1674), obra que marcou a literatura do século XVIII.

⁶ Poeta citado por Virgílio em *As Bucólicas*, égloga VII, versos 22 e 26 (cf. Virgile — *Les Bucoliques/Les Georgiques*. Traduction, introduction et notes de M. Rat. Paris: Flammarion, 1967, pp. 71-72).

⁷ Lacaio manhoso e adulator, personagem da antiga comédia. Scarron, Poisson e Le Sage, entre outros, convocaram-no para as suas obras.

⁸ Juvenal compôs 78 versos, demonstrando a incompetência poética de Cluvieno.

⁹ Referência à mordacidade de Décimo Júnio Juvenal (Aquino, entre 55 e 60-Roma, depois de 127).

¹⁰ Cidade da Antiga Apúlia onde Horácio, poeta lírico e satírico, nasceu (65-Roma, 8 a. C.).

¹¹ Virgílio (70 a. C.-Brindisi, 19 a. C.), natural desta cidade.

¹² Poetas latinos visados pelo sarcasmo de Virgílio, na terceira «Bucólica», verso 90. Bávio faleceu no ano 35 a. C.

¹³ Na transcrição publicada em *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo*, por Inocêncio Francisco da Silva, «pele.».

Torpes do lodaçal, donde zunindo
(Nuvens de insetos vis) te sobem trovas
À mente erma de ideias, nua de arte.

Como hás de, ó zoilo, eternizar meu nome,
Se os Fados permanência ao teu vedaram?
Se a ponte que atravessa o mudo rio,
Que os vates, que os heróis transpõem seguros,
Tem fatal boqueirão, por onde absorto
Irás ao vilipêndio, irás ao nada,
Ficando em cima ileso, honrado o nome
Que em ditérios plebeus, em chulas frases
Debalde intentas submergir contigo?
Empraza-te a Razão; responde... e treme!¹⁴

Do filósofo a tez, a tez do amante,
Meditativo aspeto, imagem d'alma,
Em que fundas paixões a essência minam
(Paixões da natureza, e não das tuas),
O que aparece em mim, à vista abjeto,
A mesta¹⁵ palidez, o olhar sombrio,
O que preterição¹⁶ desengenhosa
Dos sujos trívios¹⁷ na language aponta,
Que importa, ó zoilo, ao literário mundo?
Que importa, descarnado e macilento,
Não ter meu rosto o que alicia os olhos,
Enquanto nédio e rechonchudo, à custa
De vão festeiro, estúpida irmandade,
Repimpado nos púlpitos, que aviltas,

¹⁴ *Idem*, «responde e treme.».

¹⁵ Triste.

¹⁶ *Dicionário de Moraes*: «Figura de retórica que se dá quando se trata de um assunto ao mesmo tempo que se afirma que será evitado.»

¹⁷ *Dicionário de Moraes*: «Grupo de disciplinas formado pela Gramática, a Retórica e pela Dialéctica, nos quadros das escolas medievais.»

Afofas teus sermões, venais fazendas
(Cujos credores nos Elísios fervem),
Trovejas, enrouqueces, não comoves,
Gelas a contrição no centro d'alma,
Ostentas férreo Nume, Céus de bronze,
E, a cada berro minorando a turba,
Compras n'aldeia do barbeiro o voto,
Ali triunfas, e a cidade enjoas?

Tu, de cérebro pingue e pingue face,
Farisaica ironia em vão rebuças,
Com que¹⁸ a penúria ao desvalido exprobras.
Que tem co'a Natureza o que é da Sorte?
Ou dá-me o plano de atrair-lhe as graças
(Mas sem que roje escravo), ou não profanes
Indigência e moral, quais tu não citas.

Pões-me de inútil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante, obeso, inútil,
As praças de Ulisseia à toa oprimes,
Ou do bom Daniel¹⁹ na térrea estância
Peçonhas de invetiva espremes d'alma,
Que entre negros chapéus também negreja²⁰,
E ante o caixeiro boquiaberto arrotas,
Arrotas ante o vulgo a *Enciclopédia*²¹,
Fadas, agouras o esplendor, que invejas,
Arranhas mortos, atassalhas vivos,
Insultas a grandeza, a imunidade

¹⁸ In *Memórias...*, «Quando».

¹⁹ Nota de Bocage: «Loja do chapeleiro Daniel, no Rossio.»

²⁰ Nota de Almeida Garrett: «Verbo audaz e sabiamente colocado. Com razão se diz: o génio inventa, o espírito embeleza, o gosto põe em seu lugar.» (*Parnaso Lusitano*, vol. III, p. 82).

²¹ Marco miliário da história da humanidade, catalisada por Diderot e d'Alembert, a *Enciclopédia* é constituída por 35 volumes. Publicada entre 1751 e 1772, contou com a colaboração de cerca de 150 colaboradores, entre outros, Voltaire, Montesquieu, d'Holbach, Dumarsais e Jean-Jacques Rousseau.

Do eterno Mantuano, e dás a Estácio²²
Um grau, que entregue ao deus, que ardendo em estro
De Tebas o cantor²³ tentar não ousa,
Quando à Musa da morte enfreia os voos
E quer que a *Eneida* cá de longe adore.²⁴

Da preferência atroz inda não pago,
Das graças ao cultor, de amor ao vate,
De Nasónia²⁵ elegia aos sons piedosos,
Que o Ponto²⁶ ouviu com dor, com mágoa o Tibre,
Versos prepões²⁷ sarmático-latinos²⁸,
Versos que inda ao burel e ao claustro cheiram,
E que, afrontoso a ti, de aplausos c'roas,
Só por distarem de teus versos pouco.

Sanguessuga de pútridos autores,
Que vais com cobre vil remir das tendas,
Enquanto palavroso impões aos néscios
E a crédulo tropel, roncando, afirmas
Que revolveste o que roçaste apenas
(Falo das Artes, das Ciências²⁹ falo);
Enquanto a estátua da Ignorância³⁰ elevas,

²² Públio Papínio Estácio (Nápoles, c. 45-*ibidem*, 96), autor de *Tebaida*, epopeia muito popular na Idade Média, constituída por 12 partes. Nos cantos XXI e XXII do «Purgatório», Dante concebe um encontro entre Virgílio e Estácio.

²³ Píndaro.

²⁴ Nota de Bocage: «E quer que *A Eneida* cá de longe adore. *Nec tu divinam Aeneida tenta. Estácio — Thebaida.*»

²⁵ Alusão às elegias de Ovídio (43 a. C.-c. 17 d. C.), cujo nome completo era Públio Ovídio Naso.

²⁶ Reino situado no norte da Ásia Menor, local de exílio de Ovídio.

²⁷ Preferes. Na obra *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo*, «pospões».

²⁸ Nota do autor: «O ex-frade tem desenterrado das tendas e lojas de confeitheiros elegias e outros versos de jesuítas polacos, que denodadamente prefere a Ovídio.»

²⁹ Refere-se a *Contemplanção da Natureza*, obra publicada, pouco antes, por José Agostinho de Macedo.

³⁰ Em *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo*, p. 335, «ignomínia».

Os dias eu consumo, eu velo as noites
Nos desornados, indigentes lares;
Submisso aos fados meus, ali componho
À pesada existência honesto arrimo,
Co'a mão que Febo estende aos seus, a poucos.
Ali deveres, que não tens, nem prezas,
Com fraternal piedade acato, exerço;
Cultivo afetos à tua alma estranhos,
Dando à virtude quanto dás ao vício;
Não me envilece ali de um frade o soldo³¹;
Ali me esforça ao génio as ígneas asas
Coração benfazejo, e tanto e tanto
Que a ti, seu depressor, protege, acolhe;
Que em redondo caráter te propaga
A rapsódia servil, poema intruso³²,
Pilhagem que fizeste em mil volumes,
Atulhado armazém de alheios fardos,
Onde a monotonia os mexe, osolve,
E onde teimosa apóstrofe se esfalfa,
Já coòs céus entendendo, e já co'a Terra.

Inda não me elevei do Pindo³³ ao cume
Com fama que assoberbe os sumos vates;
Porém, graças ao dom, que não desdouras
Co'a birra estulta de emperradas trovas,

³¹ José Mariano da Conceição Veloso, botânico de renome, que dirigiu a Casa Literária do Arco do Cego desde a sua fundação até ao seu encerramento (1799-1801). Publicou prolificamente.

³² Nota de Bocage: «*Contemplação da Natureza*, poema para ele, rapsódia para mim e para todos os conhecedores. Nesta fastidiosa compilação usurpadora apóstrofe clama de seis em seis regrinhas, pouco mais ou menos, desaloja o rancho das irmãs e fica como vilão em casa de seu sogro.» Por sua vez, António Maria do Couto, inimigo de Macedo, in *O Investigador Português em Inglaterra* (vol. IV, n.º 16, 1812), afirma: «Em Lisboa, hoje se lhe chama o poema das amostras por estar o primeiro canto exposto à irrisão dos subscritores, que por ele deverão julgar da bondade dos dois ou três que faltam; (oh desgraça!) e as provas da existência de Deus *a priori*, que o homem promete!... O homem está doido.»

³³ Monte do Norte da Grécia consagrado ao culto das Musas e de Apolo.

Vou sobranceiro a ti, de longe te olho,
E na pública voz, que se não merca,
Elmano a cisne³⁴ aspira, Elmiro é ganso,
É ganso que patinha e se enlameia
Em podres lodaçais, pauis do Letes³⁵.
A círculos pueris, a vãos Narcisos,
A Lucrécias³⁶ na sala e Lais³⁷ na alcova,
E inda às sérias do tempo os «bravos» poupo;
Insulso rimador de facho e setas,
Nugas³⁸ não douro, não mendigo aplausos
De vácuas fronte, plagiárias línguas;
Não sou, nem de improviso, o que és d'espaço!

Claro auditório meu, vingai-me a glória!
Vós, que em versos altíssonos mil vezes
Me vistes ir voando às fontes do estro,
Dizei se me surgiram Grécia, Roma,
Nas prontas explosões do entusiasmo;³⁹
Se a Razão, se a Moral, se as Leis, se a Pátria
Do metro destemido objetos foram,
Ou das Marílias de hoje o riso ensosso,
Dos olhos o comércio, e não das almas,
O melindre sagaz, lição materna,
E a mercantil firmeza, a cem votada;
Dizei... Mas contra ti sobeja Elmano;
Teus uivos, teus latidos não me aterram;

³⁴ Denominação do poeta de primeira água.

³⁵ Um dos cinco rios dos Infernos, segundo os poetas latinos; o rio do esquecimento.

³⁶ Mulher de Tarquínio Colatino, falecida no ano 510 a. C. Violada por Sexto Tarquínio, suicidou-se com um punhal; este episódio deu origem à queda da dinastia que governava Roma.

³⁷ Nome de três cortesãs gregas, de extrema beleza, que viviam em Corinto. Bocage deverá referir-se à mais conhecida, filha de Timandra, amante de Alcibíades, que nasceu no ano de 420 a. C. Plutocrata por excelência, exigia uma ampla quantia aos homens que a requisitavam. A sua auréola fez com que as mulheres da cidade a assassinassem.

³⁸ Bagatelas.

³⁹ Na versão citada, «entusiasmo?».

Sou do novo trifauce Alcides⁴⁰ novo;
Inda não farto de arrancá-lo às sombras
As três gargantas⁴¹ levarei de um golpe;
E se a canina espuma, ou sangue infeto
Monstros gerar, que multiplique a morte,
Das Fúrias⁴² o tição lhes torre as fronte.

Braveja, detrator, braveja, insano!...
Arde, blasfema em vão, de algoz te sirva
Tenaz verdade que te rói por dentro.
Na voz deprimas o que admiras n'alma;
Se provas queres, eu te exhibo as provas
Do que teu coração desdiz dos lábios.
Traze à mente o lugar e a vez primeira
Em que, dado à tristeza e curvo aos ferros⁴³,
Olhaste, ouviste Elmano, e grande o creste⁴⁴,
Quando inda os voos tímido soltava
Na imensidade azul, que aos astros guia;
Quando (não como por sistema o finges,
Mas só da natureza endereçado)
Seguia o rasto de amorosos cisnes,
Pousando muito aquém do grau que ocupa,
Ainda carecente da ígnea força
Que à Pátria deu Leandro, Inês, Medeia⁴⁵,
O antro dos zelos, de Areneu e Argira
A história, que o sabor colheu de Ovídio,
Na dicção narrativa experta, idónea,
E o mais, às Musas grato, e grato a Lísia.

⁴⁰ Hércules, na mitologia latina.

⁴¹ Cérbero, cão que guardava as portas do reino dos Mortos.

⁴² Divindades infernais romanas que personificavam o remorso e a vingança dos deuses.

⁴³ Macedo estava encarcerado.

⁴⁴ Nota de Bocage: «O satírico, antepondo os meus versos de algum dia aos de hoje, afecta contudo esquecer-se dos elogios que me fez e escreveu, sendo ainda frade graciano.»

⁴⁵ Referência às suas cantatas «Leandro e Hero», «À Morte de Inês de Castro» e «Medeia».

Da estância onde nem sempre habita o crime,
Epístola sem sal por ti guisada,
Em tais louvores incluiu meu nome:⁴⁶
Versos escuta, que negar não podes;
Estilo é teu, monotonia é tua;
O que neles se envolve, escuta, em prémio
Da empresa que tomei de os pôr na mente:
«Do centro desta gruta triste e muda,
Fecundo Elmano, pelas Musas dado,
O prisioneiro Elmiro te saúda,
De teus áureos talentos encantado;
De ti só fala, só por ti suspira,
Em teu divino canto arrebatado.»
Quem «fértil» nomeaste, e quem «divino»
Hoje é servil, monótono, infecundo,
De texto opimo⁴⁷ intérprete engoiado?
Co' a idade e estudo o génio em todos cresce,
E em mim desfaleceu co' a idade e estudo?

Responde ao teu juiz, ao são critério,
Réu de lesa-razão! Trazer à Pátria
Nova fertilidade em plantas novas,
Manter-lhe as flores, conservar-lhe os frutos,
Quais eram no sabor, na tez, na forma,
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os estranhe, os desconheça o dono,
É fadiga vulgar? Não tem mais preço
Do que esse, que os carros galardoa
Do galego boçal nos férreos ombros?
Verter com melodia, ardor, pureza
O metro peregrino em luso metro,

⁴⁶ A *Ode sobre a Verdadeira Felicidade. Dirige-a ao senhor Manuel Maria Barbosa du Bocage, seu amigo José Agostinho de Macedo, chamado entre os da Arcádia de Roma Elmiro Tagideo*. Lisboa: na Oficina de Filipe José de França e Liz, 1791, 7 p.

⁴⁷ Fecundo.

Dos idiotismos⁴⁸ aplanando o estorvo,
De um, doutro idioma discernindo os génios,
O carácter do texto expor na glosa,
Próprio tornando e natural o alheio,
É ser bugio, ou papagaio, Elmiro?
Confronta originais e as cópias deles;
Verás se a Musa, que de rastos pintas,
No voo altivo o Sulmonense⁴⁹ atinge,
Castel⁵⁰ transcende e com Delille ombreia.

Citas um verso mau, mil bons não citas?⁵¹
Citas um verso mau, que não transforma
Em matos os jardins? É natureza
Estarem par a par espinhos, flores.
E não sabes, malévolo, que a regra
Une a ténues objetos simples frases?
Se imparcial, se crítico escrevesses,
Centenas de áureos versos apontaras,
Sem de um só deduzir sentença iníqua.
De Ausónia⁵² o quadro, ou venerando ou belo,
Com justa, sábia mão presentarias;
Idades cento blasonando ao longe
Cõa ruína imortal da excelsa Roma⁵³;
Ante as aras carpindo amor, saudade,
E ao Céu medrosas lágrimas furtando;
Aos amigos dos homens e aos dos numes
Na terra verdejando Elísios novos;

⁴⁸ *Dicionário de Moraes*: «Construção na locução própria de determinada língua e que se não pode traduzir literalmente noutra.»

⁴⁹ Ovídio, natural de Sulmona.

⁵⁰ René Richard Louis Castel nasceu na Normandia em 1758 e faleceu, em 1832, de *colera morbus*. Foi o autor de *As Plantas*, obra traduzida por Bocage e publicada em 1801. Lisboa: Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, 1801.

⁵¹ Na primeira versão publicada por Inocência: «citas?»

⁵² Itália.

⁵³ Nota de Bocage: «Veja-se o Poema dos Jardins, canto IV.»

Correntes sem rumor, como as do Letes,
Os males na memória adormecendo,
E em mármore coríntios alvejantes
O grande Fénelon⁵⁴ e o grande Henrique⁵⁵.
Se o rival⁵⁶ de Virgílio (o que proclamas,
Porque de Gália é filho, e não de Lísia,
A cujo seio, em que borbulham génios,
Chamas com língua audaz estéril deles),
Se o rival de Virgílio ouvisse os versos
De intérprete fiel, não rude escravo,
Honrara co'um sorriso úteis suores.

Pede ao mole Belmiro⁵⁷, anão de Febo,
Ao que ergues uma vez, e mil derrubas;
Pede ao vampiro, que a ti mesmo há pouco
Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos;
Pede ao bom Melizeu⁵⁸, d'Arcádia Fauno,
De avelada existência e mente exausta,
Que afetas lamentar, e astuto abates,
Que por alféloa⁵⁹ troca os sons d'Euterpe⁶⁰
(Os sons da sua Euterpe, e não da minha);
Dize ao teu coro, de garganta indócil
(Sem que esqueça o pigmeu no corpo e n'álma),⁶¹

⁵⁴ François Fénelon (Sainte Mondane, 1651-Lyon, 1715), arcebispo. Baseando-se na *Odisseia* de Homero, escreveu, em dois volumes, *Les Aventures de Télémaque* (1717).

⁵⁵ Henri IV, soberano elogiado pelos Iluministas. Voltaire dedicou-lhe o poema *La Henriade*, parcialmente traduzido por Bocage.

⁵⁶ Jacques Delille (Aigueperse, 1738-Paris, 1813), poeta de nacionalidade francesa. Seguiu a carreira eclesiástica e foi o autor de *Os Jardins ou a Arte de Aformosear as Paisagens*, obra traduzida por Bocage. Lisboa: Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, 1800.

⁵⁷ Belchior Curvo Semedo (Montemor-o-Novo, 1766-Lisboa, 1838), arqui-inimigo de Bocage.

⁵⁸ Melizeu Cilénio, pseudónimo arcádico de Luís José Correia de Sá França Amaral, por Bocage violentamente satirizado.

⁵⁹ Massa de açúcar com que se fabricam alguns doces.

⁶⁰ Uma das nove Musas. Presidia à música.

⁶¹ Nota de Bocage: «Todos sabem a aplicação antiga daquele meu verso — «Quintanilha, pigmeu no corpo, e n'álma.» Se houver, todavia, quem o ignore, declaro que pertence a um

Dize dos corvos de Ulisseia ao bando
Que, intérpretes qual fui, d'exímios vates,
Não pagos de ir no rasto, o voo alteiem;
Ou tu mesmo apresenta, of'rece à crise
De gordo original versão mirrada,
Sulcado o Estácio teu⁶² de unhas minhas,
De muitas que sofreste e que aproveitas;
Nele (oh mágoa! oh labéu!) por ti mudados
A pompa na indigência, o luto em riso;
Mostra em teus versos as imagens suas,
Tíbias, informes, encolhidas, mortas,
Desdentado leão, leão sem garras,
Que à longa idade sucumbiu, rugindo;
Mas leão, que de perto inda é terrível,
E que no quadro teu vale um cordeiro.
Ousa mais: a «Lusiada» não sumas⁶³,
Que o número de versos fez poema,
Tal que seu mesmo pai sem dor o enterra.
Expõe no tribunal da Eternidade
Monumentos de audácia, e não d'engenho;
O prólogo alteroso em que abocanhas
Do luso Homero⁶⁴ as veneráveis cinzas,
E não de inepto, de apoucado arguas

nojento homúnculo, engenhadador de miudezas métricas, a quem o esquecimento de uma vírgula arruinou um soneto, e que propaga e palmeia a sátira de Elmiro, porque nunca fez a injustiça de gabar os seus nadas. *Tantum sufficit hoc.*» Referia-se o poeta a José Tomás da Silva Costa Quintanilha.

⁶² Nota de Bocage: «O indigno tradutor de Estácio me rogou mil vezes que lhe castigasse a versão, onde o carácter e a frase do original padecem inclemências.»

⁶³ Nota de Bocage: «Móvito d'Elmiro aos seis meses: obra em que a glória de Camões é enxovalhada no prólogo, e ressarcida no mais. O autor a sumiu.»

⁶⁴ Luís de Camões, particularmente criticado por José Agostinho de Macedo nas obras *Reflexões Críticas sobre o Episódio do Adamastor nos «Lusiadas»* (1811), *O Gama — Poema Narrativo* (1811) e no prefácio de *O Oriente* (1814, dois volumes). Contra os seus juízos de valor sobre o épico se manifestaram, entre outros, Nuno Álvares Pereira de Pato Moniz, o Cardeal Saraiva e António Maria do Couto.

Quem, porque teme a queda, encolhe as asas;
Quem de efémeros «vivas» não contente,
Chegando a mais que tu, se atreve a menos.

Nem somente Melpómene⁶⁵ dispensa
Grão nome, nem Calíope⁶⁶ somente.
Como os Voltaires⁶⁷ na memória vivem,
La Fontaines⁶⁸, Chaulieus⁶⁹ subsistem nela:
Todos têm nome e grau: tu mesmo o dizes,
Contraditório, tímido versista.
Tema que escolhes, género que abraças,
Não te honra, nem desluz: no desempenho
O lustre, a glória estão; tem jus à fama
O vate, ou cante heróis ou cante amores,
Contanto que de Febo as leis não torça,
Aos mui vários assuntos ajustadas.
Co'a matéria convém casar o estilo:
Levante-se a expressão, se é grande a ideia,
Se a ideia é negra, a locução negreje,
E ténue sendo, se atenua a frase.

Segue o que tens de cor mas não praticas,
Serás o que não és, o que não foste,
Quando das Musas no Almanaque⁷⁰ (ai triste!),
Que a par de seus irmãos morreu de traça,

⁶⁵ Uma das nove Musas; presidia à Tragédia.

⁶⁶ Musa da eloquência e da poesia épica.

⁶⁷ François-Marie Arouet de Voltaire (Châtenay, 1694-Paris, 1778), um dos maiores pensadores do século XVIII. A sua obra completa está coligida em 72 volumes.

⁶⁸ Jean de La Fontaine (Château-Thierry, 1621-Paris, 1695), célebre autor de fábulas e de outros poemas.

⁶⁹ Guillaume, o abade de Chaulieu (Fontenay-en-Vexin, 1639-Paris, 1720), poeta libertino.

⁷⁰ O *Almanaque das Musas*, patrocinado pelo conde de Pombeiro, no qual participaram os principais poetas da «Academia de Belas-Letras»: José Agostinho de Macedo, Belchior Curvo Semedo, Domingos Caldas Barbosa, Joaquim Severino Ferraz de Campos, entre outros. Foi dado à estampa, nos anos de 1793 e 1794, em quatro tomos.

Forjaste de uma freira equórea ninfa⁷¹,
Jacinta de um Tritão⁷² fingiste acesa;
Chamaste grande, harmónico a Lerenó⁷³,
Ao fusco trovador, que em papagaio⁷⁴
Converteste⁷⁵ depois, havendo impado
Com tabernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orangotango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro⁷⁶.

Os teus vícios em rosto aos mais não lances,
Tu, Fúria, tu, dragão, que entornas peste,
Por sistema, por hábito e por génio.
Os sete⁷⁷ que detrais em que te agravam?
Querias par a par subir com eles,
Nas asas do louvor a ignotos climas?
Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
Quando a celeste Catalani⁷⁸ exala

⁷¹ Nota de Bocage: «Em um dos Almanques citados há um idílio piscatório de Elmiro em que uma ninfa do mar se chama Jacinta, nome que, junto com a pessoa, prova o gosto do autor.» Bocage refere-se a uma composição anónima dada à estampa na quarta parte da publicação citada na nota anterior.

⁷² Deus marinho, filho de Posídon e de Anfitrite.

⁷³ Lerenó Selinuntino, pseudónimo literário de Domingos Caldas Barbosa (Rio de Janeiro, 1738-Lisboa, 1800), poeta e exímio tocador de modinhas. Inimigo de Bocage, que o fustigou designadamente em alguns sonetos sobre o funcionamento da «Academia de Belas-Letras».

⁷⁴ Nota de Bocage: «Metamorfose de Lerenó em papagaio, no tempo em que Elmiro almoçava com ele e dele: acção que advoga pela moral do clérigo-pregador, tão supérfluo como os insectos.»

⁷⁵ In *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo* e na fixação de texto de José Feliciano Castilho, *Livraria Clássica, Excertos dos Autores de Boa Nota*, 1867, vol. III, p. 102, «Transformaste».

⁷⁶ Elmiro Tagídeo, pseudónimo literário de José Agostinho de Macedo.

⁷⁷ Os sete poetas elogiados por Bocage no prólogo de *As Plantas*: João Vicente Pimentel Maldonado, Francisco Joaquim Bingre, Inácio Joaquim da Costa Quintela, Sebastião Xavier Botelho, José Francisco Cardoso, José Rodrigues Pimentel Maia e Joaquim Severino Ferraz de Campos.

⁷⁸ Angelica Catalani (Senigália, 1780-Paris, 1849), cantora de ópera italiana. Começou a atuar no São Carlos no final de 1801, permanecendo no nosso país até 1806. João Vicente Pimentel Maldonado dedicou-lhe, em 1803, uma ode.

Milagres de ternura e de harmonia,
Sim, que disseras, se, ultrajando a cena,
De rouquenha bandurra um biltre armado
Ante a assembleia extática impingisse
Solfa mazomba, hispânico bolero?
Pois isto, ó zoilo, tão impróprio fora
Como anexar teu nome aos sete, e a outros,
Que do silêncio meu não colhem manchas,
Nem carecem de mim, por si famosos,
E há muito em lira eterna ao Polo erguidos.

Verdade! Retidão! Vós sois meus numes!
Vê se as adoro, ó zoilo: eu amo Alcino⁷⁹,
Filinto⁸⁰, Córídon⁸¹, Elpino⁸² eu louvo;
Todo me apraz Dorindo⁸³, Alfeno⁸⁴ em parte;
Nas trevas para mim reluz Tomino⁸⁵;
Nos génios transcendentos me arrebatou,
Prezo alunos febeus, desprezo Elmiros.
De alta justiça que mais prova exiges?
Tu, que de iníquo e parcial me increpas,
Tu, que em vez de razões opróbrios vibras
Perante um mundo que te sabe a história!
Tu, que afeito à moral dos Tupinambás⁸⁶,
Tens ampla consciência, onde amizade,

⁷⁹ Alcino Micénio, pseudónimo literário de Domingos Reis Quita (Lisboa, 1728-*ibidem*, 1770).

⁸⁰ Filinto Elísio (Lisboa, 1734-Paris, 1819).

⁸¹ Córídon Erimanteu, pseudónimo de Pedro António Correia Garção (Lisboa, 1724-*ibidem*, 1772).

⁸² Elpino Nonacriense, pseudónimo arcádico de António Dinis da Cruz e Silva (Lisboa, 1731-Rio de Janeiro, 1779).

⁸³ Domingos Monteiro d'Albuquerque e Amaral (Murça, 1744-Lisboa, 1830).

⁸⁴ Alfeno Cíntio, pseudónimo de Domingos Maximino Torres (Rio de Mouro, 1748-Trafaria, 1810).

⁸⁵ Nota de Bocage: «Falo de Santos e Silva, cujo estro, às vezes assombroso, o consola de um desastre como o de Homero e Milton.»

⁸⁶ Nação índia do Brasil.

Onde amor e outros vínculos sagrados
São nomes vãos, fantásticos direitos;
Tu... Mas língua de bronze e voz de ferro
Mal de teus vícios a expressão dariam.
Indómito molosso⁸⁷, ardido ex-frade,
É contigo a razão qual é co'as ondas
Arte e saber do náufrago piloto.
Serás qual és, e morrerás qual vives.

Prossegue em detrair-me, em praguejar-me,
Porque Délio⁸⁸ dos «prólogos» te exclui;⁸⁹
Pregoa, espalha em sátiras, em lojas
Que zoilos não mereço, e sê meu zoilo;
Chama-me de Tisífone⁹⁰ enteado,
Porque em fêmeo-belmírico⁹¹ falsete
Não pinto os zelos, não descrevo a morte;⁹²
Erra versos, e versos sentençaia;
Condena-me a cantar de Ulina e de anos;
Agrega o magro Elmano ao fulo Esbarra⁹³;
Ignora o *baquear*, que é verbo antigo,
Dos Sousas⁹⁴, dos Arrais⁹⁵ somente usado;

⁸⁷ Cão de fila.

⁸⁸ Apolo.

⁸⁹ Na versão citada de José Feliciano Castilho (1867), vol. III, p. 103, «Porque do Pindo seu te enxota Febo».

⁹⁰ Na mitologia grega, uma das Erinias, ou Euménides, que correspondiam, na mitologia latina, às Fúrias; as outras duas eram Alecto e Megera. Estão ligadas à vingança dos crimes, designadamente dos familiares.

⁹¹ Referência a Belchior Curvo Semedo.

⁹² Nota de Bocage: «Veja-se na sátira de Elmiro a linha 'Rasteiras cópias de originais soberbos'. *Vd.* p. 662, t. II, da presente obra.

⁹³ Joaquim José de Santana Esbarra. Segundo Desidério Marques Leão, «era um mulato mui conhecido em Lisboa, nesse tempo, que tocava viola e cantava modinhas de sua composição, cujo mérito estava todo nas momices e trejeitos com que ele as cantava.» Existe no arquivo da Real Mesa Censória um manuscrito seu, intitulado *Saudosa Cantilena*, datado de 1789 (cx. 335, doc. n.º 2958).

⁹⁴ Frei Luís de Sousa (Santarém, c. 1555-Lisboa, 1632).

⁹⁵ Frei Amador Arrais (Beja, 1530-Coimbra, 1600).

Metonímias, sinédoques dispensa;
Dá-me as pueris antíteses, que odeio;
De estafador de anáforas me encoima;
Faze (entre insânias) um prodígio, faze
Qual anda o caranguejo andar meus versos;
Supõe-me entre barris, entre marujos
(De alguns talvez teu sangue as veias honre!),
Mas não desmaies na carreira; avante,
Eia, ardor, coração... vaidade, ao menos.
As oitavas ao *Gama*⁹⁶ esconde embora,
Nisso não⁹⁷ perdes tu nem perde o mundo;
Mas venha o mais! Epístolas, sonetos,
Odes, canções, metamorfoses, tudo...
Na frente põe teu nome, e estou vingado.

II — A ANTÓNIO CRISPINIANO SAUNIER⁹⁸

EM RESPOSTA A UMA EPÍSTOLA QUE LHE DIRIGIRA

Besta e mais besta! O positivo é nada...
(Perdoa, se em gramática te falo,
Arte que ignoras, como ignoras tudo.)
Besta e mais besta! Na palavra embirro;
Que a besta anexa ao mais teu ser definem.

⁹⁶ O *Gama* — *Poema Narrativo*, publicado, em 1811, por José Agostinho de Macedo.

⁹⁷ Na versão publicada por José Feliciano Castilho, «nem».

⁹⁸ Sátira primeiramente dada à estampa por António Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho in *Livraria Clássica*, t. xxiii, p. 171; republicada por Inocêncio Francisco da Silva in *Poesias de (...)*, t. III, p. 156, lição que perfilhámos. Saunier foi objeto das sátiras agudas de Bocage e de outros escritores da época devido à forma ridícula como trajava e por fazer alarde de uma poesia francamente medíocre.

Dás-me louvor servil na voz do prelo⁹⁹,
Grande me crês, proclamas-me famoso,
Excelso, transcendente, incomparável,
Confessas que d’Elmano a fúria temes...
E débil estorninho águias provocas,
Aves de Jove, que o corisco empunham!

És de rábula vil corrupta imagem;
Tu vendes o louvor, como ele as partes,
Mas ele na enxovia infâmias paga,
E tu, com tústios¹⁰⁰, que aos caloiros pilhas,
Compras gravatas, em que a tromba enorme
Sumas ao dia, que de a ver se embrusca,
Qual em tenra mãozinha esconde a face
Mimoso infante de papões vexado.
Útil descuido aos cárceres te furta,
À digna habitação de ti saudosa
(Digo, o Castelo), estância equivalente¹⁰¹
Aos méritos morais, que em ti reluzem.

De saloios vinténs larápio sujo,
A glória de teu ódio restitui
A quem no teu louvor desacreditas.
Se honrada pelos sábios de Ulisseia
(De Ulisseia não só, de Lísia toda)
Galgando a Musa minha aos céus não fosse,
E se a nojenta epístola brotasse

⁹⁹ Saunier dedicou a Bocage a *Epístola ou Ternas Expressões em Verso, proferidas pelo pastor Ersáunio e dedicadas ao pastor Elmano*. Lisboa: na Imprensa Régia, 1803, 11 pp.

¹⁰⁰ Tostões.

¹⁰¹ Saunier esteve detido, acusado de vadiagem, no Castelo de São Jorge, tendo sido libertado na condição de se alistar no exército. Segundo Inocêncio Francisco da Silva, «veio, por fins de 1809, a ser nomeado oficial de uma das legiões nacionais, vulgo *chuços*, em que chegou progressivamente ao posto de capitão, guardando sempre o mesmo teor de vida e não largando jamais (afora a inseparável e histórica gravata) um imenso chapéu com aba descomunal, ornamentado de presilha dourada e borlas de cachos».

Dentre o lameiro das ideias tuas,
Em regras, que são mais ou que são menos
Do que exigem do metro as leis d'Ápolo
(Em regrinhas aquém e além do metro,
Que versos hão de ser, ou versos foram,
Quando o que a Musa quer é só que o sejam),
Dissera a gente, gritaria o mundo:
«Louvado e louvador são dois patetas!»

Oh versos aleijões! De Insauro¹⁰² oh versos!
Prosa de toda a gente e versos dele!
Fora! Eu me benzo, eu renuncio o pacto!
Antes um corno pelos peitos dentro,
Que um verso de Saunier pelos ouvidos,
Bem que, indagados de atenção miúda,
Sinónimo parecem *corno* e *verso*
Quando em linhas venais galegos tentas,
Teus sócios, teus colegas, teus patronos;
Ou quando sensabor, ou quando insano
Louvas de graça e por dinheiro infamas
(Que a resposta, eu bem sei, rendeu-te cobres!)

Falas em faixa? E com que faixa, e como!
Não sabes que, apesar da atroz gravata,
Sai teu focinho a malquistar-te às vezes
Com quantos olhos há, que todos negam
Seres da espécie racional primeira,
E a negra forma macacal te impinge?
Quindorna¹⁰³ tens, que por amor te engoma:
Tanto sofreis, ó Cotovia, ó Taipas¹⁰⁴!

¹⁰² Pseudónimo literário de Saunier.

¹⁰³ Segundo Herculano de Carvalho, «mulher de má vida».

¹⁰⁴ Locais de Lisboa conhecidos, na época, pela prostituição.

Jamais se envileceu luxúria tanto,
E tanto na eleição jamais cincaste!
Só se vós por ser burro amais Insauro!
Esses podres c..., que vendem peste,
Esses, meu nome (teu trovão, teu raio!),
Esses, em súcia torpe, aonde és gente,
Meu nome, a glória minha enxovalharam;
Que mulher de decoro, esposa virgem,
Se manchasse em te ouvir seu grau, su'alma,
O caos volvera e se abismara o globo!

Espoja-te a meus pés, baqueia, ó bruto,
E em atos burricais o que és pregoa!
Ou da matula vil, onde patinhas,
Irás à Fama em sátiras d'Elmano,
Que é pior para ti do que ir ao Letes!



EPIGRAMAS

I

A UM MULATO COMILÃO QUE MURMURAVA DE MIM¹

Dizem que Flávio² glutão
Em Bocage aferra o dente:
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente!

II

Pedi pelo amor de Deus
Dez réis um mendigo a um nobre.
Respondeu-lhe o cavalheiro
Que nunca trazia cobre.

Eis por excelência o triste
Súplica nova começa.
Enternece-se o fidalgo:
Põe-lhe nas mãos uma peça.

¹ Este epigrama e os 18 seguintes constam do segundo tomo das *Rimas* (pp. 238-248), obra publicada em 1799.

² Domingos Caldas Barbosa (Rio de Janeiro, 1738-Lisboa, 1800), seu inimigo contumaz na «Academia de Belas-Letras». Filho de uma angolana e de um português, Lerenó Selinuntino, seu nome arcádico, era um exímio tocador de modinhas e um poeta razoável. Foi particularmente satirizado por Bocage em sonetos como «Preside o neto da rainha Ginga», «Deixa, insigne Bocage, insulsos vates», «Por casa Febo entrou co'um vil bugio» e «Lembrou-se no Brasil bruxa insolente».

Considerando a ação da Censura, Bocage optou por substituir o seu nome, viabilizando, deste modo, a publicação da obra.

III

«Conheces um certo Albano,
Homem de raro primor?»
(Perguntou Fileno um dia
A Sílvio, grão jogador).

«Oh! (responde-lhe o gatuno,
Que aos mais tafuis pede meças)
Eu sou seu íntimo amigo;
Ontem lhe ganhei cem peças.»

IV

A Morte se enfastiou
De surgir do Orco³ profundo,
Exclamando: «Não estou
Para tornar mais ao mundo.»
Disse um médico: «Eu lá vou.»

V

ENTRE ELMANO E ALCEU
EPIGRAMA IMITADO DE UMA ANEDOTA

ALCEU

Perdoa, tu tens, Elmano,
Um defeito, entre diversos,
Que cheira muito a doidice.

³ De acordo com a mitologia latina, os Infernos, o reino dos mortos.

ELMANO

Sim? Qual é?

ALCEU

Fazeres versos.

ELMANO

Oh! Pois tu também tens outro,
E folgara de o não teres,
Que está mui perto da asneira.

ALCEU

Eu! Qual é?

ELMANO

Não os fazeres.

VI

A UM MAU MÉDICO

Doutor, até do hospital
Te sacode enfermo bando.
Que será disto a causal?
É porque em tu receitando
Qualquer doença é mortal.

VII

Dizes que Fileno é tosco,
Mole, feio e sem-sabor,
Não levas à paciência
Terem-lhe as moças amor.

Nenhum mérito lhe encontras
Por que o devam atender.
Que mais mérito lhe queres?
Agradar é merecer.

VIII

Estando enfermo um poeta
Foi visitá-lo um doutor,
E em rigorosa dieta
Logo, logo o mandou pôr.

«Regule-se, coma pouco»
(Diz-lhe o médico eminente.)
«Ai senhor! (acode o louco)
Por isso é que estou doente.»

IX

A UM ENFRONHADO EM POETA

Longe estás de ser pateta,
Flávio⁴, tens várias noções,
Entendes bem a seleta,
Lês, estudas e compões:
Por um triz não és poeta.

X

Um homem que toda a vida
Passou fomes por querer,
Co'a muita debilidade
Pôs-se em termos de morrer.

Doutor, que de graça o via,
E co'a doença atinava,
Of'receu-lhe uns certos doces
Para ver se o melhorava.

«Obrigado (eis lhe responde
O enfermo, estendendo a mão),
Dê cá. Bom será guardá-los
Para maior precisão.»

⁴ Eventualmente, Domingos Caldas Barbosa.

XI

EPIGRAMA IMITADO⁵

Levando um velho avarento
Uma pedrada num olho,
Pôs-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.

Certo doutor, não das dúzias,
Mas sim médico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.

«Dez moedas! (diz o avaro)
Meu sangue não desperdiço.
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso.»

XII

À UM ENFATUADO EM NOBREZA

Conferes nas senhorias,
Fofa Alceu, mais fofos bens,
E fazes nisto um milagre,
Porque dás o que não tens.

⁵ Baseado no poema de Beauguard «Un harpagon, en courant par la ville».

XIII

Concluiu pintor famoso
Um certo retrato humano,
E a taful sequaz de Apolo
O foi mostrar muito ufano.

Para o painel apontando,
Lhe disse: «Amigo, que tal?
Deveis gabá-lo, que vós
Conheceis o original.

Foi ditosa a pincelada,
Nunca retratei tão bem,
Nunca pinteí como agora.»
Pergunta o poeta: «A quem?»

XIV

Uma terra dizem que há
Onde a fome acerba e dura
Cabo dos médicos dá.
Porque é isto? É porque lá
Pagam somente a quem cura.

XV

IMITADO DE MARCIAL, EM DIÁLOGO

CÓRIDON⁶

Elmano, lê-me os teus versos.

ELMANO

Melhor sorte me dê Deus;
Tremo disso.

CÓRIDON

E porque tremes?

ELMANO

Porque podes ler-me os teus.

XVI

De que é só de seu marido
Laura tem reputação.
Este mérito subido
A quem o deve? Eu duvido
Se à cara, se ao coração.

⁶ Segundo Inocêncio Francisco da Silva, este epigrama visava o abade d'Almoster, Joaquim Franco d'Araújo Freire Barbosa, que adotou, na «Academia de Belas-Letras», o pseudónimo arcádico de Córidon Neptunino. Membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, foi autor da tragédia *Sesóstris*. Bocage retratou-o implacavelmente nas composições «Conhecem um vigário de chorina», «O mundo a porfiar que o Franco é tolo», «Havia mais de um mês que o bom Lizen», «Li as catorze regras aos penachos», «Volve a Peniche ó zanga de Lisboa», «Não presta Córidon, não presta Elpino», «Elmano, lê-me teus versos» e «Quarta-feira, catorze do corrente».

XVII

Da feia mulher Andrónio
Com zelos arde e rebenta;
Nisto o não julgo bolónio:
A mulher é um demónio,
Porém o demónio tenta.

XVIII

DEFINIÇÃO DO OURO

Faço a paz, sustento a guerra,
Agrado a doutos e a rudes,
Gero vícios e virtudes,
Torço as leis, domino a Terra.

XIX

IMITADO DE DANCHET⁷

Um tempo breve, urgente
As rosas têm somente
Para ostentarem belas
O seu aroma e cor;
Para agradar como elas
Tem um só tempo Amor.

⁷ Danchet (Riom, 1671-Paris, 1748) foi um escritor muito conceituado na época, designadamente pelas óperas que compôs, das quais de destaca *Hésiode* (1700). Membro da «Academia Francesa» e da «Academia das Inscricões», assessorou a «Biblioteca do Rei». Compôs as óperas *Tançrède* (1702) e *Idomenée* (1712), bem como várias tragédias.

XX⁸

Grátis pespega o verdugo
No pescoço ou laço, ou corte;
O espadachim mata grátis,
O médico vende a morte.

XXI

TIRADO DE MARCIAL⁹

Se me lembro, Elia, tiveste
De belos dentes a posse:
Numa tosse dois se foram,
Foram-se dois noutra tosse.

Segura noites e dias
Podes tossir a faltar,
Podes, que tosse terceira
Já não tem que te levar.

⁸ O presente epigrama e os seguintes até ao número LXXIII constam de *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen* (pp. 150-175), obra, publicada em 1804, vulgarmente conhecida por terceiro tomo das *Rimas*.

⁹ Marco Valério Marcial (Biblis, hoje Calatayud, Espanha, c. 40-Espanha, c. 104), poeta satírico romano. Legou-nos 12 livros de epigramas e uma obra sobre os jogos patrocinados por Tito, seu protetor, *De Spectaculis*, comemorativa da inauguração, no ano 80 d. C., do Coliseu. Compôs cerca de 1500 epigramas que têm como pedra-de-toque a crítica à hipocrisia, ao materialismo e à vaidade. Confraternizou com Juvenal, Quintiliano e Valério Flaco. Perfilhou a máxima «Parcere personis, dicere de vitiis» — os nomes das pessoas são irrelevantes, não o é, porém, a sua filosofia de vida. Os epigramas satíricos «Elmano, lê-me teus versos», «Se me lembro, Elia, tiveste» e «Barbeiro demorador» são imitações deste escritor. Texto original deste poema: «si memini, fuerant tibi quator, Aelia, dentes. / Exspuit una duos tussis, et una duos. / Jam secura potes totis tussire diebus; / Nil istic, quod agat, tertia tussis habet.»

XXII

«No mundo há glória suprema»
(Roncava euclídico autor.)
«Qual é?» (Diz taful da gema.)
«Qual é! (torna o cismador)
É resolver um problema.»

XXIII

A.

Laura divertiu-se muito
Numa função menos má.

B.

Qual foi o divertimento?

A.

Não ter o marido lá.

XXIV

Trouxe-se a pobre doente
Um récipe singular.
Morreu do récipe? Não:
Só da tenção de o tomar.

XXV

IN FIDE PAROCHI ATESTO ¹⁰

(Escrevia inchado cura)
Que sofreu Lopo Forçura
Da morte o golpe funesto.

Tal clareza não se achou
Dos óbitos no registo,
Mas atesto-o por ter visto
A receita que tomou.

XXVI

Um procurador de causas
Tinha na dextra de harpia
Nojenta, incurável chaga,
Que até ossos lhe roía.

Exclama um taful ao vê-lo:
«Que pena de Talião!
Quem com a mão roeu tanto
Ficou roído na mão.»

XXVII

Com tão má gâmbia andas tanto,
Tanto daqui para ali!
Procurador, não me enganas:
Tu procuras para ti.

¹⁰ Fórmula que inicia as declarações paroquiais.

XXVIII

Empobreceu todo o bairro
Fábio com pena e cordão:
Foi quatro meses letrado,
Quinze dias escrvão.

XXIX

Um escrvão fez um roubo.
Diz-lhe o juiz: «Que razão
Teve para fazer isto?»
Responde: «Ser escrvão.»

XXX

Certo enfermo, homem sisudo,
Deixou por condescendência
Chamar um doutor, que tinha
Entre os mais a preferência.

Manda-lhe o fofo Esculápio
Que bote a língua de fora,
E envia dez garatujas
À botica sem demora.

«Com isto (diz ao doente),
A sepultura lhe tapo.»
Replica o pobre a tremer:
«Aposto que não escapo.»

XXXI

Arrimado às duas portas
Pingue boticário estava,
E brandamente acenou
A um doutor, que passava.

Mal que chega o bom Galeno
Diz o outro com ar jucundo:
«Unamo-nos, meu doutor,
E dêmos cabo do mundo.»

XXXII

Disse um Avicena¹¹ ao ver
Certo doente: «É confusa
Esta moléstia; portanto,
A maligna se reduza.»

Eis a mão facinorosa
Lavra potente receita
Que anónima enfermidade
Torna em maligna perfeita.

Cõa pronta metamorfose
O infesto doutor se alegra,
E diz, sorrindo-se: «Agora,
Se matar, mato com regra.»

¹¹ Filósofo e médico árabe (979-1037). A sua obra *Canon Medicinæ* foi uma referência durante muitos séculos. Sofreu influências de Aristóteles e dos neoplatónicos.

XXXIII

Um filósofo enfermou.
Não tinha mal de perigo,
Mas sofreu a medicina
Por agradar a um amigo.

Consentiu que receitasse
Hipocrático¹² impostor,
E logo para um criado
Disse, brando e sem tremor:

«Não deixes lá na botica
Esse amargo fruto do erro;
Inda tem mais serventia:
Supre os escritos de enterro.»

XXXIV

Quis inda fresca viúva
Casar, mas tinha esquecido
No alfarrábio dos enterros
Pôr o enterro do marido.

«Leve este papel ao cura»
(Lhe aconselha um maganão),
Era excelente receita
Das que importam num milhão.

¹² Hipócrates, o apelidado pai da medicina. Nasceu na ilha de Cós (Grécia), cerca de 460 a. C., e faleceu em Larissa (Itália), no ano de 355. Foi contemporâneo de Aristóteles e de Platão.

«Padre (diz ela, entregando
O papel que se lhe deu),
O meu homem tomou isto...»
Torna o cura: «Então morreu.»

XXXV

Disse a Morte ao ver entrar
Milhões de almas nos abismos:
«Bravo! Bravo! Que colheita!
Muito devo aos aforismos!»

XXXVI

Dos óbitos o volume
Consta que um cura perdeu,
E contou este desastre
A íntimo amigo seu.

De suprir o triste livro
Não pode ocorrer-lhe ideia.
«Ai! (diz o amigo) isso é fácil:
Compre uma farmacoopia.»

XXXVII

Compôs para leve andaço
Um doutor, doutor fatal,
Famosa receita, onde era
A menor dose mortal.

Indo depois à botica,
Desta sorte o dono o investe:
«Receite a todos o mesmo,
Meu doutor, e temos peste.»

XXXVIII

Um doutor, acometido
Das chufas de um boticário
(Que não sei por que motivo
Se lhe quis mostrar contrário),

Disse-lhe: «Inda que nós ambos
Somos dos humanos mágoa,
Mais do que eu faço com tinta
Faz sua mercê com água.»

XXXIX

Um chapado, um retumbante
Corifeu da Medicina
Certa menina adorava,
E adoeceu-lhe a menina.

Eis para curá-la o chamam,
Pela alta fama que tem.
Geme o doutor, e responde:
«Não vou, que lhe quero bem.»

XL

Lê-se numa sepultura
De antiguidade afonsina:
«Aqui jaz quem não jazera
Se jazesse a Medicina.»

XLI

A Morte, perdendo a foice,
Creu sua força desfeita;
Disse-lhe um médico insigne:
«Aqui tens esta receita.»

XLII

Disse um dia o Fado à Morte
Que chuchasse um tal doutor
Que punha em cada receita
Ao menos um estupor.

«Não ousou (responde a Parca¹³)
A teu mando obedecer.
Se com médicos se mete,
Té pode a Morte morrer.»

XLIII

Aqui jaz um homem rico
Nesta rica sepultura:
Escapava da moléstia,
Se não morresse da cura.

¹³ Referência às três Parcas: Cloto, Láquesis e Átropos. Eram filhas de Érebo e da Noite. A primeira empunhava a roca, a segunda fazia girar o fuso e a última cortava o fio da vida.

XLIV

Um velho caiu na cama.
Tinha um filho esculapino¹⁴,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.

O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai.
Diz-lhe o velho, suspirando:
«Repara que sou teu pai.»

XLV

Quíron¹⁵ foi médico insigne,
Segundo nos livros acho;
Porém cavalo o descrevem
Da cintura para baixo.

Doutor, em nada o semelhas;
Ele foi besta nos pés,
Nas ancas, mãos e costado;
Tu só na cabeça o és.

¹⁴ Esculápio, deus da medicina, filho de Apolo e de Corónis.

¹⁵ Centauro, filho do deus Crono e de Filira; caracterizava-se pela sua sabedoria, tendo sido preceptor de Apolo, Jasão, Aquiles e Asclépio.

XLVI

Um médico, antiga peste
Do triste género humano,
De costumado a enganar-se
Pôde acertar por engano.

Fez uma receita idónea,
Apesar do formulário;
Mas o que ao médico escapa
Lá vai ter ao boticário.

XLVII

Podre vítima de Vénus,
Metáfora da existência,
Fiou-se de um boticário,
Homem de sã consciência.

Tinha o pustuloso enfermo
Uma gâmbia retorcida,
Que para a parte de fora
Como que enxotava a vida.

Tenaz emplastro lhe estende
A farmacopólia mão,
Com que dê nome à botica,
Dando cabo do aleijão.

«Deixe estar (diz o mestraço),
Que isto logo, logo abranda.»
Que sucedeu? Pôr-lhe a perna
Torta para a outra banda.

XLVIII

TIRADO DE OWEN

P.

O que é mais leve do que o ar?

R.

O fumo.

P.

O que é mais leve do que o fumo?

R.

O vento.

P.

E que o vento?

R.

A mulher.

P.

Que a mulher?

R.

Nada.

XLIX

Bojudo farmacopola,
De cangalhas no nariz,
Lia um papel dos que a gente
Pregam em vaza-barris.

O papel era receita,
Isto bem se deixa ver;
Eis o algoz dos paladares
A moléstia quis saber.

Soube-a, pouco mais ou menos,
E exclama um tanto impaciente:
«O médico alucinou-se:
Com isto sara o doente.»

L

Um homem rico, outro pobre
Grave moléstia prostrou.
Qual deles morreu? O rico,
Que mais remédios tomou.

LI

Para curar febres podres
Um doutor se foi chamar,
Que, feitas as cerimónias,
Começou a receitar.

A cada penada sua
O enfermo arrancava um ai.
«Não se assuste (diz Galeno¹⁶),
Que inda desta se não vai.»

«Ah Senhor! (torna o coitado,
Como quem seu Fado espreita)
Da moléstia não me assusto,
Assusto-me da receita.»

LII

Um geómetra zombou
Ao ver que amante infeliz
Por linda moça expirou;
Mas ao sábio o que o matou?
Não dar coo valor dum xis.

LIII

Homem de génio impaciente,
Tendo uma dor infernal,
Pedia para matar-se
Um veneno ou um punhal.

«Não há (lhe disse um vizinho,
Velho que pensava bem),
Não há punhal, nem veneno;
Mas o médico aí vem.»

¹⁶ Médico grego (c. 130-c. 200), discípulo de Hipócrates, cujas teorias foram paradigmáticas para a medicina ocidental.

LIV

Sempre é teima de viver
A que tem Célio caduco!
Não sei que moléstia possa
Chuchar-lhe da vida o suco.

Tinha uma chaga no bofe,
O bofe sem chaga está;
Um aneurisma no peito,
Vestígios dele não há.

De lhe cerrarem três fontes
Nenhum dano resultou.
Isto ainda não é nada:
Té duma junta escapou.

LV

Uma destas que adoecem
Porque um mosquito as mordeu,
Disse para um seu criado:
«Chamem-me o doutor Sandeu.»

Eis o Hipócrates, que abonam
Honrosos cabelos brancos,
E eis subitamente a dama
Aos soluços e aos arrancos.

Donde lhe veio este excesso
Na hipocrática presença?
De estar doente de veras:
E era o médico a doença.

LVI

Consta que um médico fora
Inventor da guilhotina.
Deu bem rapidez à morte!
Mostrou saber Medicina.

LVII

«Morte! (clamava um doente)
Este mísero socorre.»
Surge a Parca de repente,
E diz de longe: «Recorre
Ao teu médico assistente.»

LVIII

A Morte foi sensual
Quando ainda era menina:
Coò pecado original
Teve cópula carnal,
E pariu a Medicina.

LIX

Um médico, ressentido
De certo seu ofensor,
Ante um amigo exclamava,
Todo abrasado em furor:

«Para punir este indigno,
Este vil, tomara um raio.»
Acode o outro: «Há um meio
Muito mais fácil: curai-o.»

LX

Pôs-se médico eminente
Em voz alta a receitar:
«Récipe» (diz)... de repente
Grita da cama o doente:
«Basta, que mais é matar.»

LXI

«Fábio, o meu dileto amigo
(Dizia Alfeu consternado),
Dos médicos mais insignes
Está já desamparado.»

«Oh! (sai dali um sujeito,
De circunspeta presença)
Feliz, se o desamparassem
No princípio da doença!»

LXII

A.

Que vem do chefe dos Matas
Sustenta o doutor Maleitas,
E com mil papéis o prova.

B.

Com que papéis?

A.

Com receitas.

LXIII

Tinha uma dor muito aguda
Um homem. Veio um doutor
E disse: «Com três regrinhas
O livro já dessa dor.»

Corre a lançar mão da pena,
Eis diz o enfermo a tremer:
«Ai! Nada, senhor doutor:
Antes penar que morrer.»

LXIV

Um médico receitou.
Súbito o récipe veio,
Do qual no bucho do enfermo
Logo embutiu copo e meio.

«Adeus até amanhã»
(Diz o fofo professor.)
Responde o doente: «Adeus
Para sempre, meu doutor.»

LXV

Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou:

«Em Cujácios, em Menóquios,
Em Pegas¹⁷ e Ordenação¹⁸,
Em Reinícolas e Estranhos¹⁹
Tem carradas de razão.

«Sim, sim, por toda essa estante
Tem razão, razão de mais.»
«Ah, senhor! (o homem replica)
Tê-la-ei nos tribunais?»

LXVI

Certo Averróis²⁰ quis no prelo
Ver seus aforismos juntos.
Pôs-lhes o editor singelo:
«Arte de fazer defuntos.»

¹⁷ Manuel Álvares Pegas (1635-1696), famoso jurista português do século xvii, autor de uma obra constituída por 14 volumes, sendo 2 póstumos; neles tece comentários sobre as *Ordenações Filipinas*.

¹⁸ Referência às *Ordenações*, acervo das leis que regeram, ao longo de séculos, o nosso país. Conhecem-se três: as Afonsinas (1446), as Manuelinas (1521) e as Filipinas (1603).

¹⁹ Nacionais e estrangeiros.

²⁰ Filósofo, jurista e médico árabe, Averróis (Córdova, 1126-Marraquexe, 1198), distinguiu-se ainda pelos seus comentários sobre a obra de Aristóteles. Conhecido pela sua tolerância e universalidade, foi acusado de heresia e banido.

LXVII

Disse, em ar de novidade,
Lélio que a rugosa Elvira
Sofrera longa moléstia,
De que a bem custo surgira.

«Creio: o seu médico é bom»
(Proferiu grave pessoa.)
Acode um taful: «E eu sento
Que a moléstia é que foi boa.»

LXVIII

«Ante mim não vales nada
(Disse a Morte à Medicina);
Eu de tudo quanto existe
Sou a fatal assassina.»

«Ui! (a mãe dos aforismos
Responde à Parca amarela)
Olha a tola! Eu sou o mesmo,
Mas com mais método que ela.»

LXIX

A Morte era uma idiota
Antes de aforismos ter,
Mas depois que há Medicina
Já sabe ler e escrever.

LXX

A Morte um dia enjoou-se
Dum nome que se abomina;
Quis o azedume adoçar-lhe,
E crismou-se em Medicina.

LXXI

A.

Vai curar o doutor Campa
Sua futura consorte.

B.

Já se não diz quando casam?

A.

Recebe-a à hora da morte.

LXXII

Lavrou chibante receita
Um doutor com todo o esmero
Era para certa moça,
Que ficou sã como um pêro.

«Tão cedo! É milagre!» (Assenta
A mãe, que de gosto chora.)
«Minha mãe, não é milagre:
Deitei o remédio fora.»

LXXIII

Rechonchudo franciscano
Desenrolava um sermão,
E defronte por acaso
Lhe ficara um beberão.

Tratava dos bens celestes,
Proferindo: «Ouvintes meus,
Que ditas, que imensa glória
Para os justos guarda um Deus!

«Falsos momentâneos gostos
Há neste mundo mesquinho;
Mas nos Céus há bens sem conto...»
Pergunta o bêbado: «E vinho?»²¹

LXXIV²²

Vénus ao parto vizinha
As Parcas foi consultar,
Para conhecer que fruto
Seu ventre havia brotar.

²¹ Sobre o vinho, cf. «Cançonetas Báquicas para a Mesa, improvisadas» e «Salve, Divino licor», in vol. I, t. II, pp. 365 e 222, da presente obra.

²² O presente epigrama e os seguintes, à exceção do n.º LXXXIII, só conheceram os prelos depois do falecimento do poeta, devendo a sua autoria ser reavaliada. Perfilhámos a lição de Nuno Álvares de Pato Moniz in *Verdadeiras, Inéditas Obras Poéticas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo IV das Suas Obras Inéditas*. Lisboa: na Impressão Régia, 1813, p. 218.

Uma responde «Que um seixo»,
Outra «Que um tigre traidor»,
Terceira «Que fogo». E tudo
Confirmou nascendo Amor.

LXXV²³

Do Meirel formas querela
Porque os dentes te dispensa?
Não tos tirou por doença,
Tirou-tos só por cautela:
Bem atalha quem bem pensa.

LXXVI²⁴

Bernardo envolto em lemiste
Insulsas nébias recita;
Ao riso ninguém resiste;
E o vate funéreo grita:
«Não riam, que é coisa triste!»

²³ Inicialmente publicado por António Maria do Couto in *Um Tafal de Luneta*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira e João Procópio Correia da Silva, 1806, vol. II, p. 87. O epigrama menciona um dentista, estabelecido à Lapa; debaixo da janela do seu local de trabalho ostentava um letreiro com o seguinte teor: «Tira dentes Meirel / E acautela com remédio os combalidos.»

²⁴ José Agostinho de Macedo reivindicou abusivamente, na obra *Considerações Mansas sobre o Tomo IV das Obras Poéticas de Manuel Bocage*, p. 18, a autoria deste epigrama. Fonte utilizada: o terceiro tomo de *Poesias* (...), edição de Inocêncio Francisco da Silva, p. 241.

LXXVII²⁵

Se alguma palavra digo,
E o hálito à boca puxo,
Sobem-me as tripas e o bucho
A escutar se mastigo.

LXXVIII

Ó Morte! Para que venças
E sorvas em teus abismos
Doutor de grandes sentenças,
São necessárias doenças
Piores que os aforismos.

LXXIX

«A este sepulcro vim,
Eu, das existências corte
(Dizia um leteiro assim),
Fui médico, e foi meu fim
Estratagema da Morte.»

²⁵ Os epigramas seguintes, exceto os devidamente assinalados, foram transcritos do terceiro tomo, p. 250, da edição de Inocêncio Francisco da Silva. De acordo com este bibliógrafo, o presente poema foi composto depois de um amigo ter perguntado a Bocage se tinha fome.

LXXX

Um médico, que se ria
Do pouco que Adão durou,
Por engano em certo dia
Um seu récipe tomou;
Quando não, nunca morria!

LXXXI²⁶

A UM BARBEIRO MUI VAGAROSO

Imitando o do L.º VII, 67, de Marcial

Barbeiro demorador,
Não me pilhas outra vez,
Mal haja o pai que te fez,
Devera ser malfeitor.

Com a barba em sangue, em fogo,
Tanto tempo aqui sentado,
Que outra nova tem brotado,
Mal que a rapas, cresce logo.

²⁶ Primeiramente publicado por António Maria do Couto in *Poesias Satíricas Inéditas de Manuel Maria Barbosa du Bocage*. Lisboa: Tipografia de A. J. da Rocha, 1840, p. 43; em nota, são apresentados os seguintes versos originais: «Eutrapelus tonsor dum circuit ora Luperçi, / Expungit que genas: altera barba subit.» Este epigrama foi igualmente publicado em *Poesias de (...)*, 3.º t., p. 249, edição de Inocêncio Francisco da Silva, lição que perfilhámos.

LXXXII²⁷

Se o pontífice tivera
Sapato tamanho e mau,
Podia mesmo de Roma
Dar beija-pé em Macau.

LXXXIII²⁸

Examina-se um planeta
Com telescópio de cá:
Ver-se-ia a cara de Olena
Sem telescópio de lá.

²⁷ Fazendo fé em Inocência, constava que este poema fora composto tendo em consideração os pés enormes de Nicolau Tolentino, o qual lhe terá respondido também em verso: «Eram três juntas de bois, / E daqueles mais selectos, / A puxar pelos sapatos, / E os sapatos quietos!» Não consta, porém, que os dois poetas se tenham relacionado. Seguimos a versão de António Maria do Couto, *Poesias Satíricas...*, p. 45. Deverá ser apócrifo.

²⁸ Primeiramente publicado em *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhhausen*, p. 152.

LXXXIV²⁹

«Salve-se! (diz o Diabo)
Nas masmorras infernais,
Se eu hospedasse essa cara,³⁰
Onde acomodar as mais?»

LXXXV

«Salvo-te (diz Deus ao Demo)
Das masmorras infernais,
Se meteres esta cara
Onde acomodas as mais.»

LXXXVI³¹

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continua!...
Todas estas caras juntas
Não são tanto como a tua.

²⁹ Este epigrama e os seguintes, à exceção do n.º LXXXIII, foram publicados por Inocêncio Francisco da Silva, t. III, pp. 244-247. Prendem-se com uma figura típica da cidade de Lisboa: a estanqueira do Loreto. Alguns não são certamente da lavra de Bocage. Foram primeiramente publicados na «Livraria Clássica», por iniciativa dos irmãos António e José Feliciano de Castilho, t. XXIII, pp. 35-39. Sendo maioritariamente póstumos, a sua autoria deve ser reavaliada. A estanqueira caracterizava-se pela sua fealdade e vivia nas imediações da igreja do Loreto. Ao que parece, tinha uma cabeça enorme, que o Hospital de São José terá conservado para estudo. Conheceu a miséria no final da sua vida, vegetando pelo Calhariz, em Lisboa.

³⁰ Na lição de António Maria do Couto, *Poesias Satíricas...*, p. 43, «S'introduzir esta cara».

³¹ Publicada por Inocêncio Francisco da Silva, t. III, p. 244.

LXXXVII³²

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continua!...
Que revolução é esta?
Anda pela Terra a Lua?

LXXXVIII

A cara da estanqueira
Por um milhão a comprara;
Se fosse cara de açúcar,
Um milhão, não era cara!

LXXXIX

Domingo, dois do corrente,
Se faz pela vez primeira
O brinco dos cavalinhos
Sobre a testa da estanqueira.

XC

A estanqueira tem marido,
Que quando deitar-se intenta,
Como não cabe na cama
Dorme dentro de uma venta.

³² *Ibidem*, p. 245.

XCI

Dizem os da Encarnação
«Que em morrendo a estanqueira
Faz-se a obra e o cemitério,
Tudo dentro da caveira.»

XCII

São nádegas ou bochechas?
Arrenego do Diabo!
Tem a cabeça no chão,
E sobre o balcão o rabo!

XCIII

Deu a estanqueira um espirro.
Gritam os vizinhos seus,
Julgando ser terramoto:
«Misericórdia, meu Deus!»

XCIV

Disse-lhe certo estrangeiro
Que ajunta papéis com massas:
«Quero pôr a sua cara
Nesta loja de caraças!»

XCV

Disse-lhe um sério taful
Que tabaco lhe comprara:
«A sua loja é pequena;
Porque não vende na cara?»

XCVI

Quer vinhos? Não tem que errar,
Treppe por esses focinhos,
Bata nas ventas, que dentro
Tem dois armazéns de vinhos.

XCVII

Nariz, nariz e nariz,
Nariz que nunca se acaba,
Nariz que, se ele desaba,
Fará o mundo infeliz;
Nariz que Newton não quis
Descrever-lhe a diagonal;
Nariz de massa infernal,
Que, se o cálculo não erra,
Posto entre o Sol e a Terra,
Faria eclipse total!



CANTATAS

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I — A MORTE DE INÊS DE CASTRO¹

*As Filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo, chorando, memoraram.
Camões, Lusíadas, canto III*

A ULINA, SONETO

Da miseranda Inês o caso triste
Nos tristes sons, que a mágoa desafina,
Envia o terno Elmano à terna Ulina,
Em cujos olhos seu prazer consiste.

Paixão que, se a sentir, não lhe resiste
Nem nos brutos sertões alma ferina,
Beleza funestou quase divina,
De que a memória em lágrimas existe.

Lê, suspira, meu bem, vendo um composto
De raras perfeições aniquilado
Por mãos do Crime, à Natureza oposto.

Tu és cópia de Inês, encanto amado,
Tu tens seu coração, tu tens seu rosto...
Ah! Defendam-te os Céus de ter seu fado.



Longe do caro esposo Inês formosa
Na margem do Mondego,
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto.

¹ Publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 177.

Os melindrosos, cândidos penhores
Do tálamo² furtivo,
Os filhinhos gentis, imagem dela,
No regaço da mãe serenos gozam
O sono da inocência.
Coro subtil de áligeros Favónios³
Que os ares embrandece,
Ora enlevado afaga
Com as plumas azuis o par mimoso,
Ora, solto, inquieto
Em leda travessura, em doce brinco,
Pela amante saudosa,
Pelos tenros meninos se reparte,
E com ténue murmúrio vai prender-se
Das áureas tranças nos anéis brilhantes.
Primavera louçã, quadra macia
Da ternura e das flores,
Que à bela Natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de Amor ao mundo apuras
O prazer da existência,
Tu de Inês lacrimosa
As mágoas não distrais com teus encantos.
Debalde o rouxinol, cantor de amores,
Nos versos naturais os sons varia,
O límpido Mondego em vão serpeia
Co'um benigno sussurro, entre boninas
De lustroso matiz, almo perfume;
Em vão se doura o Sol de luz mais viva,
Os céus de mais pureza em vão se adornam
Por divertir-te, ó Castro;
Objetos de alegria Amor enjoam,
Se Amor é desgraçado.

² Leito conjugal.

³ Ventos que, na mitologia latina, equivaliam aos Zéfiros.

A meiga voz dos Zéfiros⁴, do rio,
 Não te convida o sono:
 Só de já fatigada
Na luta de amargosos pensamentos,
 Cerras, mísera, os olhos;
Mas não há para ti, para os amantes
 Sono plácido e mudo;
Não dorme a fantasia, Amor não dorme:
Ou gratas ilusões, ou negros sonhos
Assomando na ideia, espertam, rompem
 O silêncio da Morte.
Ah! Que fausta visão de Inês se apossa!
Que cena, que espetáculo assombroso
A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!
Em marmóreo salão de altas colunas
A sólio majestoso e rutilante
Junto ao régio amador se crê subida;
Graças de neve a púrpura lhe envolve,
Pende augusto dossel do teto de ouro;
Rico diadema de radioso esmalte
Lhe cobre as tranças, mais formosas que ele;
Nos luzentes degraus do trono excelso
Pomposos cortesãos o orgulho acurvam;
A lisonja sagaz lhe adoça os lábios,
O monstro da política se aterra,
E se Inês perseguia, Inês adora.
 Ela escuta os extremos,
Os vivos populares, vê o amante
Nos olhos estudar-lhe as leis que dita;
O prazer a transporta, amor a encanta;
Prémios, dádivas mil ao justo, ao sábio
 Magnânima confere,

⁴ Nome que os romanos davam ao vento primaveril que, na antiga Roma, soprava do sul.

Rainha esquece o que sofreu vassala:
De sublimes ações orna a grandeza,
Felicita os mortais, do cetro é digna,
Impera em corações... Mas, Céus! Que estrondo
O sonho encantador lhe desvanece!
 Inês sobressaltada
Desperta, e de repente aos olhos turvos
Da vistosa ilusão lhe foge o quadro.
Ministros do Furor, três vis algozes,
De buídos punhais a dextra armada,
Contra a bela infeliz, bramindo, avançam.
Ela grita, ela treme, ela descora,
Os frutos da ternura ao seio aperta,
Invocando a piedade, os Céus, o amante;
Mas de mármore aos ais, de bronze ao pranto,
À suave atração da formosura,
 Vós, brutos assassinos,
No peito lhe enterrais os ímpios ferros.
 Cai nas sombras da morte
A vítima de Amor, lavada em sangue,
As rosas, os jasmims da face amena
 Para sempre desbotam,
Dos olhos se lhe some o doce lume,
 E no fatal momento
Balbucia, arquejando: «Esposo, Esposo.»
 Os tristes inocentes
 À triste mãe se abraçam,
E soltam de agonia inútil choro.
 Ao suspiro exalado,
Final suspiro da formosa extinta,
 Os Amores acodem.
Mostra a prole de Inês, e a tua, ó Vénus⁵,

⁵ Deusa do amor, desposou Júpiter.

Igual consternação e igual beleza:
Uns dos outros os cândidos meninos
 Só nas asas diferem
(Que jazem pelo campo em mil pedaços
Carcases de marfim, virotes de ouro).
Súbito voam dois do coro alado:
Este, raivoso, a demandar vingança
 No tribunal de Jove,
Aquele a conduzir o infausto anúncio
 Ao descuidado amante.
Nas cem tubas da Fama⁶ o grão desastre
 Irá pelo Universo:
Hão de chorar-te, Inês, na Hircânia⁷ os tigres,
No torrado sertão da Líbia fera
As serpes, os leões hão de chorar-te.
Do Mondego, que atónito recua,
Do sentido Mondego as alvas filhas
 Em tropel doloroso
Das urnas de cristal eis vêm surgindo,
Eis, atentas no horror do caso infando,
Terríveis maldições dos lábios vibram
Aos monstros infernais, que vão fugindo.
Já c'roam de cipreste a malfadada,
E, arrepelando as nítidas madeixas,
Lhe urdem saudosas, lúgubres endeixas.
 Tu, Eco⁸, as decoraste,
E, cortadas dos ais, assim ressoam

⁶ Divindade mensageira de Júpiter que se caracterizava pela sua loquacidade.

⁷ Região da Ásia. Nota de Herculano de Carvalho: «Onde Camões tem 'Cítia', tem Bocage 'Hircânia', por metonímia.»

⁸ De acordo com a mitologia, Eco, uma ninfa, ousou censurar Juno; foi condenada a repetir eternamente a última palavra proferida pelos seus interlocutores.

Nos côncavos penedos, que magoam:

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores,
Morrei, Amores,
Que Inês morreu.

Mísero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é teu.

Sua alma pura
Nos Céus se encerra,
Triste da Terra
Porque a perdeu!

Contra a cruenta
Raiva ferina
Face divina
Não lhe valeu.

Tem roto o seio,
Tesouro oculto,
Bárbaro insulto
Se lhe atreveu.

De dor e espanto
No carro de ouro
O nume louro
Desfaleceu.

Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos uivaram,
O chão tremeu.

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores:
Morrei, Amores,
Que Inês morreu.

II — A MORTE DE LEANDRO E HERO⁹

De horrenda cerração c'road a Noite,
Surgira há muito da ciméria¹⁰ gruta;
Tapando o longo céu co'as asas longas,
Reina em meio Universo:
Ocupam-lhe os degraus do negro trono
A Tristeza, o Silêncio,
O Medo, a Solidão, o Amor e o Crime;
Voam-lhe em roda lúgubres fantasmas,
Aves sinistras pousam-lhe no grémio.
Eis manso e manso as nuvens se entumescem,
Eis o líquido peso
Rompe os enormes, carregados bojos,
Em torrentes sussurra e cai na terra.
Rebentam furacões, flamejam raios,
O estrondoso trovão no céu rebrama,
O Helesponto¹¹ nas rochas ferve e ronca.
Tu, abideno¹² amante,

⁹ Cantata publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 184. Os amores de Leandro e Hero são um tema ancestral tratado por vários autores, entre os quais se destaca Ovídio, que o incluiu nas suas *Heróides*, e Museu, poeta grego que terá vivido no século V depois de Cristo. Entre nós, Camões, Sá de Miranda, Francisco Gomes Malhão e Francisco Álvares da Nóbrega compuseram poemas sobre este trágico episódio. No seu estudo «Bocage e o Legado Clássico», publicado em *Humanitas* (Coimbra), n.º 19/20, 1968, Maria Helena da Rocha Pereira debruçou-se sobre as fontes desta cantata.

¹⁰ O país dos cimérios era, segundo a lenda, um lugar onde o Sol nunca se via.

¹¹ Estreito entre a Propóntida e o mar Egeu, no qual Hele morreu afogada.

¹² Originário de Abido, cidade que pertencia à Mísia, situada em frente de Sesto, no Helesponto.

Tu velas neste horror com a saudade.
 Já corres insofrido às ermas praias,
 Donde é teu uso arremessar-te ao pego,
 E, destro nadador, talhando as vagas,
 Teus gostos demandar na oposta margem.
 Ao longe em celsa torre, estância cara
 De Hero, sol dos teus dias,
 O brilhante sinal, o amigo lume
 (Que é no facho de Amor por ela aceso)
 Vês entre as sombras cintilar a espaços,
 E como que te acena e te suspira.
 Debalde o mar bramindo, o céu troando,
 Teu ímpeto ameaçam:
 Ardem-te n'alma os sôfregos desejos,
 Fulgurante ilusão, dourando as trevas,
 Num quadro tentador te of'rece aos olhos
 Glórias a furto, vívidos prazeres,
 Doces mistérios que da luz se temem.
 A sagaz Esperança
 Te reforça, te incita,
 Jura aplacar-te o ar, pôr freio às ondas,
 Dar-te aos suspiros da suave amada.
 Atento à meiga voz, que atrai, que mente,
 No montuoso pélagos te arrojas.
 À queda repentina alteia um grito
 O corvo grasnador na dextra parte,
 E os Ecos, despertando ao som medonho,
 Gemem nas brutas, cavernosas fragas.
 O triste agouro te arrepias as carnes,
 Teus cabelos erriça;
 Mas prevalece Amor e, expulso o medo,
 Forças a equórea, tímida braveza.
 Metade já do trânsito afanoso
 Indústria e robustez vencido haviam.
 Nisto a procela horrísona recresce,
 Tingem sombras do Inferno os véus da noite,
 Que o súbito relâmpago retalha;

Braveja o mar, aos astros se remontam
Serras e serras de fervente espuma;
Carrancudos tufões arrebatados,
Dobrando a força, a raiva, lutam, berram
E revolvem do pélago as entranhas;
Rochedo imóvel, aferrado à terra,
Rebate apenas o horroroso assalto...
Ah, Leandro infeliz! Tu já fraqueias,
A destreza, o vigor nas mãos, nas plantas
Já, mísero amador, já te falecem.
Procuras o distante, o caro lume,
Astro benigno que te influi e guia,
 Olhas, vês que te falta,
Que desapareceu, que jaz extinto;
 Suspiras, esmoreces,
Da tua doce luz desamparado.
Invocas o grão deus que rege os mares¹³:
De teus rogos não cura, imoto e surdo.
Invocas de Nereu¹⁴ potente as filhas:
Elas ardem por ti, mas, invejosas
Do objeto encantador que lhes preferes,
Às marítimas fúrias te abandonam.
Hero invocas, e Amor, e os Céus, e a Sorte:
 A Sorte é implacável,
Dos males que dispõe não se arrepende,
Teus dias sinalou de um termo infausto.
Debalde te auxilia o deus mimoso,
O alado criador de teus suspiros,
Dos amorosos bens que desfrutaste;
O facho luminoso em vão meneia

¹³ Neptuno, deus dos mares, filho de Saturno, equivalente, na mitologia grega, a Posídon, e de Reia, também designada por Cibele.

¹⁴ O apelidado «Velho do Mar», filho de Ponto e de Geia, irmão de Taumas. Do seu consórcio com Dóris, filha de Oceano, nasceram as Nereides. É representado com barbas brancas, cavalgando um Tritão.

Para encurtar-te as sombras,
E mais fácil tornar a undosa estrada;
Em vão co'as asas brandas
Tenta arrasar os orgulhosos mares.
Sobre altos escarcéus o Fado escuro
Folga, triunfa e reina,
Punge, ameaça, desespera os ventos,
Enrola a morte nas horrendas vagas.
Ela, pronta a seu mando, ela acomete
O deplorável moço.
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,
O tardo movimento eis lhe sopeia,
Pelas águas o embebe, e de Hero o nome
Do ansioso coração num ai lhe arranca.
Abaixo, acima, co'as cavadas ondas
Vai, vem mil vezes o infeliz mancebo...
Ai! Já sem vida, aqui e ali vagueia
À discrição do mar, e o mar com ele
De Sesto às praias súbito arremete;
Dá contra a torre de Hero, ali rebenta,
E deixa o triste corpo à margem nua.
Tu entretanto, carinhosa amante,
Que fazias (oh Céus!), que imaginavas?
Solitária, anelando,
Nas trevas espantosas,
Nos soltos ventos, alterosos mares
Lias de feio azar presságios feios.
Em torno à viva luz que vigiavas
(Que em raro véu com arte envolto havias,
Resguardando-a dos ares indignados),
Em torno à viva luz eis de improviso
Negro inseto voou, zuniu três vezes,
E à terceira apagou a esperta chama
(Foi no ponto funesto em que o mancebo
Com teu nome adoçou o extremo arranco);
Do repentino assombro espavorida,
Atónita, convulsa,

O agourado clarão não renovaste.
Em ânsias implorando os deuses todos,
E mais que todos o que em ti reinava,
A bem do afoito, desvelado amante
Ao nume indulgente, à Mãe piedosa
Mil incensos, mil vítimas votaste.
Depois, cevando a revoltosa ideia
 Em terríveis imagens,
Ora do moço audaz o usado arrojo
 Reprovavas contigo,
Ora a cega imprudência maldizias
Com que em tão desabrida, horrível noite
A perigosa senha¹⁵ aventuraras...
Ah, triste! Contra ti não te conjures:
Foi lei dos Fados a imprudência tua.
 Hero, desanimada,
Metida em profundíssimo letargo,
Jaz sem tino e sem voz até que aponta
A purpúrea manhã no céu já ledó.
 Farto o cruel Destino,
 Adelçara os ares,
Ao pego a mansidão restituíra
Depois que a terna vítima saudosa
Foi sufocada nas voragens feras.
Ele, o duro opressor dos desditosos,
Ele do almo prazer que os dois gozaram
Está vingado em parte, e da vingança
À Desesperação comete o resto.
Hero, ah, Hero infeliz! Tu pelas águas
Húmida vista, suspirando, alongas.
Não vês o nadador por quem desmaias,
 O teu bem não flutua
 Pelas ondas desertas.

¹⁵ Sinal.

Eis a consternação te inclina os olhos
À pedregosa areia
Onde o desventurado está sem alma.
Que vista! Que terror! As alvas carnes,
Rotas nas rochas pelo embate undoso,
Inda gotejam sangue; aberta a boca,
Parece que inda quer, que inda procura
Chamar-te, ó Hero, murmurar teu nome.

No espetáculo horrendo,
Mísera, tu reparas,
Tu... Céus! Não lhe acudis! Tu reconheces
O querido semblante, o corpo amado,
Entre as sombras da morte inda formoso:

Com palidez, que a pinta.
Gritas, arquejas, desesperas, fremes,
Deitas as mãos de neve às tranças de ouro,
E as tranças de ouro, delirando, arrancas.
Levada enfim de um ímpeto raivoso,
Te arremessas da torre, e dás, e entregas
O teu ai derradeiro ao mudo amante.
Lá jazem sobre a areia lutuosa

As vítimas do Fado;
Nas angústias mortais a linda moça
Inda, estendendo os amorosos braços,
Tenta apertar o suspirado objeto.
Apiedados delfins nas ondas surgem,
E altos sons (oh prodígio!) derramando,
Lamentam junto à praia o duro caso;
As mesmas ninfas invejosas de Hero
Soluçam de pesar nos vítreos lares.
Um marmóreo padrão se erige em breve;
Compadecidas Mãos a história triste
Gravam na lisa pedra; a pedra existe,

Mas o monstro voraz¹⁶ que rói penedos,
Comendo em parte a fúnebre escritura,
 Só deixa soletrar-lhe
 O remate piedoso,
Em meus piedosos versos trasladado,
 Carpido ao som da lira,
Inda agora de ouvi-lo Amor suspira.

Aos dois amantes
De Abido e Sesto
Ardor funesto
Deu negro fim.

Foram-lhe algozes
Os seus extremos;
Mortais, amemos,
Mas não assim.

III — MEDEIA¹⁷

Já de Colcos¹⁸ a fera, ardente maga
Hórridos versos murmurado havia,
Ao som de atroz conjuro e negra praga
Já tinha amortecido a luz do dia;
 Já co'a força do encanto
Os implacáveis monstros subjugara

¹⁶ O tempo.

¹⁷ Cantata publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 171. Segundo Bocage, esta é uma das suas melhores composições (V. «Pena de Talião», sátira em que é visado José Agostinho de Macedo). A leitura de «O Mito de Medeia na Literatura Portuguesa», da autoria de Maria Helena da Rocha Pereira, in *Humanitas* (Coimbra), vols. 15/16, 1963-1964, permite uma melhor interpretação deste poema.

¹⁸ Região situada a leste do Mar Negro que faz parte, hoje em dia, da Geórgia. Para ela se dirigiram, com Jasão, os Argonautas.

Na feia habitação do eterno pranto,
E à voz terrível, ao potente aceno
A triforme carranca enfim curvara
Do rei das sombras a feroz consorte.
Embebidas num férvido veneno
As roupas nupciais, brilhante ornato,
Em que ia disfarçada, alegre a Morte,
Instrumentos da raiva e do ciúme,
Punindo a vil traição do esposo ingrato,
O invisível por arte aéreo lume
 Pouco a pouco ateavam
Nas lisas carnes da real donzela,
 E a preferida, a bela
Miseranda rival desesperavam.
Descendente do Sol, do deus fogoso,
Tu, zelosa, frenética Medeia¹⁹,
Foste colher ao carro luminoso
Ténue, fatal porção da luz febeia;
Talhaste fulvo anel da ígnea trança,
E dele urdiste aspérrima vingança.
Estás desafrentada? Estás contente?
Nas garras da aflição Creúsa expira;
 Jasão sem alma a sente,
Jasão, que te ofendeu, Jasão delira,
Brama de horror, de angústia desfalece,
E mais que teu furor, teu dó merece.
Eis o envolve, o consterna amargo luto;
Foi falso, foi traidor, foi réu sem fruto.
Que novo crime, insólito, execrando,
 Que atrocidade insana
Vás contra a Natureza aparelhando?
Poupa os filhinhos, bárbara, inumana,

¹⁹ Figura mitológica, filha de Eetes, protótipo de feiticeira; desposou Jasão, tendo-o ajudado a descobrir o velo de ouro. Matou os seus dois filhos.

Poupa os meigos filhinhos.
Eles são inocentes,
Eles inda têm jus aos teus carinhos.
Não vês que, descontentes,
Não vês que, enternecidos,
A teu fado, a teu mal dão mil gemidos,
Soluçam, tremem, choram,
Se lamentam do pai e a mãe deploram?
Oh Céus! No coração da maga horrenda,
Natureza e Vingança
Armam fervente, pertinaz contenda:
Ora a ternura, suspirando, amansa
Dos zelos a raivosa tempestade,
Ora de agro despeito
Ao vigoroso impulso
Cede a benigna, maternal piedade.
Enfim do irado peito
Foge, voa, carpindo, Amor expulso.
Eis a mãe (já não mãe), qual impia Fúria²⁰,
Medonha e desgrenhada,
Te faz, ó Natureza, atroz injúria.
A tua doce voz em vão lhe brada,
Em vão lhe representa, em vão lhe pinta
Com mimoso pincel, com vária tinta
Áureos instantes, cenas deleitosas;
Nos meninos gentis em vão lhe aponta
De amor suave as prendas carinhosas.
Co'as imagens brilhantes
Se assanha do divórcio a crua afronta,
Dobra-se a pena, a raiva se requinta.
Já lança mão dos cândidos infantes,
E empunhando mortífero instrumento
Com que a Ternura espanca,

²⁰ Divindade infernal romana que simboliza o remorso e a vingança dos deuses.

No cerrado aposento
Estas vozes cruéis do peito arranca:
«Longe, afetos piedosos,
Longe, materno amor: estes que eu mato
São prole de Jasão, são criminosos,
Detestável porção de um peito ingrato.
Morra, morra com eles a memória
Do pérfido consorte.
Justiça, Indignação, dai-me a vitória,
Cessa de murmurar, ó Natureza,
Recebe as tenras vítimas, ó Morte.»
Nisto, em chamas do Inferno a Maga acesa,
Vibra o férreo punhal contra os mesquinhos,
Lacrimosos filhinhos.
Ao ato de os ferir lhe cai por terra,
Mas a dextra fatal de novo o aferra.
Infância, formosura, a dor e o pranto
Nada o terrível ímpeto embaraça,
Um após outro os míseros trespassa.
Tu, Ciúme cruel, tu podes tanto!
No horror da morte as vítimas arquejam,
E, inda sentindo a filial ternura,
A mãe, o algoz acarinhar desejam.
Ela, mais que rochedos seca e dura,
Denso véu lutuoso
Sobre os rotos cadáveres estende,
E aos olhos tristes do culpado esposo
A triste cena renovar pretende...
Ei-lo, ah! Ei-lo, convulso, arrebatado,
Derriba a porta da horrorosa estância
No liso pavimento ensanguentado:
Ferro mortal brandindo,
Corre a Medeia com terrível ânsia.
Ao vê-lo, em novas fúrias se afogueia,
Relâmpagos dos olhos sacudindo,
A torva maga, e súbito meneia
Com rápido sussurro a ténue vara,

Que às longas vestes do perjuro aplica.
Ele treme, ele pára,
Calado, imóvel, qual estátua fica;
Porém se perde a voz e o movimento,
Conserva ilesos vista e sentimento.
Logo o fúnebre véu Medeia alçando,
Do falsário Jasão a angústia dobra,
Aponta ao espetáculo nefando,
Mostra-lhe os filhos, e a traição lhe exprobra.
Depois, abominando os ímpios lares,
Teatro de seus hórridos furores,
As soberbas abóbadas atroa
Com mil imprecações, com mil clamores,
E em leve salto se arremessa aos ares,
E pelos ares voa
De alígeros dragões num carro enorme,
Dádiva de Prosérpina²¹ triforme.
Das Górgonas²², das Fúrias negro bando
Retorce os olhos, que arremedam brasas,
A segue, e vai correndo, e vai crestando
Com rubro facho ardente ao vento as asas.
Uníssonos alaridos
A sanhuda caterva aos Céus levanta,
E da brutal fereza
O triunfo atrocíssimo decanta.
O Sol na escuridão fica sumido,
Negreja horrorizada a Natureza,
Montanhas ergue o mar, vulcões a Terra,

²¹ Filha de Júpiter e de Ceres, foi raptada por Plutão, deus dos Infernos. É representada, ao lado desta divindade, num carro puxado por cavalos negros.

²² Monstros que habitavam perto do país das Hespérides, junto ao monte Atlas; Esteno, Euriale e Medusa eram descendentes de Fórcis e de Ceto.

Aos sons que o coro estígio²³ desencerra;
E entretanto o misérrimo consorte
Jaz entre os filhos, a lutar co' a morte.

«Triunfe (os monstros clamam,
E a Compaixão suspira),
Triunfe, reine a Ira,
Caia, pereça Amor.

«Teus raios, ó Vingança,
Jamais, jamais se apaguem,
Sempre o altar te alaguem
Ondas de rubra cor.

«Pasmai, tartáreas Hidras²⁴,
Pasma, infernal tirano;
Inda o furor humano
Transcende o teu furor.

«Da atroz Medeia o nome
Em perenal memória
Será do Averno²⁵ a glória,
E dos mortais o horror.

«Tropel de acerbos males
O mundo assalte e fira;
Reine, triunfe a Ira,
Caia, pereça Amor.»

²³ Infernal.

²⁴ De acordo com a mitologia, a Hidra tinha sete cabeças, que renasciam se lhe fossem cortadas. Foi morta por Hércules, após denodada luta.

²⁵ O Inferno.

IV — AOS ANOS DA SERENÍSSIMA SENHORA
D. MARIA TERESA²⁶

Milagroso pincel, pincel divino,
Que, os séculos transpondo,
Estendes pelo véu da eternidade
Teus quadros majestosos;
Vida sem morte, resplendor sem noite,
Ao ente humano, graduado em nume,
Nova existência, doação das Musas!
Milagroso pincel, pincel divino,
Com teu vário fulgor, com teus matizes
Ao Letes²⁷ se arrebatava
O jus terrível de sorver memórias.
Do vate a prepotência
Comete, arromba do vindouro as portas,
Aos mistérios fatais a névoa rompe,
E doutro Sol mais puro
Atrai para a virtude amenos dias.

Quando flamejas,
Estro sagrado,
Sombras do Fado
Sofrem clarão.

²⁶ Cantata publicada no terceiro tomo das *Rimas*, 1804, p. 26. Foi recitada, no dia 29 de abril de 1800, no Teatro da Rua dos Condes.

Maria Teresa Francisca de Assis Antónia Carlota Joana Josefa Xavier de Paula Micaela Rafael Isabel Gonzaga, filha primogénita de D. João VI e de D. Carlota Joaquina, princesa da Beira, nasceu no dia 29 de abril de 1793, em Lisboa, e faleceu, a 19 de janeiro de 1874, na cidade de Trieste.

²⁷ Rio do Inferno, também conhecido pelo rio do esquecimento.

Roubas portentos
Do arquivo eterno,
E até no Averno
Domas Plutão.

Acelerando os voos,
Meu rápido, fervente, alado génio,
No sem medida espaço
O monstro alcança, tragador das eras,
Dos tempos a corrente empolga, ousado;
Inúmeros fuzis de ferro e de ouro
Tenta, palpa, examina,
E em vasta série de amorosos dias
Escolhe o mais brilhante,
Desata um dia, enfim, que, raro ou novo,
Namore a Natureza, os Céus namore,
E aos mortais se afigure
Brando sorriso, com que Jove os honra.
Linda, real Maria,
Este é teu áureo dia.
Outros por lei comum, por lei constante
Se espraíam sobre o mundo;
Teu dia mais cuidado aos Céus merece,
Teu dia em modo estranho aclara o globo.
Musas, Graças, Virtudes
De rosas imortais c'roado o sobem
Ao carro, ao grémio da orvalhante Aurora²⁸.
A amada de Titão²⁹ fastosa³⁰ o guia,
Brinda com ele a Natureza ufana;
E o brilho desusado,

²⁸ Filha de Tía e da Terra, presidia ao nascimento do dia; era representada num carro de ouro.

²⁹ Melhor dizendo, Titono, filho de Laomedonte e de Estrimo, por Aurora metamorfoseado em cigarra.

³⁰ Com pompa.

Que a vítrea superfície ao Tejo esmalta,
Chama o cerúleo nume à flor das águas.
Em cândido tropel das lapas surgem
 As Tágides mimosas;
Fervendo a fofa espuma em torno delas,
 Como que sente o preçõ
 Dos virginais tesouros,
Dos tesouros de Amor, em parte avaros.
Eis no esplendor que vestem
 O Polo, a terra, as ondas,
O ledõ, níveo corõ embebe os olhos;
Eis desenfreia a voz, que enfreia os Euros,
E em mágicas torrentes de harmonia
 Os corações se perdem.
Qual o Ismário cantor³¹, prole febeia,
 Em árvores, em rochas,
Em tigres, em leões reinou co'a lira,
 Ou sobre Ausónia³² cena
Quais, Crescentini³³, teus milagres soam,
Assim do pátrio Tejo as filhas belas
 Urдем, modulam versos
 Ao Natal de Maria,
De João, de Carlota ao régio fruto,
As primícias gentis de amor sagrado:
 Como que inda, enlevado
De assombro, de prazer, tais sons escuto:

Salve, formoso dia,
Tão doce à Natureza,
Que vales a pureza
Do Olímpico fulgor!

³¹ Orfeu, oriundo de Ísmaro, monte da Trácia.

³² Italiana.

³³ Girolamo Crescentini (Urbânia, 1762-Nápoles, 1846), soprano e compositor que atuou, durante quatro anos, no Teatro de São Carlos. Regressou a Itália em 1804.

O Tempo em honra tua
Das asas se despoja,
E quebrantado arroja
O ferro assolador.

Sempre, de ti vaidoso,
Deixando os cíprios lares,
De Lísia sobre os ares
Brinque, triunfe Amor.

Vão sempre os teus instantes
De bens a bens voando,
Como Favónio brando
Voa de flor em flor.

V — À PURÍSSIMA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA ³⁴

Que espetáculo, ó Céus! Eu velo! Eu sonho!
Que diviso! Onde estou! Purpúrea nuvem
Ante os olhos atónitos me ondeia
E chuviros de luz despede à terra!
Mais bela que o fulgor que ao Sol percorre,
Alta Matrona augusta
Do vapor luminoso,
Que os Zéfiros mantêm nas ténues plumas,
Quão risonha contempla o baixo mundo!
Áureas estrelas congregadas brilham
No rútilo diadema,
Que a fronte majestosa lhe guarnece;
Áureas estrelas semeadas brilham

³⁴ Cantata publicada no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e de 1800, p. 276. Foi recitada, em dezembro de 1792, na Academia de Belas-Letras de Lisboa.

Nas roçagantes vestes,
Cor do estivo clarão que filtra os ares!
De alados génios cândida falange
Reverente a ladeia,
E, pelas níveas dextas balançados,
Pingue, fragrante aroma, em honra à diva,
Os fumosos turíbulos³⁵ derretem...
Mas que feroz dragão lhe jaz às plantas,
Sangue a boca medonha, os olhos fogo!...
Rábido arqueja, tímido sibila,
Baldadas forças prova
Contra o pé melindroso
No colo enorme, na cerviz calcada,
Que rubras conchas escabrosas forram:
Enrosca, desenrosca a negra cauda,
E em hórridos arrancos desfalece!...³⁶
Oh, triunfo! Oh, mistério! Oh, maravilha!
Oh, celeste heroína! A sacra turma,
Os entes imortais que te rodeiam,
Modulam tua glória em almos hinos,
Que entre perfumes para os astros voam...³⁷
Eis no leito arenoso as vagas dormem,
Rasas cedendo à música divina:
Pio ardor pelas fibras me serpeia,
E encurvado repito os santos versos:

Ó virgem formosa,
Que domas o Inferno,
Criou-te *ab aeterno*³⁸
Quem tudo criou.

³⁵ Vasos em que se queima o incenso nas igrejas.

³⁶ No original: «desfalece...»

³⁷ No original: «voam...»

³⁸ Para todo o sempre.

Ilesa notaste
Do mundo o naufrágio,
Da culpa o contágio
Por ti não lavrou.

Nas tuas virgíneas
Entranhas sagradas,
Do Céu fecundadas,
O Verbo encarnou.

A grande vitória
Do género humano
Contra esse tirano
De ti começou.

Depois de lograres
Triunfo completo,
Cumprido o projeto
Que o Céu meditou,

Cresceram nos astros
Os vivos, os cantos,
E as fúrias, os prantos
O abismo dobrou.

Ó virgem formosa,
Que domas o Inferno,
Criou-te *ab aeterno*
Quem tudo criou.



CANÇÕES

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I — O ADEUS¹

Suave habitação da minha amada,
Das Graças e de Amor! Feliz morada,
 Onde as mãos da Ventura
C'roaram minha fé singela e pura,
Onde, inflamado, exp'rimtou meu peito
Que há no mundo também prazer perfeito;

Leves favónios, leves passarinhos,
Que, pousados nas flores e raminhos,
 Em silêncio, me ouvistes
Canções alegres e suspiros tristes,
Porque inda o mais ditoso, enquanto adora,
Canta umas vezes, outras vezes chora;

Tejo, que à minha voz abonanças,
Que, para me atender, nem murmuravas,
 Quando injustos ciúmes
Me arrancaram mil prantos, mil queixumes,
Quando à bela constância de Gertrúria²
Fiz com suspeitas vãs cruel injúria;

Antiga pátria minha e lar paterno,
Penates a quem rendo um culto interno,
 Lacrimosos parentes,
Que inda na ausência me estareis presentes,
Adeus: um vivo ardor de nome e fama
A nova região me atraí, me chama.

¹ Canção publicada no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 157.

² A primeira amada de Bocage, que veio a casar com o seu irmão, Gil du Bocage.

Ó vós, que nos altares da Amizade
Votastes exemplar fidelidade,
 Vasconcelos, Couceiro,
Lis³ benfeitor, Andrade prazenteiro,
Vós, que em doce união viveis comigo,
Ouvi o terno adeus de um terno amigo.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o grão cantor, por quem de amores
 Inda as Musas suspiram;
Aqueles mares, onde os Gamas viram
Do rebelde, horrendíssimo gigante
Os negros lábios, o feroz semblante.

Quer a Sorte, propicia a meu desejo,
Manda-me a Honra, cujas aras bejo,
 Que com férvido brio
Contemple os muros da invencível Diu,
Donde, ó Silveiras⁴, Mascarenhas⁵, Castros⁶,
Foi soar vossa fama além dos astros.

Nos climas, onde mais do que na História
Vive dos Albuquerque a memória,
 Nos climas, onde a guerra
Heróis eternizou da lísia terra,
Vou ver se acaso a meu destino agrada
Dar-me vida feliz ou morte honrada.

³ Eventualmente, Sebastião Luís de Lis Velho. Nascido em Setúbal, no ano de 1721, seguiu a carreira militar e dedicou-se ao estudo da história e da poesia. Traduziu a *História de Luís II, de Bourbon*.

⁴ António da Silveira, famoso capitão da Índia, heroico defensor de Diu, praça sitiada em 1538 por Solimão Paxá, capitão do grão-turco. Serviu naquele território entre 1524 e 1539.

⁵ D. João de Mascarenhas (1512?-1580), que resistiu ao segundo cerco de Diu, protagonizado pelo rei de Cambaia, cujas forças eram comandadas por Coja Sofar.

⁶ D. João de Castro (1500-1548), 13.º governador e 4.º vice-rei da Índia, que recuperou a praça de Diu.

Sufocai vossa dor, porque os gemidos
Só às desgraças é que são devidos,
E, apesar da ternura,
Considerai que é sólida ventura
Seguir de altos varões o ilustre exemplo:
Por espinhos se vai da Glória ao templo.

Adeus, sócios fiéis; e tu, querida,
Cujos olhos nesta alma, à tua unida,
O primeiro empregaram
Amoroso farpão, que dispararam,
Abafa os tristes, cândidos suspiros,
Com que me vibras perigosos tiros.

Por entre a chuva de mortais pelouros⁷
A nua fronte enriquecer de louros
Eu procuro, eu desejo
Para teus mimos desfrutar sem pejo,
Pois quem deste esplendor se não guarnece,
Não é digno de ti, não te merece.

Eu te levo, meu bem, no pensamento;
Não armes contra mim neste momento
O novo, o doce encanto
Que recebem teus olhos de teu pranto;
Generosa paixão de ti me afasta:
Adeus, Gertrúria, adeus, não chores, basta.

Canção, fica segura
Nas mãos da Ninfa lacrimosa e bela;
Serás consolação e alívio dela,
Pelos olhos da mãe Cupido o jura.

⁷ Esta estrofe não consta da edição de 1791.

II — O CIÚME ⁸

Agora, que ninguém vos interrompe,
Lágrimas tristes, inundai-me o rosto,
Mais do que nunca, assim o quer meu Fado.
Enquanto o gume de mortal desgosto
Me não retalha os amargosos dias,
Debaixo destas árvores sombrias
Grite meu coração desesperado,
 Meu coração cativo,
Que só tem nos seus ais seu lenitivo.

Alterosas, frutíferas palmeiras,
Vós, que na glória equivaleis aos louros,
Vós, que sois dos heróis mais cobiçadas
Que áureos diademas, que reais tesouros,
Escutai meus tormentos, meus queixumes,
Meus venenosos, infernais ciúmes;
Ouvi mil penas, por Amor forjadas,
 Mil suspiros, mais tristes
Que todos esses, que atéqui me ouvistes.

Aqueles campos, apazíveis campos,
Que além verdejam, de meu mal souberam
A desgraçada, mas suave origem;
Ali de uns olhos os meus ais nasceram;
Ali de um meigo, encantador sorriso,
Que arreda o sereno paraíso,
Brotaram mil infernos, que me afligem,
 Que as entranhas me abrasam,
Que meus olhos de lágrimas arrasam;

⁸ Canção publicada no primeiro volume das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 161. Foi composta em Goa.

Ali de uns lábios, onde as Graças brincam,
Ouvi suspiros, granjeei favores,
Ali me disse Anarda o que eu não digo;
Ali, volvendo os ninhos dos Amores,
Cravou nesta alma, para sempre acesa,
As perigosas frechas da beleza;
Ali do próprio mal me fez amigo,
 Ali banhou meu rosto
Parte do coração, desfeita em gosto.

Novas campinas testemunhas foram
De nova glória, de maior ventura,
Tal, que julguei, logrando-a, que sonhava.
Entre as doces prisões da formosura,
Entre os cândidos braços deleitosos,
Meus crestados desejos amorosos
No alvo rosto, que o pejo afogueava,
 No néctar... ah! que eu morro,
Se em vós, furtivos êxtases, discorro.

Amor! Amor! Teus júbilos excedem
Da loira abelha os engenhosos favos,
Mais gratos são que as flores teus sorrisos.
Gostei todos os bens que aos teus escravos
Fazem tão leve a rígida cadeia,
Tão doce a chama, que no peito ondeia;
Mas oh! Cruéis teus dons, cruéis teus risos,
 Princípio do tormento,
Que já me tem delido o sofrimento.

Miserável de mim! Qual o piloto,
Que lera nos azuis, filtrados ares
Indícios de uma sólida bonança,
E eis que vê de repente inchar os mares,
Vestir-se o céu de nuvens, donde chove
O fogo vingador, que vibra Jove,

Tal eu, quando supus mais segurança
No meu contentamento
O vi fugir nas asas de um momento.

Anarda, Anarda pérfida, teus olhos,
Onde Amor traz escrita a minha sorte,
Teus mimos por mim só não são gozados!
Oh, desesperação, pior que a morte!
Oh, danados espíritos funestos,
De hórridos vultos, de terríveis gestos,
Moderai vossa queixa, e vossos brados,
Que as penas do profundo
Também, também se encontram cá no mundo.

Ver outro disputar-me o caro objeto,
Em cujas lindas mãos pus alma e vida,
Não me arranca suspiros: o tormento,
Que no peito me faz mortal ferida,
O maior dos tormentos, ó perjura,
É ver que de outrem sofres a ternura,
É ver que dás calor, que dás alento
A seus mimos e amores
Co'um riso, precursor de mil favores.

Tu não foges de mim, tu não te esquivas
Destes olhos, que em ti cativos andam;
Delícias, onde pasma o pensamento,
Doces instantes meu ciúme abrandam;
Mas ah! Não é só minha esta ventura,
Meu vaidoso rival a tem segura.
Que indigna variedade! Em um momento
Teus olhos inconstantes
Acarinham sem pejo a dois amantes.

Honra, Virtude, Agravo e Desengano
Me gritam n'alma que sacuda os laços,
Que tanto sofrimento é já vileza.

Oiço-os, protesto desdenhar teus braços,
Protesto, ingrata, converter meus cultos
Em mil desprezos, irrisões e insultos;
Mas ah protestos vão! Baldada empresa!
Sou a amar-te obrigado;
Não é loucura o meu amor, é fado.

Canção, vai suspirar de Anarda aos lares,
Mas se não lhe firmares
O instável coração, deixa a perjura,
E iremos sossegar na sepultura.

III — O DESENGANO⁹

Alma ferida e cega,
Que em grilhões vergonhosos
Adoras a mão impia, que te entrega
A males tão cruéis, e tão penosos,
Como os que sentem no maldito Averno
Os condenados entre o lume eterno;

Alma cega e perdida,
Que a doce liberdade,
O gosto, as horas, o descanso, a vida
Consagra à maligna divindade,
Antes ao monstro, que produz, que gera
Veneno inda pior que o de Megera¹⁰,

Basta, faze em pedaços
(Porque a razão te grita),
Faze, que é tempo, esses indignos laços,

⁹ Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 165.

¹⁰ Uma das Fúrias; Alecto e Tisífone eram as restantes.

Essas cadeias vis. Ó alma aflita,
A virtude, a verdade, o Céu te valha;
Vence a terrível, infernal batalha.

Conhece o baixo objeto,
Que em triunfo te arrasta;
Cuidas que um meigo, deleitoso aspeto
Para dourar os teus excessos basta?
Cuidas que um belo riso, um ar benigno,
Filho da infâmia, de ternura é digno?

Que engano! A formosura
Sem modéstia, sem pejo,
Tédio, tédio merece, e não ternura;
Eia, pois, de um frenético desejo
Enfreia, apaga os ímpetos, a chama,
E lava a nódoa com que amor te infama.

Que afronta! Que vileza?¹¹
Alma triste, alma escrava
De uma profana, sensual beleza,
De uns olhos falsos, donde Amor te crava
Mil setas, cuja ponta aguda e forte
Ervou¹² no opaco Inferno a mão da Morte,

Rasga o véu da cegueira
Fatal que te alucina;
Observa a criminosa, a lisonjeira,
Observa a loba má, que te domina,
Vê seus dolosos beijos nacarados
Fartando peitos vis com vis agrados.

¹¹ Nas edições de 1794 e 1800: «Que vileza?»

¹² Envenenou.

Contempla a desprezível:
De afagos nunca escassa,
Sem pudor, para todos é sensível;
Este chama, outro amima, aquele abraça;
Ei-la com frouxos ais, húmidos bejos,
Matando num minuto a mil desejos.

Olha aonde te abrasas:
Em torno dela o Vício
Bate as lodosas, peçonhentas asas,
E, qual submissa ovelha ao sacrifício,
Ele de Vénus ao altar nefando
A leva pela mão de quando em quando.

As lágrimas que viste
Na pérfida, que adoras,
São gerais; os suspiros, que lhe ouviste,
Não são teus, são comuns; alegres horas
Como contigo, com mil outros passa.
Vê-lhe a baixeza, esquece-te da graça.

Por gosto e por costume,
Não por domar a ardência
Do teu negro, pestífero ciúme,
Te sacrifica os teus rivais na ausência,
Que, em favor das traições com que trafica,
N'ausência aos teus rivais te sacrifica.

Ó alma! Ó liberdade!
Eu vos sinto abaladas
Pelas vozes da rígida verdade.
Vossas cadeias, por Amor forjadas,
Desejas sacudir... Sim, já vos vejo
Olhar os ferros com horror, com pejo.

Estais já forcejando
Contra o peso insofrível,
Ó liberdade! Ó alma! Estais bramando
Com ânsia, com furor, crendo impossível
Romper, despedaçar tão fixos laços
Sem o socorro de celestes braços.

A fraca humanidade
Para tanto não basta,
Assim é; mas implore-se a piedade
De um Sacro Velho¹³, que os mortais afasta
Do quase inevitável precipício,
E ante quem treme o erro e pasma o vício.

Vai, pois, canção, procura o Desengano,
Ele socorre aqueles que o procuram,
Ele o bálsamo dá com que se curam
As feridas que faz Amor tirano.

IV — O DELÍRIO AMOROSO¹⁴

Inda não bastam, minha voz cansada,
Tantos ais que tens dado;
É necessário renovar queixumes,
Queixumes de que o fero Amor se agrada,
De que zombando está meu duro fado.
Gritemos, pois, frenéticos ciúmes,
Gritemos outra vez, que dos aflitos
São triste refrigério os ais e os gritos.

¹³ O Desengano.

¹⁴ Publicada no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 169.

Carrancuda Agonia, azeda, azeda
Inda mais, se é possível,
O venenoso fel, que em mim derramas;
Doces enganos da minha alma arreda,
Deixa-lhe a dor intensa, a dor terrível
Dos ígneos zelos, das tartáreas¹⁵ chamas,
Deixa-lhe as ânsias, a peçonha, as iras,
E a desesperação, que tu respiras.

Farte-se Anarda, o variável peito,
Cujas graças me encantam,
Cujas traições no coração me ferem,
E por quem gemo, em lágrimas desfeito,
Que já mil bens dulcíssimos não cantam
Os ternos lábios meus, antes proferem
Lamentos contra Amor, contra a Ventura,
Conheça a desleal, saiba a perjura.

Sim, traidora, que o júbilo em torrentes
Viste alagar meu rosto,
Quando em teus braços possuí mil glórias,
Hoje morro de angústias, e o consentes,
Podendo-me, cruel, matar de gosto?
Oh, êxtase! Oh, delícias transitórias!
Oh, vão prazer dos crédulos amantes,
Mais fugaz que os alígeros instantes!

Cansaste, Anarda: a sólida firmeza,
Vezes mil protestada,
Votos de eterna fé, que me fizeste,
Manter não pôde feminil fraqueza,
A quem somente a novidade agrada.

¹⁵ Infernais.

Já lugar na tua alma a outro deste,
E o mais ardente amor, o amor mais puro
Não satisfaz teu coração perjuro.

Se me fugisses, se de todo as chamas,
Que por mim te abrasavam,
A nova inclinação te amortecera,
Desculpara esse ardor em que te inflamas;
Porém quanto, infiel, quanto me agravam
Os sorrisos de amor, com que assevera
Teu gesto encantador, teu meigo rosto,
Que inda propende a saciar meu gosto!

Presumes que se paga uma alma nobre,
Um coração brioso
De um sórdido prazer, torpe e corrupto
Qual esse, que me ofertas, se descobre?
Assim só pode o vil ser venturoso,
Essa fortuna por baldão reputo:
Em amor antes só ser desgraçado,
Que d'outrem na ventura acompanhado.

Vai, fermentida, que a paixão perfeita
Os seus dons não reparte,
Vai gemer noutro peito e noutros braços,
Pérfidos mimos desse infame aceita,
Enquanto juro aos Céus de abominar-te,
Enquanto arranco meus indignos laços,
Enquanto... Ah! Que falei! Meu bem, detente¹⁶,
Abafa a minha voz, dize que mente.

¹⁶ Nota de Herculano de Carvalho, no segundo volume da *Opera Omnia de Bocage*: «Isto é, detém-te. Conservamos a grafia original, porque ela representa a pronúncia exigida pela rima com *mente* no verso seguinte.»

Eu deixar-te (ai de mim!) primeiro a Terra
Mostre as fundas entranhas
Por larga boca horrível, que me trague;
Primeiro o mar e o céu me façam guerra,
Despenhem-se primeiro estas montanhas,
E a meu corpo infeliz seu peso esmague;
Primeiro se confunda a Natureza,
Que eu cesse de adorar tua beleza.

Vejam meus olhos esses teus pasmados
De um rival no semblante,
Oiça-te os ais, que com seus ais misturas,
E os agrados que opções aos seus agrados:
A tudo está sujeito um cego amante,
Que não pode quebrar prisões tão duras;
A tudo estou submisso, estou disposto,
Quero tudo sofrer, porque é teu gosto.

Terá por crime, suporá vileza
Tão cruel tolerância
Quem não sente o poder da formosura;
Porém minha alma, nos teus olhas presa,
Inda chega a temer que esta constância
Prova não seja de exemplar ternura,
E saibam, se com isto um crime faço,
Que o crime adoro, que a vileza abraço.

Sobre as asas dos ventos,
Canção chorosa e rouca,
Vai narrar pelo mundo os meus tormentos.
De almas estoicas a dureza louca
Rirá dos teus lamentos,
Mas nos servos de Amor terás abrigo:
Quando te ouvirem, chorarão contigo.

V — EM APLAUSO DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO
SENHOR LUÍS DE VASCONCELOS E SOUSA,
VICE-REI DO ESTADO DO BRASIL¹⁷

Musa, tu, que atégora ao som do vento,
Ao som dos crespos, inquietos mares,
Soltaste um vão lamento,
De mil queixumes povoaste os ares,
É tempo já: consola-te, respira,
E dignos versos ao teu vate inspira.

Não vou cantar de corações guerreiros
Impias façanhas, bárbaras vitórias:
Os heróis verdadeiros
Não são esses que adquirem torpes glórias,
Bebendo o sangue dos mortais aflitos,
Na guerra atroz, nos hórridos conflitos.

Pacífico varão dos Céus mimoso,
Alma das almas exemplar brilhante,
Um coração piedoso
Um grato gesto, um plácido semblante,
Digno de amor, de submissão, de afeto
Vai ser do meu louvor sublime objeto.

Sim, Vasconcelos, o teu nome egrégio,
Que o orbe incensa, que a verdade aclama,
Que ao pé do sólio régio
Conduz mil vezes a volátil Fama,
Na minha ingénua voz farei que soe,
Que toque ao próprio Céu, que aos astros voe.

¹⁷ Canção publicada, postumamente, por Pato Moniz in *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas de (...)*, t. IV, p. 170. Sobre esta personalidade, v. soneto n.º 305, p. 340.

Se de teus imortais antepassados
Tu não foras, Senhor, fiel transunto;
 Se a teus lustres herdados
Um génio sup'rior não vira junto,
Não te cantara: o sangue sem virtude
É vão fantasma, que aos mortais ilude.

Grande te fez a próspera Fortuna,
Grande te fez a sábia Natureza;
 Elas querem que se una
Em ti alta virtude, alta nobreza,
E aos duplicados dons que em ti diviso
Duplicado louvor será preciso.

Não só da fama nos patrícios lares
Ouvi contente ressoar teus vivas:
 Nestes mesmos lugares¹⁸
Com palavras de júbilo excessivas
Te oiço cantar por bocas que não fingem,
Por almas lisas, que meu lado cingem.

De reta¹⁹ gratidão ternos indícios
Mostram nos olhos, nas ações, nas frentes,
 E aos claros Céus propícios
Mandam votos puríssimos e ardentes,
Mandam vozes de amor e de lealdade,
Pela tua cabal felicidade.

Eu, dos braços paternos arrancado
E pela fúria de soberbos mares
 Sacudido, arrojado
A remotos, incógnitos lugares,

¹⁸ No Brasil.

¹⁹ Na edição de Inocêncio Francisco da Silva, «santa».

Onde talvez que me aparelhe a Sorte
Depois de infausta vida, infausta morte;

Eu, finalmente, com respeito interno,
Meus frouxos olhos nos teus olhos pondo,
 Teu amável governo,
Tua justiça, teus costumes sondo,
E digo então: «Senhor, só tu podias
Tornar brilhantes os meus turvos dias.»

Só tu, digno de estátuas de alabastro,
Digno de bronze que os heróis distingue,
 Melhorarás meu astro,
Astro infeliz, que o meu sossego extingue,
E poderás soltar minha alma presa
Entre as sombras da lívida tristeza.

Abatidos mortais erguer da terra,
Formar ditosos, consolar aqueles
 A que a Sorte faz guerra,
Ser pai, ser protetor e abrigo deles,
É virtude imortal, glória perfeita,
A quem do Tempo a fera mão respeita.

Se de Tito²⁰ a lembrança inda hoje dura,
Se o mundo o canta, se inda lhe erguem templo
 A saudade, a ternura,
É porque foi da probidade exemplo,
É porque ele julgou perdido o dia
Em que algum benefício não fazia.

²⁰ Imperador romano (39-81 d. C.), filho de Vespasiano. Conquistou Jerusalém (70 d. C.) e completou a construção do Coliseu.

Se do Magno Alexandre os sábios falam,
Não é, não é, Senhor, porque os seus braços
 Altos muros escalam;
É sim porque tirou de indignos laços
E de entre as garras de um destino impio
A régia prole do infeliz Dario.

Se a mantuana²¹, sonora lira
Ao prófugo Troiano²² eleva tanto,
 Não é porque ele inspira
Aos Gregos susto, aos Rútulos espanto;
É porque de entre as mortes e os assombros
O já curvado pai salvou nos ombros.

Viver debaixo do teu jugo brando,
Sentir as leis do teu poder suave,
 Teus méritos alçando
Ao palácio de Jove em metro grave,
Oh, que risonha, que benigna estrela!
Se o pensá-la é prazer, que fora o tê-la?

Surdo o Fado a meus ais e a minhas mágoas,
Deste ameno país me quer distante;
 Manda que eu busque as águas,
Onde se banha o válido gigante,
Irmão dos ímpios, que gerara a Terra,
Que ao Pai dos Deuses declararam guerra.

Mas inda lá nesses lugares broncos,
De míseros mortais mísero asilo,
 Sobre duráveis troncos
Teu nome escreverei com terno estilo,

²¹ De Virgílio, natural de Mântua.

²² Eneias, que abandonou Dido.

Mostrando que não é lisonja infame
Quem move a minha voz a que te aclame.

Ó ditoso Brasil, província bela,
Que vês na mão do herói que te domina
Toda a força daquela
A que o rápido Tejo a frente inclina²³,
Vem de novo com férvidos louvores,
Vem atizar meus trémulos clamores.

Vem... Mas basta, Canção, que mais pretendes?
Onde vás arrojarte? Ah! não prossigas;
Duns dons, que mal compreendes,
Que poderás dizer, por mais que digas?
Não escapas do assunto, que proclamas;
Só pertence aos Camões falar dos Gamas.

²³ A rainha D. Maria I.



IDÍLIOS

I — TRITÃO

IDÍLIO MARÍTIMO¹

Omnia vincit Amor.
Virgílio, *Gall.*, écloga x

À foz do Tejo, em bronca penedia,
Mínada pelas ondas salitrosas,
Prisioneiro de Amor, Tritão gemia.

Luziam-lhe as espáduas escamosas,
Sustentava o marítimo instrumento,
O búzio atroador nas mãos calosas.

Conchas da cor do líquido elemento
Parte do corpo enorme lhe vestiam,
Igual na ligeireza ao próprio vento.

Da barba salsas gotas lhe caíam,
E nos olhos, que Amor afogueava,
Em borbotões as lágrimas ferviam.

Lília, que um bosque próximo habitava,
Lília, a Napeia, desdenhosa e bela,
Amorosos clamores lhe arrancava.

¹ Idílio dado à estampa autonomamente, em 1791, com a chancela de Simão Tadeu Ferreira; no mesmo ano, foi republicado na edição do primeiro tomo das *Rimas*, com algumas alterações; veio a conhecer os prelos de novo em 1794, sendo esta lição consideravelmente diferente; a de 1800, p. 200, retoma, na íntegra, esta última. Herculano de Carvalho, in *Opera Omnia*, t. II, inventariou as variantes.

Segundo José Joaquim do Vale, in *Arte Poética*, p. 69, o idílio é uma «espécie de elegia tendente a descrever a aflição da alma, por efeito de algum inconveniente da vida, que o motivou. Já se vê que o seu estilo deve rolar sobre a melancolia, a paixão e a tristeza, apresentando somente imagens e pinturas próprias de um coração amoroso e apaixonado — o queixume, a dor, o sentimento, a saudade, a lembrança, tudo o que nasce duma justa paixão mal compensada, ou grande infelicidade, é próprio da formação do idílio.»

Um dia a viu na praia, e só de vê-la
Seu coração feroz enfeitiçado
Voou, gemendo, para os olhos dela.

Das entranhas do pélagos salgado,
Louco de amores, louco de saudades,
O queixoso amador tinha saltado.

Do pai, que abafa as negras tempestades,
Já seu voraz tormento era sabido,
E das outras equóreas² divindades.

De aéreas esperanças iludido,
Grão tempo seu espírito saudoso,
Rastejando a cruel, vagou perdido;

Grão tempo glórias vãs sonhou, teimoso,
Antes que desse frutuosa entrada
Ao acre desengano o peito ansioso.

Já pela transparente, imensa estrada
No coche rutilante o Sol corria
Após a Aurora cândida e rosada,

Quando, envolto nas sombras da agonia,
Ao vento derramava o deus amante
Tais queixas, que eu não longe, oculto, ouvia:

«Lília! Lília! Ah cruel! Ver um instante
Teus olhos garços, tuas loiras tranças
Para meu lenitivo era bastante.

² Marítimas.

Ardo, choro, e não vens, e não te amansas!
Oh Céus! Talvez nos braços cabeludos
De vil, bicórneo Sátiro descansas?

Fera, pior que os jacarés sanhudos,
Rirás, talvez, com ele, enquanto abalo
Com meus suspiros os penhascos mudos!

Ah! De zelos frenéticos estalo,
E doces ilusões desvanecendo,
Na desesperação o Inferno igualo.

Quantas serpes contém seu bojo horrendo
Vem cravar-me o letal, maligno dente
Pelas entranhas, que me estão fervendo.

Como te sofre o Céu, como consente
Que ultrajem teus desdéns a prole augusta
Do nume que maneja azul tridente³!

Não ponderas quem sou, bárbara injusta!
Se o meu rendido amor te não comove,
Nem meu grande poder sequer te assusta!

No mar à minha voz tudo se move:
Eu aos deuses undívagos intimo
Altos decretos do cerúleo Jove;

De Éolo⁴ as fúrias em tão pouco estimo,
Que até na horrível, sinuosa gruta
Com cem cadeias os tufões lhe oprimo;

³ Neptuno.

⁴ Senhor dos ventos, é citado em *A Odisseia*.

Muge o Mar, treme a Terra, o Céu se enluta
Apenas, tempestade apregoando,
Este meu búzio côncavo se escuta;

Também, se quero, os duros sons lhe abrando,
E os magos versos do cantor de Trácia⁵
Vou no rijo instrumento arremedando.

E desprezas-me ainda, e tens a audácia
De rejeitares com soberbo enfado
O filho de Neptuno e de Salácia!

Em quê, ninfa cruel, te desagrado?
Que te afugenta? As lúcidas escamas,
As verdes conchas de que estou forrado?

Pois isto, que, por feio, em mim desamas,
E que te obriga a nunca me escutares,
Gera em mais dócil peito ardentes chammas.

Oh, quantas vezes sai dos vítreos lares,
Só para ver-me, Argínia, que, em se rindo,
Enfreia os ventos, agrilhoa os mares!

A Dóris⁶, à benigna mãe fugindo,
Brando afago me traz no lácteo rosto:
O teu, vaidosa, o teu não é mais lindo;

Mas a seus doces mimos sempre oposto,
Acha meu coração, que foge dela,
E vem sacrificar o amor ao gosto.

⁵ Orfeu.

⁶ Filha de Oceano e de Tétis, mãe das Nereides.

Debalde a triste ninfa se desvela
Em finezas e em lágrimas, que tudo
Enjeito por amar-te, ó dura, ó bela!

Com semblante enrugado e carrancudo,
Lhe atalho os ternos ais, e, se porfia,
Ou as costas lhe volto, ou fico mudo.

Oh, pasmo! Nem Proteu⁷ pensar devia
Que eu por uma campestre semideia
A prole de Nereu⁸ desprezaria.

Mas ah! Já sinto Amor que me refreia
A petulante voz. Não mais, perdoa
A desesperação, gentil Napeia.

Para meus braços amorosos voa,
Voa, e verás então que alegres hinos
Meu rude búzio, respirando, entoa.

Depois de ouvires os meus sons divinos,
Mergulhando comigo, irás sem medo
Aos majestosos paços neptuninos.

Lá, no seio de um côncavo rochedo,
Jaz de meu pai a esplêndida morada,
Donde, para te ver, saí tão cedo;

⁷ Filho de Oceano e de Tétis, tinha o dom de conhecer o futuro.

⁸ O apelidado «Velho do Mar», filho de Ponto e de Geia, irmão de Taumas. Do seu consórcio com Dóris, filha de Oceano, nasceram as Nereides. É representado com barbas brancas, cavalgando um Tritão.

De ouro e safiras altamente obrada,
E de lustrosas conchas de mil cores
Com mimoso artifício variada,

Atrairá teus olhos, e os Amores,
Que te acompanham, lograrão, pasmados,
Mais prazer entre as águas, que entre as flores.

Ali sobre diáfanos estrados,
Ó Lília, a par de Tétis⁹ e Anfitrite¹⁰
Repousarão teus membros delicados;

Em honra tua festival convite
Farei aos pátrios deuses: o meu gosto
Nos mesmos imortais inveja excite.

Meu venerando pai, no sólio posto,
Com grave riso e plácida alegria,
A senil ruga alisarás no rosto;

Rubros corais, fulgente pedraria
Te oferecerá nos cândidos regaços
A chusma das Nereidas¹¹ à porfia;

Aquela mesma, que em gostosos laços
Pretende unir-me a si, teus olhos vendo,
Confio que te aperte entre seus braços.

⁹ Filha de Nereu e de Dóris, de extrema formosura, foi cobiçada por Júpiter.

¹⁰ Uma das Nereides, filha de Dóris e de Nereu, era a rainha do mar.

¹¹ Divindades marítimas, filhas de Nereu, o «Velho do Mar», e de Dóris, netas de Oceano. O seu número ascendia a 50, por vezes, a 100

Tanto poder terás! Ah! Vem correndo,
Que já seus raios de ouro o Sol dardeja
Do etéreo carro, o mundo esclarecendo:

Punge os Etontes¹², como que deseja
A queda antecipar nas águas, onde
De perto, ó ninfa, tuas graças veja.

Vem, pois, encanto meu, vem, corresponde
Ao fervoroso amor em que me inflamo,
Sai dentre a basta selva que te esconde.

Mas ai, que em vão te rogo, em vão te chamo:
Nem fazes caso de meu ser divino,
Nem das lágrimas tristes que derramo.

Peito insensível, peito diamantino,
As maviosas preces da ternura
Não amaciam teu rigor ferino.

Ah! Basta de cegueira e de loucura,
Basta de suspirar, paixão funesta,
Quem há de numa penha achar brandura?

Víboras, que jazeis nessa floresta,
Vingai-me, envenenai coò ténue dente
A ingrata que me foge e me detesta.

Sinta rábidas ânsias, como sente
Meu triste coração, de amor ferido,
Atassalhado de pior serpente...¹³

¹² Os cavalos que puxavam o carro do Sol.

¹³ Nas três edições do primeiro tomo das *Rimas*: «serpente.....»

Mas não. Fúrias do Inferno, eu vos convido,
Sois mais dignas de mim. De vós se vale¹⁴
Um deus irado, um deus escarnecido;

Rebentai de vulcão, que o mundo abale,
E a peste, que exalais do peito horrendo,
O férreo coração de Lília rale.

Calou-se, e do alto escolho à pressa erguendo
O formidável corpo, inda mais alto,
E as negras mãos, frenético, mordendo,
Por entre as ondas se abismou de um salto.

II — A NEREIDA

IDÍLIO MARÍTIMO¹⁵

À foz do Mandovi¹⁶ sereno e brando
Alicuto¹⁷ infeliz estava um dia
Amorosos queixumes espalhando,

Alicuto, o Marítimo, que ardia
Por Glaura, das Nereidas a mais bela,
Que em vítrea lapa sem pesar o ouvia.

¹⁴ Nota de Bocage: «Tritão, deidade marítima, deve pedir e não mandar às Fúrias que o vinguem; por isso o verbo *valer* me parece próprio. Juno, em Virgílio, implorando Éolo, fortifica o meu parecer.»

¹⁵ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 209.

¹⁶ Nota do autor: «Rio de Goa.»

¹⁷ Segundo Herculano de Carvalho, «nome tirado da écloga de Camões, 'A rústica contenda desusada'».

Doido pela não ver, doido por vê-la,
E nas algosas pedras debruçado,
Bradava desta sorte ali por ela:

«Tanto, ó Glaura cruel, te desagrado
Que não deixas por mim, nem um momento,
As crespas ondas, o licor salgado!?

Olha que em ais e em lágrimas o alento
Me vai fugindo, que a mordaz saudade
Me rói continuamente o sofrimento;

Olha que lá me tens a liberdade,
E que mais te não peço em recompensa,
Que um ar benigno, uns longes de piedade.

É digno tanto amor de tanta ofensa!
Ah! Que me faz odioso? A má figura?
O pé gretado, a pálida presença?

Queres só quem te iguale em formosura;
Pois sabe que jamais verás objeto
Que possa merecer tua ternura.

Não devo à Natureza um grato aspeto,
É verdade: o meu mérito consiste
Num claro entendimento e puro afeto.

Se a compasso da lira o verso triste
Entoo alguma vez, ao som canoro
Ninguém, não sendo tu, ninguém resiste.

Que provas mais fiéis de que te adoro,
Que este incansável pranto? E finalmente,
Do meu mister que requisito ignoro?

Na manobra quem é mais diligente
Que eu? Quem sabe deitar melhor o prumo?
Quem no leme, e n'agulha é mais ciente?

A carga no porão com regra arrumo,
Sei pôr à capa, sei mandar à via¹⁸,
Como qualquer piloto, e dar o rumo;

Sei como hei de correr com travessia,
E pela balestilha ou pelo oitante
Achar a latitude ao meio-dia;

Sei qual estrela é fixa e qual errante;
A Lebre, o Cisne, a Lira, a Nau conheço,
E Oríon, tão fatal ao navegante.

Talvez muito vaidoso te pareço;
Mas devo assim falar, para que vejas
Que teus desdéns, ó ninfa, não mereço;

E se o que digo é pouco, e mais desejas,
Irei, pois, outros méritos ganhando,
Até que tu de mim contente estejas.

Tentarei, por fazer teu génio brando,
Nunca tentados, nunca vistos mares,
Os meus antepassados imitando;

E agora, se teus olhos singulares
Puseres à flor d'água um só minuto,
Dando-me alívio, serenando os ares,

¹⁸ Dar o rumo.

Quero fazer-te um mimo... ai! Já te escuto,
Oíço-te já dizer que não cobiças
Donativos do mísero Alicuto;

Mas, apesar de tantas injustiças,
Hei de cada vez mais mostrar-te o fogo,
Que tu com teu rigor nesta alma atiças.

Ah! Vem, Nereida, amanse-te o meu rogo:
Se te enjoa o falar e estar comigo,
Não fales, aparece, e vai-te logo.

Topámos há três dias o inimigo
N'altura de Chaul¹⁹; travámos guerra,
Sentiu do Português o esforço antigo;

Fez-se uma presa, repartiu-se em terra
Inda agora: o quinhão que lá me deram,
Este pintado cofrezinho encerra.

Nas mãos um colar de ouro me puseram
Sobre aljófares mil; vi que, por belos,
Do teu colo e teus pulsos dignos eram.

O mesmo foi pegar-lhes, que trazê-los
Para of'recer-tos, vem (não é desdouro),
Vem aceitá-los, ou, sequer, vem vê-los.

Mas que precisas tu, se és um tesouro,
Se tens mais lindas pérolas na boca,
Se tens ouro melhor nas tranças de ouro!

¹⁹ Praça da Índia que pertenceu aos Portugueses.

Loucas ideias! Esperança louca!
Louco Amor! E of'reci com voz ousada
À filha de Nereu coisa tão pouca!

Mas se nem alma tão fiel te agrada,
Um pobre, ó Glaura, um triste marinheiro
Que mais te há de of'recer? Não tem mais nada.

Já te entendo (ai de mim!). Bem sei, primeiro,
Qual Glauco, irei vagar no pego vasto
Sobre as espaldas de delfim ligeiro;

Pelo embate das ondas será gasto
Do soberbo Neptuno o grão tridente,
E os palmares às focas darão pasto;

Lá no oposto horizonte do Ocidente
O dia apontará, primeiro (ah dura!)
Que tu me atendas uma vez somente.

Eu que fiz, miserável!? Porventura
Amor é crime! Para ser querida
Não criou Jove eterno a formosura?

A que foi, como tu, no mar nascida²⁰,
Por vencer Juno e Palas na beleza,
Mais que Palas e Juno é aplaudida.

Porém se ainda assim supões vileza
Sofreres que um mortal se afoite a amar-te,
Sendo tu de mais alta natureza;

²⁰ Vénus.

E se levas a mal o importunar-te
Com ais um coração desesperado,
Tirana, porque tardas em vingar-te?

Pune, pune este amor desatinado;
Eu não fujo, aqui estou: das ondas saia
Tragador jacaré, por ti mandado.

Sobre mim de repente o monstro caia:
Folgarás, vendo o sangue de meu peito
Às golfadas saltar, tingindo a praia;

E eu morrerei contente e satisfeito
Por escapar de estado tão penoso,
E inda mais por morrer por teu respeito.

Só temo que o meu caso lastimoso,
O deplorável fim de meus amores
Faça teu nome a todos horroroso.»

Prosseguiria o triste em vãos clamores,
Mas viu que para ali vinham remando
Nos lúbricos sadós²¹ os pescadores,
E ficou mudo, para o mar olhando.

²¹ Nota de Bocage: «Barcos de pescaria na Índia.»

III — FILENA OU A SAUDADE

IDÍLIO PASTORIL²²

Que terna, que saudosa cantilena
Ao som da lira Melibeu soltava,

O pastor Melibeu que por Filena,
Pela branca Filena em vão chorava!
Inda me fere o peito aguda pena,
Quando recordo os ais que o triste dava,
O pranto que vertia, amargo e justo
À sombra que ali faz aquele arbusto.

Tu, maviosa a choros e a clamores,
Tu, Vénus (Vénus só na formosura),
Luz de meus olhos, únicos amores
Desta alma, e seu prazer, sua ventura,
Que, reclinada, amarrotando as flores,
Descansas em meu peito a face pura,
Ouve-me os ais e as queixas de outro amante,
Que ao teu no ardente extremo é semelhante.

«Céus! (assim começou, e eu escondido
Entre as copadas árvores o ouvia)
Por vós em duras mágoas convertido
Vejo, enfim, todo o bem que possuía.
À cândida Filena estar unido
Julgastes que um pastor não merecia;
A mais doce prisão de Amor partistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

²² Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 215. Nota de Herculano de Carvalho in *Opera Omnia*, vol. II: «Sobre a origem virgiliana (na 8.ª Bucólica) do refrão no canto de Melibeu, e a sua variante final, vide Maria Helena da Rocha Pereira, 'Bocage e o Legado Clássico', texto publicado in *Humanitas* (Coimbra), vols. XIX/XX, 1968.

Mal haja a lei dos Fados inclemente!
O seu poder, o seu rigor praguejo.
Morte! Geral verdugo! Estás contente?
Já saciaste o sôfrego desejo?...²³
Mas Filena inda é viva, inda me sente
Suspirar nos seus braços: inda a bejo...²⁴
Ah, meus olhos, morreu: sem alma a vistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

Em ti, cara Filena, a sepultura
Tem de Amor, tem das Graças o tesouro;
Ali te arranca a Morte acerba e dura
Da mimosa cabeça as tranças de ouro.
Eis terra, eis cinza, eis nada a formosura...
Ah! Que não pude perceber o agouro
Com que esta perda, ó Fados, me advertistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

Um dia, há tempos, Lénia, a feiticeira,
Me disse: «Grande mal te está guardado!»
Não mo quis declarar, e ave agoureira
De noite me piou sobre o telhado:
Cuidei que perderia a sementeira,
O rebanho, o rafeiro... ah desgraçado!
Perdeste mais, e a tanto inda resistes!
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

A tua meiga voz, o teu carinho
Maior falta me faz, minha Filena,
Que lá no bosque ao rouxinol sozinho
Da presa amiga a doce cantilena.
O teu branco, amoroso cordeirinho,

²³ No original: «desejo?...»

²⁴ No original: «bejo...»

Mal que se viu sem ti, morreu de pena:
Balar saudoso, ó montes, vós o ouvistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

O meu rebanho definhou de sorte,
Depois que te perdi, que anda caindo;
Seca estes campos o hálito da Morte
Desde que ela sumiu teu gesto lindo.
Rogo-lhe vezes mil que me transporte
Lá onde, como estrela, estás luzindo,
Lá onde, alegre para sempre, existes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

A roseira também que tu plantaste,
Teu prazer, e prazer da Natureza,
Murchou-se logo assim que te murchaste,
Oh, flor na duração, flor na beleza!
A pequenina rola, que apanhaste,
Não comeu mais, finou-se de fraqueza.
Por que blasfémia, ó deuses, me punistes?
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

Já pelas selvas, ao raiar da Aurora,
Caçando, as tenras aves não persigo;
Tudo me anseia, me enfastia agora,
Nem sofro os que por dó vêm ter comigo.
Figura-me a saudade a toda a hora
Ternas delícias, que logrei contigo.
Ah! Quão depressa, gostos meus, fugistes!
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

Como as formigas pelo chão, no estio,
Ou como as folhas pelo chão, de inverno,
No aflito coração, que em ais te envio,
Jazem penas cruéis, quais as do Inferno:
Ora me sinto arder, outrora esfrio,

Desfaz-me em ânsias um veneno interno.
Talvez meus pés, ó víboras, feristes!
Ajuda, triste lira, os versos tristes.

«Nos troncos e nos mármoreos gravemos
Memórias de Filena idolatrada,
Tão digna de suspiros e de extremos,
De tantos corações tão cobiçada:
Amor! Amor! Seu nome eternizemos...
Ai, que me falta a voz! Socorro, amada;
Conforta-me dos Céus, aonde assistes.
Não mais, ó triste lira, ó versos tristes.»

IV — CRINAURA OU O AMOR MÁGICO

ÍDÍLIO FARMACÉUTRIO²⁵

Já, da noite ametade²⁶ anunciando,
O galo velador tinha cantado;
Regougavam nas serras as raposas,
Carpíam pelas árvores os mochos
E no sórdido lago as rãs coaxavam.
Por entre densas, pluviosas nuvens,
Prenhes de raios, transluzia apenas
Semimorto clarão da frouxa Lua.
Entregue ao sono, o racional jazia
Ou nos braços de Amor, ou solitário,
Sobre cama de feno, ou leito de ouro,

²⁵ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1791, 1794 e 1800, p. 220. Como assinala Herculano de Carvalho, os idílios farmacéutrios ou mágicos de Bocage radicam na 8.ª bucólica de Virgílio.

²⁶ O mesmo que metade.

Segundo teus caprichos, ó Fortuna²⁷,
Com que dás tudo a uns, a outros nada.
Só num bosque de víboras coalhado,
Fértil de sombras, sombras dos Infernos,
Num ermo, onde não há pegada humana,
Que dos magos noctívagos não seja,
Velava um deles, o amoroso Elmano,
Perto de turvo e rápido ribeiro,
Que do atro seio de horrorosa gruta
Com ríspido sussurro ia correndo.
Fantasmas infernais, que a negra Noite
Arroja à terra, sacudindo o manto,
Vagavam por ali: Górgonas²⁸, Fúrias²⁹,
Que o pavoroso Báratro³⁰ vomita,
Que exalam peste das cruéis entranhas,
As serpes as melenas assanhavam
Em torno do infeliz, queixoso amante,
Influindo-lhe a raiva, a dor e a morte.
No centro da terrível assembleia,
Com carrancudo aspeto o malfadado
Só tinha em ti, Crinaura, os pensamentos:
Tu lhe negavas o fulgor suave
Com que teu rosto os céus abrilhantaram.
Longe estavas, cruel, porém supriam
Aos olhos corporais os olhos d'alma;
Longe estavas, cruel, porém pasmado

²⁷ Deusa representada com o corno da abundância, por vezes sentada, outras de pé, quase sempre cega.

²⁸ Esteno, Euriale e Medusa, monstros que habitavam perto do país das Hespérides, junto ao monte Atlas; descendiam de Fórcis e de Ceto.

²⁹ Divindades infernais romanas que simbolizam o remorso e a vingança dos deuses.

³⁰ Precipício do qual se lançavam os criminosos em Atenas; o Inferno.

Na fantástica imagem de teu gesto,
Que vivamente Amor lhe debuxava,
Desta maneira os ares atroava:

ELMANO

Potentes versos meus, arte divina,
As tartáreas cavernas invadistes,
Comovestes Sumano³¹ e Prosérpina,
Hidras³², Cerastes³³, Fúrias atraístes;
Da fresca Lua a face cristalina
Com tenebrosas nuvens denegristes,
Domais as feras nesta horrível mata:
Só não podeis vencer Crinaura ingrata.
Versos! Versos! Oh, dádiva celeste!
Apinhando os delfins ao som da lira,
O músico Aríon³⁴ remir pudeste
Das cobiçosas mãos, em que caíra;
Desarreigaste as árvores, soubeste
As penhas derreter; Amor te inspira,
Amor a força tua em mim dilata,
E não hás de vencer Crinaura ingrata!

Versos! Versos! Nas ermas sepulturas
Com graça, pelas Graças influída,
Furtando as almas das prisões escuras,
Tornais às cinzas o calor e a vida;

³¹ Na mitologia latina, o deus dos relâmpagos noturnos.

³² De acordo com a mitologia, a Hidra tinha sete cabeças, que renasciam sempre que eram cortadas. Hércules, laboriosa e denodadamente, matou-a.

³³ Povos muito cruéis da Amatonta, que sacrificaram os estrangeiros a Vénus; a deusa transformou-os então em touros.

³⁴ Músico de Lesbos, que ganhava o seu pão tocando. No regresso a Corinto, os marinheiros do navio em que viajava quiseram atacá-lo; avisado por Apolo, atirou-se ao mar, sendo salvo por golfinhos, seres da predileção daquele deus, que o levaram ao seu destino.

A Dite³⁵, revogando-lhe as leis duras,
Tirais a Ninfa, do áspide mordida:
Tanto podes, ó arte, aos deuses grata!
Só não triunfarás daquela ingrata!

Ah! Sim, tentemos outra vez a Sorte,
A Ternura porfie, a Paixão teime;
Deixai-me, ó Desenganos, longe, ó Morte!
Deus Febo³⁶, teu fervor minha alma queime.
Eia, Vénus e Amor, dai-me um transporte
Digno de vós, ó filho! Ó mãe! Valei-me,
Não só, não só por mim, de vós se trata:
Vós venceis, se eu vencer Crinaura ingrata.

Solte-se a veia, principie o encanto;
Versos! Versos! Crinaura! Eu tos envio.
Eis nas plumas de Zéfiro³⁷ o meu canto,
Eis Íris sobre o ar húmido e frio:
Cessa o berro da rã, do mocho o pranto,
Ficam mudas as Fúrias, mudo o rio;
Lá mostra a Lua a face prateada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Esta semente, de fragrância bela,
Aos raios venerável como o louro,
Planto aqui: flores mil brotarão dela
Súbito... ah! Ei-las, é feliz o agouro.
Acendamos três vezes esta vela,
Crestemos à terceira este besouro:
Minha mestra ma deu, Canídia, a fada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

³⁵ Uma outra forma de designar Plutão, deus dos Infernos.

³⁶ Apolo.

³⁷ Vento da primavera, equivalente ao Favónio.

As amoras silvestres espremamos
Neste vaso de Alceu, mágico experto;
Sobre o licor sanguíneo desfaçamos
Folha a folha este cravo meio aberto;
Misturemos-lhe agora o mel e os ramos,
Que torrei, que moí, remédio certo
Contra o negro lacrau. Não falte nada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Pondo este roto véu, que era de Circe³⁸,
Depois batendo o pé, Lâmia podia
Converter-se em morcego e restituir-se
À forma natural, quando queria;
Eis o buço de lobo: a sábia Tirse
Com ele assombros mil também fazia,
Já com isto em serpente a vi mudada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Pus a secar debaixo de um penedo
Crescida e gorda rã, que apanhei viva;
Dois ossos lhe guardei. Pondo-lhe o dedo
Qualquer amante, seu amor se aviva;
Tem a virtude, enfim, tem o segredo
De amansar lobos: a caduca Oliva
Com eles das mãos dum foi já tirada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

A torta vara, com que Iheu fazia
Milhões de espectros negrejar nos ares,
Com que ao mínimo aceno embravecia
Plácidas auras, bonançosos mares;

³⁸ Circe era filha de Hélio e de Perse. Vivia num palácio na ilha de Ea, rodeada de animais selvagens, outrora viajantes imprudentes, por si, num toque de mágica, transformados. Célebre feiticeira que Ulisses seduziu em a *Odisseia*.

Parte do incenso, que Medeia³⁹ impia
Dava da horrível Hécate⁴⁰ aos altares,
Guardo naquela gruta ao sol vedada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Falta a cinza (ei-la aqui) do corvo branco,
Que Lícidas caçou, que tanto estimo.
Dos feridos com ela o sangue estanco,
E os quase mortos, em querendo, animo.
Eis a admirável planta, com que arranco
As mais cravadas setas, eis o limo,
E esta concha no Eufrates⁴¹ apanhada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Produzi, meus encantos, vosso efeito
Para glória de Amor e glória minha;
Venha curar o mal que me tem feito
Aquele em cujos olhos me mantinha.
Trazei-a... ah! Que prazer me inunda o peito!
Que luz, que objeto para mim caminha!
Que força oculta as forças me restaura!
Basta, meus versos: ali vem Crinaura.

V — ARSELINA⁴²

Lá onde em fofa espuma se despenha
O gárrulo Alviela⁴³ transparente
De alcantilada, ruinosa penha,

³⁹ Figura mitológica, filha de Eetes, protótipo da feiticeira, que desposou Jasão, tendo-o ajudado a descobrir o velo de ouro. Matou os seus dois filhos.

⁴⁰ Prosérpina.

⁴¹ Rio que, com o Tigre, passava nos arredores de Babilónia.

⁴² Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 226.

⁴³ Afluente do Tejo, localizado perto de Santarém.

Quando as sombras caíam do Ocidente,
Renovando seus ais a ave noturna,
E a rã loquaz seu cântico estridente,

Jazia o triste Elmano em ampla furna,
Que, roçando a corrente cristalina,
Nega o côncavo seio à luz diurna.

Ali ao som da humilde sanfonina
O pastor solitário em vãs endeixas⁴⁴
Dava às traições e às graças de Arselina
Ternas saudades, lastimosas queixas:

ELMANO

Desce, Noite piedosa, estende o manto,
Que douram do céu puro os vivos lumes;
Torna, torna este horror mais denso, enquanto
Dirijo inúteis ais aos surdos numes;
Dobra a tristeza do funéreo canto,
Ó mocho, afeito às sombras, aos queixumes,
E tu, com quem meus males só mitigo,
Instrumento fiel, geme comigo.

Arselina se entrega ao rude Algano,
Em campos, em manadas opulento;
De amor se esquece, esquece-se de Elmano,
Elmano lhe voou do pensamento.
Cruel certeza! Amargo desengano!
E inda não me abafais o ansioso alento!?
Vida, teimosa vida, eu te maldigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

⁴⁴ O autor prefere esta grafia a «endechas», para não ferir a rima.

Fujam das mães os tímidos cordeiros⁴⁵
Para o lobo voraz de hoje em diante;
Voem para os milhafres carniceiros
A pomba namorada, a rola amante;
Unam-se os céus e os íngremes outeiros,
Ó torpe Algano, aos brutos semelhante,
Que Arselina também se uniu contigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

Eu, cativo de amor, cantando amores,
Mil vezes tenho os Zéfiros calado;
Eu pelos maiorais e guardadores
O cantor, o poeta sou chamado;
Eu, e mais de uma vez, com hera e flores,
Vencedor no arraial, fui já c'roadado;
Eu passei na carreira o leve Eurigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

Algano, mais agreste e carrancudo
Que as noites em que o Sul goteja e berra,
Sabe apenas seguir o arado agudo,
E os bois aguilhoar, se acaso emperra;
Nas festas, nos serões parece mudo,
E estala, quando vê na alheia terra
Ceres⁴⁶ mais liberal, mais grado o trigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

Mas, tal qual é, dos mimos de Arselina
Goza o boçal vaqueiro, enquanto eu choro;
No colo a negra face lhe reclina,

⁴⁵ Nota de Herculano de Carvalho, *Opera Omnia*, vol. II: «Temos de novo (vide idílio 'A Nereida') o tópicos dos *adynata*, para destacar a 'monstruosidade' da união da infiel e interesseira Arselina com o 'torpe' mas rico Algano.»

⁴⁶ Deusa romana protetora das colheitas, designadamente as de cereais.

E une a mão calejada à mão que adoro...⁴⁷
Ah pastora infeliz! Que encanto, ou sina
Te fez de um monstro escrava! Eu te deploro.
Tens na tua cegueira o teu castigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

A gralha idosa com sinistro agouro,
Triste mulher, predisse-me o teu fado;
Mas ai, que vã quimera! A fome de ouro
Fez-te perjura, e fez-me desgraçado.
Tiveste por baixeza e por desdouro
Dar-te a pobre pastor de estranho gado:
Desdenhar a indigência é uso antigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

Porém no fatal dia, em que formaste
O pacto vil com sórdida avareza,
Não tremeste, infiel, não te lembraste
De tantos votos de imortal firmeza?
Das vezes que em teus braços me apertaste,
Do último excesso, da maior fineza?
Dize tu, dize, ó Noite, o que eu não digo.
Instrumento fiel, geme comigo.

Ah! Praza, praza aos Céus que ainda seja
Pesado à falsa o laço vergonhoso;
Ah! Praza, praza aos Céus, que eu inda a veja
Chorar desprezos do grosseiro esposo:
Para meu vingador o Fado eleja
O mesmo que o viver me faz penoso,
Do meu sossego o bárbaro inimigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

⁴⁷ No original: «adorno....»

As chagas que me abriu alma perjura,
A imagem da traição que nos afasta,
A ausência curará, que tantos cura,
O tempo gastará, que tudo gasta;
Mas em que fundo a néscia conjetura,
Se invencível poder me atrai e arrasta?
À cabra segue o lobo, a Amor eu sigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

O galgo esguio, a lebre temerosa
Hão de unidos brincar por entre o mato;
Tereis, branco jasmim, sanguínea rosa,
Desengraçada a cor e o cheiro ingrato;
Será mais que a do cisne harmoniosa
A voz do negro corvo, ou rouco pato,
Antes que cesse o mal, que n'alma abrigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

Enquanto o suco do tomilho amarem
Os mordazes enxames voadores,
E o Sol e a Lua pelo céu girarem,
E a mais bela estação der vida às flores,
Quanto arderem, quanto suspirarem,
Quer tristes, quer ditosos amadores,
Hão de falar de mim com dor e espanto.
Instrumento fiel, põe fim ao pranto.

VI — LÉNIA⁴⁸

IDÍLIO PISCATÓRIO

As árvores estavam gotejando,
Bramia ao longe a costa e ressoava
Pavoroso trovão de quando em quando.

Tudo horror e tristeza respirava:
Os ares, a montanha, o rio, o prado,
E mais triste que tudo Elmano estava,

O pescador Elmano, o malfadado,
Que em aziago instante a luz primeira
Viu lá nas praias, onde morre o Sado.

Tu, pernicioso Amor, fatal cegueira,
Reinavas no infeliz, que em vão carpia
Do claro Mandovi⁴⁹ sobre a ribeira.

«Oh, Náíade⁵⁰ formosa! (ele dizia)
Oh, Lénia encantadora, a meus clamores
Tão surda como a surda penedia!

Da boca, sempre escassa de favores,
Que te exala um perfume, um ar divino,
Mais doce do que o hálito das flores,

De uma palavra só pende o destino
Da paixão deplorável com que gemo,
Que se vai transtornando em desatino.

⁴⁸ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, nas edições de 1794 e 1800, p. 231.

⁴⁹ Rio que banha Goa.

⁵⁰ Divindade que presidia às fontes e aos rios.

Reduzido me vejo a tal extremo,
Tão macerado estou pelo desgosto,
Que até me esfalfa o menear do remo.

Por ti com terno pranto alago o rosto,
Por ti mil noites velo, amargurado
E ao mau relento n'almadia⁵¹ exposto.

Já que tens nos teus olhos o meu fado,
Vem consolar-me ao menos co'um sorriso,
Vai-te depois, e deixa-me enganado.

Há quantas horas estas margens piso!
Há quantas pelas ondas te procuro!
Há quantas, quantas mais te não diviso!

Da tua branda vista o raio puro,
A cor celeste, o frouxo movimento
Aclarem, branca Lénia, o tempo escuro.

Assanha as ondas o ímpeto do vento,
Negreja pelos ares o sombrio,
Grosso vapor do inverno turbulento.

Glória das Ninfas, glória deste rio,
Surge, assoma, aparece, e teus encantos
Farão súbito aqui brilhar o estio.

Ao som das águas ouvirás meus cantos,
Ou antes (se meus versos abominas)
Ao som das águas ouvirás meus prantos.

⁵¹ Nota de Bocage: «Embarcação pequena da Índia.»

Sai das húmidas lapas cristalinas,
Onde Tétis⁵² louçã contigo mora,
Tétis, em cujos braços te reclinás.

Oh feliz pescador! Oh feliz hora!
Oh dia de prazer, se te mereço,
Que saias uma vez das ondas fora!

Não posso dar-te aljôfares de preço:
Tortos búzios, seixinhos luzidios,
E amor, é o que tenho, isso te ofereço...

Que sonhos! Que ilusões! Que desvarios!
Quererás estes dons tu, que apeteças
Ais a milhares, lágrimas em rios!

Tu, que foges de mim, que me aborreces,
E que talvez contente lá no fundo
Ao eco de meus gritos adormeces!

Tu mais cruel que o tigre furibundo,
Que o jacaré voraz e as outras feras
Das toscas brenhas e do mar profundo!

Tu, que num ódio bárbaro te esmeras,
Quando a ter compaixão de meus gemidos
Até dos brutos aprender puderas!

Quantas vezes, de ouvir-me enternecidos,
Sobem à tona d'água os lisos peixes,
Que já não são do meu anzol feridos!

⁵² Filha de Nereu e de Dóris, de extrema formosura, foi cobiçada por Júpiter.

Ah! Teu cego amador morrer não deixes,
Sequer mostra-te ao longe, inda que os belos
Olhos teus, por não ver-me, ó Lénia, feixes.⁵³

Negas, talvez, piedade a meus desvelos,
Porque de lá me espreita o cabeludo,
Monstruoso Tritão⁵⁴, fervendo em zelos?

Ele é deus, eu mortal, mas não tão rudo,
Não tão negro como ele, e até lhe oponho
Um amor mais sincero e mais sisudo.

Enfim, de ser quem sou, não me envergonho,
Nem tenho, ó Lénia, que rogar ao Fado,
Quando co'a posse de teus mimos sonho.

Pergunta a quantos vêm do Tejo e Sado,
Se ali me condenou vil nascimento
A este, em que mourejo, humilde estado.

Sempre entre os mais honrados tive assento,
Venho dos principais da minha aldeia:
Não cuides que vãs fábulas invento.

Lá sobre lindas flores, que meneia
Sadia viração, cantei mil versos,
Mil versos de que tinha a mente cheia.

Trabalhos, aflições, fados adversos
A melodia, a graça me apoucaram
Em climas do meu clima tão diversos.

⁵³ *Sic.*

⁵⁴ Deus marinho, filho de Posídon e de Anfitrite. De acordo com a lenda, interveio na expedição dos Argonautas.

Porém que digo! As águas inda param,
Se alguma vez em doce, em triste canto
Meus frouxos lábios o meu mal declaram.

Só tu, ninfa gentil, desta alma encanto,
Me foges e supões que te assegura
Perpétua glória meu contínuo pranto.

Condição, insensível à ternura
Do mais perdido amante, a Natureza
Te deu para senão da formosura.

Não alardeies da feroz crueza:
Pondera que o rigor pode privar-te
De adorações, que atraí tua beleza.

Mas não, já me desdigo. Onde, em que parte
Há de existir um coração tão duro,
Que por seres cruel deixe de amar-te,

Se, qual cheia que aterra estável muro,
Tu, posto que suave e brandamente,
Avassalas o arbítrio mais seguro?

Ah! Vem por cima da fugaz corrente
Dar lenitivo à dor, que despedaça
Meu fiel coração, meu peito ardente.

Concede a tantos ais só esta graça:
Vem, Lénia, vem dizer-me, por piedade,
Que alto excesso de amor queres que eu faça.

De bom grado, e sem medo à tempestade,
Se o mandares, verás que à vela eu corro:
O mal, com que não posso, é a saudade.

Mas impia, tu não vens, não dás socorro
Às minhas aflições, aos meus clamores;
Eu caio, eu desfaleço, eu morro; eu morro...
Cavai-me a sepultura, ó pescadores.»

VII — FELIZA⁵⁵

No carro azul, de estrelas marchetado,
A deusa, que o silêncio traz consigo,
Dera a parte maior do giro usado.

No mole colmo, no grosseiro abrigo
Convertia as fadigas dos pastores
Em doce languidez o sono amigo.

Nem bocejava Zéfiro entre as flores,
Nem murmurava o Tejo, e só carpiam
Contigo, Elmano, as Musas e os Amores.

Eles teus pensamentos atraíam,
Elas na lira, a queixas costumada,
Os lassos, frouxos dedos te regiam.

Anguícoma⁵⁶ Sibila, anosa fada,
Envolta em parte do noturno manto
Numa gruta, onde jaz do Averno a entrada,

Leu, sussurrou lá de hórrido recanto
Teu destino em fatídico volume,
À luz do inextinguível amianto.

⁵⁵ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, 1794, p. 240; e na edição de 1800, p. 237.

⁵⁶ Nota de Herculano de Carvalho: «*Anguícoma* (leia-se *gu-i*), cujos cabelos são serpentes como os da Medusa.»

Foste por lei de inexorável nume,
Que chamam Sorte, condenado às penas
Do Inferno dos viventes, o Ciúme.

Negra paixão, que as almas envenenas,
Que, cevando em visões o pensamento,
Bradas pela vingança, à morte acenas,

São ternos corações o teu sustento,
E em torrentes o pranto, o sangue em lagos
Grata bebida a teu furor sedento.

Amor é todo riso, é todo afagos;
Tu, de suave planta amargo fruto,
És todo horrores, frenesis e estragos.

Como que o pobre Elmano ainda escuto,
Que ao céu volvia o rosto amargurado,
Nunca de acerbis lágrimas enxuto;

Como que ainda observo o desgraçado
Lá nos campos de Scálabis⁵⁷ antiga,
Onde está vigiando alheio gado.

Memória, sê fiel, para que eu diga
As mágoas que espreitei, pasmado e mudo,
Quando... Mas ao silêncio a dor me obriga;
Musas, falai, nem todos podem tudo.

⁵⁷ Nota de Bocage: «Santarém.»

ELMANO

Enquanto a compassiva escuridade
Adoça minha dor, minha tristeza,
Enquanto na geral tranquilidade
Se refaz a cansada Natureza,
Com prantos de ciúme e de saudade
Gastemos destas rochas a dureza.
Acompanha meus ais, brando instrumento,
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Não corre o Tejo, o vento não respira,
Lobo não uiva, mocho não pranteia,
E o doce rouxinol, que amor inspira,
Não trina afagos, nem a rã vozeia;
O ténue vaga-lume apenas gira
Pelos ares, dourando a sombra feia;
Dos queixumes de amor eis o momento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Cavei no rio, semeiei nos ares,
Presumi nos leões achar brandura,
Os ventos apalpar, conter os mares,
E no amargoso fel provar doçura,
Quando, exercendo excessos a milhares,
Quis segurar o que ninguém segura,
O feminino, errante pensamento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Qual a tenrinha flor, que o chão matiza
E os Zéfiros atrai com seu perfume,
Murcha e desbota, se o descuido a pisa,
Ou da foice a reparte o liso gume,
Tal a esperança, que me deu Feliza,
Amortecida jaz pelo ciúme,
Serpe que nas entranhas apascento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Chamam-te gosto, Amor, chamam-te amigo
Da Natureza, que por ti se inflama,
Dizem que és dos mortais suave abrigo,
Que enjoa e pesa a vida a quem não ama;
Mas com dura exp'riência eu contradigo
A falsa opinião, que um bem te chama:
Tu não és gosto, Amor, tu és tormento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Feliza de Sileu! Quem tal pensara
Daquela, entre as pastoras mais formosa
Que a vermelha papoila entre a seara,
Que entre as boninas a corada rosa!
Feliza por Sileu me desampara!
Oh, Céus! Um monstro seus carinhos goza,
Ânsia cruel me esfalfa o sofrimento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Ingrata, que prestígio te alucina!
Que mágica ilusão te está cegando!
Que fado inevitável te domina,
Teu luminoso espírito apagando!
O vil Sileu não põe na sanfonina
Jeitosa mão, nem pinta em verso brando
Ondadas tranças, que bafeja o vento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

À rude casca do carvalho anoso
É conforme o pastor que me preferes;
Ganhar na aldeia um título afrontoso
Com esse amor indigno, ó vária, queres?
Porém, de que me admiro! Ai desditoso!
Quem prende os corações das vãs mulheres?
Capricho, és tu, não tu, merecimento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Metade do infeliz género humano
Deriva da mulher gosto e desgosto,
Que ela sabe co'a voz dourar o engano,
O Inferno traz no peito, o Céu no rosto;
Seu carácter falaz, seu génio insano
De imperfeições, de vícios é composto,
Seu corpo de mil graças é portento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Mas, pastora infiel, se a melodia
Do canto em que entoava os teus louvores,
A vontade, os sentidos te atraía,
Como juraste à face dos Amores,
Dá-me a razão da horrenda aleivosia,
Que cede a torpe objeto os teus favores,
Finge-a, que eu te perdoe o fingimento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Mas que razão darás à falsidade,
Que te enxovalha, que te infama o peito,
Senão que é própria nele a variedade,
Senão que à vil perfídia o tens afeito?
Constância feminina é raridade
(Ouvi ao bom Francino este conceito),
Em vão recorde o sábio documento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Talvez.... oh ânsias! A importuna Aurora
Os ares manso e manso purpureia;
Já volve a praguejada, infeliz hora,
Que os ais me corta, as queixas me refreia;
Fujamos, pois, que a música sonora
Dos ledos passarinhos mais me anseia;
Té que a noite abrilhante o firmamento,
Cessem, lira, os teus sons e o meu lamento.

VIII — FLÉRIDA⁵⁸

Ó monte, monte estéril e escaldado,
Amiga solidão, tristeza amiga!
Eis um pobre pastor e um pobre gado,
Eu cheio de saudade, ele de fome.
Permite Amor que eu diga,
Por desafogo, o mal que me consome.
Os clamores sentidos
Da solitária Ninfa, que responde
A meus ternos gemidos
Lá da gruta ou da mata em que se esconde,
Vão ser noutros outeiros,
Vão ser noutras montanhas pregoeiros
Das ânsias a que Flérída me obriga.
E tu ouve injustiças do meu fado,
Da minha doce e bárbara inimiga,
Ó monte, monte estéril e escaldado,
Amiga solidão, tristeza amiga.

Despenhada corrente,
Modera a natural velocidade,
Ah! que, assim como foges, de repente
Fugiu do peito a Flérída a piedade;
Assim como te lanças
No vale, onde te empoças, onde cansas,
Do seio da Alegria
Caiu meu coração no da Agonia.
Para ouvires melhor um descontente,
Sumido nesta inculca soledade,
Despenhada corrente,
Modera a natural velocidade.

⁵⁸ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, 1794, p. 246; 1800, p. 243.

Passarinhos amantes,
Já cantei como vós, mas já não canto;
Passarinhos errantes,
A vil ingratitude me deu quebranto.
Flérida está-se rindo, Amor suspira,
Vendo no chão desfeita a minha lira,
Amor, que os sons piedosos lhe emprestava,
Com que o monte abalava,
Com que as águas prendia,
Com que o bruto rebanho enternecia.
Ah! Morreu-me o prazer, nasceu-me o pranto,
Não sou quem era dantes.
Passarinhos amantes,
Já cantei como vós, mas já não canto.

Ó Napeias mimosas,
Que tendes preso Amor nas tranças de ouro,
Onde o perfume dos jasmins, das rosas
Adoça o cativo ao Moço louro⁵⁹!
Ó mimosas Napeias!
Vós, que por entre as flores,
Já fugindo aos caprinos amadores⁶⁰,
Já compassando festivais coreias,
Defendeis inocente formosura
Do perigoso assalto da ternura,
Vinde, vinde atender-me;
De vós não quero amor, quero piedade,
Nem vós podeis prender-me,
Que eu deixei noutras mãos a liberdade;
Vinde ouvir minhas vozes lastimosas,

⁵⁹ Apolo.

⁶⁰ Os Sátiros, representados com chifres e patas, idênticos aos das cabras.

Mais tristes que a dos pássaros de agouro,
Ó Napeias mimosas,
Que tendes preso Amor nas tranças de ouro.

Amo Flérida bela,
Tão bela como vós, porém mais dura;
Amo Flérida, aquela
Que foi a Amor, aos Céus, e a mim perjura;
Aqueela que algum dia
Entre os cândidos braços me apertava,
Que, apenas os meus ais voar sentia,
Suspiros com suspiros misturava;
Que num terno transporte
Jurou pela alta Mão, que move o raio,
Que, a ser possível, com valor constante,
Com risonho semblante
Mil vezes tragaría o fel da morte
Primeiro (oh juras vãs!) que me negasse
Os seus olhos gentis, por quem desmaio!
Aqueela que me deixa,
Que nunca suspeitei que me deixasse.
Vós, que ouvis minha queixa,
Cordeiros, ovelhinhas,
Que para mim com mágoa estais olhando,
Promessas da cruel, promessas minhas
Vós escutastes, de prazer saltando,
Nesses dias tão bons, tão suspirados.
Ah, Ninfas! Enterneçam-vos meus brados,
Eu sátiro não sou desta espessura;
Vinde-me ouvir dizer, chorando nela:
Comigo foi relâmpago a ventura;
Assim, assim o quis Flérida bela,
Tão bela como vós, porém mais dura.

Ó Céus! Ó Natureza,
Que a Flérida formaste de outra massa,
Que lhe deste uma graça,

Qual nunca possuiu mortal beleza,
Ah! Não vedes a fera! E como abusa
Dos atrativos seus, que vós criastes,
 Que tão mal empregastes!
Parece que, zunindo, o vento a acusa!
Não vistes como pôs no esquecimento
O santo, o formidável juramento!?
Escarnecer de um mísero, que geme,
Não é dizer, ó Céus, que vos não teme?
 Não vingueis minha ofensa,
As ofensas vingai, que vos tem feito...⁶¹
Que é isto, ó deuses? Tendes-lhe respeito!
Surja letal vapor da Estige infensa
 A afear-lhe as formosas
Faces angelicais de neve e rosas,
A amortecer-lhe a luz encantadora,
 Que em seus olhos chameja;
O perjúrio da bela enganadora
Nas suas perfeições punido seja.
 Sim, vingança, castigo,
Raios contra a cruel...⁶² Mas ah! Que digo!
Coração miserável, tu deliras!
Pedes vingança, raios, e suspiras!
Vingança! Contra quem? Que pensamento!
 Que sacrílego rogo!
Ah! Não, perdoa, Amor, foi desaforo
 Da paixão, do tormento.
 Ó desejo maligno,
Feroz desejo, da minha alma indigno,
 Onde voas? Detente⁶³,

⁶¹ No original: «feito...»

⁶² No original: «cruel...»

⁶³ Em vez de «detém-te» para não ferir a rima.

As estrelas não toques,
A terrível justiça não provoques
Do braço onnipotente.

Eu vingar-me! Frenética lembrança!
O crime é menos vil do que a vingança.
Eu vingar-me! E daquela
Que, sendo tão tirana, inda é mais bela!
Elmano, morre tu, Flérída viva,
Quer branda, quer esquiva;
Respeita-lhe a pasmosa gentileza,
E vós não dupliqueis minha desgraça,
Ó Céus! Ó Natureza!
Que a Flérída formastes de outra massa.

Amor sem fruto, amor sem esperança
É mais nobre, mais puro,
Que o que, domando a ríspida esquivança,
Jaz dos agrados nas prisões seguro.
Meu leal coração, constante e forte,
Vendo a teu lado acesos,
Flérída ingrata, os ódios, os desprezos,
O rigor, a tristeza, a raiva, a morte,
Forjando contra mim, por ordem tua,
Mil setas venenosas,
Em prémio destas lágrimas saudosas,
Inda assim continua
A abraçar-se em teus olhos.... Vis amantes,
Corações inconstantes,
De sórdidas paixões envenenados,
Vós, a cujos ardores,
A cujos desbocados,
Infames apetites
A Virtude, a Razão não põe limites,
Suspirai por ilícitos favores,
Cevai-vos em torpíssimos desejos,
Tratai, tratai de louco um amor casto,

Que eu nos grilhões, que arrasto,
Tão limpos como o Sol, darei mil bejos.
Peçonhenta aliança,
Vergonhoso prazer, de vós não curo;
De ti, sim, porque és puro,
Amor sem fruto, amor sem esperança.

Vamo-nos, gado meu, suspiros, basta,
Que ninguém vos escuta
Mais que esta árvore agreste, aquela gruta,
E a corrente fugaz que a banha e gasta.
Não é delírio, que meus ais intentem
Achar piedade em coisas que não sentem,
Quando são tão tiranos
Os corações humanos,
Que folgam còos martírios que padeço?
Quando... ah, Céus! Que enrouqueço,
Já sinto o peito de gemer cansado.
Basta, suspiros, vamo-nos, meu gado.

IX — ULÂNIA OU O AMOR VENCIDO ⁶⁴

IDÍLIO FARMACÊUTRIO

Em selva onde não entra a luz do dia,
Se entranhou, alta noite, o mago Ilano,
A cuja voz o Inferno estremeia.

Contra o poder do universal tirano,
Contra Amor praticar determinava
Seu terrível poder, mais do que humano.

⁶⁴ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, 1794, p. 253; 1800, p. 250.

A funéreo cipreste, onde cansava
Mesto mocho importuno o som pressago,
Que à negra solidão o horror dobrava,

Não longe de um dormente e turvo lago,
Em que esparzia a rã seus roucos gritos,
Se encostou suspirando o triste mago.

Na aberta, esquerda mão tinha as malditos
Preceitos da Ciência tenebrosa,
Com sangue de hidra por Medeia escritos;

Tinha na dextra a vara portentosa,
Que acordava os cadáveres na escura,
Subterrânea morada pavorosa.

Mil e mil serpes, de hórrida figura,
A par dele apinhadas se enroscavam,
Zoando em torno a lóbrega espessura.

Os noturnos luzeiros desmaiavam,
As asas os Favónios encolhiam,
Medrosos dos conjuros que esperavam.

Eis que ele os olhos, que em paixão ferviam,
Pelo denso lugar correndo em roda,
Aos encantos que as Fúrias constrangiam,
Estes medonhos versos acomoda:

ILANO

É meia-noite em ponto, é tempo idóneo
Ao rito, ao ato, fértil de prodígios.
Descrevo um amplo círculo na terra,

Firo co'a planta o chão, co'a vara os ares,
E do torvo Sumano⁶⁵ ao reino escuro
Mando o forçoso, pertinaz conjuro.

Ó tu, que lá na região da morte
Dás leis com férreo cetro em férreo trono,
Mercê do roubador que, à luz surgindo,
Veio arrancar-te do Vergel Trinácrio⁶⁶,
Outorga-me o favor que em ti procuro,
Hécate⁶⁷, sê propícia a meu conjuro.

Já cem vezes o Sol tem assomado
Sobre o purpúreo, lícido horizonte,
Depois que intenso ardor me escalda as veias,
Depois que adoro Ulânia... ah! Que um rochedo
É menos frio que ela, é menos duro.
Hécate, sê propícia a meu conjuro.

Potentes, magas vozes sussurrando,
Já outrora esmagar tentei debalde
A víbora de Amor que rói meu peito,
Qual pasce em Prometeu o açor⁶⁸ bravio;
Mas de novo os prestígios aventureiro.
Hécate, sê propícia a meu conjuro.

Reina o silêncio, dorme a Natureza,
Menos eu, menos vós, ó rãs, ó mochos,
Sócios da noite, da tristeza amigos!

⁶⁵ Plutão, rei dos Infernos.

⁶⁶ Nota de Herculano de Carvalho in *Opera Omnia*, vol. II: «O Jardim da Sicília (Trinácrio), onde Perséfone colhia flores, quando foi surpreendida e arrebatada pelo deus das estâncias infernais.»

⁶⁷ V. nota ao soneto n.º 354, p. 391.

⁶⁸ Nota de Herculano de Carvalho: «Mais do que um açor, é de facto uma águia a que devora continuamente o fígado do infeliz Prometeu agrilhado.»

Calai-vos, não turbeis as sérias coisas,
Os misteriosos versos que murmuro.
Hécate, sê propícia a meu conjuo.

Se o mágico poder me dobras hoje,
Fusco bezerro, de enramadas pontas,
O altar que te erigi na vasta furna,
Tinto de negra cor, cor que te é grata,
Em ondas banhará de sangue puro.
Hécate, sê propícia a meu conjuo.

Ah! O agouro é feliz: da esquerda parte
Crestou fulmínea luz o véu da noite;
Já debaixo dos pés me foge a terra,
Já sulfúreo vapor o Averno exala
Por bocas mil, que abriu no brônzeo muro.
Hécate, sê propícia a meu conjuo.

De tantos e tão graves professores
Desta arte que transcende a Natureza,
Nem um só tem notícia do tesouro,
Que me deu moribundo o velho Ormano,
Meu mestre, a quem devi alto conceito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

Herdei de Alcina⁶⁹ o cálix encantado,
Que os que nele bebiam transformava
Em rios, feras, árvores, penedos;
Tenho o anel com que Angélica formosa⁷⁰
Invisível tornava o doce aspecto.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

⁶⁹ Nota de Bocage: «Vide *Orlando Furioso* de Ariosto, canto 10, estância 45.»

⁷⁰ Nota de Bocage: «Vide o mesmo no canto 11, estância 6.»

Conservo o coto da cerúlea⁷¹ tocha,
Que só nas ermas horas da alta noite
Empunhava Canídia, quando, oh Manes,
Soltas as tranças, enfiado o rosto,
Ia abanar-vos o marmóreo leito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

De uma fera que imita a voz humana⁷²,
Que os mortos do sepulcro extrai, faminta,
Em caixa de azeviche os olhos guardo;
Convertem-se-lhe em pedras, quando morre:
Da cova de Merlim trouxe-os Bieito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

O nítido pavês do mago Atlante⁷³
É meu também: no alífero ginete
Com ele o velho a quantos se lhe opunham
Atónitos e cegos derribava.
Da matéria solar parece feito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

Com estas e mais coisas milagrosas
Têm caído a meus pés soberbos touros,
Leões horrendos, maculosos tigres;
Mas contra ti, cruel, que me devoras,
De outras mais presentâneas me aproveito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

⁷¹ De cera, como nota Herculano de Carvalho.

⁷² Nota de Bocage: «Hiena, animal de quem Plínio e outros contam fabulosos prodígios.»

⁷³ Nota de Bocage: «Vide *Orlando Furioso*, canto 2, estância 56.»

Roçando a singular planta meratro⁷⁴,
Restaura a serpe o lume aos turvos olhos:
Contra tua cegueira e teu veneno
No desengano assim minha alma encontre
Luz salutar, antídoto perfeito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

Nos bosques de Ida⁷⁵ o cervo asseteado
Correu ao dictamo⁷⁶, engole-o, cai-lhe a frecha:
Com igual prontidão ceda aos prestígios
Aquele que invisível me trespassa,
Ulânia, dura Ulânia, a teu respeito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

Eis lume acendo coò fuzil de Ormano,
Que produz instantânea labareda
Sobre a línea matéria a que se aplica.
Já pega, estala, ondeia roxa flama,
E em cima os pós venéficos lhe deito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

Com ferrugínea agulha uma picada
Dou sobre o coração deste morcego,
E digo: como a esta ave noturna
Pelo golpe mortal se escoa a vida,
Tal tu me fujas, que me tens sujeito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

⁷⁴ Nota de Bocage: «Veja-se a *História Natural* de Plínio.» Herculano de Carvalho cita André de Laguna: «El zumo exprimido de sus tallos y de sus hojas, y seco al sol, se mezcla útilmente en todas las medicinas preparadas para aguzar la vista.»

⁷⁵ Nota de Bocage: «Monte de Creta.»

⁷⁶ Nota de Herculano de Carvalho: «Adaptação do latim *dictamus* [...], que designa várias plantas, aplicando-se aqui a uma espécie de poejo.» Na edição de 1794, «corre ao dictamo».

Com rígido cordel de sete cores
Enleio vezes três esta figura,
Que a desabrida Ulânia representa;
Outras tantas depois me curvo à deusa
Das trevas: o ímpar número é-lhe aceito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

Bem como nesta pedra de amianto
Arde pasmosa chama inextinguível,
Se ateie e ferva em mim perpétua sanha,
Implacável rancor contra o tirano,
Que esmaga os corações em laço estreito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

Dou três nós nesta fita de três pontas,
E co'as palmas das mãos eis os desfaço,
Esfregando-os somente: o nó que deste
Na minha liberdade, oh monstro cego,
Com prodígio maior seja desfeito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

Do modo que este corvo, rociado
De sonífero humor, qual o do Letes,
Cabeceia, estremece e cai sopito⁷⁷,
Cale, adormeça em mim tenaz lembrança
De Ulânia, da cruel, e a teu despeito
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

Como a gárrula⁷⁸ rã no charco imundo
A vozear de noite é costumada,
Tu, execrando algoz da Humanidade,

⁷⁷ Adormecido.

⁷⁸ Loquaz.

A tragar os mortais, a encher a Terra
De males sem medida estás afeito.
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

Mordo as mãos, bato o pé, retorço a vista,
As filhas de Aqueronte⁷⁹ arremedando,
E com tremenda praga Amor fulmino.
Pérfido, injusto! Engulam-te os Infernos;
Basta, obedece ao mágico preceito,
Sai, venenoso Amor, sai de meu peito.

Oh Céus! Que assombro! Os olhos se me enxugam
Aos tristes lábios os sorrisos voltam!
Já n'alma os furacões, que me agitavam,
Trocados sinto em plácida bonança!
O encanto produziu ditoso efeito:
Amor cedeu, fugiu, deixou meu peito.

X — AS TÁGIDES⁸⁰

IDÍLIO PISCATÓRIO

Nem só comove o tom de altos cantores,
Enternece também, também recreia
Ao som de cristalina e tarda veia,
A rude e baixa voz dos pescadores.

⁷⁹ Segundo a mitologia, um dos rios do Inferno.

⁸⁰ Publicado no primeiro tomo das *Rimas*, 1794 e 1800, p. 259. Este idílio constitui, segundo Herculano de Carvalho, uma imitação da égloga vi, de Camões — «A nova contenda desusada». Foi «oferecido em Goa a Sebastião José Ferreira Barroco, desembargador da Casa da Suplicação e secretário do Estado da Índia.» Este estadista exerceu ainda o cargo de juiz dos Feitos da Fazenda e da Coroa (1802) e foi um dos intervenientes da «Guerra dos Poetas», que dilacerou a *Arcádia Lusitana*, na qual adotou Albano como pseudónimo literário. A sua poesia foi elogiada por Filinto Elísio e pela Marquesa de Alorna. Bocage dedicou-lhe ainda o soneto «Geme Barroco: a fraca humanidade».

Tu, pois, cujo pincel produz mil flores
Dos campos que Hipocrene⁸¹ aformoseia,
Queixumes contra Armia e Dinopeia
Ouve a seus desgraçados amadores.

Ais que deram no Tejo, aqui voaram,
Depois de serem lá desatendidos
Das Tágides⁸² cruéis, que os motivaram;

Agora vão parar nos teus ouvidos,
E neles com razão, Sebástio, param,
Que não te enojas de escutar gemidos.



De Sadino e Tagano os vãos clamores
Em tosco verso renovar desejo,
Ambos amantes e ambos pescadores.

Parece-me que ainda os oiço, os vejo,
Como quando escondido os espreitava
Onde, salgado já, sussurra o Tejo.

No regaço de Tétis⁸³ descansava
O louro Febo⁸⁴, à porta do Ocidente
A Noite⁸⁵ sobre o carro negrejava;

⁸¹ Fonte consagrada a Apolo e às Musas.

⁸² Ninfas do Tejo.

⁸³ Filha de Nereu e de Dóris, ostentava extrema formosura. Foi cobiçada por Júpiter.

⁸⁴ Apolo.

⁸⁵ Deusa das trevas, filha do Céu e da Terra. Desposou Érebo, filho dos Infernos, sendo representada com vestidos negros, pontuados com estrelas.

Ia para os casais a rude gente,
Só do curto batel os dois soltavam
Queixas, lágrimas, ais inutilmente.

Morriam de saudades, suspiravam
De amor por Dinopeia e por Armia,
Que entre o coro das Tágides brilhavam.

O choroso Tagano a voz erguia,
E Sadino após ele: eu sempre atento
Decorava entretanto o que lhe ouvia,
E tal era o recíproco lamento:

Tagano

Armia, no semblante mais serena
Que o manso Tejo azul, quando nem bole
A ténue viração na tarde amena,
Embalando o raminho curvo e mole;
Mais impia a quem por ti nem olhos cerra,
Que o tubarão no mar, que o lobo em terra.

Sadino

Dinopeia, mais loira e mais corada
Que a nuvem da manhã, do Sol ferida,
Mais branca, mais gentil, mais engraçada
Que a deusa que é dos deuses tão querida⁸⁶;
Mais cruel, mais fatal a um triste amante,
Que o canto da sereia ao navegante.

⁸⁶ Vénus.

Tagano

Mil vezes corro a praia, ora apanhando
Conchinhas para ti, bela inimiga,
Outrora dos penedos arrancando
Raiados mexilhões, de que és amiga:
As mãos, por te agradar, mil vezes firo,
E nem sequer me sofres um suspiro.

Sadino

Ruivas lagostas, maculosas trutas,
O salmonete, o pâmpano te of'reço
Para atrair-te, para ver se escutas
Parte das penas que por ti padeço;
Mas se vou dar-tos, foges de improviso,
E nem sequer me enganas co'um sorriso.

Tagano

Viste bater no baixo pedregoso
Mísera nau, dos ventos impelida,
Que, aberto o frágil centro cavernoso,
Em breve pelas vagas é sorvida?
Pois, qual a triste nau sobre os escolhos,
Minha alma vim perder nesses teus olhos.

Sadino

Não tens visto das ondas agitada
A boia, sem parar um só momento,
Ou quem sobre escarcéus com ânsia nada,
Quase rendido à fúria do elemento?
Pois tal meu coração, por culpa tua,
Em amorosas lágrimas flutua.

Tagano

Inda, ninfa cruel, não te entenece
Um triste, em pranto, em ais quase desfeito?
Ah! Que não sabes quanto mal parece
Um feroz coração num lindo peito,
Num corpo delicado alma tão dura,
Tanta maldade em tanta formosura!

Sadino

Não basta ainda, ó Tágide, não basta
De ofensas, de rigor, de iniquidade?
Em que peito arderá paixão mais casta
Do que a minha paixão? Quem na lealdade,
Quem me vence no amor? De um teu benigno,
De um teu suave olhar quem é mais digno?

Tagano

Querem-se os brutos: amam-se os golfinhos,
E os outros peixes no interior das águas;
Dão-se mil beijos os fiéis pombinhos,
A todos causa Amor prazer ou mágoas,
Só tu, que o seu poder não reconheces,
Nem por Amor te alegras, nem padeces.

Sadino

Gemer o deus da guerra⁸⁷ os Céus ouviram
Pela filha do mar, mãe dos Amores;
Namorado Neptuno as ondas viram,
E ao selvático Pã os seus pastores;
Ardeu também por Ácis Galateia⁸⁸:
Quem te resiste, Amor? Só Dinopeia.

Tagano

Se por ser pescador te desagrado,
Se o meu sórdido ofício te injúria,
Também com redes Glauco⁸⁹ foi criado,
Glauco viveu também da pescaria:
Que importou ser humilde? É deus agora,
Hoje como deidade o mar o adora.

Sadino

Se acaso de meu rosto a cor tostada,
Meus pés grosseiros, meu cabelo escuro,
E esta mão, das escotas calejada,
Me ganham teu desprezo amargo e duro,
Vê que nem só na graça e na beleza
Faz consistir seus dons a Natureza.

⁸⁷ Marte.

⁸⁸ Filha de Nereu e de Dóris, repudiou Polifemo; este, despeitado, matou Ácis, o catalizador das paixões daquela ninfa.

⁸⁹ Deus marinho, filho de Posídon e de uma Náíade. A ingestão de uma erva facultou-lhe a eternidade.

Tagano

Eis por entre as estrelas vem raiando
A alva Lua... Eia, assume, ó ninfa bela,
Teu brando corpo sobre o Tejo brando,
E sobre o Tejo brilhará mais que ela;
Dá, dá glória a meus olhos... Mas ai, louco,
Que esfalfo em gritos vão o peito rouco!

Sadino

Deixa, causa gentil de meus martírios,
Deixa o fundo arenoso, é tempo, amansa
Com tua vista as ânsias, os delírios
Desta alma, que sem ver-te, não descansa.
Vem, pois, e o meigo Amor contigo venha...
Mas triste, com quem falo! Ah! co'uma penha.

Tagano

Suaves esperanças atégora
Nutri de amaciar teu génio duro,
Que, por costume ao coração que adora,
Sempre se representa um bem futuro;
Mas menos cego já, menos insano,
Ouvidos quero dar ao desengano.

Sadino

Atégora pensei que os teus rigores
À força das finezas cederiam,
Que minhas queixas, lágrimas e amores
Ao menos compaixão te inspirariam;
Crédulo fui, mas já, desenganado,
Conheço que o meu mal provém do Fado.

Tagano

Já não te aflijo mais, cruel, sossega,
Repousa, vive alegre e descansada;
Nunca mais, apesar da paixão cega,
Com meus gritos serás importunada;
Mas teme que dos deuses a vingança
Venha punir tão bárbara esquivança.

Sadino

Já me calo, cruel, já não prossigo
Nestes vãos desaforos da amargura;
Assaz desperdicei meus ais contigo,
Desperdiçá-los mais será loucura;
Mas treme, treme, ainda que te escondas:
O raio vingador penetra as ondas.



Faltos de alento os dois aqui pararam,
Um para o outro olhando,
Em silêncio a chorar continuando,
E depois que esgotaram
De infrutuosas lágrimas o peito,
Se foram recolher no tosco leito.

XI — ELFIRA

IDÍLIO FARMACÊUTRIO OU MÁGICO⁹⁰

O duro inverno as árvores despia,
Pelos cumes da serra branquejavam
As néveas cãs ao túrbido Janeiro;
Lodoso o rio, em rápida torrente
Excedendo as barreiras pedregosas,
Dos campos destruía o verde ornato;
Relâmpago fugaz crestava os ares,
Fendia o negro bojo às altas nuvens
Co'a momentânea luz, que a espaços doura
O proceloso horror; de quando em quando
Sentia-se o trovão roncar ao longe;
Envolta num cerrado, escuro manto,
Estava semimorta a Natureza.
Já por entre o crepúsculo soltava
A estrela ocidental⁹¹ seu frouxo lume,
Já da Ciméria⁹² cova a mãe das sombras
Vinha no carro de évano esparzindo
Silêncio, confusão, pavor, cegueira;
Vinha com denso véu, das mãos pendente,
Dando prazer a Amor, lugar ao Crime.
Eis saúda Lorveu a amiga Noite,
Lorveu sumido em húmida caverna,
Em subterrânea abóbada gretada,
Onde, ó Lua, onde, ó Sol, depois de haveres
Vingado o cume azul dos céus brilhantes,
Pelas fendas do teto entrais a medo.
(E onde agora a profunda escuridade

⁹⁰ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 93.

⁹¹ Vénus.

⁹² Uma das entradas do Hades.

Mantém a densidão, o horror sustenta
Entre desmaios de cerúlea vela,
Cujo avaro clarão sai dum recanto,
E parece, a tremer, que receoso
Está da habitação ou do habitante.)
Teus preceitos fatais ele professa,
Ciência horrenda ao Mundo, às Fúrias grata,
Ciência atroz, que os Áquilos⁹³ enfreias,
Que ora em rasa campina o mar convertes,
Ora em montes de espuma aos céus o elevas,
E, revogando as leis ao Fado, à Morte,
Do seu cárcere eterno os Manes soltas.
No duro chão do lóbrego aposento
Mistas em bando o mágico rodeiam
Tristes aves de agouro: a preta gralha,
Tu, mocho velador, tu, corvo infesto;
A víbora mordaz ali serpeia,
O negro sapo imundo aos pulos berra,
Ali se aninha o lânguido morcego,
E ali, à vária turba presidindo,
O mestre insigne das tartáreas artes
Revolve agora os mágicos mistérios
Na mente absorta em lúgubres ideias;
Murmura agora os hórridos conjuros,
Os versos a que anui a estígia deusa⁹⁴.
Indo principiar seu rito infando,
Três vezes lhe estremece o lar medonho,
O pálido carão se lhe afogueia,
Aos olhos cor da noite os lumes torce,
Carrega um tanto o ríspido sobrolho,
Erriça-se-lhe a grenha, arqueja, espuma,
Vibra a vara eficaz e açoita os ares,

⁹³ Ventos fortes.

⁹⁴ Perséfone, deusa dos Infernos.

Sussurra, bate o pé. Súbito a chusma
De aves e bichos pávida emudece.
Vendo em silêncio tudo o fero mago,
Nos astros embebido, assim se exprime:

Áureas estrelas, que inspirais na Terra
Diversas condições, diversos fados,
Do influxo que de vós se desencerra
Hoje os encantos meus sejam tocados.
De Amor, que anda comigo em dura guerra,
Os farpões adoçai, no Inferno ervados;
Meus destinos vencei cruéis e adversos:
Astros potentes, ajudai meus versos.

Tríplice⁹⁵ deusa, ó Hécate, ó consorte
Do torvo rei que o Báratro governa⁹⁶,
Vós, Manes⁹⁷, vós, Euménides⁹⁸, tu, Morte,
Que vos cevais no horror da sombra eterna;
Minos e os dois irmãos⁹⁹, a quem por sorte
Coube exercer do dano a lei superna,
Punir traidores, aterrar perversos,
Sede-me atentos, escutai meus versos.

⁹⁵ Nota de Herculano de Carvalho, in *Opera Omnia*, vol. II: «[...] por ser representada por três figuras de mulher de costas voltadas uma para as outras, cada uma segurando nas mãos diversos objectos que simbolizavam os seus poderes e atributos.»

⁹⁶ Plutão.

⁹⁷ Deuses do Inferno, os denominados deuses «debaixo», por oposição aos «superiores», divindades celestiais.

⁹⁸ O equivalente às Fúrias, violentas deusas, génios do mundo infernal.

⁹⁹ Éaco e Radamonta, que foram nomeados juizes dos Infernos, para julgar os mortos.

Tu, que as luzes de Febo, ó Cíntia¹⁰⁰, aclaram,
Hoje o teu quinto giro estás fazendo,
Hoje do seio maternal brotaram
Plutão e as filhas de Aqueronte horrendo¹⁰¹;
E os que serras de serras carregaram,
Sacrílegos aos Céus arremetendo¹⁰²:
Este dia fatal o encanto aspira.
Triunfai, versos meus, da ingrata Elfira.
Tirana, por quem são meus males tantos
Quantas areias volve o mar consigo,
Por quem vou desfazendo em ais e em prantos
O coração, que em ti não acha abrigo,
Podendo sujeitar-te a meus encantos,
Só de humilde brandura usei contigo,
Mas já que um doce amor em vão suspira,
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

Peito, a ferinos peitos semelhante,
Rebelde à Natureza, hoje veremos
Se o que não podem lágrimas do amante
Podem do iroso mágico os extremos.
Tolher não hás de que a vitória cante,
Com forças desiguais vencer queremos:
Eu com versos e amor, tu só com ira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

¹⁰⁰ Nota de Herculano de Carvalho: «Sobrenome de Diana, por ser venerada no monte Cinto, na ilha de Delos, sua Pátria.»

¹⁰¹ Nota de Herculano de Carvalho: «Plutão, como o deus subterrâneo por excelência e como deus da fecundidade da Terra. Quanto às Erínias, juntam-se aqui duas tradições: a que as faz filhas da Terra (Gaia), fecundada pelo sangue de Urano, que Cronos mutilara, e a que as considera geradas pela união da Noite (Nyx) e de Aqueronte.»

¹⁰² Os Titãs.

Segredos murmurando o mago astuto,
A Lua arranca da azulada esfera,
Reclama as almas a Caronte¹⁰³ hirsuto,
Da vasta Natureza as leis altera;
Das três gargantas adormenta o Bruto¹⁰⁴,
De sombras cobre o Sol, no Averno impera:
Mesmo aos Céus, quando quer, terror inspira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

As regras que estudei co'a fada Olena
Vinguem minha paixão e o teu desprezo;
Dois ramos de cipreste, um de verbena
Queimo no enxofre de repente aceso;
Ao mocho agourador tiro uma pena
Junto da cauda e, pelas asas preso,
Agora o cresto na sulfúrea pira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

Deste apertado círculo no meio
Ponho a sinistra mão, depois o apago;
Três vezes para trás aqui passeio,
E debaixo dos pés três rãs esmago;
Raspo esta pedra que do Ganges veio,
Trazida por Fatino, ilustre mago:
Insofrível calor de si transpira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

Esta figura, que em metal gravada
É de audaz campeão, que um tigre aterra,
Esta figura, talismã chamada,
Mil virtudes simpáticas encerra.

¹⁰³ Génio do mundo infernal. Tem como missão passar as almas para a outra margem do rio dos mortos.

¹⁰⁴ Referência a Cérbero, o cão trífauce que vigiava a entrada dos Infernos, por Orfeu ludibriado.

Bem como a fera aqui representada
Se rende ao bravo herói, caindo em terra,
Renda-se-me a cruel, o encanto a fira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

Lidai, artes venéficas. Eis nesta
Já morna decocção da dormideira¹⁰⁵
Três vezes de um morcego alago a testa,
E cairá dormindo à vez terceira.
Misturo cinco folhas de giesta
Com a flor amarela, que não cheira,
E súbita fragrância, ei-la respira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

Como esta cera se derrete ao lume,
O rijo coração de Elfira escassa,
Adorando o poder do idálio nume¹⁰⁶,
Em lágrimas piedosas se desfaça.
Como arde esta resina, este betume,
Como se aferra aos dedos esta massa,
Presa, ardendo por mim, quem já te vira!
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

Encravo de urso preto as duras garras
Na garganta loquaz de corvo antigo,
Fazendo verdejar três secas parras.
Elfira? Inda não vens? (Com ânsia digo.)
Torro na quente cinza estas cigarras,
De areca¹⁰⁷ três porções depois mastigo,
Fruto que a corrupção proíbe ou tira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

¹⁰⁵ De acordo com o dicionário de Moraes Silva: «Fervura num líquido de substâncias medicamentosas, cujos princípios solúveis se desejam obter.»

¹⁰⁶ Afrodite, cujo templo se situava no monte Idálio.

¹⁰⁷ Nota de Bocage: «Areca, fruto da arequeira, planta da Índia.»

Qual, pungido da sede, em pouco espaço
Voa o rápido cervo à fonte amena,
Caminhes tu, meu bem, com leve passo
A mitigar meu pranto e minha pena...
Mas Céus!... Eu vejo Elfira!... Elfira abraço!...
Eis, eis dos olhos seus a luz serena...
Ah! Menos conseguiste, Orfeu, co'a lira.
Não mais, encantos meus: cedeu-me Elfira.

XII — ULINA ¹⁰⁸

IDÍLIO PISCATÓRIO

De Pedrouços na praia extensa e fria,
Quando, extinguindo os astros, apontava
No corado horizonte a luz do dia,

Sozinho um pescador se lamentava,
Enquanto na tenaz fateixa preso
Seu batel sobre as ondas flutuava.

De amores o infeliz perdido, aceso,
Derretia-se em lágrimas queixosas,
Provando amarga dor, cruel desprezo.

Ulina, irmã das Tágides formosas,
E inveja das irmãs, a bela Ulina
Lhe motivava as ânsias lastimosas.

Em seus olhos gentis, com que domina
Rendidos corações Amor tirano,
Em sua linda face e voz divina

¹⁰⁸ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 111.

Perdera a liberdade o terno Elmano
(Assim se nomeava o triste amante,
Que ainda não cedia ao desengano.).

«Ó tu (clamava o cego, o delirante),
Filha das ondas, como as ondas pura,
E também como as ondas inconstante!

Que mal te fiz, que mal? Porque tão dura
Negas doce atenção, doce piedade
Aos ais de amor, aos prantos da ternura?

Se és prole de Nereu¹⁰⁹, se és divindade,
De feia ingratidão como te infamas,
Vício que enche de horror a Humanidade?

Que prémio dás ao coração que inflamas!
Teu prazer, teus amores me chamaste,
Teu ódio, teu desgosto hoje me chamas.

Risos e afagos em desdéns trocaste,
Risos e afagos mil com que os sentidos,
Com que os livres sentidos me enlaçaste.

Meu canto foi suave a teus ouvidos,
Hoje aos ouvidos teus somente é grato
O rouco, inútil som dos meus gemidos.

As lágrimas de amor que em vão desato,
Amarguras que em míseros clamores
À terra, ao vento, ao mar e ao céu relato,

¹⁰⁹ O «Velho do Mar», deus que trata os marinheiros com benevolência.

Dobram-te as iras, cevam-te os rigores,
E de balde a teu lado estão carpindo,
Chamando-te à piedade os nus Amores.

De seus ais, de meu mal tu, impia, rindo,
Tens por timbre, por glória a tirania,
Manchas co'um génio fero um rosto lindo.

Noite mais clara para mim que o dia
Minha prisão forjou, quando eu folgava
No regaço da paz e da alegria.

Ferindo a lira, ao ar meus versos dava
Nesta lustrosa praia; a branda Lua
Lá no cume dos céus então brilhava.

Eis sobre as águas límpidas flutua
Das Ninfas o tropel, e Amor me of'rece
O sereno esplendor da face tua;

Confusamente aos olhos me aparece
Entre as mais, e um sagaz pressentimento
De todas por melhor te reconhece;

Levaste-me na voz o pensamento,
Sendo, ó Ninfa, o momento de escutar-te
Da minha perdição fatal momento.

Vieste sobre a margem reclinar-te,
Jurando que meus sons encantadores
Puderam dentre as ondas arrancar-te.

Absorto me deixaram teus louvores,
E o ver das belas Ninfas a mais bela
Mover-se à rude voz dos pescadores.

Que noite para mim, que noite aquela!
Tempo, que tudo estragas e devoras,
Ah! Não me roubes as memórias dela.

Horas do meu prazer, benignas horas,
Ao menos consolai na ideia um triste,
Tende sequer fantásticas demoras.

Oh Céus! Com quanto júbilo me ouviste,
Minha adorada Ulina, e quão mimosa
Que volvesse a teus olhos me pediste!

Que vezes nesta praia deleitosa
(Que, ufana de gozar teu meigo rosto,
Mais fresca se tornava, e mais formosa)

Pintaste em brando olhar o amor e o gosto!
Vieste, encanto meu, lograr comigo
As amenas manhãs do claro agosto!

Venturas que idolatro e que não digo,
Altas venturas em que trago a mente,
O carinhoso Amor me deu contigo.

Ah! Que nunca o prazer foi permanente,
Arremeda ao relâmpago a alegria,
É tão fugaz como ele, e tão luzente.

Quando serenas glórias possuía,
E erguido ao céu de Amor meu pensamento
Do térreo mundo vil já nada via,

Agros zelos traçaram num momento
A minha desventura, e quis a Sorte
Fartar-se nos meus ais, no meu tormento.

Qual súbita rajada aguda e forte
Que ao ledo, ao descuidado navegante
Esperança e baixel destrói co'a morte,

Tal para meu amor foi outro amante,
Que, por ti, ninfa ingrata, olhado apenas,
Viu terno acolhimento em teu semblante.

Desde então me aborreces, me condenas
Do desdém, do ciúme e da saudade
Às negras aflições, às duras penas.

Horrenda, carrancuda tempestade,
Que rebenta nas rochas e enegrece
Dos mares e dos céus a claridade,

À que tolero em mim não se parece:
Em breve aquela afrouxa e se abonança,
Nesta de dia em dia a fúria crece.

Mas, oh cruel, tristíssima lembrança!
Se ao menos de outro o mérito purchasse
A meus vivos desejos a esperança,

Se outro, digno de ti, me despenhasse
Neste abismo de horror, nesta agonia,
E os prazeres em flor me desfolhasse,

Desculpara a traição, a aleivosia,
A soberba, o desdém com que me tratas,
Quando fagueiro amor te merecia;

Porém, de puros laços te desatas,
E num sórdido nó tua alma prendes,
Exemplo das cruéis e das ingratas.

Esse rival abjeto a quem te rendes
Não sabe em mole verso harmonioso
Cantar-te as perfeições com que me acendes;

Não é constante, fêrvido, extremoso,
Pranto de amor aos olhos não lhe acode,
Não conhece o que vale um ai piedoso.

As redes e os anzóis apenas pode
Introduzir no mar có'a mão bisonha,
E a isca preparar que o peixe engode.

Oh, quanto me envilece e me envergonha
Esta amargosa ideia! Oh Céus! E é crível
Que Ulina um torpe amante me anteponha!

Ciúme abrasador, paixão terrível,
Deixa-me, ou tu, Razão, Razão sagrada,
Presta-me auxílio, torna-me insensível.

Na mente por Amor incendiada
Apaga, desvanece-me os encantos,
As graças e o poder da minha amada;

Rompe-me um jugo tão penoso a tantos,
Corre... Mas, ai de mim! que em vão te imploro;
És surda a minhas preces, a meus prantos.

Não, não me atendes, e a infiel que adoro
Se paga, e se gloria, e se recreia
Com as perdidas lágrimas que choro.

Ó tu, que lambes a ditosa areia,
Onde gozei mil gostos, mil favores,
Mar, que a muda bonança agora enfreia,

Propício à minha dor e a meus clamores,
Sacode a mansidão. Tu, rei dos ventos,
Teus monstros solta, excita-lhe os furores;

Travem raivosa guerra os elementos,
Enquanto no alto pego a sepultura
Escolho, por fugir aos meus tormentos.

Noturnas aves da morada escura
Venham, voando aqui, carpir de dia
Os rigores de Ulina ingrata e dura.

Amor, que tantos bens me prometia,
Quebre os cruéis farpões que me abrasaram,
Lance um ai de piedade e de agonia.

Os delfins, os tritões, que me espreitaram
Mil vezes de sentidos, de invejosos
Quando amorosas ditas me encantaram,

Agora enternecidos, maviosos,
Vejam como parece um triste amante
Por culpa só de uns olhos tão formosos.

Brilhe alegre sorriso em teu semblante,
Origem do meu mal, doce inimiga,
Surge a ver-me entre as águas flutuante.

Graças ao mar piedoso, à morte amiga,
Ingrata, o seu poder (pois não te abrando)
Ao menos dos teus laços me desliga.»

Disse, e com turvos olhos foi trepando
Ao agro pico de rochedo ingente,
Que as ondas porfiosas vão cavando.

Para os Céus ergue a vista, e de repente
Se arroja, se despenha o desgraçado,
Vítima da paixão, do mal que sente.

Eis que do seio do licor salgado
Salta a ninfa gentil, mimosa e nua,
Dos ternos olhos seus objeto amado.

«Espera, caro amante, inda sou tua!
(Exclama, e transportada as mãos lhe lança.
O infeliz arrancando à morte crua.)

Espera, torna em ti, não há mudança
No meu cândido amor; de vãos ciúmes
Com fingida traição tomei vingança.

Não cometo a perfídia que presumes,
Sou qual fui, sou fiel...» (E orvalha entanto
De chorosa piedade os puros lumes.)

À voz e à vista do seu doce encanto
No ansioso pescador, no amante aflito,
Qual foi a confusão! Qual foi o espanto!

De prazer desmaiou, soltando um grito,
E a Ninfa padeceu no susto a pena
Do suposto, fantástico delito.

Suspirando, o conduz à praia amena,
Onde lhe dá dulcíssimos instantes.
De puros gostos inefável cena,
Sempre te gozem corações amantes.

XIII — ARMIA¹¹⁰

INTERLOCUTORES: ELMANO, JOSINO

Josino

Salve, meu caro Elmano, enfim, voltaste
De Scalabis¹¹¹ aos campos, onde outrora,
Cantando os versos teus, nos encantaste.

Porém que avesso te diviso agora
Do que estavas então! Fere-te o peito
Interna mágoa, que se vê por fora.

Pastor, às Musas e à ternura afeito,
Que mal te aconteceu? Talvez padeces
O de amor, a que tudo está sujeito?

Elmano, o antigo Elmano, ah! não pareces.
Conta-me, por quem és, o teu desgosto,
Quanto o devo sentir já tu conheces.

Elmano

Banhai-me sempre, lágrimas, o rosto,
Té que este corpo mísero e cansado
Tenha na fria sepultura encosto.

Choremos, coração desenganado,
Chorai, Ninfas gentis, gentis Amores,
Com lágrimas de sangue o nosso estado.

¹¹⁰ Publicado no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 100. Josino era José Salinas de Benevides Ferreira Nobre, de acordo com Bocage, no prefácio ao segundo tomo dos seus poemas, seu «oficioso amigo, uma das pessoas mais beneméritas e qualificadas de Santarém.»

¹¹¹ Nota de Bocage: «Santarém.»

Ó Céus! Ó rio! Ó árvores! Ó flores!
Eis o mais consumido, o mais saudoso
Entre a turba infeliz dos amadores.

Josino

Refreia o terno pranto copioso,
E co'um peito fiel reparte, amigo,
Danos que te granjeia o Fado iroso.

Se és qual foste, qual fui, qual sou contigo,
Dize-me a tua mágoa, o teu segredo,
Que no meu coração terá jazigo.

Como que nos acena este arvoredado,
Movendo-se tão manso que parece
Estão soprando os Zéfiro a medo.

Sentemo-nos: contado o mal decrece,
A queixa é natural, e a filomela,
No raminho cantando, a pena esquece.

Imita, meu pastor, o exemplo dela,
Do peito amargurado a voz desata.
Que pastora te aflige, ingrata e bela?

Elmano

Pastora bela sim, mas não ingrata,
Dá motivo a meu pranto, a meu tormento,
Não mata de rigor, de amores mata.

No momento em que a vi (fatal momento!)
Para seus olhos meigos me voaram
A vontade, o prazer e o pensamento.

Eles a noite carrancuda aclaram,
Neles as Graças vivem, neles moram
Os que ardentes farpões em mim disparam.

Deles o Céu e a Terra se namoram,
Serenos como as águas em remanso,
Lindos no gosto e lindos quando choram.

Dei por eles meu siso e meu descanso,
Custam-me esta saudade, esta agonia,
E os ais que sem proveito aos ares lanço.

Josino

Torno a dizer, se extremos de algum dia
Inda te não passaram da memória,
Claramente de mim teus males fia.

Desse queixoso amor a inteira história,
Dando-te a dor lugar, saber quisera:
Crê que a ninguém por mim será notória.

Elmano

Se da amizade a força me não dera
Causa, ó Josino, a declarar qual ando,
Também meu mal por mim ninguém soubera.

Lá onde o Tejo teu, que vai manando
Tão claro para o mar, se dana e torna
Em salgado e feroz, de doce e brando,

Vasta planície de árvores se adorna
Junto de um fresco vale, onde sereno,
Murmurante cristal no chão se entorna.

Dos Arroios se chama o vale ameno;
Além dele o casal tem num recosto
Armia, por quem ardo e por quem peno.

Ela e Feliza, em voz, em modo, em rosto,
Em tudo, sendo irmãs, diferem tanto
Como em calor difere abril de agosto.

A fama que por lá ganhei no canto
Os meus laços teceu, guiou-me um dia
À minha desventura, ao meu encanto.

De ouvir-me curiosa, a mãe de Armia
Roga a dois sócios meus, Montano e Fido,
Me levem ao casal onde vivia.

Segui-os, fui, olhei, fiquei perdido
De amores e desejos por aquela
Que nunca fugirá do meu sentido.

Descansei mansamente os olhos nela,
Mudo lhe expus meu mal, e a vi, e achei-a
Fagueira, maviosa, além de bela.

Já leda nos meus versos se recreia,
Minha lira lhe apraz, e em meus louvores
Não sofre se antecipe a língua alheia.

Calados, mas dulcíssimos favores
Desfruto do meu bem, e ambos sentimos
Os brandos corações arder de amores.

Ligados desde a hora em que nos vimos,
Fomos passando o tempo em doce estado,
Em furtiva ternura e cautos mimos.

Da mãe e irmãos de Armia era prezado
(Irmãos, porque esquecia o moço Anselo,
Que sempre então me desejava ao lado).

Porém tu, da Inocência atroz flagelo,
Tu, ó Calúnia vil, num fero instante
Nos foste malograr tanto desvelo.

Ditosos neste amor igual, constante
(Turbado às vezes só pelo ciúme,
Necessária pensão do peito amante),

Dávamos ternos ais e algum queixume,
Sem recear mudanças da Ventura,
Vária por génio, vária por costume.

Eis se arma em nosso dano, eis se conjura
Contra a nossa alegria um maldizente,
Tão mordaz como as feras da espessura.

Péssima produção de má semente,
Ínfimo pegureiro, o vil Domicio¹¹²,
Que dali longo tempo andara ausente.

Era, por compaixão, por benefício,
Aceito, recebido, agasalhado
Nos lares onde Amor me foi propício.

Em baixas cantilenas mal versado,
Às vezes, mas de balde, usar queria
Das Musas imortais o dom sagrado.

¹¹² Domingos Caldas Barbosa (Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1738-Lisboa, 9 de novembro de 1800), seu rival na Academias de Belas-Letras.

Este, pois, com sagaz aleivosia
(Sem que jamais de mim provasse ofensa)
Um sedutor me finge à mãe de Armia.

Ela acredita o monstro, em raiva intensa
Arde contra a paixão que em nós conhece,
Olha-nos já com ríspida presença.

Claro de dia em dia o tédio crece,
Converte-se em rigor o afago dantes,
Tudo nos desampara e nos empece.

Nós, desvalidos, míseros amantes,
Com disfarces em vão cegar queremos
A cuidadosa mãe e os circunstantes.

Todos a nosso amor contrários vemos;
Comigo desleais Montano e Fido
Condenam quais delitos meus extremos.

Para tormentos mil eu fui nascido;
Quis sofrer o pior, sacrificar-me
Àquela que me tinha ali rendido.

A furto não deixava de amimar-me,
Dizendo-me: «Tolera a mãe raivosa
Até que o tempo as fúrias lhe desarme.»

Mas vendo, a seu pesar, minha alma ansiosa
Que de alguns dons que devo à Natureza
O desconto me faz Fortuna irosa,

Ousado me arrojai a estranha empresa,
Fugi subitamente ao caro objeto,
Para evitar-lhe a maternal dureza.

No peito a dor e a palidez no aspeto,
Morrer longe de Armia, amante e bela,
Era ao princípio meu feroz projeto.

Mas o fervente amor que me desvela
Me disse ao coração que não perdesse
A glória, o bem de padecer por ela.

À morte eu antepus este interesse:
Se alguém a si prefere a sua amada,
O fiel, o extremado amante é esse.

Em fugir ao meu bem vi requintada
Esta acesa paixão que me transporta,
Paixão que é tão leal quão desgraçada;

E, dado todo à mágoa que me corta
O triste coração, sem tino a mente,
Com alma esmorecida ou quase morta¹¹³,

Deixo aqueles contornos de repente,
Desertos, solidões achar desejo
Onde as aves da noite andem somente.

Mil vezes canso, vezes mil forcejo
Por caminhar no mato onde me entranho,
E enfim (sem saber como) aqui me vejo.

Josino

Com lágrimas as tuas acompanho;
Mas a quem, meu pastor, conhece o mundo
Nenhum mal como o teu se faz estranho.

¹¹³ Nota do autor: «Imitação de Ferreira na *Castro*.»

A sólida exp'riência em que me fundo
Bravezas das paixões em mim quebranta,
Salvando-me de um pego tão profundo.

Amor nos multiplica e nos encanta,
Docemente ligado à Natureza,
Os homens, os mortais ao Céu levanta;

Mas se influi o prazer numa alma acesa,
Às vezes, todavia, em nós se aferra,
Qual monstro de impia garra, aguda presa.

O velho Auliso não treslê, não erra
Em dizer e afirmar que amor é fogo,
Fogo devorador de toda a Terra.

Mas cumpre haver, Elmano, um desafio,
Um corte nas paixões. Valor, constância,
Não chores, cai em ti, cede a meu rogo.

Os males diminui a tolerância;
De amor o ativo incêndio se modera
Coòs auxílios do tempo e da distância.

Atento neste prado, a dor tempera;
Vê como brilha na planície amena
A vistosa estação da primavera.

Olha a corrente como vai serena,
Ouve quão branda pelos ares soa
Das aves a amorosa cantilena.

Elmano

Primeiro que este mal que me magoa
Cesse de me afligir, serão gostosos
Os ecos do trovão que o mundo atroa;

Serão sem graça os pássaros mimosos,
As estrelas sem luz, sem pranto a Aurora,
Bravos os cabritinhos buliçosos.

Josino

Não te quero oprimir, pranteia embora,
Mas em penhor de afeto ao puro amigo
Ao menos um prazer concede agora.

Acompanha meus passos, vem comigo,
Que já são horas de acolher-se o gado.

Elmano

Sim, Josino fiel, eu vou contigo,
Mas sofre lamentar-se um desgraçado.¹¹⁴

¹¹⁴ Nota do autor: «Este idílio, como verá o leitor versado nisso, é escrito no estilo de Fernando Álvares do Oriente.»

XIV — ARMIA

IDÍLIO PASTORIL ¹¹⁵

*Tardi s'avvede
D'un tradimento
Chi mai di fede
Mancar non sa.*

Metastásio, *Clemenza di Tito*,
ato II, cena I

Já tinha a Noite estendido
O véu de estrelas bordado,
Estava o campo deserto,
Mudo o vento, o mar calado,

Quando Elmano, o triste Elmano
Para desgraças nascido,
Suspirava, em amorosos
Pensamentos embebido.

A lira, que noutro tempo
Sanhudas feras domava,
Rochedos embrandecia,
Turvos ares azulava,

A lira, que dantes fora
Recreio e glória d'Amor,
Já não adoçava as mágoas
Do consternado pastor.

¹¹⁵ Publicado postumamente. Perfilhámos a lição de Inocêncio Francisco da Silva, *Poesias de (...)*, t. II, p. 396.

Jaziam pela violência
Das paixões e dos destinos
Rotas as cordas brilhantes
Que espalharam sons divinos.

A descorada Tristeza
Posse do infeliz tomava,
E viçosas esperanças
Em desenganos trocava.

Armia, a formosa Armia,
No coração lhas plantou;
Armia, a pérfida Armia,
No coração lhas murchou.

Seu definhado rebanho
Em torno dele balava,
Que, de si mesmo esquecido,
Só de Armia se lembrava.

Rouca a voz, pálido o rosto,
Junto ao Tejo sussurrante
Pranteava solitário
Destarte o mísero amante:

«Ecos, que morais nas grutas,
Ondas, ventos que dormis,
Ah! Como não vos despertam
Clamores de um infeliz!

«Vós, a quem tenho enviado
Tantas queixas, tantos ais,
Sois surdos, sois insensíveis,
Oh Céus, que me não vingais!

«Por vós a traidora Armia
Jurou de me ser leal;
Vingai, profanados numes,
Vosso respeito e meu mal.

«Ah! Porque não quis minha alma
Crer nos presságios que ouviu,
Quando Armia os falsos votos
Neste lugar proferiu?

«Súbito as ondas bramiram,
Todo o ar se enegreceu,
Secou-se aquele ribeiro,
Aquela rocha tremeu.

«Horrendo à parte direita
Funesto corvo grasnou;
Três vezes o ouvi, três vezes
Junto de mim revooou.

«Estremeci, mas a ingrata
Que me despreza e me enjeita,
Não palpitou; já vivia
A tais enganos sujeita.

«Já mil amantes por ela
Haviam sido enganados;
Já mil vezes tinha ouvido
Predizer-lho a voz dos fados.

«Eu inda então não sabia
Que o semblante e o coração
Diferem; julguei-lhe a alma
Pela ext'rior perfeição.

«Ditoso de mim, se crera
No que o Céu me anunciou!
Mas Armia co'um sorriso
Meus terrores dissipou.

«Em torrentes de delícias
Engolfado o pensamento,
Me esqueci de que não pode
Durar o contentamento.

«Quando os humanos proteges,
Ó Fortuna, a condição
Com que outorgas teus favores
É a curta duração.

«Desta amargosa verdade
Posso, posso exemplo ser
Eu, que nos olhos de Armia
Bebi celeste prazer.

«Ah! Para que vens pintar-me,
Para quê, fatal memória,
Os luminosos instantes
Da minha perdida glória?

«Gados, bosques, fontes, penhas,
Arvoredos, prados, flores,
Vós, vós fostes testemunhas
De meus ditosos amores.

«Quantas vezes no regaço
Do meu bem, da minha amada,
Lancei recentes boninas,
Dons da estação namorada!

«Quantas vezes ajudado
Dos Amorinhos, com elas
Lhe aumentava a formosura
Das longas madeixas belas!

«Quantas vezes a teu lado,
E à sombra de antigo ulmeiro,
Quando o Sol se ia sumindo
Por detrás daquele outeiro,

«Misturei com meus prazeres,
Falsa Armia, os teus louvores,
Adormecendo os Favónios,
Pondo inveja aos mais cantores!

«Ao som da amorosa lira
Meus brandos versos voavam;
Eram teus olhos piedosos
As Musas que me inspiravam.

«Fitos, pasmados, absortos
D'alta glória os meus enchiam:
Mil desejos me pintavam,
Mil segredos me diziam!

«Mas neles só não fiada,
Também co'a voz maviosa,
Tingindo-te a face entanto
Lindo pejo cor-de-rosa.

«Nestas fagueiras palavras,
Cortadas de ternos ais,
Nestas mimosas palavras
Que te não hei de ouvir mais:

«Quando em Armia (afirmavas)
Feias traições encontrares,
Verás, suspirado amante,
Unidos os céus e os mares.

«Só tu, meu bem, me arrebatas
A vontade, o pensamento;
Vivo de ver-te e de amar-te,
E detesto o fingimento.

«Teu coração desafoja,
Que entre temores flutua;
Não desconfies, Elmano,
Não temas, pastor, sou tua.»

Cuidei que a voz da verdade
Soava na voz de Armia...
Deuses! Céus! Que horror! Que assombro!
A desumana mentia.

Não duraste longamente,
Encantadora ilusão!
Desfez amarga experiência
Os fantasmas da paixão.

Dareis crédito, mortais,
Às perfídias que lamento?
Ó terra, treme! Apagai-vos,
Ó luzes do firmamento!

Armia, que ser só minha
Votara ao deus dos Amores,
Recebe, acolhe, premeia
Mil cultos, mil amadores.

Cansada já de fingir,
Me aborrece, me desdenha,
E em azedar meus tormentos
Toda a tirania empenha.

Aquela, por quem movido
De ufano, aceso transporte,
Às vezes me presumia
Superior ao Fado e à Morte,

Meus ledos competidores
Sem pejo, sem susto afaga,
E pelo rasgado peito
Me vai dilatando a chaga.

Ai de mim! Nem quer ouvir-me
Tristes ais, tristes queixumes;
Manda que sofra calado
Os devorantes ciúmes!

Fero Amor, e assim me roubas
O siso, o prazer e a paz?
Os frutos que tens são estes?
Estes os prémios que dás?

Bem como em agra montanha
Descuidado caminhante,
Contemplando a face pura
Do céu risonho e brilhante,

De repente, quando a planta
Mover distraído vai,
Em precipício profundo
Faltando-lhe a terra, cai;

Assim do alteroso cume
Da minha falaz ventura
Caí no medonho abismo
Da desgraça e da amargura.

Ah, desleal, que em meus males
Sacias tua fereza,
Que estimas ver-me penando
Entre as garras da tristeza!

Se ninguém seus fados vence,
Se é meu fado arder por ti,
Suspirar, morrer de amores,
Ao menos não seja aqui!

Se a vida, que tu condenas
A tormentos e ansiedades,
Hão de roubar-ma desprezos,
Antes ma roubem saudades.

Não posso (ai de mim!), não posso
Vingar minhas aflições,
Proferindo em tua afronta
Raivosas imprecações:

Não temas que pelos troncos
Vá teus enganos lavar;
O terno, infeliz Elmano
Nasceu para te adorar.

E a traição, que em tantas almas
Com raiva, com ódio vi,
Doce ingrata, me parece
Menos horrorosa em ti.

Adeus, eu parto a sumir-me
Nas sombras d'erma floresta,
Até perder a cansada
Vida fatal que me resta.

Ali do mocho agoureiro
Me há de ser suave o canto;
Ali, sem que te dê glória,
Livre correrá meu pranto.

Ali não verei ao menos
Desvanecidos rivais,
A cevar-se em meus martírios,
A sorrir-se de meus ais.

Mas ah! Se opostos não fossem
Os sentimentos em nós,
Loucos, Elmano podia
Ser tão feliz como vós.

Vós suspirais pela posse
Das externas perfeições;
Vós cobiçais os deleites,
Eu cobiço os corações.

Fartai-vos de ouvir mil vezes
Juramentos de paixão
Que profere a voz de Armia,
Sem que o saiba o coração.

E vós, quando o quis a Sorte,
Meu prazer, cuidados meus,
Cordeirinhos, ovelhinhas,
Amado rebanho, adeus!

Eis para sempre vos deixa
O vosso infeliz pastor;
Vai findar seus turvos dias,
Triste vítima de Amor.

XV — MÁGOAS AMOROSAS DE ELMANO¹¹⁶

*Oh fortunati miei dolci martiri,
S'impetreró che, giunto seno a seno,
L'anima mia nella tua bocca io spiri!*

Tasso, *Jerusalém Libertada*, canto II

Que cena tão suave aos amadores!
Capaz de amenizar o horror da morte,
Que, de asas negras, me esvoaça em torno!
Que cena tão suave aos amadores!
Com brando murmurio¹¹⁷ além revoam
De Vénus e de Anália (iguais no encanto),
De Vénus e de Anália as avezinhas.
Ali mágoas não há, não há saudades,
Vivem como eu vivi, como eu não morrem!
Doce é ver-lhe os desejos inocentes,
Os momentos de amor! É doce ouvir-lhe
Ternos gemidos em delícias ternas!
Unindo os bicos, se namoram, se instam,
Se afagam longamente, e arrulam juntas.

¹¹⁶ Uma das últimas obras publicadas por Bocage. Lisboa: na Impressão Régia, 1805.

¹¹⁷ *Sic*, porque o tipo de decassílabo utilizado apresenta acentuação na sexta sílaba.

Nelas pejo não é, nem crime o gosto,
O altar da Natureza urdiu seus laços!
Férreo dever, que o sentimento anseia,
Dever, algoz de Elmano, algoz de Anália,
Nos tenros corações lhes não carrega!

Felizes passarinhos melindrosos,
De Anália inveja sois, de Elmano inveja,
Sois da ternura e do prazer a imagem.
Felizes passarinhos! Esquecei-vos
Um momento de vós para lembrar-vos
De dois saudosos, míseros amantes.
Vós os vistes viver, morrer de amores,
Viste-os mortais, e pareciam numes!

Doces escravos da prisão mais doce
(Prisão, que aperto, que eternizo e beijo!),
De Anália, como Elmano, escravos ternos,
Ele gemendo está, gemei com ele;
Ela suspira, suspirai com ela;
E na maga inflexão da voz maviosa
(Fonte de encantos, de carinhos fonte)
Brandura aprendereis, que apure a vossa.
Avezinhas de Amor! Não só merecem
Dois amantes fiéis a vós piedade,
Mas piedade aos leões, piedade aos tigres,
Piedade à Natureza, ao Fado, a tudo.
Ah! Se alguma de vós logrou mais beijos
Daquela cujos mimos deleitosos
À vossa candidez eu permitia,
E a um deus, e mesmo a um deus, os não cedera¹¹⁸;
Se algum de vós, ó passarinhos meigos,

¹¹⁸ Nota de Bocage: «Expressão apaixonada, e que forçosamente se entende em sentido mitológico.»

Entre o ditoso, afogueado enxame
Dos pensamentos meus, dos meus desejos,
De Anália no sagrado e níveo seio
Pousou e, sem morrer, gozá-lo pôde,
E suave embebeu por entre as rosas
O biquinho subtil num céu de amores;
Se encantadora primazia obteve
No bem, na glória de celeste afago,
Por isto, que expressão não tem no mundo,
Ou de que um ai dos meus somente é frase,
Por isto à venturosa estância voe,
Onde o que devo a Amor me usurpa o Fado;
Lares demande, que esclarece Anália,
Adeje aos campos, que florescem dela;
E quando a vir co'a fantasia absorta
Na imagem do sem-par, mesquinho amante,
Contando, como os séculos se contam,
Agros momentos de teimosa ausência,
Que os bens do coração lhe some aos olhos,
Pouse na mão de neve, e gema, e diga
(Por milagre de Amor): «Eis os suspiros,
A vida, o ser, o espírito de Elmano.
Todo é teu, todo é teu: não quer, não pode
Ser d'outra, nem de si, nem do Destino.
Amor é mais que o Tempo, é mais que o Fado;
Eia, triunfos contra Fado e Tempo,
E os prémios da constância dele espera.
Vénus, a mãe de Amor, por ti deixámos,
Idália por teus lares esquecemos;
Ao ver-te, a fé, o ardor, nos atraíram
Lnda mais que os da face, encantos d'alma.
De Elmano a doce causa é causa nossa;
Deusa nos olhos, nos sorrisos deusa,
Monstro, se o deixas, te fará teu crime.»

Núncia mimosa das saudades minhas,
De meus suspiros confidente amada,
Atenta do meu mal na bela origem,
Observa se desmaia, ouve se geme
Ao som piedoso da mensagem triste:
Depois traze-me um ai, dá-me um tesouro.

E tu, planta de amor, que tens meu nome¹¹⁹,
Que o tens com mão divina em ti gravado,
A terra desdenhando, irás aos nunes,
Por ledó agouro de adorável boca.
Aves do Olimpo, modulando amores
Que Anália sente, como os sente Elmano,
Que à plebe dos amantes são mistérios,
Aves mais brandas, mais fiéis, mais lindas
Que as mesmas aves que em Citera adejam,
Hão de, planta ditosa, ornar-te a rama.
Entre as filhas da luz, etéreas ninfas,
Ouro, néctar, jasmíns, delícia todas,
O modelo verás dos dons de Anália:
Nos Céus o original, no mundo a cópia,
Competem brandamente, a ideia absorvem;
Mas por Anália o coração decide.

Planta, planta de Amor, prospera e cresce,
Dos cedros invejada, os céus penetra;
E se foste o que sou, se acaso outrora
Foste amante feliz, ou triste amante;
Se és ente humano, transformado em tronco,
De Amor por tirania ou por piedade,
Junto aos versos de Anália acolhe os versos
Do choro amoroso; sofre-os, não temas
Contágio neles, que te dane e murche.

¹¹⁹ Nota de Bocage: «Alusão a lindos versos, compostos e gravados por Anália em um tronco.»

A mão formosa, que te honrou, que adoro,
Imprimindo-os em ti, também nos troncos,
Como nos corações, fará portentos.
Seu hálito de rosas te bafeje:
Ilesa ficarás, e a cor da Morte
(Cor minha) voará do metro amargo,
Que assim do coração subiu aos lábios:
«Do seu bem, do seu nome Elmano ausente,
Suspirando, morrendo, implora auxílio
À mão por que suspira e por que morre.
A mão de Anália, que lhe rege os fados,
No dócil tronco, monumento amável
De paixão triste, mas fiel e eterna,
Estes sentidos caracteres lavre:
«Elmano por Anália esmorecia,
Elmano foi feliz, mas expirando,
Com ela não viveu, morreu por ela.»

«Se amas, lê, caminhante, e não lhe chores
A morte, que lhe foi melhor que a vida.»

FIM.

Aos escravos de Amor (meus sócios) mando
Suspiros da Saudade em verso brando.

XVI — A SAUDADE MATERNA¹²⁰

*Ai! Ela os olhos, com que o ar serena,
Na mísera Mãe postos, que endoidece,
Ao duro sacrifício se oferece.*

Camões, *Lusíadas*, canto III

Não longe da louçã, da flórea margem
Por onde ameno se espreguiça o Tejo,
E abrilhanta os cristais em sóis estivos;
Dos jardins Ulisseus¹²¹ não mui distante
(Qual de Elísios Vergéis vizinho o Averno)¹²²
Sítio jaz que parece em negras sombras
Sumir-se à Natureza, ou não ser dela!

Ali jamais os lépidos Prazeres
(Meigos sócios de Amor, quando é ditoso)
Ousaram de exercer mimosos brincos.
Ó mirtos! Ó rosais! Ó páfios bosques!
Ali não floresceis, ali não voam
Perfumes vossos a encantar o olfato;
Nem teus quebros por lá, nem teus gorjeios,
Cantor da primavera e dos Amores,
Geram ternura, melodia exalam.
Ao medonho lugar negreja em roda
Selva de esguios, funerais ciprestes,

¹²⁰ *A Saudade Materna, na Prematura e Chorada Morte da Senhora D. Ana Raimunda Lobo, Filha do Senhor Roque Ferreira Lobo, Administrador do Correio Geral, etc., etc.* foi uma das últimas obras de Bocage. Data de 1805 e apresenta a chancela da Imprensa Régia. Roque Ferreira Lobo era seu amigo e publicou alguns poemas pouco inspirados, entre outros, *Lições de Um Pai a Uma Filha na Sua Primeira Idade, Orações Gratulatórias aos Anos da Sereníssima D. Carlota Joaquina, Princesa do Brasil, O Pai de Família Doente* (1793) e *Noites Campestres* (1827).

¹²¹ Nota de Bocage: «De Lisboa, fundada por Ulisses, segundo a opinião vulgar.»

¹²² Nota de Bocage: «Os pagãos supunham os Campos Elísios não longe do Averno. Virgílio, canto VI.»

Que a profunda raiz no chão da morte
(Fiéis às cinzas) espontâneos ferram.
Em círculo forrando o escuro albergue
Da Tristeza e do Horror, sustém¹²³ na rama
Aves de pranto, de pavor, de agouro,
Que o dia aborrecendo, amando a noite,
Vivem nas trevas e nas trevas morrem.
Que sítio para a dor, para o queixume
Daqueles a que a vida é peso, é jugo!

Ali, carpindo, suspirando, errante,
Sozinha, ao desamparo, a triste Anália,
De olhos fitos nos Céus, aos Céus pedia
Em lágrimas, em ais, vãmente ansiosa,
Seu mais doce penhor, seu bem mais doce.

«Nunes que a possuí, que ma invejastes,
Era digna de vós, eu dela indigna!
(Soluçando a misérrima exclamava)
Mas valham prantos meus o que eu não valho;
Ó Fado! Ó Céu! Restituí, clementes,
A suspirada filha à mãe saudosa.
Os génios divinais, que em vós adejam
(Cândida imagem da inocência dela),
Travem d'alma gentil, que entre eles brilha,
Sobre as plumas de neve ao Mundo a tornem;
E com ela e consigo à morte as sombras,
Aos sepulcros o medo esmaltem, dourem:
No despojo mortal, formoso e caro,
Soltando almo calor, bafejo etéreo,
Acordem graças, insinuem vida!
Não careces, ó Céu, de seus encantos,
E dos encantos seus carece o mundo.

¹²³ Em vez de «sustém», por uma questão de métrica.

Por ela a triste mãe não só pranteia,
Por ela está carpindo a Natureza,
Que o dia ornava nos sorrisos dela!
Os campos da existência, em cujo seio
Foi momentânea flor, n'ausência murcham
Da linda produção que os enfeitava!
Espinhos lhe deixais, levais-lhe as flores!
Ó Fado! Ó Céu! Restituí, clementes,
Ao saudoso Universo, à mãe saudosa
As delícias de amor, de amor sagrado.
Mais um milagre vos mereçam prantos:
Se lágrimas de sangue obtê-lo podem,
Por lágrimas de sangue o quero, ó numes.
No coração materno extremos fervem,
Capazes disto (ó Céus!), de mais, de tudo...
Mas ai triste! Eu deliro! Ai triste! Eu sonho!
Da morte a férrea lei não se derroga;
Nas páginas fatais é tudo eterno!
O que se escreve ali jamais se risca!
Mãe chorosa, infeliz, sem fruto gemes,
Penas sem fruto: em lágrimas te mirras,
Em ais te esfalfas, e o destino é surdo!
Pesada escuridão me enlute a vida
(Vida tão negra, que arremede a morte),
Noites, bem noites, os meus dias sejam,
Enquanto eternos sóis lá são teus dias,
De um puro e doce amor, ó doce prenda,
Espírito sereno, alma querida,
Que no mundo em ti mesma o Céu gozavas!
Ah! Tu folgas sem mim, sem ti eu gemo,
Como a viúva, solitária rola,

Em sons carpidos apiedando as selvas!...
Não roce os lábios meus nem mais um riso,
Meu terno coração ralai, saudades...»¹²⁴

Aqui desprende um ai, que aos astros voa,
Em súbito desmaio os olhos cerra
(Os olhos, a que Amor vitórias deve),
E cai sem voz, sem cor, sem luz, sem alma.

Em torno a Terra lhe gemeu, piedosa,
As plantas sepulcrais com dor vergaram;
E vós, aves do luto, aves da morte,
Em menos agro som, porém mais triste,
Como que as leis embrandecer tentastes,
As leis terríveis, de inviolável firma!

Tudo penou, tremeu, fez tudo extremos
No mal de Anália... e que faria Elmano,
Ouvindo à voz da Fama o caso acerbo?
Sagrou, com débil mão, no leito infausto,
À cinza amada lutuosos versos,
E quase reviveu para chorá-la.

¹²⁴ No *Parnaso Lusitano*, vol. II, p. 448, Almeida Garrett exarou o seguinte comentário: «Quantas vezes Francisco Manuel [do Nascimento, ou seja, Filinto Elísio], ouvindo ler este terníssimo monólogo, exclamou: 'Ó Bocage, eras poeta!'. E, na p. 450, reiterou o elogio — «Isto, isto é que eu chamo poesia!»



ÉCLOGA

QUEIXUMES DO PASTOR ELMANO CONTRA A FALSIDADE
DA PASTORA URSELINA ¹

*Metido tenho a mão na consciência,
E não falo senão verdades puras,
Que me ensinou a viva experiência.*

Camões, soneto LXXXVII

Seu manto desdobrava a noite escura,
E a rã no charco, o lobo na espessura
Vociferando, os ares atroavam;
Do trabalho diurno já cessavam
Os rudes, vigorosos camponeses:
O vaqueiro, cantando atrás das reses,
Após as cabras o pastor cantando,
Iam para as malhadas caminhando.
Tudo jazia em paz, menos o triste,
O desgraçado Elmano, a quem feriste,
Ó pernicioso Amor, cruel deidade,
Flagelo da infeliz Humanidade.
Tudo, enfim, descansava, exceto Elmano,
Que a mão do Fado, universal tirano,
Sentia sobre si descarregada;
Que, longe da paterna choça amada,
Dependente vivia em lar estranho,
Sendo os desgostos seus o seu rebanho.
Honrados maiores o ser lhe deram
Lá junto ao Sado ameno, e lhe fizeram

¹ Esta écloga — a única que compôs — conheceu apenas os prelos, em vida de Bocage, uma vez, no ano de 1791, com a chancela de Simão Tadeu Ferreira. Em oposição ao que aconteceu com outras composições publicadas autonomamente, o poeta não a recuperou para as várias edições das *Rimas*. A versão de 1813, da responsabilidade de Desidério Marques Leão, está eivada de erros.

Das artes cortesãs prezar o estudo:
As Musas o encantaram mais que tudo,
Ateando-lhe n'alma o fogo santo,
Que estúpidos mortais desdenham tanto.
Inflamado com ele, ao som da lira
Quebrava dos tufões a força, a ira,
E o venerando Tejo sossegado,
A cuja fresca praia o trouxe o Fado,
Mil vezes, para ouvir-lhe as ternas mágoas,
A limosa cabeça ergueu das águas.
Cego, convulso, pálido e sem tino,
Entrava na cabana de Francino
O desditoso Elmano. Entre os pastores
Geral estimação, gerais louvores
Francino com justiça desfrutava:
Alto saber o espírito lhe ornavia,
Na vasta capital fora criado,
E por expertos mestres cultivado.
Doce nó de Amizade os dois unia,
Concorrendo a razão e a simpatia
Para tão bela e plácida aliança.
Notando, pois, a fúnebre mudança,
Que no aspeto do amigo aparecia,
Assim Francino a causa lhe inquiria:

Francino

Que tens, Elmano? Que fatal desgosto
Banha de tristes lágrimas teu rosto?
Tu, que, ainda há brevíssimos instantes,
Te aclamavas feliz entre os amantes,
Logrando mil carinhos, mil favores
De Urselina gentil, dos teus amores,
Vens tão choroso, tão aflito agora!
Ah! Conta-me a paixão que te devora,
Das ânsias tuas o motivo explica:
Comunicado o mal, mais brando fica.

Elmano

Ai de mim! Venho louco, estou perdido.
Oh, peito ingrato! Coração fingido!
Oh, desumana, oh, bárbara pastora!
Fementida mulher enganadora!
E tiveste valor para a mais feia
Traição que pode conceber a ideia?
É possível! É certo! Oh Céus! Socorro.
Eu pasmo, eu desespero, eu ardo, eu morro.

Francino

Amigo, torna em ti, recobra alento,
Declara-me o teu íntimo tormento.
Do cego frenesi, que te domina,
Quem é causa, pastor? É Urselina?

Elmano

Quem, senão ela (oh Céus!) me obrigaria
A tão pasmoso extremo? A Sorte impia
Com todo o seu poder nunca tem feito
Desmaiar a constância de meu peito;
Quem me abate é Amor, não o Destino.
Eu te conto o meu mal, eu vou, Francino,
Retratar-te a mais negra, a mais horrível
De todas as traições. Não é possível
Nos ermos encontrar da Líbia ardente
Monstro, seja leão, seja serpente,
Que possa comparar-se à fera humana,
Que com tanto rigor me desengana.
Quantas vezes notaste, honrado amigo,
Finezas, que a traidora obrou comigo!
Quantas vezes daqui presenciaste
Seus gestos, seus afagos, e julgaste
Que o mais ardente amor, a fé mais pura

Pagavam minha cândida ternura!
Ouve e conhecerás (ai de mim triste!)
Que foi sonho, ilusão tudo o que viste.
Já sabes que no dia em que ligado
A Márcia Jônio foi pelo sagrado,
Indissolúvel nó, cantei louvores
A tão ditosos, tão fiéis amores,
E o número aumentei dos convidados;
Já sabes as meiguices e os agrados,
Com que a minha infiel me fez ditoso;
Ali, traçando um baile harmonioso,
Por parceiro me quis; ali sentada
Junto a mim, vezes mil a refalsada
Protestou que em sua alma eu só vivia,
Que eu era de seus olhos a alegria,
Dando-me a bela mão furtivamente,
Que, ardendo de paixão, beijei contente.
Pedi-me a desleal que ali tornasse,
Que tão doce prazer lhe não roubasse.
Guiado por Amor, fui inda agora
Seu desejo cumprir, que antes não fora,
Porque não sentiria este martírio,
Este ardor, esta raiva, este delírio.
Jônio, que estava à porta da cabana,
Me veio receber... ah! Quanto engana
Uma aparência alegre e carinhosa!
Entrei, pus logo os olhos n'aleivosa,
Que, em vez de me tratar com meigo agrado,
Tinha nas faces o desdém pintado.
Pasmado da mudança repentina,
Lhe disse: «Amado bem, cara Urselina,
Tu comigo tão áspera? Eu ignoro
Em que pude agravar quem tanto adoro.»
Isto dizendo, avizinhei-me a ela,
Que estava ao pé da rústica janela,
E da terna pergunta não fez caso,
Nem o rosto voltou; e olhando acaso

À próxima cabana de Nigela,
Vi encostado Inálio à porta dela
Olhar para Urselina, adeus dizer-lhe,
E sem pejo a cruel corresponder-lhe
Co'um doce riso, um gesto namorado,
De amantes expressões acompanhado.
Fervendo-me no peito o amor e a ira,
Logo, logo em pedaços fiz a lira,
E em mil imprecações, em mil queixumes
O furor exalei dos meus ciúmes,
Ameaçando a infiel que eu me vingava
No odioso rival, que me afrontava,
Se uma satisfação, que Inálio visse,
Logo o meu pundonor não ressarcisse.
Prometeu-me que sim, mas de repente
A meus olhos se esconde, e vai contente
O lerdo, o baixo amante encher de glória,
Que não cabia em si pela vitória,
Que a pior das traições lhe tinha dado.
Fiquei louco, fiquei desesperado,
Contemplando este assombro nunca visto
Nem na imaginação. Não pára nisto
Daquela ingrata a pérfida baixeza:
De novas fúrias cruelmente acesa,
Procura Aónio, inerte pegureiro,
Que é o riso da gente no terreiro,
Quando sai a bailar, e a cada passo
Se esquece da harmonia e do compasso,
Sendo falto de prendas e de siso
Como o louco Magálio, o rude Anfriso.
Urselina lhe diz que me incitasse
A que a choça de Jónio abandonasse,
Persuadindo-me, enfim, que não devia
Presenciar a afronta que sofria.
Acreditei o indigno conselheiro,
E saí da cabana, onde primeiro
Tinha logrado os mimos da perjura,

Que assim desenganou minha ternura.
Ah génio desleal, falaz, perverso!
Daquilo que pensei, como és diverso!²
Ai! Não me alucinava o meu ciúme,
Era mais do que justo o meu queixume,
Quando (triste de mim!), quando julgava
Que Inálio, inda que simples, te agradava!
Acusei-te mil vezes de fingida,
De que a ele querias ver-te unida
Em laços de Himeneu; mas tu negaste
Sempre o que hoje sem pejo declaraste.
Traidora! Eu não dizia, eu não jurava,
Que o meu sossego ao teu sacrificava!
Ah! Porque me não deste o desengano,
Que eu te pedia, coração tirano?
Se Inálio, porque tem campos e gados,
Numerosos casais, amplos montados,
Atrai esse teu génio interesseiro,
E eu, posto que leal, que verdadeiro,
De clara geração, de sangue honrado,
Caducos, frágeis bens não devo ao Fado,
E por isso não posso no teu peito
Produzir da ternura o doce efeito;
Que razão te obrigou a acarinhar-me,
E de um fingido amor capacitar-me?
Coração, em perfídias atolado,
Impia, se o não tivesse inda criado
A vingadora mão de Jove eterno,
Devia para ti criar o Inferno.

² Este verso não se encontra na edição de Inocêncio Francisco da Silva.

Francino

Consola-te, pastor; essa perjura
Não deve motivar tua amargura;
Castiga-lhe a traição e o fingimento
Lançando-a num profundo esquecimento.
Que mais satisfação, que mais vingança
Queres da vil, da súbita mudança,
Que ver exposta a pérfida pastora
Ao ludíbrio geral? Uma traidora,
Uma fera, uma ingrata, inda que bela,
Não merece a paixão que tens por ela.
Pondera que não foste injuriado
De seu duro desprezo inesperado;
Que o feminil capricho extravagante
Não te deslustra o mérito brilhante.
Nenhum, nenhum pastor n'aldeia ignora
Que essa, que te deixou, foi atégora
Carinhosa contigo, e fez patente
Sua correspondência a toda a gente.
Demonstrações em público te dava
De amorosa paixão, mas não te amava.
Baixo costume, natural fraqueza
É que a fez parecer de amor acesa;
Aquele alma não arde, não se inflama,
A todos corresponde, a ninguém ama.
Bem se viu com Bersálio e com Laurénio
Seu inconstante, seu volúvel génio.
Té no mais desprezível dos pastores
É capaz de empregar seus vis amores.
Nunca soube escolher, tudo lhe agrada,
E inda que astutamente enfatuada
Faça crer aos amantes o contrário,
É já sabido seu carácter vário.
Isto em teu coração gravado fique,
E não queiras, pastor, maior despique:
Se atégora calei quanto te digo,

Foi por não te afligir, prezado amigo.
Pouco importa perder quem nada vale.
Contente-te que toda a aldeia fale
Contra a sua imprudente aleivosia;
Que, se pensasse bem no que fazia,
Jamais o falso monstro que te deixa
Fechara a tudo os olhos como fecha³.
Deveria lembrar-se a fementida
De que a sua afeição foi conhecida,
De que inda em tuas mãos tens os penhores
De seus furtivos, tácitos favores,
Para não te obrigar com tal injúria
A que dos zelos a violenta fúria
Despedaçasse um véu misterioso,
Um véu tão necessário como honroso.
Mas verás se mais hora menos hora
Não é punida a infiel pastora.
Douradas esperanças lisonjeiras
Nutrem-lhe ideias vãs e interesseiras;
Mas Inálio é como ela ambicioso,
E só deseja um himeneu lucroso,
Que lhe farte a cobiça, os bens lhe aumente.
Ele próprio mo disse, ele não mente,
Que a sua natural simplicidade
Não pode mascarar a sã verdade.
Eia, pois, cesse o pranto, enxuga o rosto,
Adora a Providência em teu desgosto;
Não delires, pastor, não desesperes,
Que és feliz em saber quem são mulheres.

³ No original: «feixa»

Elmano

Sim, meu amado, meu leal Francino,
Eu dou mil graças ao poder divino
Por me livrar do engano em que vivia,
Eu lutarei co'a terna simpatia,
Que me fez adorar uma inconstante,
Aos falsos crocodilos semelhante.
Embora logre Inálio os seus agrados
Fingidos, mentirosos, estudados,
O sórdido interesse é quem a inspira:
Se da fortuna o meu Rival sentira
A triste, pernicioso variedade,
Se a violência de horrível tempestade
Lhe derribasse as férteis oliveiras,
Se o fogo lhe engolisse as sementeiras,
Se a cheia lhe afogasse os nédios gados,
Verias em desdéns e em desagradados
Mudar-se logo o amor que finge a astuta,
Que de negra cobiça a voz escuta.
Tu a verias outra vez comigo
As chamas assoprar do afeto antigo,
Mendigando razões para aplacar-me,
Para me convencer, para enganar-me.
Mas ah paixão! Teu ímpeto reprime,
E busque-se vingança igual ao crime.
Ritália bela, encanto dos pastores,
Merece meus suspiros, meus amores.
Com ela fui mil vezes desatento,
Negando-lhe o devido acatamento
Por cumprir o preceito rigoroso
De Urselina infiel, que no enganoso,
No detestável peito encerra, e nutre
Da venenosa inveja o feio abutre,
Porque a meiga Ritália é mais do que ela
Branda, risonha, delicada e bela,
Quanto é mais agradável, mais formosa

Que as outras flores a punícea rosa.
Ritália desde agora o lindo objeto
Será do meu fiel, constante afeto:
Arrebatado em êxtases de gosto,
Louvores de seus olhos, de seu rosto
Farei voar nas asas da ternura,
E assim me vingarei duma perjura.
Ela, por timbre meu, o escute, o saiba,
E o coração no peito lhe não caiba
De inveja, de furor: eu, entretanto,
Troque em plácido riso o triste pranto,
E a fria indiferença, com que intento
Recompensar-lhe o torpe fingimento,
Até tão alto grau nesta alma creça,
Que eu veja a desleal e a não conheça.





ÍNDICES

ÍNDICE DE TÍTULOS E DE PRIMEIROS VERSOS ¹

<i>A ANTÓNIO CRISPINIANO SAUNIER, EM RESPOSTA A UMA EPÍSTOLA QUE LHE DIRIGIRA</i>	481
<i>À CARA DA ESTANQUEIRA</i>	525
<i>À CERTO GENEALÓGICO DE TRETAS</i>	304
<i>À ESTE SEPULCRO VIM</i>	521
<i>À ESTANQUEIRA TEM MARIDO</i>	525
<i>À FOZ DO MANDOVÍ SERENO E BRANDO</i>	588
<i>À FOZ DO TEJO, EM BRONCA PENEDIA</i>	581
<i>À FRENTE QUE DE LOURO ERGUI CINGIDA</i>	318
<i>À FROUXIDÃO NO AMOR É UMA OFENSA</i>	144
<i>À LOIRA FÍLIS NA ESTAÇÃO DAS FLORES</i>	44
<i>A MACACA</i>	455
<i>A MONA E O FILHO</i>	453
<i>A MORTE DE INÊS DE CASTRO</i>	531
<i>A MORTE DE LEANDRO E HERO</i>	537
<i>A MORTE ERA UMA IDIOTA</i>	517
<i>A MORTE FOI SENSUAL</i>	513
<i>A MORTE, PERDENDO A FOICE</i>	506
<i>A MORTE SE ENFASTIOU</i>	490
<i>A MORTE UM DIA ENJOOU-SE</i>	518
<i>A NEREIDA</i>	588

¹ Os títulos estão grafados em itálico; os primeiros versos, em regular.

A PROLE DE ANTENOR DEGENERADA	192
<i>À PURÍSSIMA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA</i>	552
A RÍGIDAS LIÇÕES DO FÉRREO ZENO	384
<i>A SAUDADE MATERNA</i>	674
A TEUS MIMOSOS PÉS, MEU BEM, RENDIDO	65
A TROPA REGULAR, A FRADARIA	291
<i>A UM BARBEIRO MUI VAGAROSO</i>	522
<i>A UM ENFATUADO EM NOBREZA</i>	494
<i>A UM ENFRONHADO EM POETA</i>	493
<i>A UM MAU MÉDICO</i>	491
<i>A UM MULATO COMILÃO QUE MURMURAVA DE MIM</i>	489
ACESO NO ALMO ARDOR QUE A MENTE INFLAMA	315
ADAMASTOR CRUEL! DE TEUS FURORES	214
ADEJA, CORAÇÃO, VAI TER AOS LARES	213
AFIRMA ESCRITOR ANTIGO	444
AFLITO CORAÇÃO, QUE O TEU TORMENTO	56
AGORA QUE A SEU LÔBREGO RETIRO	369
AH, MEU GASTÃO! O PINDO SENHOREIA	345
AH! QUE FAZES, ELMANO! AH! NÃO TE AUSENTES	200
ALMA FERIDA E CEGA	565
ALTAS FILHAS DO GÊNIO, IRMÃS FORMOSAS	241
ALVA GERTRÚRIA MINHA, A QUEM SAUDOSO	68
AMIGO FREI JOÃO, CUIDAS QUE É BARRO	342
AMOR, QUE O PENSAMENTO ME SALTEIAS	125
ÂNSIAS INDA TEU METRO E RAIVAS CUSTA	242
ÂNSIAS TERRÍVEIS, ÍNTIMOS TORMENTOS	166
ANTE MIM NÃO VALES NADA	517
ANTES EU VISSSE MATADOR CUTELO	172
AO CREBRO SOM DO LÚGUBRE INSTRUMENTO	232
AO TEMPLO DO PROPÍCIO DESENGANO	42
<i>AOS ANOS DA SERENÍSSIMA SENHORA D. MARIA TERESA</i>	549
APENAS VI DO DIA A LUZ BRILHANTE	31
APERTANDO DE NISE A MÃO NEVADA	165
AQUELA QUE NA ESFERA LUMINOSA	101
AQUELE A QUEM MIL BENS OUTORGA O FADO	406
AQUELE QUE ALI VÊS, ROSTO MALDITO	299
AQUELE QUE DOMINA OS CÉUS BRILHANTES	356
AQUI JAZ UM HOMEM RICO	506
AQUI ONDE, ARQUEJANDO, ESTOU CURVADO	309

ARDE EM VÃO POR ELISA, EM VÃO PORFIA	63
<i>ARMIA</i>	651
ARRIMADO ÀS DUAS PORTAS	502
<i>ARSELINA</i>	602
ÀS ÁGUAS E ÀS AREIAS DESTE RIO	132
AS ÁRVORES ESTAVAM GOTEJANDO	607
<i>AS DAMAS E A BORBOLETA</i>	438
ÀS MARGENS DO REGAÇA CRISTALINO	119
<i>AS TÁGIDES</i>	629
ÁUREO FIO SUBTIL, QUE TEVE UNIDA	127
A VE DA MORTE QUE, PIANDO AGOUROS	381
BARBEIRO DEMORADOR	522
BATENDO AS ASINHAS LEVES	438
BELMIRO, QUE ENTRE OS PÂMPANOS FARFALHA	265
BEM HAJAS, Ó MORFEU: À FANTASIA	152
BEM QUE DO ETERNO LUTO AMEAÇADA	394
BERNARDO ENVOLTO EM LEMISTE	520
BESTA E MAIS BESTA! O POSITIVO É NADA...	481
BLASFEMA RUMECÃO, JURA VINGANÇA	218
BOJUDO FARMACOPOLA	510
BRANDAMENTE EXTRAIU CO'A MÃO SAGRADA	338
BUSQUEI NUM ERMO ALGÂNIA FEITICEIRA	87
CALA A BOCA, SATÍRICO POETA	221
CAMÕES, GRANDE CAMÕES, QUÃO SEMELHANTE	215
CANTA AO SOM DOS GRILHÕES O PRISIONEIRO	78
CANTA, NÃO CALES, ATILADO ALMENO	239
CANTEMOS TODOS LÚGUBRES ENDECHAS	296
CANTOR QUE A FRONTE ERGUIA ENGRINALDADA	372
CARA, CARA, CARA, CARA	524
CARA, CARA, CARA, CARA	525
CARA DE RÉU COM FUMOS DE JUIZ	301
CARO A FEBO, A FILINTO, A LÍSIA, À FAMA	365
CERTO AVERRÓIS QUIS NO PRELO	516
CERTO ENFERMO, HOMEM SISUDO	501
CESARÕES, VIRIATOS, APIMANOS	229
CHALAÇA MINHA, QUE CHIBAVAS TANTO	401
CHOROSOS VERSOS MEUS DESENTOADOS	34

CISNE GENTIL, QUE MODULAVA IMPLUME	244
CO'A MENTE JUVENIL, SUBLIME, ALADA	340
COM AMPLA MÃO, BENÉFICA LARGUEZA	344
COM HÁBITO DE FORA E DE CAPOTE	293
COM PENA DE LATÃO ATRÁS DA ORELHA	300
COM ROSTO O GUARDA-MOR MESTO E MEDONHO	294
COM TÃO MÁ GÂMBIA ANDAS TANTO	500
COMPÔS PARA LEVE ANDAÇO	504
CONCLUIU PINTOR FAMOSO	495
CONFERES NAS SENHORIAS	494
CONHECEM UM VIGÁRIO DE CHORINA	270
CONHECES UM CERTO ALBANO	490
CONSTA QUE UM MÉDICO FORA	513
CONTIGO, ALMA SUAVE, ALMA FORMOSA	380
CONTRA ELMANO SADINO URRANDO AVANÇA	256
CONTRA O DRAMA «O RECIFE RESTAURADO»	285
CORRE FURIOSO O EPISCOPAL REPOLHO	298
CO'UM DIADEMA DE LUZ NO ELÍSIO ENTRAVA	194
<i>CRINAURA OU O AMOR MÁGICO</i>	597
DA FEIA MULHER ANDRÓNIO	497
DA FRIA HABITAÇÃO, DA VÍTREA GRUTA	332
DA GLÓRIA, QUE NÃO MORDE, À RODA ZUNE	343
DA MINHA INGRATA FLÉRIDA GENTIL	104
DA MISERANDA INÊS O CASO TRISTE	531
DA PÉRFIDA GERTRÚRIA O JURAMENTO	46
DA RAMA ESCURA DE LETAL CIPRESTE	147
DA TRISTE, BELA INÊS INDA OS CLAMORES	238
DAS FAIXAS INFANTIS DESPIDO APENAS	110
«DAS PETAS O ALMOCREVE» É OBRA TUA	280
DAS TERRAS A PIOR TU ÉS, Ó GOA	220
DE CERÚLEO GABÃO, NÃO BEM COBERTO	30
DE CIMA DESTAS PENHAS ESCABROSAS	170
DE ELMANO A MUSA, QUE ENTRE IMAGENS VELA	378
DE ELMANO ANTES DA MORTE É MORTO O CANTO	395
DE EMARANHADAS CÂS O ROSTO CHEIO	167
DE FÉRREO JULGADOR NÃO VEM CONTIGO	325
DE HOMENS E NUNES SUSPIRADO ENCANTO	417
DE HORRENDA CERRAÇÃO C'ROADA A NOITE	537

DE INSÍPIDA SESSÃO NO INÚTIL DIA	257
DE NOTURNO, HORROROSO PESADELO	151
DE ONTÂNIO CHORAS E DE ONTÂNIO CANTAS	421
DE PAFOS O MENINO ARDENDO EM IRA	47
DE PEDROUÇOS NA PRAIA EXTENSA E FRIA	643
DE PEITO IMPENETRÁVEL SEMPRE AO SUSTO	195
DE QUE É SÓ DE SEU MARIDO	496
DE RADIOSAS VIRTUDES ESCOLTADA	412
DE SUSPIRAR EM VÃO JÁ FATIGADO	38
DE UM NUME AOS AIS D'ELMANO Ó DOM MIMOSO!	382
DE ZARGO O HEROICO ARDOR, QUE LUZ NA FAMA	248
DEBALDE CONTRA AMOR SEU FEL DERRAMA	121
DEBALDE UM VÉU CIOSO, Ó NISE, ENCOBRE	171
<i>DEFINIÇÃO DO OURO</i>	497
DEITADO SOBRE A RELVA AMOR ESTAVA	169
DEIXA, INSIGNE BOCAGE, INSULSOS VATES	267
DEIXAR, AMADO BEM, TEU ROSTO LINDO	201
DEMANDA-ME USURÁRIO SENHORIO	346
DEPLORO, CARO AMIGO, O QUE DEPLORAS	419
<i>DESAGRAVO JOCOSO DA INJÚRIA FEITA AO ENFERMO BOCAGE PELO EDITOR DA NOVELA INTITULADA «A ESPANHOLA INGLESA», ATRIBUINDO-LHE AQUELA MÁ TRADUÇÃO</i>	287
Desejo iluso e vão! Para que traças	367
DESPREGA AS ASAS, TÍMIDA ESPERANÇA	106
DEU A ESTANQUEIRA UM ESPIRO	526
DIAS DE LUTO, DIAS DE TORMENTO	403
DISSE A MORTE AO VER ENTRAR	504
DISSE, EM AR DE NOVIDADE	517
DISSE UM ÁVICENA AO VER	502
DISSE UM DIA O FADO À MORTE	506
DISSE-LHE CERTO ESTRANGEIRO	526
DISSE-LHE UM SÉRIO TAFUL	527
DISTRAI, MEU CORAÇÃO, TUA AMARGURA	117
DIZEM OS DA ENCARNAÇÃO	526
DIZEM QUE FLÁVIO GLUTÃO	489
DIZES QUE FILENO É TOSCO	492
DO MEIREL FORMAS QUERELA	520
DOMINGO, DOIS DO CORRENTE	525
DO ARBUSTO, Ó NISE, A VÊNUS CONSAGRADO	75

DO CÁRCERE MATERNO EM HORA ESCURA	129
DO CORO ARGUTO DE FEBEUS CANTORES	243
DO FADO VENCEDOR, QUE O PROSTRA FERRO	399
DO MANDОВI NA MARGEM RECLINADO	212
DO MEIREL FORMAS QUERELA	520
DO TEMPO SOBRE AS ASAS VOLVE O DIA	319
DO VELHO ERTÍLIO, MÁGICO AFAMADO	98
DOCE NUME DE AMOR, SE À BELA ARMIA	116
DOIS BICHANOS SE ENCONTRARAM	456
DOMINGO, DOIS DO CORRENTE	525
DOR QUE AFIADA O CORAÇÃO GOLPEIA	392
DOS INFELIZES A DANOSA HERANÇA	330
DOS NEGROS MAUSOLÉUS A DEUSA ESCURA	414
DOS ÓBITOS O VOLUME	504
DOS TÓRRIDOS SERTÕES, PEJADOS D'OURO	288
DOUTOR, ATÉ DO HOSPITAL	491
DURA FILOSOFIA AUDAZ FORCEJA	368
É MENTIRA, NÃO FOI O VIL COVEIRO	290
EGRÉGIO BENFEITOR DE UM DESGRAÇADO	333
EIS DA VIRTUDE O TEMPLO RUTILANTE	188
<i>ELFIRA</i>	637
ELMANO, DE TEUS MIMOS ANELANTE	150
ELMANO, LÊ-ME OS TEUS VERSOS	496
<i>EM APLAUSO DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR LUÍS DE</i>	
<i>VASCONCELOS E SOUSA, VICE-REI DO ESTADO DO BRASIL</i>	572
EM BANDO ESPESSE, EM NÚMERO INFINITO	217
EM DESERTA MASMORRA, AO SOL ODIOSA	235
EM ERMO CEMITÉRIO, EM HORA ESCURA	289
EM FRÁGIL LENHO O PÉLAGO CRUZANDO	163
EM QUE ESTADO, MEU BEM, POR TI ME VEJO	84
EM SELVA ONDE NÃO ENTRA A LUZ DO DIA	622
EM SONHOS NA ESCALDADA FANTASIA	115
EM SÓRDIDA MASMORRA AFERROLHADO	308
EM VÃO, PADRE JOSÉ, PADRE OU SACRISTA	328
EM VÃO, PARA TECER-ME UM LEDO ENGANO	375
EM VENENO LETÍFERO NADANDO	74
EM VERMELHO CARTAZ PROPÔS-SE À CENA	284
EM VERSO TORNEADO AO SOM DA LIRA	139

EMBORA TORPES GRALHAS ESVOACEM	336
EMPAVONA-SE, DANÇA, RONCA, ESPUMA	306
EMPOBRECEU TODO O BAIRRO	501
ENCANTADOR GARÇÃO, TU ME ARREBATAS	263
ENQUANTO MUDA JAZ, E JAZ VENCIDA	111
ENQUANTO O SÁBIO ARREIGA O PENSAMENTO	54
ENQUANTO OS BRAVOS, FORMIDÁVEIS NOTOS	204
ENTRE AS TARTÁREAS FORJAS, SEMPRE ACESAS	79
<i>ENTRE ELMANO E ALCEU / EPIGRAMA IMITADO DE UMA ANEDOTA</i>	490
(ESCREVIA INCHADO CURA)	500
ESSE CABRA, OU CABRÃO, QUE ANDA NA BERRA	282
ESSE CANTOR DE CHÁ, MANTEIGA E QUEIJO	276
ESSES TESOUROS, ESSES BENS, SAGRADOS	67
ESTANDO ENFERMO UM POETA	492
ESTANDO O LOBO DOENTE	445
EU CANTAVA DE AMOR: EIS NEGRO AGOURO	397
EU DELIRO, GERTRÚRIA, EU DESESPERO	82
EU, ESSE CUJOS DONS MEDRARAM TANTO	389
EU ME AUSENTO DE TI, MEU PÁTRIO SADO	199
EU VIM C'ROAR EM TI MINHAS DESGRAÇAS	222
EURINDO, CARO ÀS MUSAS E AOS AMORES	240
EXAMINA-SE UM PLANETA	523
EXCEDO LUSTROS SEIS POR MAIS TRÊS ANOS	32
FÁBIO, O MEU DILETO AMIGO	514
FAÇO A PAZ, SUSTENTO A GUERRA	497
FAMOSA GERAÇÃO DE FALADORES	302
FATAIS MEMÓRIAS DA TRAIidora ALCINA	135
FEBO NO ETÉREO PLAUSTRO OMNIFULGENTE	396
<i>FELIZA</i>	612
FIEI-ME NOS SORRISOS DA VENTURA	62
<i>FILENA OU A SAUDADE</i>	594
FILHAS DO TEJO, AS ÁGUAS TRANSPARENTES	348
FILHO, ESPÍRITO E PAI, TRÊS E UM SOMENTE	208
<i>FLÉRIDA</i>	617
FOLHEANDO OS ANAIS DA ANTIGUIDADE	85
GEME BARROCO: A FRACA HUMANIDADE	347
GRÁTIS PESPEGA O VERDUGO	498

GRATO SILÊNCIO, TRÉMULO ARVOREDO	50
GRITAVA MESTRE BRÁS: «FILHA TRAIIDORA!...	278
GUIOU-ME AO TEMPLO DO LETAL CIÚME	60
HÁ POUCO A MÃE DAS GRAÇAS, DOS AMORES	64
HÁ UM MEDONHO ABISMO ONDE BAQUEIA	131
HAVENDO SOBRE A TERRA DERRAMADO	236
HAVIA MAIS DE UM MÊS QUE O BOM LIZENO	272
HOMEM DE GÊNIO IMPACIENTE	511
HONROSO LAURO O CAPITÃO VALENTE	168
IDOSA FADA, QUE NOS ASTROS LIA	409
IGUAL INGRATIDÃO E IGUAL VILEZA	130
<i>IMITADO DE DANCHET: UM TEMPO BREVE, URGENTE</i>	497
<i>IMITADO DE MARCIAL, EM DIÁLOGO</i>	496
IMPORTUNA RAZÃO, NÃO ME PERSIGAS	88
<i>IN FIDE PAROCHI ATESTO</i>	500
INCENSE DA FORTUNA OS VÃOS ALTARES	112
INCULTAS PRODUÇÕES DA MOCIDADE	33
INDA EM MEU FRÁGIL CORAÇÃO FUMEGA	91
INDA NOVEL DEMANDISTA	516
INDÍGENA IMORTAL DO PINDO INGENTE	246
INTRUSO NO APOLÍNEO SANTUÁRIO	262
JÁ BOCAGE NÃO SOU!... À COVA ESCURA	36
JÁ COM TÊNUE CLARÃO, JÁ QUASE ESCURA	107
JÁ, DA NOITE AMETADE ANUNCIANDO	597
JÁ DE COLCOS A FERA, ARDENTE MAGA	543
JÁ DE NOVO A MEUS OLHOS APARECEM	142
JÁ NO CALADO MONUMENTO ESCURO	95
JÁ O INVERNO, ESPREMEMENTO AS CÃS NEVOSAS	92
JÁ POR BÁRBAROS CLIMAS ENTRANHADO	206
JÁ QUE GRITA A BARRIGA E A CEIA TARDA	297
JÁ SE AFASTOU DE NÓS O INVERNO AGRESTE	49
JÁ SOBRE O COCHE DE ÉBANO ESTRELADO	40
JÁ TINHA A NOITE ESTENDIDO	660
JÓNIO MEU, INDA MEU (PORQUE O JAZIGO	387
JOSÉ, SANGUE DE HERÓIS, PRÍNCIPE AMADO	420
JOSINO AMÁVEL, QUE ZELOSO ENGROSSAS	377

JUNTO AO TEJO, ENTRE OS TENROS AMORINHOS	266
LÁ ONDE EM FOFA ESPUMA SE DESPENHA	602
LÁ ONDE O FADO IMPENETRÁVEL MORA	148
LÁ QUANDO A TUA VOZ DEU SER AO NADA	358
LAMBENDO A REGIÃO DOS ARES PUROS	231
LANÇADO PELA DEXTRA OMNIPOTENTE	234
LAURA DIVERTIU-SE MUITO	499
LAVROU CHIBANTE RECEITA	518
<i>LÉNIA</i>	607
LEVANDO UM VELHO AVARENTO, EPIGRAMA ÍMITADO	494
LÊ-SE NUMA SEPULTURA	505
LEMBROU-SE NO BRASIL BRUXA INSOLENTA	269
LI AS CATORZE REGRAS AOS PENACHOS	273
LIBERDADE, ONDE ESTÁS? QUEM TE DEMORA?	190
LIBERDADE QUERIDA, E SUSPIRADA	307
LONGE DO CARO ESPOSO INÊS FORMOSA	531
LONGE ESTÁS DE SER PATETA	493
LOQUAZ PAPAGAIO	453
LOUCA, CEGA, ILUDIDA HUMANIDADE	186
LUSOS HERÓIS, CADÁVERES CEDIÇOS	224
LUZ DE REFLEXOS TRÊS INEXTINGÍVEL	362
MÃE DE CHEFES HERÓIS, DE HERÓIS SOLDADOS	198
MAGA LIRA DE AMOR, QUE AO TRÁCIO VATE	391
<i>MÁGOAS AMOROSAS DE ELMANO</i>	669
MAGRO, DE OLHOS AZUIS, CARÃO MORENO	29
MAIS QUE OS ESBIRROS O VARONA ESBIRRO	295
MARÍLIA, NOS TEUS OLHOS BULIÇOSOS	45
MARÍLIA, SE EM TEUS OLHOS ATENTARA	58
MAVORTE, PORQUE EM PÉRFIDA CILADA	41
<i>MEDEIA</i>	543
MEIA-NOITE SERIA; EU, PASSEANDO	211
MELIBEU ME CANTOU, CANTOU-ME OLENO	402
MELIZEU, O MENOR ENTRE OS NASCIDOS	261
MERCENÁRIO PREGÃO DE CEGO ANDANTE	287
METE-SE A CHAVE, CORRE-SE O FERROLHO	331
MEU FRÁGIL CORAÇÃO, PARA QUE ADORAS	69
MEU SER EVAPOREI NA LIDA INSANA	35

MEUS DIAS, QUE JÁ FORAM TÃO LUZENTES	324
MEUS OLHOS, ATENDEI NO MEU JAZIGO	94
MIL POETAS ENFÁTICOS E UFANOS	335
MILAGROSO PINCEL, PINCEL DIVINO	549
MIMO DAS GRAÇAS, TE FLORESCE O CANTO	379
MIMOSA, LINDA ANARDA, ATENDE, ATENDE	93
MINHA ALMA QUER LUTAR COM MEU TORMENTO	179
MINHA ALMA SE REPARTE EM PENSAMENTOS	113
MISERANDA INOCÊNCIA, ÉS NOME ABSTRATO	314
MONA TÃO HORROROSA, OU MAIS DO QUE O DIABO	453
MORRESTE, CARO AÓNIO, PURO AMIGO	416
MORTE! (CLAMAVA UM DOENTE)	513
MUSA CHOROSA, QUE POR TERRA ESTRANHA	227
MUSA, NÃO CANTES BÁRBARA PROEZA	249
MUSA, TU, QUE ATÉ'GORA AO SOM DO VENTO	572
NA ACESA FANTASIA ESTOU MEDINDO	322
NA GAIOLA EMPOLEIRADO	427
NA IDEIA E CORAÇÃO TE BRILHA O NOME	245
NA SOLIDÃO DA ALTA NOITE	433
NÃO DÊS, ENCANTO MEU, NÃO DÊS, ARMIA	134
NÃO DISFARCES, MARÍLIA; POR JOSINO	72
NÃO LONGE DA LOUÇÃ, DA FLÓREA MARGEM	674
NÃO MAIS, Ó TEJO MEU, FORMOSO E BRANDO	370
NÃO, MARÍLIA, TEU GESTO VERGONHOSO	43
NÃO PRESTA CÓRIDON, NÃO PRESTA ELPINO	279
NÃO SINTO ME ARROJASSE O DURO FADO	313
NÃO SOU VIL DELATOR, VIL ASSASSINO	311
NÃO TEMAS, Ó RITÁLIA, QUE O CHOROSO	99
NÃO TENDO QUE FAZER, APOLO UM DIA	253
NARIZ, NARIZ E NARIZ	527
NAS HORAS DE MORFEU VI A MEU LADO	410
NASCEMOS PARA AMAR: A HUMANIDADE	143
NEGRA FERA QUE A TUDO AS GARRAS LANÇAS	405
NEM SÓ COMOVE O TOM DE ALTOS CANTORES	629
NÉSCIA, VIL IGNORÂNCIA, INJURIADA	320
NESTA DO FEIO OPRÓBRIO ESTÂNCIA FEIA	174
NESTE HORRENDO LUGAR, ONDE COMIGO	327
NESTE HORRÍVEL SEPULCRO DA EXISTÊNCIA	310

NESTÓREOS DIAS QUE SONHAVA ELMANO	371
NISE, DAS GRAÇAS E DE AMOR TESOURO	108
NISE MIMOSA, COMO AS GRAÇAS PURA	321
NO ABISMO TRAGADOR DA HUMANIDADE	383
NO CARRO AZUL, DE ESTRELAS MARCHETADO	612
NO CARRO DE MARFIM SENTADA A LUA	90
<i>NO DIA NATALÍCIO DA PRINCESA D. ISABEL</i>	549
<i>NO DIA NATALÍCIO DA SERENÍSSIMA PRINCESA D. MARIA TERESA</i>	549
NO ETÉREO PRADO A LUA APASCENTAVA	210
«NO MUNDO HÁ GLÓRIA SUPREMA»	499
NO TEMPO EM QUE INDA FALAVAM	452
NOITE, AMIGA DE AMOR, CALADA, ESCURA	164
NOS CAMPOS O VILÃO SEM SUSTOS PASSA	189
NOS CERROS DO BRASIL DIZ CERTO AUTOR QUE HAVIA	455
NOS ELÍSIOS DE AMOR ENDEUSADA	418
NOS PUROS LARES TEUS ASSOMA, IRADO	339
NOS TORPES LAÇOS DE BELEZA IMPURA	145
NUM DOS PÉS ARRANHADO, UM CÃO FRALDEIRO	441
<i>O ADEUS</i>	559
<i>O AMANTE E A BORBOLETA</i>	433
<i>O CÃO DE FRALDA E A RAPOSA</i>	441
<i>O CÃO E A CADELA</i>	440
O CÉU, DE OPACAS SOMBRAS ABAFADO	136
O CÉU NÃO TE DOTOU DE FORMOSURA	118
<i>O CÚME</i>	562
<i>O CORVO E O PAVÃO</i>	441
<i>O CORVO E O ROUXINOL</i>	435
O CORVO GRASNADOR E O MOCHO FEIO	59
<i>O DELÍRIO AMOROSO</i>	568
<i>O DESENGANO</i>	565
Ó DEUS, Ó REI DO CÉU, DO MAR, DA TERRA	207
Ó DEUSA QUE PROTEGES DOS AMANTES	100
O DURO INVERNO AS ÁRVORES DESPIA	637
<i>O ELEFANTE E O BURRO</i>	452
O FILHO DO GRÃO-REI, QUE A MONARQUIA	352
O GUARDA-MOR DA CALVA PARA BAXO	292
O INSTRUMENTO BRUTAL DA AÇÃO MAIS CRUA	197
O LACAIO D'OVÍDIO É TAL, QUE EMPREENDE	277

<i>O LEÃO E O PORCO</i>	456
O LEDO PASSARINHO QUE GORJEIA	83
Ó LIRA FESTIVAL, POR MIM VOTADA	228
<i>O LOBO, A RAPOSA E A OVELHA</i>	445
<i>O LOBO E A OVELHA</i>	430
<i>O MACACO DECLAMANDO</i>	442
Ó MONTE, MONTE ESTÉRIL E ESCALVADO	617
Ó MORTE! PARA QUE VENÇAS	521
O MUNDO A PORFIAR QUE O FRANCO É TOLO	271
Ó NINFA, QUE DAS GRAÇAS MELINDROSAS	157
<i>O PAPAGAIO E A GALINHA</i>	453
<i>O PASSARINHO PRESO</i>	427
O PESADO RIGOR DE DIA EM DIA	326
O QUE É MAIS LEVE DO QUE O AR?	509
O REI DOS ANIMAIS, O RUGIDOR LEÃO	456
Ó REI DOS REIS, Ó ÁRBITRO DO MUNDO	351
Ó RETRATO DA MORTE! Ó NOITE AMIGA	76
<i>O ROUXINOL, O CUÇO E O BURRO</i>	459
Ó TERRA, ONDE OS SEUS DONS, OS SEUS FAVORES	137
<i>O TIGRE E A DONINHA</i>	448
Ó TRANÇAS DE QUE AMOR PRISÕES ME TECE	48
Ó TREVAS QUE ENLUTAIS A NATUREZA	89
Ó TRISTE, MALFADADA ACADEMIA!	258
Ó TU, CONSOLADOR DOS MALFADADOS	153
Ó TU, QUE TENS NO SEIO A ETERNIDADE	355
Ó VÓS QUE LAMENTAIS DE ELMANO A SORTE	411
OH CÉUS! QUE SINTO N'ALMA! QUE TORMENTO!	103
OLENO, MEIA-NOITE ESTÁ CAINDO	96
OLHA, MARÍLIA, AS FLAUTAS DOS PASTORES	61
OLHOS SUAVES QUE EM SUAVES DIAS	203
<i>Os CÃES DOMÉSTICOS E O CÃO MONTANHÊS</i>	444
<i>Os DOIS BURROS E O MONO</i>	443
<i>Os DOIS CÃES</i>	450
<i>Os DOIS GATOS</i>	456
OS GARÇOS OLHOS, EM QUE AMOR BRINCAVA	71
OS MILHÕES DE ÁUREOS LUSTRES CORUSCANTES	350
OS PRINCÍPIOS MORAIS POR QUE GOVERNO	337
OS SUAVES EFLÚVIOS QUE RESPIRA	66

PARA AS SOMBRAS DA MORTE AQUI ME ENSAIO	317
PARA CURAR FEBRES PODRES	510
PASSEANDO O PAVÃO COM UFANIA	441
PEDIU PELO AMOR DE DEUS	489
PELA PORTA DE FERRO, ONDE ULULANDO	81
PELA VOZ DO TROVÃO CORISCO INTENSO	357
<i>PENA DE TALIÃO</i>	465
PERDI TUDO (AI DE MIM!), PERDI MARFIDA	146
PERDOA, TU TENS, ELMANO	490
<i>PERG. QUEM É ESTE BONECO EMPERTIGADO</i>	305
PERVERSO ESTRAGADOR DA FORMOSURA	51
PESOU SEMPRE O BENEFÍCIO	448
PIEDOSO AURÉLIO MEU, CARÁTER PURO	376
PLANTA MIMOSA, DE LOUÇÃOS VERDORES	158
PODE O TOSCO PINCEL, QUE MAL SUSTENTO	162
PODRE VÍTIMA DE VÊNUS	508
POR CASA FEBO ENTROU CO'UM VIL BUGIO	268
POR ESTA SOLIDÃO, QUE NÃO CONSENTE	57
POR FOFOS ESCARCÉUS ARREMESSADO	205
POR INDÚSTRIA DE UNS OLHOS MAIS BRILHANTES	114
POR TERRA JAZ O EMPÓRIO DO ORIENTE	216
PÔS-SE MÉDICO EMINENTE	514
POUCO A POUCO A LETÍFERA DOENÇA	363
PRAIAS DE SACAVÉM QUE LEMNORIA	202
PRECAVENDO OS VAIVÉNS DA INSTÁVEL SORTE	193
PRECISA O GLOBO, EXIGE A NATUREZA	247
PRESIDE O NETO DA RAINHA GINGA	251
QUAL NOVO ORESTES, ENTRE AS FÚRIAS BRADA	349
QUAL O AVARO INFELIZ QUE NÃO DESCANSA	209
QUAL O ITÁLICO HERÓI, O AUDAZ TANCREDO	323
QUANDO À QUE ME RENDEU JURAVA UFANO	154
QUANDO ABRISTE OS GENTIS, SERENOS LUMES	230
QUANDO ANÁLIA, O MEU BEM, QU'O CÉU NAMORA	155
QUANDO MEU CORAÇÃO DE AMOR VIVIA	159
QUANDO NA RÓSEA NUVEM SOBE O DIA	177
QUANTAS VEZES, AMOR, ME TENS FERIDO!	149
QUARTA-FEIRA, CATORZE DO CORRENTE	264
QUE CENA TÃO SUAVE AOS AMADORES!	669

QUE ESPETÁCULO, Ó CÉUS! EU VELO! EU SONHO!	552
QUE IDEIA HORRENDA TE POSSUI, ELMANO?	123
QUE TERNA, QUE SAUDOSA CANTILENA	594
QUE VEM DO CHEFE DOS MATAS	514
QUEIMANDO O VÉU DOS SÉCULOS FUTUROS	354
<i>QUEIXUMES DO PASTOR ELMANO CONTRA A FALSIDADE DA PASTORA ÚRSELINA</i>	681
QUEM SE VÊ MALTRATADO E COMBATIDO	404
QUER VER UMA PERDIZ CHOCAR UM RATO	223
QUER VINHOS? NÃO TEM QUE ERRAR	527
QUÍRON FOI MÉDICO INSIGNE	507
QUIS INDA FRESCA VIÚVA	503
QUIS, MARÍLIA GENTIL, CANTAR TEU DIA	160
RAIOS NÃO PEÇO AO CRIADOR DO MUNDO	39
RAPADA, AMARELENTA CABELEIRA	259
RECHONCHUDO FRANCISCANO	519
RESSURGE VESGO E TORTO O GRÃO FRED'RICO	286
ROMPE OS ARES PELOURO SIBILANTE	413
SALVE, MEU CARO ELMANO, ENFIM, VOLTASTE	651
SALVE-SE! (DIZ O DIABO)	524
SALVO-TE (DIZ DEUS AO DEMO)	524
SANHUDO, INEXORÁVEL DESPOTISMO	191
SÃO NÁDEGAS OU BOCHECHAS?	526
SÁTIRAS PRESTAM, SÁTIRAS SE ESTIMAM	465
SE A MINHA LASTIMOSA DESVENTURA	53
SE ALGUMA PALAVRA DIGO	521
SE CONSIDERO O TRISTE ABATIMENTO	353
SE É DOCE NO RECENTE, AMENO ESTIO	156
SE ELMANO, A QUEM NO PLECTRO, ENTE SAGRADO	393
SE EU PUDERA IR DE TRALHA, IR À SURDINA	400
SE ME LEMBRO, ELIA, TIVESTE	498
SE NA QUE, MORNA E LÚGUBRE, MURMURA	374
SE O DESTINO CRUEL ME NÃO CONSENTE	176
SE O GRANDE, O QUE NOS ORBES DIAMANTINOS	366
SE O PONTÍFICE TIVERA	523
SE TE ADORNAS DE SÃ FILOSOFIA	182
SE, VÍTIMA DA INGRATA E DO TIRANO	140
SEMPRE É TEIMA DE VIVER	512

SENHOR, QUE ESTÁS NO CÉU, QUE VÊS NA TERRA	360
SER PROLE DE VARÕES ASSINALADOS	187
SEU MANTO DESDOBRAVA A NOITE ESCURA	681
SOBRANCEIRO AO PODER E ÀS LEIS DA SORTE	126
SOBRE AS ONDAS DO TÚMIDO OCEANO	196
SOBRE ESTAS DURAS, CAVERNOSAS FRAGAS	120
SOBRE O DEGRAU TERRÍVEL ASSOMAVA	233
SOBRE OS CONTRÁRIOS O TERROR E A MORTE	80
SONHEI QUE, A MIM CORRENDO, O GNÍDEO NUME	102
SONHEI QUE NOS MEUS BRAÇOS INCLINADO	70
SONHO CRUEL O ESPÍRITO INQUIETO	178
SONHO OU VELO! QUE IMAGEM LUMINOSA	138
SUAVE HABITAÇÃO DA MINHA AMADA	559
TÃO NEGRO COMO A TURBA QUE VAGUEIA	316
TEMO QUE A MINHA AUSÊNCIA E DESVENTURA	52
TENHO ASSAZ CONSERVADO O ROSTO ENXUTO	185
TENS UNS LOUROS CABELOS QUE, ONDEADOS	175
TENTA EM VÃO TEMERÁRIA CONJETURA	124
TERNO PAZ, BOM MANESCHI, AURÉLIO CARO	364
TINHA DE UMA CADELA UM CÃO FOME CANINA	440
TINHA DOIS CÃES PERDIGUEIROS	450
TINHA UMA DOR MUITO AGUDA	515
<i>TIRADO DE MARCIAL – SE ME LEMBRO, ELIA, TIVESTE</i>	498
<i>TIRADO DE OWEN</i>	509
TIRANO CÉU, QUE IDEIAS CONCEBESTE	180
TOLDADO O FOCO À LUZ DA FANTASIA	388
TOMO SEGUNDO À LUZ SAIU DAS <RIMAS	281
TRAGADO O PEITO DE CRUÉIS PESARES	105
TRAGÉDIA DE TANCREU, REI DE DISÚRIA	303
TRASTES CEDIÇOS, MÓVEIS DE OUTRA IDADE	237
TRIBUTO EM AIS, NO CORAÇÃO GERADOS	415
TRISTE QUEM AMA, CEGO QUEM SE FIA	86
<i>TRITÃO</i>	581
TROUXE-SE A POBRE DOENTE	499
TU, DE QUANTOS DRAGÕES O INFERNO ENCERRA	183
TU ÉS MEU CORAÇÃO, TU ÉS MEU NUME	161
TU, FRANÇA, QUE NA ODE ÉS MAR EM CALMA	255
TU, GOA, <i>IN ILLO TEMPORE</i> CIDADE	219

TU, MALIGNO DRAGÃO, CRUEL HARPIA	407
TU, POR DEUS ENTRE TODAS ESCOLHIDA	361
TU, QUE DO GRÃO CANTOR DA NATUREZA	390
TU, QUE, EM TORPES DESEJOS ATOLADO	181
TU, QUE NA FOICE DE SANGUÍNEO GUME	122
TU, QUE TÃO CEDO AVENTURANDO AS PENAS	398
TUDO ACABA. ESSE MONSTRO CARRANCUDO	408
<i>ULÂNIA OU O AMOR VENCIDO</i>	622
<i>ULINA</i>	643
UM BURRO LANÇADO À MARGEM	443
UM CHAPADO, UM RETUMBANTE	505
UM CUCO E UM ROUXINOL	459
UM DOUTOR, ACOMETIDO	505
UM ENTE, DOS MAIS ENTES SOBERANO	359
UM ESCRIVÃO FEZ UM ROUBO	501
UM FILÓSOFO ENFERMOU	503
UM GEÓMETRA ZOMBOU	511
UM GOVERNO SEM MANDO, UM BISPO TAL	225
UM HOMEM QUE TODA A VIDA	493
UM HOMEM RICO, OUTRO POBRE	510
UM MÉDICO, ANTIGA PESTE	508
UM MÉDICO, QUE SE RIA	522
UM MÉDICO RECEITOU	515
UM MÉDICO, RESENTIDO	513
UM MONO, VENDENDO-SE UM DIA	442
UM PROCURADOR DE CAUSAS	500
UM TEMPO BREVE, URGENTE	497
UM VELHO CAIU NA CAMA	507
UMA DESTAS QUE ADOECEM	512
UMA OVELHA EM TEMPO ANTIGO	430
UMA TERRA DIZEM QUE HÁ	495
URSELINA GENTIL, BENIGNA E PURA	73
USURPANDO UM MINUTO A MEU LAMENTO	55
VAI CURAR O DOUTOR CAMPA	518
VAI-TE, FERA CRUEL, VAI-TE, INIMIGA	97
VAPOR DOURADO QUE ME AFUMA OS LARES	373
VEM, SUSPIRADA, CARINHOSA ÁRMIA	128

VENDO O SOBERBO AMOR QUE EU RESISTIA	173
VÊNUS AO PARTO VIZINHA	519
VERSOS DE ELMIRO OS TEMPOS AVASSALAM	385
VINDE, PRAZERES, QUE POR ENTRE AS FLORES	77
VINHA APONTANDO A SERENA	435
VÍTIMA DO RIGOR E DA TRISTEZA	312
VIVEM POR I ALGUNS DE VÁRIAS TRETAS	283
VOA A LÍLIA GENTIL MEU PENSAMENTO	37
VOAI, BRANDOS MENINOS TENTADORES	133
VOASTE, ALMA INOCENTE, ALMA QUERIDA	141
VOLVE A PENICHE, Ó ZANGA DE LISBOA	275
VÓS, CRÉDULOS MORTAIS, ALUCINADOS	184
VÓS, Ó FRANÇAS, SEMEDOS, QUINTANILHAS	250
VÓS, QUE DE MEUS EXTREMOS SOIS A HISTÓRIA	109

ÍNDICE DE GÊNEROS POÉTICOS

SONETOS

A CERTO GENEALÓGICO DE TRETAS	304
A FRENTE QUE DE LOURO ERGUI CINGIDA	318
A FROUXIDÃO NO AMOR É UMA OFENSA	144
A LOIRA FÍLIS NA ESTAÇÃO DAS FLORES	44
A PROLE DE ANTENOR DEGENERADA	192
A RÍGIDAS LIÇÕES DO FÉRREO ZENO	384
A TEUS MIMOSOS PÉS, MEU BEM, RENDIDO	65
A TROPA REGULAR, A FRADARIA	291
ACESO NO ALMO ARDOR QUE A MENTE INFLAMA	315
ADAMASTOR CRUEL! DE TEUS FURORES	214
ADEJA, CORAÇÃO, VAI TER AOS LARES	213
AFLITO CORAÇÃO, QUE O TEU TORMENTO	56
AGORA QUE A SEU LÔBREGO RETIRO	369
AH, MEU GASTÃO! O PINDO SENHOREIA	345
AH! QUE FAZES, ELMANO! AH! NÃO TE AUSENTES	200
ALTAS FILHAS DO GÊNIO, IRMÃS FORMOSAS	241
ALVA GERTRÚRIA MINHA, A QUEM SAUDOSO	68
AMIGO FREI JOÃO, CUIDAS QUE É BARRO	342
AMOR, QUE O PENSAMENTO ME SALTEIAS	125
ÂNSIAS INDA TEU METRO E RAIVAS CUSTA	242
ÂNSIAS TERRÍVEIS, ÍNTIMOS TORMENTOS	166

ANTES EU VISSE MATADOR CUTELO	172
AO CREBRO SOM DO LÚGUBRE INSTRUMENTO	232
AO TEMPLO DO PROPÍCIO DESENGANO	42
APENAS VI DO DIA A LUZ BRILHANTE	31
APERTANDO DE NISE A MÃO NEVADA	165
AQUELA QUE NA ESFERA LUMINOSA	101
AQUELE A QUEM MIL BENS OUTORGA O FADO	406
AQUELE QUE ALI VÊS, ROSTO MALDITO	299
AQUELE QUE DOMINA OS CÉUS BRILHANTES	356
AQUI ONDE, ARQUEJANDO, ESTOU CURVADO	309
ARDE EM VÃO POR ELISA, EM VÃO PORFIA	63
ÀS ÁGUAS E ÀS AREIAS DESTE RIO	132
ÀS MARGENS DO REGAÇA CRISTALINO	119
ÁUREO FIO SUBTIL, QUE TEVE UNIDA	127
AVE DA MORTE QUE, PIANDO AGOUROS	381
BELMIRO, QUE ENTRE OS PÂMPANOS FARFALHA	265
BEM HAJAS, Ó MORFEU: À FANTASIA	152
BEM QUE DO ETERNO LUTO AMEAÇADA	394
BLASFEMA RUMECÃO, JURA VINGANÇA	218
BRANDAMENTE EXTRAIU CO'A MÃO SAGRADA	338
BUSQUEI NUM ERMO ALGÂNIA FEITICEIRA	87
CALA A BOCA, SATÍRICO POETA	221
CAMÕES, GRANDE CAMÕES, QUÃO SEMELHANTE	215
CANTA AO SOM DOS GRILHÕES O PRISIONEIRO	78
CANTA, NÃO CALES, ATILADO ALMENO	239
CANTEMOS TODOS LÚGUBRES ENDECHAS	296
CANTOR QUE A FRONTE ERGUIA ENGRINALDADA	372
CARA DE RÉU COM FUMOS DE JUIZ	301
CARO A FEBO, A FILINTO, A LÍZIA, À FAMA	365
CESARÕES, VIRIATOS, APIMANOS	229
CHALAÇA MINHA, QUE CHIBAVAS TANTO	401
CHOROSOS VERSOS MEUS DESENTOADOS	34
CISNE GENTIL, QUE MODULAVA IMPLUME	244
CO'A MENTE JUVENIL, SUBLIME, ALADA	340
COM AMPLA MÃO, BENÉFICA LARGUEZA	344
COM HÁBITO DE FORA E DE CAPOTE	293
COM PENA DE LATÃO ATRÁS DA ORELHA	300
COM ROSTO O GUARDA-MOR MESTO E MEDONHO	294
CONHECEM UM VIGÁRIO DE CHORINA	270

CONTIGO, ALMA SUAVE, ALMA FORMOSA	380
CONTRA ELMANO SADINO URRANDO AVANÇÁ	256
CONTRA O DRAMA «O RECIFE RESTAURADO»	285
CORRE FURIOSO O EPISCOPAL REPOLHO	298
CO'UM DIADEMA DE LUZ NO ELÍSIO ENTRAVA	194
DA FRIA HABITAÇÃO, DA VÍTREA GRUTA	332
DA GLÓRIA, QUE NÃO MORDE, À RODA ZUNE	343
DA MINHA INGRATA FLÉRIDA GENTIL	104
DA PÉRFIDA GERTRÚRIA O JURAMENTO	46
DA RAMA ESCURA DE LETAL CIPRESTE	147
DA TRISTE, BELA INÊS INDA OS CLAMORES	238
DAS FAIXAS INFANTIS DESPIDO APENAS	110
«DAS PETAS O ALMOCREVE» É OBRA TUA	280
DAS TERRAS A PIOR TU ÉS, Ó GOA	220
DE CERÚLEO GABÃO, NÃO BEM COBERTO	30
DE CIMA DESTAS PENHAS ESCABROSAS	170
DE ELMANO A MUSA, QUE ENTRE IMAGENS VELA	378
DE ELMANO ANTES DA MORTE É MORTO O CANTO	395
DE EMARANHADAS CÃS O ROSTO CHEIO	167
DE FÉRREO JULGADOR NÃO VEM CONTIGO	325
DE HOMENS E NUNES SUSPIRADO ENCANTO	417
DE INSÍPIDA SESSÃO NO INÚTIL DIA	257
DE NOTURNO, HORROROSO PESADELO	151
DE ONTÂNIO CHORAS E DE ONTÂNIO CANTAS	421
DE PAFOS O MENINO ARDENDO EM IRA	47
DE PEITO IMPENETRÁVEL SEMPRE AO SUSTO	195
DE RADIOSAS VIRTUDES ESCOLTADA	412
DE SUSPIRAR EM VÃO JÁ FATIGADO	38
DE UM NUNO AOS AIS D'ELMANO Ó DOM MIMOSO!	382
DE ZARGO O HEROICO ARDOR, QUE LUZ NA FAMA	248
DEBALDE CONTRA AMOR SEU FEL DERRAMA	121
DEBALDE UM VÉU CIOSO, Ó NISE, ENCOBRE	171
DEITADO SOBRE A RELVA AMOR ESTAVA	169
DEIXA, INSIGNE BOCAGE, INSULSOS VATES	267
DEIXAR, AMADO BEM, TEU ROSTO LINDO	201
DEMANDA-ME USURÁRIO SENHORIO	346
DEPLORO, CARO AMIGO, O QUE DEPLORAS	419
Desejo iluso e vão! Para que traças	367
DESPREGA AS ASAS, TÍMIDA ESPERANÇA	106

DIAS DE LUTO, DIAS DE TORMENTO	403
DISTRAI, MEU CORAÇÃO, TUA AMARGURA	117
DO ARBUSTO, Ó NISE, A VÊNUS CONSAGRADO	75
DO CÁRCERE MATERNO EM HORA ESCURA	129
DO CORO ARGUTO DE FEBEUS CANTORES	243
DO FADO VENCEDOR, QUE O PROSTRA FERRO	399
DO MANDОВI NA MARGEM RECLINADO	212
DO TEMPO SOBRE AS ASAS VOLVE O DIA	319
DO VELHO ERTÍLIO, MÁGICO AFAMADO	98
DOCE NUNDE DE AMOR, SE À BELA ARMIA	116
DOR QUE AFIADA O CORAÇÃO GOLPEIA	392
DOS INFELIZES A DANOSA HERANÇA	330
DOS NEGROS MAUSOLÉUS A DEUSA ESCURA	414
DOS TÓRRIDOS SERTÕES, PEJADOS D'OURO	288
DURA FILOSOFIA AUDAZ FORCEJA	368
É MENTIRA, NÃO FOI O VIL COVEIRO	290
EGRÉGIO BENFEITOR DE UM DESGRAÇADO	333
EIS DA VIRTUDE O TEMPLO RUTILANTE	188
ELMANO, DE TEUS MIMOS ANELANTE	150
EM BANDO ESPESSE, EM NÚMERO INFINITO	217
EM DESERTA MASMORRA, AO SOL ODIOSA	235
EM ERMO CEMITÉRIO, EM HORA ESCURA	289
EM FRÁGIL LENHO O PÉLAGO CRUZANDO	163
EM QUE ESTADO, MEU BEM, POR TI ME VEJO	84
EM SONHOS NA ESCALDADA FANTASIA	115
EM SÓRDIDA MASMORRA AFERROLHADO	308
EM VÃO, PADRE JOSÉ, PADRE OU SACRISTA	328
EM VÃO, PARA TECER-ME UM LEDO ENGANO	375
EM VENENO LETÍFERO NADANDO	74
EM VERMELHO CARTAZ PROPÔS-SE À CENA	284
EM VERSO TORNEADO AO SOM DA LIRA	139
EMBORA TORPES GRALHAS ESVOACEM	336
EMPAVONA-SE, DANÇA, RONCA, ESPUMA	306
ENCANTADOR GARÇÃO, TU ME ARREBATAS	263
ENQUANTO MUDA JAZ, E JAZ VENCIDA	111
ENQUANTO O SÁBIO ARREIGA O PENSAMENTO	54
ENQUANTO OS BRAVOS, FORMIDÁVEIS NOTOS	204
ENTRE AS TARTÁREAS FORJAS, SEMPRE ACESAS	79
ESSE CABRA, OU CABRÃO, QUE ANDA NA BERRA	282

ESSE CANTOR DE CHÁ, MANTEIGA E QUEIJO	276
ESSES TESOUROS, ESSES BENS, SAGRADOS	67
EU CANTAVA DE AMOR: EIS NEGRO AGOURO	397
EU DELIRO, GERTRÚRIA, EU DESESPERO	82
EU, ESSE CUJOS DONS MEDRARAM TANTO	389
EU ME AUSENTO DE TI, MEU PÁTRIO SADO	199
EU VIM C'ROAR EM TI MINHAS DESGRAÇAS	222
EURINDO, CARO ÀS MUSAS E AOS AMORES	240
EXCEDO LUSTROS SEIS POR MAIS TRÊS ANOS	32
FAMOSA GERAÇÃO DE FALADORES	302
FATAIS MEMÓRIAS DA TRAIidora ALCINA	135
FEBO NO ETÉREO PLAUSTRO OMNIFULGENTE	396
FIEI-ME NOS SORRISOS DA VENTURA	62
FILHAS DO TEJO, AS ÁGUAS TRANSPARENTES	348
FILHO, ESPÍRITO E PAI, TRÊS E UM SOMENTE	208
FOLHEANDO OS ANAIS DA ANTIGUIDADE	85
GEME BARROCO: A FRACA HUMANIDADE	347
GRATO SILÊNCIO, TRÉMULO ARVOREDO	50
GRITAVA MESTRE BRÁS: «FILHA TRAIidora!...	278
GUIOU-ME AO TEMPLO DO LETAL CIÚME	60
HÁ POUCO A MÃE DAS GRAÇAS, DOS AMORES	64
HÁ UM MEDONHO ABISMO ONDE BAQUEIA	131
HAVENDO SOBRE A TERRA DERRAMADO	236
HAVIA MAIS DE UM MÊS QUE O BOM LIZENO	272
HONROSO LAURO O CAPITÃO VALENTE	168
ÍDOSA FADA, QUE NOS ASTROS LIA	409
IGUAL INGRATIDÃO E IGUAL VILEZA	130
IMPORTUNA RAZÃO, NÃO ME PERSIGAS	88
INCENSE DA FORTUNA OS VÃOS ALTARES	112
INCULTAS PRODUÇÕES DA MOCIDADE	33
ÍNDA EM MEU FRÁGIL CORAÇÃO FUMEGA	91
ÍNDÍGENA IMORTAL DO PINDO INGENTE	246
INTRUSO NO APOLÍNEO SANTUÁRIO	262
JÁ BOCAGE NÃO SOU!... À COVA ESCURA	36
JÁ COM TÊNUE CLARÃO, JÁ QUASE ESCURA	107
JÁ DE NOVO A MEUS OLHOS APARECEM	142
JÁ NO CALADO MONUMENTO ESCURO	95
JÁ O INVERNO, ESPREMENDO AS CÃS NEVOSAS	92
JÁ POR BÁRBAROS CLIMAS ENTRANHADO	206

JÁ QUE GRITA A BARRIGA E A CEIA TARDA	297
JÁ SE AFASTOU DE NÓS O INVERNO AGRESTE	49
JÁ SOBRE O COCHE DE ÉBANO ESTRELADO	40
JÓNIO MEU, INDA MEU (PORQUE O JAZIGO	387
JOSÉ, SANGUE DE HERÓIS, PRÍNCIPE AMADO	420
JOSINO AMÁVEL, QUE ZELOSO ENGROSSAS	377
JUNTO AO TEJO, ENTRE OS TENROS AMORINHOS	266
LÁ ONDE O FADO IMPENETRÁVEL MORA	148
LÁ QUANDO A TUA VOZ DEU SER AO NADA	358
LAMBENDO A REGIÃO DOS ARES PUROS	231
LANÇADO PELA DEXTRA OMNIPOTENTE	234
LEMBROU-SE NO BRASIL BRUXA INSOLENTA	269
LI AS CATORZE REGRAS AOS PENACHOS	273
LIBERDADE, ONDE ESTÁS? QUEM TE DEMORA?	190
LIBERDADE QUERIDA, E SUSPIRADA	307
LOUCA, CEGA, ILUDIDA HUMANIDADE	186
LUSOS HERÓIS, CADÁVERES CEDIÇOS	224
LUZ DE REFLEXOS TRÊS INEXTINGUÍVEL	362
MÃE DE CHEFES HERÓIS, DE HERÓIS SOLDADOS	198
MAGA LIRA DE AMOR, QUE AO TRÁCIO VATE	391
MAGRO, DE OLHOS AZUIS, CARÃO MORENO	29
MAIS QUE OS ESBIRROS O VARONA ESBIRRO	295
MARÍLIA, NOS TEUS OLHOS BULIÇOSOS	45
MARÍLIA, SE EM TEUS OLHOS ATENTARA	58
MAVORTE, PORQUE EM PÉRFIDA CILADA	41
MEIA-NOITE SERIA; EU, PASSEANDO	211
MELIBEU ME CANTOU, CANTOU-ME OLENO	402
MELIZEU, O MENOR ENTRE OS NASCIDOS	261
MERCENÁRIO PREGÃO DE CEGO ANDANTE	287
METE-SE A CHAVE, CORRE-SE O FERROLHO	331
MEU FRÁGIL CORAÇÃO, PARA QUE ADORAS	69
MEU SER EVAPOREI NA LIDA INSANA	35
MEUS DIAS, QUE JÁ FORAM TÃO LUZENTES	324
MEUS OLHOS, ATENTAI NO MEU JAZIGO	94
MIL POETAS ENFÁTICOS E UFANOS	335
MIMO DAS GRAÇAS, TE FLORESCE O CANTO	379
MIMOSA, LINDA ANARDA, ATENDE, ATENDE	93
MINHA ALMA QUER LUTAR COM MEU TORMENTO	179
MINHA ALMA SE REPARTE EM PENSAMENTOS	113

MISERANDA INOCÊNCIA, ÉS NOME ABSTRATO	314
MORRESTE, CARO AÓNIO, PURO AMIGO	416
MUSA CHOROSA, QUE POR TERRA ESTRANHA	227
MUSA, NÃO CANTES BÁRBARA PROEZA	249
NA ACESA FANTASIA ESTOU MEDINDO	322
NA IDEIA E CORAÇÃO TE BRILHA O NÚME	245
NÃO DÉS, ENCANTO MEU, NÃO DÉS, ARMIA	134
NÃO DISFARCES, MARÍLIA; POR JOSINO	72
NÃO MAIS, Ó TEJO MEU, FORMOSO E BRANDO	370
NÃO, MARÍLIA, TEU GESTO VERGONHOSO	43
NÃO PRESTA CÓRIDON, NÃO PRESTA ELPINO	279
NÃO SINTO ME ARROJASSE O DURO FADO	313
NÃO SOU VIL DELATOR, VIL ASSASSINO	311
NÃO TEMAS, Ó RITÁLIA, QUE O CHOROSO	99
NÃO TENDO QUE FAZER, APOLO UM DIA	253
NAS HORAS DE MORFEU VI A MEU LADO	410
NASCEMOS PARA AMAR: A HUMANIDADE	143
NEGRA FERA QUE A TUDO AS GARRAS LANÇAS	405
NÉSCIA, VIL IGNORÂNCIA, INJURIADA	320
NESTA DO FEIO OPRÓBRIO ESTÂNCIA FEIA	174
NESTE HORRENDO LUGAR, ONDE COMIGO	327
NESTE HORRÍVEL SEPULCRO DA EXISTÊNCIA	310
NESTÓREOS DIAS QUE SONHAVA ELMANO	371
NISE, DAS GRAÇAS E DE AMOR TESOURO	108
NISE MIMOSA, COMO AS GRAÇAS PURA	321
NO ABISMO TRAGADOR DA HUMANIDADE	383
NO CARRO DE MARFIM SENTADA A LUA	90
NO ETÉREO PRADO A LUA APASCENTAVA	210
NOITE, AMIGA DE AMOR, CALADA, ESCURA	164
NOS CAMPOS O VILÃO SEM SUSTOS PASSA	189
NOS ELÍSIOS DE AMOR ENDEUSADA	418
NOS PUROS LARES TEUS ASSOMA, IRADO	339
NOS TORPES LAÇOS DE BELEZA IMPURA	145
O CÉU, DE OPACAS SOMBRAS ABAFADO	136
O CÉU NÃO TE DOTOU DE FORMOSURA	118
O CORVO GRASNADOR E O MOCHO FEIO	59
Ó DEUS, Ó REI DO CÉU, DO MAR, DA TERRA	207
Ó DEUSA QUE PROTEGES DOS AMANTES	100
O FILHO DO GRÃO-REI, QUE A MONARQUIA	352

O GUARDA-MOR DA CALVA PARA BAXO	292
O INSTRUMENTO BRUTAL DA AÇÃO MAIS CRUA	197
O LACAIO D'OVÍDIO É TAL, QUE EMPREENDE	277
O LEDO PASSARINHO QUE GORJEIA	83
Ó LIRA FESTIVAL, POR MIM VOTADA	228
O MUNDO A PORFIAR QUE O FRANCO É TOLO	271
Ó NINFA, QUE DAS GRAÇAS MELINDROSAS	157
O PESADO RIGOR DE DIA EM DIA	326
Ó REI DOS REIS, Ó ÁRBITRO DO MUNDO	351
Ó RETRATO DA MORTE! Ó NOITE AMIGA	76
Ó TERRA, ONDE OS SEUS DONS, OS SEUS FAVORES	137
Ó TRANÇAS DE QUE AMOR PRISÕES ME TECE	48
Ó TREVAS QUE ENLUTAI A NATUREZA	89
Ó TRISTE, MALFADADA ACADEMIA!	258
Ó TU, CONSOLADOR DOS MALFADADOS	153
Ó TU, QUE TENS NO SEIO A ETERNIDADE	355
Ó VÓS QUE LAMENTAIS DE ELMANO A SORTE	411
OH CÉUS! QUE SINTO N'ALMA! QUE TORMENTO!	103
OLENO, MEIA-NOITE ESTÁ CAINDO	96
OLHA, MARÍLIA, AS FLAUTAS DOS PASTORES	61
OLHOS SUAVES QUE EM SUAVES DIAS	203
OS GARÇOS OLHOS, EM QUE AMOR BRINCAVA	71
OS MILHÕES DE ÁUREOS LUSTRES CORUSCANTES	350
OS PRINCÍPIOS MORAIS POR QUE GOVERNO	337
OS SUAVES EFLÚVIOS QUE RESPIRA	66
PARA AS SOMBRAS DA MORTE AQUI ME ENSAIO	317
PELA PORTA DE FERRO, ONDE ULULANDO	81
PELA VOZ DO TROVÃO CORISCO INTENSO	357
PERDI TUDO (AI DE MIM!), PERDI MARFIDA	146
PERG. QUEM É ESTE BONECO EMPERTIGADO	305
PERVERSO ESTRAGADOR DA FORMOSURA	51
PIEDOSO AURÉLIO MEU, CARÁTER PURO	376
PLANTA MIMOSA, DE LOUÇÃOS VERDORES	158
PODE O TOSCO PINCEL, QUE MAL SUSTENTO	162
POR CASA FEBO ENTROU CO'UM VIL BUGIO	268
POR ESTA SOLIDÃO, QUE NÃO CONSENTE	57
POR FOFOS ESCARCÉUS ARREMESSADO	205
POR INDÚSTRIA DE UNS OLHOS MAIS BRILHANTES	114
POR TERRA JAZ O EMPÓRIO DO ORIENTE	216

POUCO A POUCO A LETÍFERA DOENÇA	363
PRAIAS DE SACAVÉM QUE LEMNORIA	202
PRECAVENDO OS VAIVÉNS DA INSTÁVEL SORTE	193
PRECISA O GLOBO, EXIGE A NATUREZA	247
PRESIDE O NETO DA RAINHA GINGA	251
QUAL NOVO ORESTES, ENTRE AS FÚRIAS BRADA	349
QUAL O AVARO INFELIZ QUE NÃO DESCANSA	209
QUAL O ITÁLICO HERÓI, O AUDAZ TANCREDO	323
QUANDO À QUE ME RENDEU JURAVA UFANO	154
QUANDO ABRISTE OS GENTIS, SERENOS LUMES	230
QUANDO ANÁLIA, O MEU BEM, QU'O CÉU NAMORA	155
QUANDO MEU CORAÇÃO DE AMOR VIVIA	159
QUANDO NA RÓSEA NUVEM SOBE O DIA	177
QUANTAS VEZES, AMOR, ME TENS FERIDO!	149
QUARTA-FEIRA, CATORZE DO CORRENTE	264
QUE IDEIA HORRENDA TE POSSUI, ELMANO?	123
QUEIMANDO O VÉU DOS SÉCULOS FUTUROS	354
QUEM SE VÊ MALTRATADO E COMBATIDO	404
QUER VER UMA PERDIZ CHOCAR UM RATO	223
QUIS, MARÍLIA GENTIL, CANTAR TEU DIA	160
RAIOS NÃO PEÇO AO CRIADOR DO MUNDO	39
RAPADA, AMARELENTA CABELEIRA	259
RESSURGE VESGO E TORTO O GRÃO FRED'RICO	286
ROMPE OS ARES PELOURO SIBILANTE	413
SANHUDO, INEXORÁVEL DESPOTISMO	191
SE A MINHA LASTIMOSA DESVENTURA	53
SE CONSIDERO O TRISTE ABATIMENTO	353
SE É DOCE NO RECENTE, AMENO ESTIO	156
SE ELMANO, A QUEM NO PLECTRO, ENTE SAGRADO	393
SE EU PUDERA IR DE TRALHA, IR À SURDINA	400
SE NA QUE, MORNA E LÚGUBRE, MURMURA	374
SE O DESTINO CRUEL ME NÃO CONSENTE	176
SE O GRANDE, O QUE NOS ORBES DIAMANTINOS	366
SE TE ADORNAS DE SÃ FILOSOFIA	182
SE, VÍTIMA DA INGRATA E DO TIRANO	140
SENHOR, QUE ESTÁS NO CÉU, QUE VÊS NA TERRA	360
SER PROLE DE VARÕES ASSINALADOS	187
SOBRANCEIRO AO PODER E ÀS LEIS DA SORTE	126
SOBRE AS ONDAS DO TÚMIDO OCEANO	196

SOBRE ESTAS DURAS, CAVERNOSAS FRAGAS	120
SOBRE O DEGRAU TERRÍVEL ASSOMAVA	233
SOBRE OS CONTRÁRIOS O TERROR E A MORTE	80
SONHEI QUE, A MIM CORRENDO, O GNÍDEO NUME	102
SONHEI QUE NOS MEUS BRAÇOS INCLINADO	70
SONHO CRUEL O ESPÍRITO INQUIETO	178
SONHO OU VELO! QUE IMAGEM LUMINOSA	138
TÃO NEGRO COMO A TURBA QUE VAGUEIA	316
TEMO QUE A MINHA AUSÊNCIA E DESVENTURA	52
TENHO ASSAZ CONSERVADO O ROSTO ENXUTO	185
TENS UNS LOUROS CABELOS QUE, ONDEADOS	175
TENTA EM VÃO TEMERÁRIA CONJETURA	124
TERNO PAZ, BOM MANESCHI, AURÉLIO CARO	364
TIRANO CÉU, QUE IDEIAS CONCEBESTE	180
TOLDADO O FOCO À LUZ DA FANTASIA	388
TOMO SEGUNDO À LUZ SAIU DAS «RIMAS»	281
TRAGADO O PEITO DE CRUÉIS PESARES	105
TRAGÉDIA DE TANCREU, REI DE DISÚRIA	303
TRASTES CEDIÇOS, MÓVEIS DE OUTRA IDADE	237
TRIBUTO EM AIS, NO CORAÇÃO GERADOS	415
TRISTE QUEM AMA, CEGO QUEM SE FIA	86
TU, DE QUANTOS DRAGÕES O INFERNO ENCERRA	183
TU ÉS MEU CORAÇÃO, TU ÉS MEU NUME	161
TU, FRANÇA, QUE NA ODE ÉS MAR EM CALMA	255
TU, GOA, <i>IN ILLO TEMPORE</i> CIDADE	219
TU, MALIGNO DRAGÃO, CRUEL HARPIA	407
TU, POR DEUS ENTRE TODAS ESCOLHIDA	361
TU, QUE DO GRÃO CANTOR DA NATUREZA	390
TU, QUE, EM TORPES DESEJOS ATOLADO	181
TU, QUE NA FOICE DE SANGUÍNEO GUME	122
TU, QUE TÃO CEDO AVENTURANDO AS PENAS	398
TUDO ACABA. ESSE MONSTRO CARRANCUDO	408
UM ENTE, DOS MAIS ENTES SOBERANO	359
UM GOVERNO SEM MANDO, UM BISPO TAL	225
URSELINA GENTIL, BENIGNA E PURA	73
USURPANDO UM MINUTO A MEU LAMENTO	55
VAI-TE, FERA CRUEL, VAI-TE, INIMIGA	97
VAPOR DOURADO QUE ME AFUMA OS LARES	373
VEM, SUSPIRADA, CARINHOSA ÁRMIA	128

VENDO O SOBERBO AMOR QUE EU RESISTIA	173
VERSOS DE ELMIRO OS TEMPOS AVASSALAM	385
VINDE, PRAZERES, QUE POR ENTRE AS FLORES	77
VÍTIMA DO RIGOR E DA TRISTEZA	312
VIVEM POR I ALGUNS DE VÁRIAS TRETAS	283
VOA A LÍLIA GENTIL MEU PENSAMENTO	37
VOAI, BRANDOS MENINOS TENTADORES	133
VOASTE, ALMA INOCENTE, ALMA QUERIDA	141
VOLVE A PENICHE, Ó ZANGA DE LISBOA	275
VÓS, CRÉDULOS MORTAIS, ALUCINADOS	184
VÓS, Ó FRANÇAS, SEMEDOS, QUINTANILHAS	250
VÓS, QUE DE MEUS EXTREMOS SOIS A HISTÓRIA	109

APÓLOGOS OU FÁBULAS MORAIS

AFIRMA ESCRITOR ANTIGO	444
BATENDO AS ASINHAS LEVES	438
DOIS BICHANOS SE ENCONTRARAM	456
ESTANDO O LOBO DOENTE	445
LOQUAZ PAPAGAIO	453
MONA TÃO HORROROSA, OU MAIS DO QUE O DIABO	453
NA GAIOLA EMPOLEIRADO	427
NA SOLIDÃO DA ALTA NOITE	433
NO TEMPO EM QUE INDA FALAVAM	452
NOS CERROS DO BRASIL DIZ CERTO AUTOR QUE HAVIA	455
NUM DOS PÉS ARRANHADO, UM CÃO FRALDEIRO	441
O REI DOS ANIMAIS, O RUGIDOR LEÃO	456
PASSEANDO O PAVÃO COM UFANIA	441
PESOU SEMPRE O BENEFÍCIO	448
TINHA DE UMA CADELA UM CÃO FOME CANINA	440
TINHA DOIS CÃES PERDIGUEIROS	450
UM BURRO LANÇADO À MARGEM	443
UM CUCO E UM ROUXINOL	459
UM MONO, VENDENDO-SE UM DIA	442
UMA OVELHA EM TEMPO ANTIGO	430
VINHA APONTANDO A SERENA	435

SÁTIRAS

BESTA E MAIS BESTA! O POSITIVO É NADA...	481
SÁTIRAS PRESTAM, SÁTIRAS SE ESTIMAM	465

EPIGRAMAS

A CARA DA ESTANQUEIRA	525
A ESTANQUEIRA TEM MARIDO	525
A ESTE SEPULCRO VIM	521
A MORTE ERA UMA IDIOTA	517
A MORTE FOI SENSUAL	513
A MORTE, PERDENDO A FOICE	506
A MORTE SE ENFASTIOU	490
A MORTE UM DIA ENJOOU-SE	518
ANTE MIM NÃO VALES NADA	517
AQUI JAZ UM HOMEM RICO	506
ARRIMADO ÀS DUAS PORTAS	501
BARBEIRO DEMORADOR	522
BERNARDO ENVOLTO EM LEMISTE	520
BOJUDO FARMACOPOLA	510
CARA, CARA, CARA, CARA	524
CARA, CARA, CARA, CARA	525
CERTO AVERRÓIS QUIS NO PRELO	516
CERTO ENFERMO, HOMEM SISUDO	501
COM TÃO MÁ GÂMBIA ANDAS TANTO	500
COMPÔS PARA LEVE ANDAÇO	504
CONCLUIU PINTOR FAMOSO	494
CONFERES NAS SENHORIAS	494
CONHECES UM CERTO ALBANO	490
CONSTA QUE UM MÉDICO FORA	513
DA FEIA MULHER ANDRÓNIO	496
DE QUE É SÓ DE SEU MARIDO	496
DEU A ESTANQUEIRA UM ESPIRRO	526
DISSE A MORTE AO VER ENTRAR	504
DISSE, EM AR DE NOVIDADE	517
DISSE UM ÁVICENA AO VER	502
DISSE UM DIA O FADO À MORTE	506

DISSE-LHE CERTO ESTRANGEIRO	526
DISSE-LHE UM SÉRIO TAFUL	527
DIZEM OS DA ENCARNAÇÃO	526
DIZEM QUE FLÁVIO GLUTÃO	489
DIZES QUE FILENO É TOSCO	492
DO MEIREL FORMAS QUERELA	520
DOMINGO, DOIS DO CORRENTE	525
DOS ÓBITOS O VOLUME	504
DOUTOR, ATÉ DO HOSPITAL	491
ELMANO, LÊ-ME OS TEUS VERSOS	495
EMPOBRECEU TODO O BAIRRO (ESCREVIA INCHADO CURA)	500 499
ESTANDO ENFERMO UM POETA	492
EXAMINA-SE UM PLANETA	523
FÁBIO, O MEU DILETO AMIGO	514
FAÇO A PAZ, SUSTENTO A GUERRA	497
GRÁTIS PESPEGA O VERDUGO	497
HOMEM DE GÉNIO IMPACIENTE	511
INDA NOVEL DEMANDISTA	516
LAURA DIVERTIU-SE MUITO	499
LÊ-SE NUMA SEPULTURA	505
LEVANDO UM VELHO AVARENTO	494
LONGE ESTÁS DE SER PATETA	493
MORTE! (CLAMAVA UM DOENTE)	513
NARIZ, NARIZ E NARIZ	527
«NO MUNDO HÁ GLÓRIA SUPREMA»	498
Ó MORTE! PARA QUE VENÇAS	521
O QUE É MAIS LEVE DO QUE O AR?	509
PARA CURAR FEBRES PODRES	510
PEDIU PELO AMOR DE DEUS	489
PERDOA, TU TENS, ELMANO	490
PODRE VÍTIMA DE VÊNUS	508
PÓS-SE MÉDICO EMINENTE	514
QUE VEM DO CHEFE DOS MATAS	514
QUER VINHOS? NÃO TEM QUE ERRAR	527
QUÍRON FOI MÉDICO INSIGNE	507
QUIS INDA FRESCA VIÚVA	503
RECHONCHUDO FRANCISCANO	519
SALVE-SE! (DIZ O DIABO)	524

SALVO-TE (DIZ DEUS AO DEMO)	524
SÃO NÁDEGAS OU BOCHECHAS?	526
SE ALGUMA PALAVRA DIGO	521
SE ME LEMBRO, ÉLIA, TIVESTE	498
SE O PONTÍFICE TIVERA	523
SEMPRE É TEIMA DE VIVER	512
TINHA UMA DOR MUITO AGUDA	515
TROUXE-SE A POBRE DOENTE	499
UM CHAPADO, UM RETUMBANTE	505
UM DOUTOR, ACOMETIDO	505
UM ESCRIVÃO FEZ UM ROUBO	501
UM FILÓSOFO ENFERMOU	502
UM GEÓMETRA ZOMBOU	511
UM HOMEM QUE TODA A VIDA	493
UM HOMEM RICO, OUTRO POBRE	510
UM MÉDICO, ANTIGA PESTE	508
UM MÉDICO, QUE SE RIA	522
UM MÉDICO RECEITOU	515
UM MÉDICO, RESENTIDO	513
UM PROCURADOR DE CAUSAS	500
UM TEMPO BREVE, URGENTE	497
UM VELHO CAIU NA CAMA	507
UMA DESTAS QUE ADOECEM	512
UMA TERRA DIZEM QUE HÁ	495
VAI CURAR O DOUTOR CAMPA	518
VÊNUS AO PARTO VIZINHA	519

CANTATAS

DA HORRENDA CERRAÇÃO C'ROADA A NOITE	537
DA MISERANDA INÊS ^A NO CASO TRISTE	531
JÁ DE COLCOS A FERA, ARDENTE MAGA	543
LONGE DO CARO ESPOSO INÊS ^A FORMOSA	531
MILAGROSO PINCEL, PINCEL DIVINO	549
QUE ESPETÁCULO, Ó CÉUS! EU VELO! EU SONHO!	552

CANÇÕES

ALMA FERIDA E CEGA	565
MUSA, TU, QUE ATÉ'GORA AO SOM DO VENTO	572
O CIÚME	562
O DELÍRIO AMOROSO	568
SUAVE HABITAÇÃO DA MINHA AMADA	559

IDÍLIOS

À FOZ DO MANDOVÍ SERENO E BRANDO	588
À FOZ DO TEJO, EM BRONCA PENEDIA	581
AS ÁRVORES ESTAVAM GOTEJANDO	607
DE PEDROUÇOS NA PRAIA EXTENSA E FRIA	643
EM SELVA ONDE NÃO ENTRA A LUZ DO DIA	622
JÁ, DA NOITE AMETADE ANUNCIANDO	597
JÁ TINHA A NOITE ESTENDIDO	660
LÁ ONDE EM FOFA ESPUMA SE DESPENHA	602
NÃO LONGE DA LOUÇÃ, DA FLÓREA MARGEM	674
NEM SÓ COMOVE O TOM DE ALTOS CANTORES	629
NO CARRO AZUL, DE ESTRELAS MARCHETADO	612
O DURO INVERNO AS ÁRVORES DESPIA	637
Ó MONTE, MONTE ESTÉRIL E ESCALVADO	617
QUE CENA TÃO SUAVE AOS AMADORES!	669
QUE TERNA, QUE SAUDOSA CANTILENA	594
SALVE, MEU CARO ELMANO, ENFIM, VOLTASTE	651
SEU MANTO DESDOBRAVA A NOITE ESCURA	681

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	5
SONETOS:	
TRAÇOS AUTOBIOGRÁFICOS.....	29
LIRISMO AMOROSO.....	37
OS LABIRINTOS DO EU E DOS OUTROS.....	176
IDEIAS POLÍTICAS.....	189
A SAGA DO ORIENTE.....	199
O POETA PERANTE O MUNDO.....	228
AFINIDADES ELETIVAS.....	238
A SÁTIRA.....	250
A VIVÊNCIA DO CÁRCERE.....	307
A AMIZADE.....	332
A RELIGIÃO.....	349
DOENÇA E MORTE.....	363
APÓLOGOS OU FÁBULAS MORAIS.....	425
SÁTIRAS.....	463
EPIGRAMAS.....	487
CANTATAS.....	529
CANÇÕES.....	557
IDÍLIOS.....	579
ÉCLOGA.....	679

ÍNDICES:

ÍNDICE DE TÍTULOS E DE PRIMEIROS VERSOS.....	697
ÍNDICE DE GÊNEROS POÉTICOS	713

